Teologia da Unificação

Young Oon Kim

Teologia da Unificação
Young Oon Kim

Primeira edição
Library of Congress Cataloging number 80-52872

Prefácio

Cada tópico na teologia cristã tradicional é um tema de debate acalorado. Teólogos Protestantes e Católicos altamente respeitados discordam sobre a onipotência de Deus, a encarnação e ressurreição de Jesus Cristo, a autoridade da Bíblia, a própria missão da Igreja, o objetivo da história e a natureza da vida após a morte. Atualmente, assim como no século II, há tantas variedades de mensagens cristãs proclamadas a partir do púlpito.

Nessa situação tão confusa, o Rev. Sun Myung Moon apareceu. Embora não seja um teólogo no sentido técnico, ele afirma esclarecer as ambiguidades na mensagem cristã tradicional e aponta graves erros na teologia tradicional. Com certeza absoluta, ele afirma que estamos vivendo em uma época de expectativa e urgência escatológica. Como um profeta bíblico, ele proclama uma mensagem especial de Deus para o nosso tempo.

A maioria dos cristãos rejeita a mentalidade restrita e intolerância que marcaram a história da igreja. Aprendemos que o Cristianismo se beneficiou grandemente de Orígenes, como também Tertuliano, Nestorius como também Cirilo de Alexandria, o Arcebispo Laud como também os Pais Peregrinos, Paul Tillich como também Karl Barth. Como Rufus Jones observou, quão endividada a igreja tem estado com homens que uma vez ela condenou!

É neste espírito que escrevi as seguintes páginas. Este livro compara o ensinamento básico do Princípio Divino do Reverendo Moon com o que é encontrado nos escritos teológicos publicados pelas principais denominações.

De forma esperançosa, o leitor verá quão frequentemente esta nova teologia coreana é confirmada pelos teólogos profissionais do ocidente. E eu sinto que ele então concordará que os esclarecimentos do Reverendo Moon lhe deram uma nova perspectiva – se inesperada – sobre a fé cristã.

Young Oon Kim
Hudson Valley
Julho de 1980

Conteúdos

Prefácio

I. Antecedentes
O Patrimônio Religioso Coreano
Cristianismo Coreano
Sun Myung Moon

II. Revelação
Revelação e Razão
O Caso para Nova Revelação
Sun Myung Moon e Revelação

III. Princípio de Criação
A Realidade e Natureza de Deus
A Parceria de Deus e o Homem
Significado da Família
Vivendo em Dois Mundos

IV. Pecado Original
Diversas Intepretações de Pecado
Visões Modernas da Queda
O Ensinamento do Novo Testamento sobre Pecado
Agostinho sobre Pecado Original
A Realidade de Satanás
Teologia da Unificação sobre a Queda
A. Duas Árvores no Éden
B. A Interpretação Sexual da Queda
C. Aquela Antiga Serpente, o Diabo
D. A Queda Espiritual e a Queda Física
E. Deus Poderia ter Evitado a Queda?
F. Efeitos da Queda

V. Jesus: Sua Missão e Destino
O Retrato da Crença sobre Jesus
Resultados dos Estudos Bíblicos Modernos
O Jesus Histórico
Jesus e o Reino de Deus
João Batista
O Ministério Público de Jesus
Opiniões Atuais sobre a Morte de Jesus
Quem o Levou para a Cruz?
O Jesus Ressuscitado

Visão da Teologia da Unificação

VI. Cristologia

A Pessoa e Obra de Jesus
Cristologia Atual
Alguns Problemas Adicionais
A. Seu Chamado Messiânico
B. Geneologia de Jesus
C. O Nascimento Virginal
O Espírito Santo
A Trindade

VII. Escatologia e Teologia Moderna

A Consumação da História
Teologia Apocalíptica e Moderna
Uma Teologia da História

VIII. Deus Age na História

Teologia da Reparação
Restauração Através de Indenização
Pistas Bíblicas para a História de Restauração
Uma Visão Bíblica da História Cristã
Idade da Ideologia
Desastres e Reconstrução Globais

IX. O Segundo Advento

O Apocalíptico Fundamentalista "Sinais dos Tempos "
A. Ajuda do Alto
B. Ecumenismo Moderno
C. O Curso de Eventos Humanos
A Necessidade de Liderança
Onde Ele Virá?
O Regresso Final

I. ANTECEDENTES

O Patrimônio Religioso Coreano

A herança religiosa da Coreia tem contribuído para o ensinamento da Igreja de Unificação. Sendo que ela apareceu primeiro no solo coreano, e foi nutrida pela filosofia de vida coreana, o novo movimento foi naturalmente influenciado até certa extensão por seu ambiente. Tal como a Ortodoxia Oriental não pode ser entendida separada do Helenismo Cristão, e o Catolicismo Romano é produto da civilização Latina, assim, a Igreja de Unificação é muito beneficiada pelo desenvolvimento religioso de sua terra natal.

A religião nativa da Coreia, como da maioria das antigas culturas, era uma forma de xamanismo. Esta fé original nunca desapareceu completamente e ainda exerce considerável influência. Antigos coreanos acreditavam em uma variedade de espíritos sobrenaturais, bons e maus. Mas mais importante era o espírito supremo, *Hananim*, o criador e espírito governante sobre a criação. Este Deus elevado era adorado em santuários nas montanhas; e para obter seu favor, sacrifícios de animais eram oferecidos em momentos apropriados. Os festivais da primavera e da colheita eram particularmente importantes. Para mais detalhes, pode-se buscar em meu livro intitulado *Faiths of the Far East*. [1]

Para os nossos propósitos, é meramente necessário ressaltar que desde tempos imemoriais, os coreanos acreditam na existência de um único Senhor de céu e terra, como também inúmeros espíritos menores. Desde tempos mais antigos, os coreanos têm experimentado contato direto com poderes sobrenaturais.

Além disso, o xamanismo enfatizava o papel único da Coreia na história. Tradicionalmente, os coreanos se vestiam de branco, porque isto simbolizava sua crença que eles eram filhos da luz divina. Durante séculos, os xamãs ensinaram que os coreanos tinham sido escolhidos para um propósito especial no plano de Deus para a humanidade. Portanto, não devemos ignorar a dimensão religiosa do nacionalismo coreano.

Então, enquanto o Budismo se espalhava da Índia através do Leste Asiático, se implantou na Coreia. Por mil anos, o Budismo Mahayana, que veio via China, foi a religião da corte e fé popular da monarquia coreana. Inúmeros templos Budistas foram construídos custeados pelo governo. Monges e freiras se tornaram uma característica normal da sociedade coreana. Educação e as artes plásticas foram inspiradas pelos ensinamentos Budistas. Poderosos abades eram conselheiros do rei, além de serem professores de moral convencional. Seria impossível exagerar o efeito religioso, ético e cultural que um milênio de vida e pensamento Budista teve na mente e coração coreanos.

Quais foram algumas das contribuições duradouras do Budismo Mahayana para a religião coreana? Deixe-me mencionar cinco. Primeiro, o Budismo é uma religião que enfatiza a necessidade de salvação. De acordo com as Quatro Nobres Verdades de Gautama, todo homem sofre por causa de seus desejos insaciáveis.

Os homens se encontram cativos em um desejo incessante por prazer, o que resulta inevitavelmente em decepção, dor, frustração e vazio. O que o Budismo oferece é uma forma para escapar deste carrossel sem sentido.

Segundo, de acordo com Buda, liberação ou iluminação somente podem ser alcançadas como resultado de autodisciplina e abnegação. Não há uma maneira fácil de sair da situação humana. Um indivíduo deve conter seus desejos sensuais e dominar seu corpo. Gradualmente, mas vigorosamente, ele deve extinguir o desejo por prazeres físicos. Para realizar isto, os Budistas devem praticar extenuantes disciplinas morais e intelectuais.

Terceiro, o Budismo Mahayana reforça o eixo ético dos ensinamentos de Gautama com uma escatologia vívida. Aqueles que vivem moralmente aqui na terra serão recompensados pela bem-aventurança do Paraíso da Terra Pura. Mas aqueles que violam os mandamentos morais serão punidos no inferno até que tenham pagado por sua loucura. Ao menos no Budismo popular (que é ensinado aos leigos), a promessa de recompensa celeste e a ameaça dos tormentos do inferno têm sido um importante estímulo para o comportamento ético.

Quarto, o Budismo Mahayana enfatiza o valor supremo do auto sacrifício. O ideal mais elevado é ser um *Bodhisattva*. Um *Bodhisattva* é alguém que ganhou o direito de desfrutar a paz do Nirvana, mas que voluntariamente renuncia ao objetivo a fim de continuar ajudando seus semelhantes ao longo do caminho ascendente. Assim, os mais nobres valores morais para o Budismo são os de abnegação, compaixão e amor sacrificial.

Finalmente, o Budismo Mahayana aguarda com expectativa a chegada de um novo Buda (Maitreya) que aparecerá na terra nos últimos dias para renovar toda a criação e trazer paz interna para toda a humanidade. Esta esperança escatológica sempre fez parte do Budismo Tradicional coreano, e tem sido particularmente proeminente em períodos de turbulência social. Por toda a Coreia, pode-se ver enormes monólitos esculpidos com cabeças humanas chamados *Miryucks*. Provavelmente eles são muito antigos, antes da missão Budista vir para a Coreia, mas por séculos eles foram interpretados como lembrança do Buda que virá.

Gradualmente o Budismo degenerou, principalmente por causa de sua imensa riqueza e aliança com o governo. Quando a Dinastia Yi foi estabelecida em 1392, como parte de seu programa de reforma, o rei aboliu a religião de estado Budista. Em seu lugar, ele colocou o Confucionismo. Assim, por cerca de quinhentos anos o Confucionismo serviu como a crença oficial da nação coreana. Templos Confucionistas foram construídos com recursos do estado. Estudiosos Confucionistas ficaram encarregados de todas as funções de governo. Os ensinamentos do Mestre Kung foram feitos a base para a educação. Uma pessoa se tornava elegível para cargos públicos ao passar por exames sobre os clássicos Confucionistas. A vida familiar era regulada pelo ideal de piedade filial. A adoração aos antepassados servia como um fator importante na vida de todos os cidadãos. E o *jen* (coração humano) era exaltado como o mais elevado ideal moral.

O Confucionismo era valioso por ao menos quatro razões. Por um lado, ele reforçava a importância natural da família. O Mestre Kung ensinava uma ética centrada na família. Tal como irmãos e irmãs pertencem a uma única família e são orientados pelo amor de seus pais, assim a nação inteira deveria agir como uma grande família baseada na

piedade filial, afeição fraternal e responsabilidade paternal. O regente deveria pensar sobre ele mesmo como o pai de seus súditos, e todos os membros do governo deveriam tratar os cidadãos como irmãos mais jovens. Uma sociedade estável deve ser fundada sobre o respeito pelos superiores, reverência pelos pais, lealdade entre amigos e preocupação com as classes mais desfavorecidas.

Em segundo lugar, o Confucionismo corrigiu o ideal monástico Budista. Para os Budistas, o homem ou mulher ideal é um monge ou uma freira, alguém que abandonou a sociedade para o benefício da salvação pessoal. Esta noção era ao mesmo tempo mundana e individualista. Em contraste, o Confucionismo exaltava o servido público responsável. O Confucionismo é orientado para a sociedade. De acordo com esta visão, um homem é realmente humano quando ele realiza fielmente suas obrigações com seus semelhantes.

Terceiro, a ética centrada na família do Confucionismo produziu uma metafísica baseada na polaridade. O homem existe em um sistema harmonioso de relacionamentos. Utilizando o antigo conceito chinês de yin-yang, os confucionistas enfatizaram o fato que indivíduos alcançam felicidade ao submeterem seus desejos pessoais ao bem maior do todo. Este princípio de polaridade pode ser visto operando em cada nível da sociedade: o cuidado do esposo por sua esposa, a lealdade da esposa por seu esposo, o respeito dos filhos pelos pais, a amizade entre iguais e obediência aos superiores.

Em quarto lugar, os confucionistas aguardavam com expectativa o objetivo final da história. Segundo os Clássicos, a humanidade está se movendo na direção de uma era de justiça, fraternidade, prosperidade e paz nesta terra.

Permita-me corrigir uma noção errada. Provavelmente você leu livros que afirmam que a visão da história judaico-cristã é muito diferente da visão oriental. Considera-se que os asiáticos negam que a história tem significado e propósito, e que a visão Bíblica é que a história tem um objetivo. A filosofia oriental sobre a história é cíclica, e portanto, pessimista, enquanto a filosofia ocidental sobre a história é linear e otimista.

Entretanto, o Confucionismo defende uma interpretação muito propositiva da história. Como a religião judaico-cristã, ela fala de uma era ideal dourada no passado distante e uma era dourada no final da história. Para os confucionistas, o objetivo da história é chamado "*ta-tung*": a era de grande Unidade. A história progride através de três estágios: uma era passada de desordem, uma era presente de relativa paz e uma futura utopia de harmonia universal. Assim, os homens podem ter esperança porque o "*ta-tung*" virá na terra nos últimos dias.

No passado, escritores europeus sobre religião contrastavam a luz que o Cristianismo trouxe com o período anterior de escuridão pagã. Historiadores recentes corrigiram essa interpretação simplista do ocidente pré-cristão. O mundo no qual o Cristianismo veio não estava apenas afundado no pecado. Muito pelo contrário, a civilização greco-romana forneceu um fundamento útil sobre o qual a igreja cristã pôde ser erigida. A filosofia grega foi uma preparação valiosa para a teologia cristã. A moralidade estoica foi útil na criação de uma ética social cristã. Religiões misteriosas pagãs prepararam o solo para plantar o Evangelho.

Da mesma forma, quando missionários cristãos vieram para a Coreia, estavam inclinados a depreciar as crenças estabelecidas mais velhas. Eles diziam que o Confucionismo era antiquado e repressivo. O culto aos antepassados foi condenado. A ética confucionista foi denunciada por sua base meramente humanista, sua opressão das mulheres e sua veneração não progressiva do passado. O Budismo foi criticado como idolatria e outro ascetismo mundano. O xamanismo foi ridicularizado como superstição e ocultismo. Entretanto, em anos recentes vários estudiosos cristãos começaram a ver aspectos positivos da herança religiosa da Coreia. [2] Se a civilização Greco-romana foi uma preparação para o Evangelho no ocidente, o xamanismo, Budismo e Confucionismo prepararam para o Cristianismo no oriente. Portanto, a teologia da Unificação aprecia profundamente as muitas formas que Deus inspirou e orientou a busca religiosa dos coreanos por toda a sua longa história.

---

1 Y. O. Kim, Faiths of the Far East (1976), pp. 173-182.

2 Cf. Tongshik Ryu, "Religions of Korea and the Personality of Koreans" em H. S. Hong, ed., Korea Struggles for Christ (1973), pp. 148-165. Também S. J. Palmer, Korea and Christianity (1967).

Cristianismo Coreano

O Cristianismo coreano teve uma história estranha, conturbada e, contudo, notável. Como resultado, há agora uma maior percentagem de cristãos na Coreia do que em qualquer nação no leste da Ásia continental.

Quando os seguidores do Patriarca Nestorius de Constantinopla foram excomungados pelos concílios ecumênicos do século V, eles fugiram para o leste, estabelecendo igrejas que prosperaram por muitos séculos no Iraque, Irã, Índia e China. No ano 1000, missionários Nestorianos ainda estavam trabalhando na Manchúria e Coreia. Uma cruz estoriana e outros objetos cristãos que datam do século XI foram descobertos na Coreia depois da Segunda Guerra Mundial. [3] Entretanto, gradualmente a comunidade Nestoriana Cristã foi engolida pelo ambiente hostil.

Outro contato notável dos coreanos com o Cristianismo veio em 1592 quando Toyotomi Hideyoshi enviou exércitos japoneses para invadir a Coreia. Jesuítas portugueses estabeleceram missões no Japão e obtiveram muitos milhares de convertidos para a fé cristã. Um dos generais de Hideyoshi era um cristão chamado Konishi. Depois de capturar Seoul, ele convidou um missionário jesuíta e um sacerdote japonês para conduzirem cultos em seus campos dos exércitos. Eles passaram um ano na Coreia antes de serem chamados de volta para o Japão.

A invasão japonesa foi finalmente revertida. É duvidoso se a obra missionária realizou algo concreto. Entretanto, centenas de prisioneiros da guerra coreana foram enviados para o Japão, e alguns destes se tornaram católicos devotos. Quando o governo japonês começou a perseguir os cristãos um ano mais tarde, vários cristãos coreanos foram martirizados. De 1614 até 1629 há registros públicos de católicos coreanos no Japão sendo assassinados.

O fundador do Cristianismo coreano moderno foi um nobre jovem estudioso chamado Yi Pyok. Em 1777 um grupo de estudiosos confucionistas encontrou um monastério Budista isolado para discutir filosofia. Entre os livros que eles leram, havia alguns obtidos de Pequim sobre a religião católica. Yi Pyok ficou tão impressionado com esses tratados Jesuítas que ele se tornou um cristão e deixaram de lado o sétimo dia da semana para oração.

Yi falou sobre sua nova fé com alguns amigos próximos e fez arranjos para aprender mais sobre a religião católica. O governo enviou anualmente uma delegação para a corte imperial chinesa. Um amigo de Yi, Yi Seung-Hoon, os acompanhou para Pequim, aprendeu mais sobre o Cristianismo e foi batizado por um missionário. Ele voltou com livros Jesuítas, rosários e crucifixos para Yi Pyok que foi batizado por Yi Seung-Hoon. Assim, os dois homens foram igualmente importantes na fundação do Cristianismo coreano. Muitos nobres se interessaram no catolicismo e algumas notáveis conversões foram feitas.

Uma vez que este grupo tinha estudado os livros chineses, eles decidiram estabelecer sua própria igreja. Um homem foi eleito bispo e quatro foram escolhidos como sacerdotes. Uma casa em Seoul foi alugada para ser um lugar de encontro.

Quando estes cristãos entraram em contato com o bispo em Pequim, ele lhes disse que seus sacerdotes tinham sido escolhidos de forma não canônica, e não deveriam ministrar os sacramentos. Mas ele elogiou o zelo deles e enviou mais livros. Os católicos coreanos aceitaram a opinião do bispo sobre seus sacerdotes. O que os perturbou foi a ordem posterior dos Jesuítas para abandonarem o culto aos antepassados. Alguns aceitaram, mas muitos perderam todo o interesse no Cristianismo.

A controvérsia sobre o culto aos antepassados levou à perseguição do governo. Um erudito bem conhecido e seu sobrinho foram presos e decapitados por queimar suas mesas ancestrais. Outros cristãos foram aprisionados. Entretanto, a coragem dos mártires atraiu muitos novos convertidos. Em 1794, dez anos depois do primeiro batismo, havia 4.000 católicos na Coreia.

O governo se opunha ao Cristianismo porque ele atacou o sistema moral confucionista, como a controvérsia sobre o culto aos antepassados parecia provar. Contudo, para piorar, era alegada a conexão do Cristianismo com políticos europeus. Sendo que a missão católica na Coreia era supervisionada por sacerdotes franceses, parecia que a nova religião era uma forma para imperialistas ocidentais transformarem a Coreia em uma colônia europeia. Assim, de 1794 até 1866 houve repetidos esforços feitos pelo governo para desarraigar a religião dos "estrangeiros bárbaros." Mesmo assim, em 1860 havia 16.700 católicos na Coreia. Quando o devoto budista Daewongun (Regente) decidiu acabar com o catolicismo em seu país em 1866, muitos altos oficiais, a enfermeira do rei e a própria esposa do rei eram cristãos. Portanto, seus atos brutais devem ser vistos como uma tentativa desesperada de preservar a cultura tradicional da Coreia e independência política.

Os séculos XVIII e XIX na Ásia foi um tempo de agressivo imperialismo ocidental. A Coreia tentou, como a China e Japão tinham feito, se proteger através de uma política de isolamento. Por um tempo a Coreia foi conhecida como o Reino Heremita. Sendo que os missionários cristãos na Ásia muitas vezes pavimentavam o caminho para soldados europeus, pode-se agora ver por que nacionalistas patriotas temiam a propagação de ideias cristãs. Os sacerdotes franceses eram vistos como agentes do imperialismo francês, particularmente porque os franceses estavam anexando o Vietnã, Laos e Cambodja a partir do império chinês naqueles anos.

O primeiro missionário protestante chegou na Coreia em 1884. Em 1876 os Estados Unidos persuadiram a Coreia a fazer seu primeiro tratado com uma nação ocidental. Neste tempo, a Coreia estava sendo ameaçada pelo Japão por um lado, e a Rússia, por outro. Felizmente, para os coreanos, os missionários americanos, britânicos e canadenses que trouxeram o protestantismo para a Coreia não eram pró-japoneses e nem pró-russos. Muito pelo contrário. Através da construção de escolas e hospitais, como também pela promoção da modernização, eles fortaleceram a vontade da nação de sobreviver em um momento de perigo político.

Por exemplo, Horace Allen, um médico presbiteriano, foi o primeiro missionário residente presbiteriano. Ele chegou em Seoul pouco antes de um grupo de reformadores tentar derrubar o governo. O príncipe Min Young-Ik, um notável estadista conservador, quase foi esfaqueado fatalmente pelos rebeldes. O Dr. Allen foi chamado para salvar sua vida. Depois de três meses de intensos cuidados, o estadista se recuperou. Este ato obteve confiança do rei e apoio da rainha porque o príncipe Min era seu primo.

O Dr. Allen serviu como médico para os diplomatas estrangeiros e solicitou que o rei estabelecesse um hospital do governo. Esta solicitação foi atendida. O Dr. Allen assumiu o comando do novo hospital, e mais tarde se tornou o Cônsul Geral Americano (1897) e serviu como Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos até que os japoneses começaram a assumir o controle da Coreia em 1905. Os laços do Dr. Allen com a família real beneficiaram grandemente a causa protestante. No dia 5 de abril de 1885, o Rev. Horace G. Underwood (Presbiteriano) e o Rev. e Sra. Henry G. Appenzeller (Metodista) chegaram em Inchon; o Dr. William B. Scranton e sua mãe (Metodista) chegaram um mês mais tarde e Scranton se juntou ao Dr. Allen no hospital. A obra evangelística realmente começou por estes missionários. No dia 12 de setembro de 1887, a primeira igreja Presbiteriana foi organizada em Seoul com quatorze membros fundadores e no dia 9 de outubro, a Igreja Metodista Chong Dong foi estabelecida.

Um erudito confucionista chamado Choi, Chei Woo (Choi, Soo Oon), experimentou visões, criando uma nova religião popular que se espalhou pela Coreia. Reivindicando defender o Ensinamento Oriental (*Tonghak*) contra o chamado Ensinamento Ocidental dos missionários católicos, Choi ensinava uma fé sincrética: a ética do Confucionismo, a ênfase Budista de purificação do coração, o monoteísmo, o uso de velas do Catolicismo e os encantos do xamanismo. Esta religião foi mais tarde chamada de *Chondogyo*. Choi foi preso e executado, mas seus seguidores começaram uma revolta para livrar o governo da corrupção. Seu exército *Tonghak* marchou em Seoul. A China enviou tropas para acabar com a rebelião; ao mesmo tempo os japoneses se movimentaram para assumir o controle da corte coreana.

Durante o período entre 1894-1895 os japoneses livraram a Coreia da influência Chinesa. O velho Daewongun saiu da aposentadoria e se aliou com os japoneses contra sua nora, a Rainha Min. Ela foi assassinada mais tarde; o rei e o príncipe herdeiro fugiram para a região da Rússia. Quando o Rei Kojong foi finalmente capaz de voltar ao poder, ele contou com a ajuda russa e francesa. O Japão entrou em guerra com a Rússia em 1904 e assumiu o controle sobre os assuntos estrangeiros da Coreia em 1905. O príncipe Min cometeu suicídio em desespero. O Rei Kojung abdicou dois anos mais tarde. O Japão anexou a Coreia em 1910.

Cristãos em geral, e os missionários em particular, se tornaram diretamente envolvidos na política durante este período de agitação social. Em 1888 o governo decretou um interdito proibindo a obra missionária cristã. Os católicos haviam despertado grande ressentimento popular porque eles tinham comprado secretamente um terreno e começado a construir uma catedral com vista para o palácio. Dez anos mais tarde, uma igreja ortodoxa russa foi estabelecida em Seoul, que foi amplamente interpretada como um movimento político. Quando trinta e três líderes coreanos assinaram a Declaração de Independência em 1919, dezesseis signatários eram cristãos, quinze eram seguidores da religião Chondogyo de Choi, e dois eram budistas. Missionários divulgaram as atrocidades japonesas cometidas na Coreia durante a ocupação oficial e ao menos indiretamente apoiaram a causa da independência coreana até a liberação nacional ocorrer em 1945. Ao mesmo tempo, deve-se ser observado que a maioria dos missionários e a maioria dos cristãos coreanos tentaram se envolver na política da melhor maneira possível.

Quais foram os efeitos indiretos, mas reais do Cristianismo Protestante na sociedade coreana?

Porque os missionários tinham uma fé centrada na Bíblia, eles encorajavam a preocupação com educação. Para ser um bom protestante, uma pessoa deve saber ler as Escrituras. O Rev. John Ross, um missionário para a China, traduziu o Evangelho de Lucas para o coreano por volta de 1883 e o distribuiu ao longo da fronteira chinesa-coreana. A Sra. Mary Scranton estabeleceu a primeira escola para meninas em 1886 com somente uma estudante. Entretanto, a Rainha Min apoiou a escola e a denominou Ewha Haktan, Pear Blossom Institute, em 1887. O Rev. Henry Appenzeller abriu uma escola para meninos que o Rei Kojong chamou de Paichai Haktang, Hall for Rearing Useful Men; e nesse mesmo ano o Rev. Horace Underwood [4] organizou um orfanato e uma escola como parte de seu trabalho missionário.

O Protestantismo ensinava a dignidade e valor de cada alma. Esta ênfase sobre os direitos pessoais tendia a enfraquecer as fortes barreiras de classe na tradicional sociedade confucionista. Ao menos indiretamente, os missionários prepararam os coreanos para uma forma de vida mais democrática.

O Protestantismo coreano foi dominado por missionários Presbiterianos e Metodistas da Grã-Bretanha, Canadá e Estados Unidos. Isto significava que sua religião era inspirada pela ética puritana. Para eles, ser um cristão significava não fumar ou beber, trabalhar bastante, ser um cidadão responsável e ajudar os menos afortunados. Um historiador da igreja demonstrou como este ideal Protestante corrigiu os abusos da ordem social coreana no final da Dinastia Yi. [5]

O Protestantismo chegou na Coreia na época quando o Evangelho Social e o movimento ecumênico estavam ganhando reconhecimento no ocidente. Embora os missionários fossem mais conservadores do que alguns cristãos na Europa e América, eles compreenderam que o Cristianismo envolve muito mais do que salvar almas pagãs das chamas do inferno. Para os Metodistas e Presbiterianos, as missões educacionais e ministérios de curas eram considerados adjuntos necessários do evangelismo e da construção de igrejas. Além disso, muito cedo os missionários coreanos concordaram com a cooperação interdenominacional. Muito antes da maioria dos cristãos ocidentais, eles reconheceram que uma igreja dividida não pode restaurar um mundo rompido. Assim, a despeito de muitos cismas trágicos e do aparecimento de muitas novas denominações na Coreia, pensadores cristãos apoiaram atividades interdenominacionais. Recentemente, como na controvérsia sobre direitos civis, líderes Protestantes e Católicos trabalharam juntos.

De 1910 até 1945 a Coreia estava sujeita ao domínio japonês. Este foi um período de considerável tensão para os cristãos. Sendo que os Protestantes tinham sido ativos no Movimento de Independência de 1919, os japoneses os consideravam uma facção destrutiva e potencialmente perigosa. Os Presbiterianos em particular se opuseram aos planos japoneses de controlar todas as instalações educacionais.

Muitos Protestantes ficaram surpresos com a participação obrigatória em determinadas cerimônias em santuários Xintoístas, argumentando que eram religiosos e não meramente rituais patrióticos. Então houve a ordem do governo para unificar todas as denominações em uma única igreja, para que as atividades cristãs pudessem ser mais efetivamente supervisionadas pelas autoridades militares de ocupação.

Comparável à terrível perseguição de cristãos durante a regência de Daewongun foi a perseguição japonesa dos cristãos coreanos começando com o assassinato de Marquis Ito em 1909. Ito tinha sido General Residente Japonês na Coreia e forçou a abdicação do Rei Kojong. O conselheiro americano de Ito foi assassinado por um católico coreano em San Francisco em 1908. Em 1909 o próprio Ito foi assassinado na Manchúria por um protestante coreano. De acordo com os japoneses, foi descoberto um plano para matar o novo Governador Geral em 1910. Um ano mais tarde, alguns estudantes e todos os professores em um colégio Presbiteriano foram presos e torturados em conexão com este plano. Finalmente, cento e vinte e cinco homens, noventa e oito dos quais eram cristãos, foram indiciados e levados a julgamento. A despeito da falsa evidência obtida sob tortura, seis foram sentenciados à prisão.

A seguir veio a brutal supressão do Movimento de Independência de 1919. Sendo que líderes cristãos estavam envolvidos, as autoridades militares se voltaram para as igrejas. Em Suwon, por exemplo, as tropas japonesas cercaram uma igreja cheia de fiéis, atearam fogo ao edifício e atiraram naqueles que tentavam escapar do santuário em chamas. Entretanto, o Movimento de Independência identificou o Cristianismo com o nacionalismo coreano e trouxe inúmeros jovens para a igreja.

Então veio a Segunda Guerra Mundial. Cerca de duzentas igrejas foram fechadas. Mais de dois mil cristãos foram aprisionados e cerca de cinquenta morreram por sua fé. Dos 700.000 Cristãos Protestantes nas igrejas antes da guerra, somente cerca de metade desse número estava ativo quando o conflito chegou ao fim.

O Dia da Liberação, 15 de agosto de 1945, forneceu uma breve ocasião para o júbilo nacional. Entretanto, sua alegria foi de curta duração quando se soube que tropas Soviéticas estavam sendo utilizadas para impor o regime comunista no Norte da Coreia. De acordo com o Dr. Samuel H. Moffett, um professor do seminário Presbiteriano em Seoul, o ataque comunista sobre a religião organizada ocorreu em três estágios. Primeiro, os comunistas destruíram duas organizações políticas cristãs – o Partido Democrático Social e o Partido Liberal Cristão. Segundo, os comunistas tentaram intimidar a igreja estabelecendo um fantoche chamado Liga Cristã para a qual todas as igrejas oficiais eram exigidas pertencer. Finalmente, quando a oposição cristã persistiu, os comunistas tentaram destruir a igreja. Os edifícios das igrejas foram confiscados, pastores foram presos, e os leigos cristãos eram frequentemente massacrados. Ao menos quatrocentos clérigos foram martirizados. Consequentemente, os cristãos tentaram fugir para o sul buscando proteção. Depois da Guerra da Coreia, estimava-se que um em cada cinco pessoas na Coreia do Sul era um refugiado do norte.

Sendo que o Rev. Sun Myung Moon fundou a Associação do Espírito Santo para Unificação do Cristianismo Mundial neste período pós-guerra, é importante observar as várias características proeminentes do Cristianismo coreano na década de 1950:
1. A comunidade cristã dobrou de tamanho na década pós-guerra. Por que a igreja se espalhou como fogo no mato? O presidente do seminário Metodista, Harold Hong, indicou quão zelosos eram os leigos cristãos. Eles tinham todo o entusiasmo e dedicação. A maioria das conversões ocorria em reuniões de reavivamento seguindo o padrão que começou com o grande reavivamento em Pyung-yang em 1907 que fez muito para estimular o crescimento da igreja no norte. Orar em uníssono era uma das características poderosas desses reavivamentos. Os serviços de oração antes do amanhecer e intensos estudos da Bíblia se tornaram um padrão da vida cristã.

Como indicou o Dr. Hong, muitos pregadores notáveis também tinham recebido dons carismáticos como resultado de experiências místicas e alguns se tornaram famosos curandeiros.

2. A rápida expansão do Cristianismo no sul se deve amplamente ao afluxo de refugiados do norte comunista. Assim, as igrejas eram zelosamente anticomunistas e determinadas para reunificar a nação.

3. Mas depois de uma década de rápida expansão, as principais denominações quase pararam de crescer. Como vários sociólogos observaram, o Metodismo, Presbiterianismo e o Catolicismo alcançaram um patamar, e mais ou menos ficaram nesse nível. Parte disto foi devido às sérias divisões dentro da igreja. Os Presbiterianos se dividiram em quatro grupos. Em 1959 um grupo contrário ao Conselho Mundial Presbiteriano estabeleceu uma Associação Nacional de Evangélicos. Estes problemas forçaram o corpo principal Presbiteriano a parar de cooperar com o Conselho Mundial de Igrejas a fim de restaurar a unidade.

4. Desde seu início, o Cristianismo coreano sofreu opressão e perseguição. Por causa de sua situação difícil, os Protestantes eram inspirados principalmente pelas histórias bíblicas do êxodo do Egito. As Escrituras ensinavam claramente a teologia de liberação. Sendo que Deus libertou os judeus da escravidão egípcia, Ele também os liberaria? Consequentemente, os cristãos oravam por alguém como Moisés para resgatá-los de seus opressores. Era natural para os coreanos identificar seu país com a história de Israel no Velho Testamento, cujos sofrimentos forneceram sua posição única no propósito de Deus de redenção. A Coreia era, como Israel, um povo de fé oprimido. Possivelmente como os judeus, os coreanos estavam sendo preparados para alguma missão especial na providência de Deus. Portanto, o patriotismo coreano e a fé cristã estavam intimamente relacionados. Esta aliança idealista de nacionalismo e religião foi grandemente reforçada quando a Coreia do Norte se tornou submetida ao duro totalitarismo de Kim Il Sung.

5. Durante a ocupação japonesa muitos Protestantes também enfatizaram os aspectos apocalípticos do Novo Testamento. O Cristianismo era visto como uma fé baseada na expectativa escatológica. O livro do Apocalipse se tornou a parte mais amplamente lida da Escritura. Assim, os cristãos começaram a olhar para o Cristo do Segundo Advento e o alvorecer da era messiânica. Seguramente essa época estava à mão.

6. Durante e depois da Guerra da Coreia, surgiu um número considerável de novos movimentos religiosos. Alguns eram cristãos em sua origem e inspiração; outros não. Este foi um tempo de revolta social e intenso entusiasmo espiritual dentro das igrejas estabelecidas.

Então o que era distinto a cerca destes novos grupos? Além de compartilhar a atmosfera revivalística, a intensa vida de oração e estudo da Bíblia de muitos Presbiterianos e Metodistas, estes novos movimentos eram capazes de conduzir surpreendentes curas de fé e estavam inusitadamente abertos para o mundo espiritual. Consequentemente, eles recebiam mensagens de inspiração de uma nova era vindoura na história de salvação. Suas visões psíquicas do futuro frequentemente se concentravam nas bênçãos originais de Deus a serem derramadas sobre o povo coreano, confirmando as profecias tradicionais e trazendo o cumprimento das promessas escatológicas Bíblicas.

A Igreja de Unificação nasceu nesse notável ambiente carismático. Para aqueles de nós que estavam na Coreia naquela época, era natural concluir como eu: "O longo e sombrio inverno cósmico passou e o início cósmico pelo qual a humanidade tem esperado por tanto tempo, chegou. A Nova Era, a Era Cósmica, começou." [7]

---

3 A. Clark, *History of the Church in Korea*, *1971*, p. 79. Cf. Kyung Bae Min, *The Church History of Korea,* Seoul (em coreano) *1972* e Tongshik Ryu, *The Christian Faith Encounters the Religions of Korea,* Seoul (em coreano) *1965.*

4 A. D. Clark, *History of the Church in Korea (1971),* pp. 92-95.

5 S. J. Palmer. *Korea and Christianity (1967),* p. 94.

6 S. H. Moffett, *The Christians of Korea (1962), pp. 76-77.* 'H.S. Hong *et al, Korea Struggles for Christ,* Seoul *(1966),* p. 16.

7 Y. 0. Kim, *The Divine Principles,* p. 111

Sun Myung Moon

A fim de entender a mensagem do *Princípio Divino,* é útil saber alguma coisa sobre seu mensageiro. Sun Myung Moon nasceu na vila norte-coreana de Jung-ju no dia 6 de janeiro de1920, de acordo com o calendário lunar.

Seu avô foi o primeiro a reconhecer que ele era excepcionalmente dotado. Quando criança, Sun Myung Moon não toleraria injustiças ou abusos infligidos aos outros. Consequentemente, ele foi muitas vezes ridicularizado ou até mesmo espancado por seus companheiros mais velhos. Se ele visse adultos tirando vantagem de crianças desamparadas, ele ficaria enfurecido, se deitaria no chão, e choraria alto batendo seus braços e pernas no chão. Embora seu corpo ficasse ferido, ele se recusava a parar de protestar até que aqueles culpados admitissem seus erros. Assim, desde a infância ele demonstrou um extraordinário senso de justiça e uma vontade indomável.

Uma vez ele me disse que quando tinha doze anos de idade, ele ia para um lugar tranquilo no bosque para orar. Um dia depois que ele tinha orado, parecia como se as árvores, arbustos e grama começaram a falar: "Ninguém cuida de nós. Nos sentimos abandonados pela humanidade." Compreendendo que a natureza gritava para ser amada, ele sentiu como se estivesse abraçando o mundo inteiro, jurando, "Eu serei seu zelador." Em outra ocasião, ele orou, "Pai, me dê maior sabedoria do que Salomão, maior fé do que o apóstolo Paulo, e maior amor do que Jesus."

Entretanto, somente na idade de dezesseis anos, que Sun Myung Moon despertou para seu potencial como um líder religioso. Como muitos coreanos, seus pais tinham se tornado convertidos para o Cristianismo como resultado das atividades missionárias Presbiterianas. No nascer do sol na manhã de Páscoa em 1936, enquanto Moon estava em profunda oração, ele experimentou um encontro místico com Jesus. Nesta visão, o adolescente coreano foi desafiado a assumir a obra inacabada de Jesus e estabelecer o reino de Deus na terra.

Depois desta experiência mística, Sun Myung Moon começou uma intensa busca da verdade religiosa. Por vários anos ele orou, estudou e ouviu o que as pessoas estavam dizendo sobre religião, e ponderou profundamente sobre o problema dos caminhos de Deus com os homens. Repetidamente ele se perguntou: Qual é o problema definitivo do homem, de todo o universo, e até mesmo de Deus? Com o tempo, a resposta veio. Para tudo na existência, incluindo Deus, a questão central envolve a realização do amor.

Às vezes ele foi tentado a abandonar sua missão, ele admitiu. Desde que se matriculou como um aluno de engenharia elétrica na Universidade Waseda no Japão, teria sido fácil colocar de lado suas preocupações religiosas para se concentrar em seu futuro ou limitar suas atividades extracurriculares à luta pela independência coreana. Entretanto, na idade de vinte e cinco anos, Moon decidiu aceitar o desafio lançado por Jesus ressuscitado e devotar sua vida para realizar o reino de Deus.

O próximo estágio em sua missão começou em 1946, pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Logo depois da liberação da Coreia da ocupação japonesa, Moon se sentiu chamado para começar a pregar em Pyung-yang, a cidade mais importante no norte da Coreia.

Pyung-yang tinha sido uma das fortalezas do Cristianismo e era frequentemente chamada de Jerusalém do Oriente. Mas essa cidade também era a capital para o governo comunista que tinha sido imposto sobre a Coreia do Norte pelos soldados russos. Assim, sob as condições mais adversas, Moon tentou estabelecer um fundamento seguro para a nova providência de Deus. Por um lado ele enfrentou oposição dos cristãos convencionais que acreditavam que o reino de Deus não tinha nada a ver com o melhoramento deste mundo. Por outro lado, havia os comunistas que estavam determinados a erradicar a fé em Deus e estabelecer uma sociedade secular totalitária.

Quando o Reverendo Moon tinha adquirido alguns seguidores, suas atividades chamaram a atenção das autoridades comunistas. Naturalmente ele foi preso e submetido à tortura. Depois de uma sessão severa, ele foi atirado inconsciente para fora em uma noite fria de inverno, onde seu corpo foi descoberto por seus discípulos. Quando ele se recuperou e voltou a pregar, Moon foi preso de novo e sentenciado a um campo comunista de trabalho forçado na cidade costeira oriental de Hungnam. Cada preso era atribuído com uma cota diária quase impossível, de carregar 130 sacas de quarenta quilos de cal. Sobrecarregados e subalimentados, poucos prisioneiros sobreviviam mais de três meses. Mas Moon estava determinado a permanecer vivo. Com fé em Deus e poder absoluto, ele foi capaz de sobreviver sob condições intoleráveis por cerca de três anos, até que os prisioneiros foram libertados por soldados das Nações Unidas em 1950.

Mais tarde, comentando suas experiências na prisão, o Reverendo Moon afirmou. “Eu nunca orei por fraqueza ou me queixei. Eu nunca pedi a ajuda de Deus. Ao invés, eu estava sempre confortando Deus, dizendo a Ele para não se preocupar comigo. Sendo que Deus já conhecia meu sofrimento, eu não queria lembrá-lo e causar ainda mais aflição para Ele. Eu apenas dizia para Ele que eu nunca seria derrotado.”

Moon voltou para Pyung-yang para encontrar seus discípulos. Os poucos ainda fiéis convertidos foram instruídos a se juntarem a ele em Pusan no sul da península coreana. Moon e dois discípulos começaram uma jornada em uma bicicleta por estradas nas montanhas por quinhentos e vinte quilômetros até o sul. Um deles tinha uma perna quebrada e tinha que ser carregado.

Depois de chegar em Pusan, Moon se juntou a inúmeros outros refugiados desabrigados. No verão de 1951 discípulos se encontraram com ele em uma pequena cabana, construída a partir de caixas de ração do exército americano e barro seco. Um dos primeiros seguidores relata que quando o Reverendo Moon chegou em Pusan, ele parecia um pobre operário de fábrica, “magro e sujo.” Além de sofrer a opressão comunista, ele – como milhões de seus compatriotas – tinham que se submeter a incríveis dificuldades dos campos de refugiados durante a Guerra da Coréia.

Em 1953 o Reverendo Moon se mudou para Seoul, a capital da República da Coréia, e no ano seguinte ele estabeleceu oficialmente a Associação do Espírito Santo para Unificação do Cristianismo Mundial.

Um missionário australiano, o Rev. Joseph McCabe, passou oitenta dias como convidado da igreja de Seoul e publicou um relatório entusiasmado na revista de sua denominação. Deixe-me citar alguns trechos do artigo do Pastor McCabe, porque ele mostra impressões de um estranho sobre o movimento de Unificação em seu início:

"O grupo de cristãos para o qual eu vim não é Pentecostal ou Apostólico como conhecemos, mas o Espírito do Senhor é manifesto entre eles, e alguns têm visões, outros têm línguas e interpretações, enquanto um espírito de profecia é exercitado por outros em particular. É maravilhoso o fervor e sinceridade da adoração, e a pregação poderosa do Sr. Moon, um orador nato que desperta sua congregação para responder tanto em oração como na pregação. Quase sem exceção os membros estão lá porque desejam algo mais profundo. O local de encontro é um velho salão fora do caminho principal… nesta sala há entre trezentas e quatrocentas pessoas. Não há assentos como em outras igrejas; todos se sentam no chão. Meia hora antes do serviço é destinada para cânticos, e o lugar é embalado… o Sr. Yoo (sic), [9] o conferencista, dá conferências sobre os Princípios, como eles denominam suas crenças, por quatro ou cinco horas por dia." [10]

O Reverendo McCabe relatou também que o movimento tinha oito centros de Seoul até Pusan com um total de membros entre seiscentos e mil e duzentos. Este missionário australiano reconheceu que sua própria denominação diferia da Igreja de Unificação em algumas práticas sacramentais e doutrinas; contudo, ele ficou claramente impressionado pela qualidade carismática do movimento coreano, sua fé em Cristo e sua determinação em superar o poder de um Satanás real, como ele disse.

Na Coreia do Norte, o Reverendo Moon e seus seguidores foram perseguidos pelos comunistas. No sul, os membros da Unificação foram denunciados pelas igrejas estabelecidas. O Rev. Moon foi condenado por alguns Presbiterianos como um herege, embora tenha tido pouca participação na vida dessa denominação por muitos anos.

Quando um grupo de professores e estudantes na Universidade de Mulheres Ewha se tornaram seguidores do Reverendo Moon, eles foram ordenados a deixarem o movimento ou seriam expulsos da escola. Sendo que este ato despertou críticas venenosas da imprensa como uma violação da liberdade religiosa, a oposição começou a espalhar rumores viciosos de que a nova igreja era culpada por imoralidades sexuais. O Reverendo Moon e quatro discípulos masculinos foram presos enquanto o governo tentava sustentar estas falsas alegações feitas por seus inimigos. Ele foi libertado depois de três meses quando o tribunal o declarou inocente. Seus inimigos não puderam fornecer nenhuma evidência que se sustentasse no tribunal. Para aplacar a oposição, o governo aprisionou o Reverendo Moon por suposta evasão. Quando este caso foi julgado vários meses mais tarde, ele foi completamente inocentado.

A despeito da perseguição, a Igreja de Unificação continuou a crescer. Em 1958 um missionário foi enviado para o Japão, e no ano seguinte eu vim para Eugene, Oregon, como a primeira missionária para os Estados Unidos. Em 1975 equipes missionárias foram enviadas para cento e vinte países.

Em 1960 o Rev. Moon se casou com Hak Ja Han. Eles se mudaram para a América em 1972, onde começaram uma turnê de discursos na nação. Isto culminou com a reunião no Madison Square Garden. Como resultado desta publicidade americana, o fundamento foi estabelecido para a imensa Reunião Mundial para a Liberdade da Coreia em Seoul na qual o Rev. Moon falou para mais de um milhão de pessoas no dia 7 de junho de 1975. Sua aparição no Yankee Stadium ocorreu em 1º de junho de 1976, e a reunião no Washington Monument em 18 de setembro de 1976, forneceram um final adequado para as campanhas de discursos públicos do Rev. Moon nos Estados Unidos.

Por toda a sua vida, seu lema tem sido:
Para restaurar o mundo,
Vamos seguir em frente
Com o coração do Pai
Nos sapatos de um servo,
Derramando suor pela terra,
Lágrimas pelo homem
E sangue pelo céu.

---

9 Hyo-Won Eu. *The Apostolic Herald,* Novembro, 1956.

II. REVELAÇÃO

Revelação e Razão

Uma definição clássica de revelação pode ser encontrada nas primeiras páginas da *Summa Theologica* de Tomás de Aquino.[1] Ele afirma que para nossa salvação, é necessário ter conhecimento revelado por Deus, além do conhecimento construído sobre a razão humana. Embora o homem esteja naturalmente direcionado para Deus, ele precisa de revelação porque Deus está além do alcance da razão. Embora algumas verdades sobre Deus possam ser descobertas apenas pela razão, mesmo assim a revelação serve para um propósito útil. Somente algumas pessoas têm o tempo ou a capacidade para alcançar o conhecimento de Deus pela razão. Isto exigiria muito tempo, e suas conclusões poderiam estar misturadas com erros humanos. Assim, a doutrina sagrada não deriva seus princípios de qualquer conhecimento humano, mas a partir da verdade divina. Sendo que a teologia está baseada na revelação, qualquer coisa que seja encontrada em outras ciências contrárias à verdade desta ciência sagrada deve ser condenada como falsa, declarou São Tomás.

A definição de revelação de Aquino é importante porque ela formula de forma concisa os vários elementos nesta doutrina. Ele distingue entre verdades da razão e verdades da fé. Ele demonstra o valor prático de revelação como também sua necessidade lógica. Ele relaciona a realidade da razão e da fé fazendo uma mais elevada do que a outra, sem entrar em conflito com ela. Finalmente, ele assume que a doutrina sagrada deve estar nos ensinamentos da Escritura, porque a Bíblia é o livro revelado por Deus.

A doutrina bem equilibrada de Aquino não ostenta mais o respeito a ela. Quais são os seus defeitos? Primeiro, ela coloca a revelação e a razão em compartimentos separados. No entanto, desde a Idade Média, filósofos têm geralmente negado que as verdades da revelação existem em uma realidade além do alcance da razão. Eles defendem que doutrinas reveladas como a Trindade e a Encarnação devem ser examinadas e validadas pela razão. Em segundo lugar, as ciências seculares se recusam a viver no primeiro andar de uma casa enquanto a teologia mora no andar de cima sem perturbações. O que as ciências humanas como a física, astronomia, biologia e psicologia ensinam sobre o homem e o universo afeta grandemente a verdade da doutrina cristã. Terceiro, filósofos e teólogos têm duvidado da crença de Aquino na teologia natural. Repetidamente eles têm criticado as provas Tomísticas da existência de Deus que se supõe estarem baseadas somente na razão. Finalmente, Aquino assume que a Bíblia é um livro infalível de verdades reveladas. Sendo que estudiosos têm reexaminado as Escrituras utilizando métodos de crítica histórica e literária, se tornou difícil pensar na Bíblia como revelação não errante.

Assim, devemos examinar cada aspecto do problema. Primeiramente, vamos considerar o relacionamento entre fé e razão. Aquino assumiu que revelação se refere às doutrinas sagradas. Revelação para ele significa informação sobre a natureza de Deus e do homem que é transmitida de forma sobrenatural. Emil Brunner reivindica que esta definição de revelação é muito intelectualista.[2] O que significa revelação? Ela envolve um encontro pessoal entre Deus e o homem. Deus se revela. Revelação se refere a um diálogo que Deus conduz conosco. A partir da revelação, o homem não recebe doutrinas: ideias sobre a Trindade ou expiação, por exemplo. Deus não dá ideias para os homens.

Revelação se origina em um encontro pessoa-a-pessoa com o sobrenatural. Assim, revelação revela um Quem, e não um O quê.

Como posso conhecer Deus? De acordo com Brunner, nossa experiência de Deus não pode vir de dentro. Então estamos falando conosco mesmos. Revelação deve se originar de fora. O Cristianismo afirma a transcendência de Deus. Ele não é nosso ser mais profundo ou uma força imanente dentro da natureza. Deus é uma pessoa diferente de nós como as outras pessoas são. Devemos conhecer Deus como conhecemos outro ser humano. Deus é o Outro que deve se comunicar para se tornar conhecido. Você não pode conhecer um homem simplesmente olhando para ele. Você tem que se relacionar com ele. Ele revela o que é falando com você. Assim é com Deus, mas em um nível mais profundo. Suas palavras se tornam uma pista do Seu caráter. Assim, o Deus pessoal deve se revelar pessoalmente para nós. Deus não fala sobre nós. Ele fala para nós e conosco.

Revelação então significa que Deus rompe em nosso mundo atual. Ele se revela a despeito de uma ordem social que é antagônica a Ele. Porque Ele fala, Ele requer que nós decidamos entre Sua vontade e a nossa própria. Quando encontramos Deus, nos é mostrado a diferença fundamental entre Sua santidade e nossa pecaminosidade. Ao se revelar, Ele nos força a decidirmos estar ao Seu lado ou contra Ele.

Brunner distingue cuidadosamente entre fé e razão. Revelação está interessada na natureza e destino do homem. Seu conhecimento é existencial, ao invés de teórico. A verdade decisiva sobre nós mesmos não deve ser encontrada no mesmo lugar ou da mesma forma como o conhecimento científico. Ciência trata com os aspectos externos das coisas. Portanto, seu pensamento é superficial. Ela não toca no âmago de nossa realidade como pessoas. Ciência nos fala sobre como nosso mundo está construído. O que ela não pode fazer é nos mostrar porque estamos aqui: o propósito da existência humana e seu destino final.

Nem a metafísica pode nos dar a resposta. A metafísica tenta fornecer uma visão integral da totalidade da existência. Ela faz seu trabalho na atmosfera da objetividade e serenidade. Na metafísica, o homem é apenas um expectador. Verdade para o metafísico é simplesmente um objeto estético, um maravilhoso espetáculo da harmonia universal. A teologia, em contraste, revela o *De Onde* e o *Por Quê* do homem. A questão de Deus é profundamente pessoal e terrivelmente urgente para cada um de nós. Buscamos apaixonadamente porque está em jogo todo o sentido de nossa vida. Devemos encontrar o centro de nossa própria existência.

A neo-ortodoxia de Brunner fornece argumentos valiosos. Ele insiste com razão sobre a natureza pessoal de Deus e a qualidade pessoal da revelação. Ele diferencia claramente entre as funções da razão e da revelação, insistindo na necessidade de mais do que a ciência para encontrar Deus. Além disso, se recusando a identificar revelação com doutrinas sagradas, ele vai além da velha noção que revelação se refere às ideias Bíblicas ou dogmas da igreja. Não obstante, muitos estudiosos sentem que o neo-ortodoxismo minimiza o valor da razão na religião e ignora a dimensão histórica na doutrina Bíblica da revelação.

O professor L. Harold DeWolf da Universidade de Boston criticou o desprezo da razão neo-ortodoxa em matéria de doutrina.[3] Precisamos da razão, e sua função na religião é indispensável. A razão serve a revelação de quatro formas:

1) Razão é requerida para aceitar a revelação, porque revelação vem para uma criatura racional que deve relacionar sua verdade com outras verdades que são recebidas através de meios naturais.

2) Razão é necessária para decidir quando a revelação ocorreu. Separado da razão, um indivíduo não pode decidir que a autoridade da revelação que ele aceita é superior a outras alegadas revelações.

3) Razão é exigida para interpretar a revelação e aplicá-la para mudar as situações humanas.

4) Razão é necessária a fim de transmitir a revelação para os outros. Devemos demonstrar que nossa revelação é verdadeira, e somente uma defesa racional pode superar dúvidas ou oposição.

DeWolf está certo sobre a necessidade da religião por razão. Por exemplo, observe como Filo de Alexandria usou a razão para explicar a revelação Mosaica no mundo Greco-romano ou como Justin Martyr e outros primeiros Padres da Igreja se basearam em explicações racionais das crenças cristãs para perseguir pagãos.

Se reivindicamos ter nova revelação além daquilo aceito pelo Cristianismo tradicional, é imperativo reconhecer o valor da razão. Devemos demonstrar como a nova revelação não é completamente irracional. Devemos demonstrar sua superioridade racional para aquilo que é geralmente aceito. Devemos apontar sua aplicabilidade lógica para uma variedade de sérios problemas humanos.

A teologia de Wolfhart Pannenberg surge a partir da neo-ortodoxia, contudo, tenta corrigir algumas de suas fraquezas. No livro *Revelation as History* (E.T 1968), ele faz preciosas sugestões para nossa doutrina da[4] revelação. Primeiro, de acordo com ele, a Bíblia ensina que revelação não vem diretamente como verdades salvadoras, mas indiretamente através de ações históricas de Deus como o Êxodo e a missão de Jesus. É uma afirmação fundamental da tradição judaico-cristã que Deus atua na história. O que isto significa é que, além do encontro pessoal *eu-Senhor* que Brunner enfatiza, há uma dimensão histórica corporativa para a revelação.

A revelação de Deus não é um evento isolado dado para indivíduos, mas é parte da obra de Deus de redenção com Israel. Onde Deus se revelou? Em toda a história da nação hebraica. Deus inspirou Abraão, deu os mandamentos para Moisés, guiou Josué, conduziu Davi, consolou os hebreus no exílio e os encorajou com a esperança de uma futura era messiânica. Consequentemente, uma doutrina da revelação deve levar em conta os aspectos coletivos do propósito redentor de Deus.

Pannenberg afirma que revelação pode ser entendida plenamente apenas no final da história. Isto significa que toda revelação passada e todos os sinais atuais da atividade divina devem ser vistos à luz da consumação escatológica da história. Nenhum dos atos anteriores de revelação tem valor como um fim em si mesmo.

Tanto a Torá de Moisés como a missão de Jesus apontam para a próxima era messiânica. Não importa quão imprevisivelmente Deus tenha atuado no passado, Sua total revelação nos espera no futuro.

Pannenberg vai além da neo-ortodoxia insistindo que Deus se revela na totalidade da história do homem. Não há nenhuma história "sagrada" (denominadamente, aquela de Israel e da Igreja Cristã) que seja superior e apartada da história "secular." Para Pannenberg, toda história é uma revelação da atividade de Deus. Esta visão é importante porque amplia o escopo de revelação. Particularmente em anos recentes, quando nosso conhecimento de outras culturas e crenças cresceu, parece estranho limitar as ações de redenção de Deus a uma única nação ou uma única religião. Pannenberg enfatiza o amor global e a preocupação inclusiva de Deus. Mas ele está completamente certo ao assumir que todas as crenças e todas as pessoas têm sido igualmente responsivas à vontade de Deus? Seguramente Ele tem utilizado grupos particulares para um propósito especial em promover Seu programa providencial.

Outra questão precisa ser levantada. Se revelação está limitada aos eventos, então restringimos o poder revelador de Deus às Suas ações. Sendo que Deus é pessoal, Ele pode ficar sem palavras? Ele não é revelado em Suas palavras, tal como em Suas ações? O Cristianismo tradicional sempre assumiu que Deus podia comunicar mensagens para os homens. Portanto, deve haver algum conteúdo intelectual para a revelação. A fé envolve as ações de Deus na história acrescentada com a interpretação revelatória destes eventos. Do contrário, degradamos algumas das doutrinas mais fundamentais do Cristianismo.

Um segundo grande problema se refere a como interpretamos os relacionamentos entre o natural e o sobrenatural. Aquino relacionou os dois colocando-os juntos, um no topo do outro. O natural e o sobrenatural são dois níveis intimamente conectados de um único cosmos criado por Deus. Como todos os romanos católicos, Aquino assumiu que havia constante comunicação e interação entre estas duas realidades.

Protestantes em geral, e Karl Barth em particular, separaram claramente o sobrenatural do natural. [5] Como ele expressou, há uma distinção infinitamente qualitativa entre o temporal e o Eterno. Deus está no céu e o homem está na terra. Há uma barreira entre este mundo e Deus, a qual somente Deus pode romper. Deus é Totalmente Diferente. Não há nenhuma forma para subirmos até Ele; Ele deve descer até nós, como Ele fez uma única vez, quando Ele se tornou encarnado em Jesus Cristo.

Mais tarde em sua vida Barth admitiu que ele podia ter exagerado[6] a fim de ressaltar a transcendência de Deus. Em qualquer caso, uma redefinição moderna do sobrenatural deveria reconhecer, como fez Aquino, que o homem vive em um universo multidimensional e com muitos níveis. O natural e o sobrenatural estão sempre relacionados intimamente, e frequentemente interagem de uma maneira muito dramática. Reconhecer sua proximidade é valioso ao trabalhar com a doutrina da revelação.

Como muitos teólogos contemporâneos admitem agora, a neo-ortodoxia sobrecarregou a transcendência absoluta de Deus e ignorou igualmente a doutrina tradicional da imanência divina.

Como mencionado anteriormente, a doutrina da revelação tornou-se problemática em séculos recentes por causa do declínio da autoridade da Bíblia. Até o Iluminismo, quase todos os cristãos aceitavam as Escrituras de capa a capa como a Palavra infalível de Deus. Esta noção tem sido amplamente atacada e geralmente tem sido abandonada por teólogos modernos em todas as denominações principais.

Por exemplo, em um texto de teologia sistemática preparado em um seminário Metodista, um capítulo inteiro é dedicado ao tema "A Falibilidade da Bíblia." [7] Seis tipos de evidências são dadas para demonstrar que a Escritura não é um livro infalível:

1) Há contradições óbvias dentro da Bíblia. Por exemplo, Ex. 37:1-9 diz que Bezalel fez a arca da aliança, mas em Deut.10:1-5 Moisés reivindica ter feito. De forma semelhante, há duas histórias contraditórias sobre a arca de Noé que foram desajeitadamente combinadas.

2) Como existem variações importantes nos manuscritos bíblicos que possuímos agora, não podemos afirmar com certeza [8] o que os originais continham. Além disso, também deveríamos aceitar a infalibilidade da igreja primitiva que decidiu quais livros colocar nas Escrituras, e quais rejeitar.

3) A Bíblia contém contradições da verdade conhecida. Isto inclui declarações baseadas em mitologia refutada e falsa ciência. A Bíblia assume que todas as doenças são causadas por possessão demoníaca, e o Gênesis registra o folclore que serpentes não têm pernas porque Satanás assumiu essa forma para tentar Eva. As Escrituras também sugerem que a terra está imóvel e que o universo está centrado na terra.

4) Há muitas evidências de lendas na Bíblia. Os contos de heróis em Juízes se assemelham aos dos gregos. Além disso, ao ler o Novo Testamento de forma cronológica, é fácil ver como os materiais de Marcos foram editados por Mateus, Lucas e João para fazer de Jesus uma figura mais sobrenatural. Em relação aos momentos da morte de Jesus, observe como as palavras a partir da cruz foram desenvolvidas.

5) A Bíblia contém passagens moralmente indignas. Em 1784 Wesley omitiu alguns dos Salmos do seu livro de oração Metodista porque, como ele colocou, eles eram "altamente impróprios para as bocas de uma congregação cristã." Além disso, hoje ninguém defenderia imitar alguns dos atos registrados de Abraão, Jacó, Sansão, Saul ou Davi. As Escrituras registram uma gradual evolução da ética, e os padrões morais de uma parte das Escrituras são muito inferiores da outra parte.

6) Jesus não aceitou a autoridade infalível do Velho Testamento. Como indica o Sermão da Montanha, ele "sem hesitação e repetidamente" rejeita alguns dos ensinamentos do Velho Testamento.

De acordo com DeWolf, esta evidência prova que não podemos acreditar na inspiração verbal ou autoridade infalível da Bíblia como um guia para a fé ou moral. Tudo o que se pode dizer realmente é que as Escrituras como um todo são inspiradas porque algumas passagens são obras-primas literárias, algumas partes são religiosamente elevadas, algumas de suas ideias são magnificamente verdadeiras; portanto, o livro teve uma influência inigualável sobre a humanidade. A evidência suprema das Escrituras que eu enfatizo é que elas fizeram os homens buscarem e encontrarem Deus.

Aqueles que ainda afirmam a autoridade divina da Bíblia demonstram que realmente nunca a estudaram cuidadosamente ou buscaram "melhorá-la" por racionalizações engenhosas. Em qualquer caso, o estudo bíblico detalhado por mais de um século tendeu a minar sua autoridade como revelação literal. Então o que precisa ser feito?

De acordo com Rudolf Bultmann, toda a visão do mundo das Escrituras não é aceitável e somente fenômenos são compreensíveis dentro da estrutura de uma ordem racional do universo. A visão bíblica do mundo é mitológica, enquanto a visão moderna do mundo é científica. Portanto, é mera ilusão pensar que a antiga visão bíblica pode ser revivida. Devemos *desmistificar* a Bíblia. Caso contrário, seríamos forçados a sacrificar nossa inteligência a fim de permanecer cristãos.

Naturalmente, alguém poderia dizer que é útil estudar as Escrituras como documentos históricos. Mas esse é nosso verdadeiro e real interesse? Não. Queremos ouvir o que a Bíblia tem a dizer para nós, ouvir sua verdade sobre nossa vida e nossa alma. A revelação de Deus é compreendida somente nos eventos concretos da vida aqui e agora. Nossa vida temporal é a esfera da relação entre homem e Deus. Assim, a Bíblia deve ser desmistificada; ou como Tillich diz, "as doutrinas bíblicas devem ser desliteralizadas." Isto significa que as Escrituras têm que ser reinterpretadas ou atualizadas. Uma aceitação puramente literal da visão bíblica do mundo impede que uma pessoa veja como Deus fala para cada um de nós.

Bultmann reconhece claramente como a autoridade da Bíblia tem sido enfraquecida em nosso tempo. Ele compreende que a explicação tradicional não tem nenhum significado para o homem moderno. Nem podemos ficar satisfeitos com um tratamento meramente histórico da Bíblia. Nenhum cristão se contenta em ler as Escrituras simplesmente como "literatura viva." Consequentemente, Bultmann defende um Cristianismo radicalmente novo que preserva a mensagem revelada da tradição judaico-cristã, mas a expressa de uma forma que os homens contemporâneos possam entender. Entretanto, muitos sentem que a reinterpretação existencialista das Escrituras negligencia algumas dimensões essenciais. Em outras palavras, seu objetivo é certo, mas seu método de alcançá-lo parece inadequado. [11]

Muitos lamentam o fato que as Escrituras têm perdido cada vez mais seu apelo no mundo moderno. Ao menos uma grande parte da influência da teologia Barthiana entre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais foi devido aos seus esforços para atrair cristãos para "o novo mundo estranho" da Bíblia. [12] De forma semelhante, a popularidade das campanhas evangelísticas de Billy Graham pode ser rastreada até uma nostalgia da autoridade bíblica de um dia anterior. Mas a teologia Barthiana da Palavra foi eclipsada e as reuniões caras dos neo-Evangélicos não inverteram a tendência das denominações mais velhas. Por exemplo, no conselho de bispos em 1978 em Lambeth, foi relatado que as igrejas anglicanas perderam cerca de meio milhão de membros na década anterior. No mesmo período, a denominação Discípulos de Cristo relatou um declínio de 21% de seus membros. Cenários semelhantes foram dados por Metodistas, Presbiterianos, Católicos Romanos e a Igreja Unida de Cristo em anos recentes.

No entanto, pode haver um lado positivo para este rápido declínio na adesão à igreja e a erosão generalizada da fé na revelação bíblica. Como o Cristianismo convencional perdeu seu apelo, muitos clérigos se tornaram abertos para novas ideias e cientes dos novos desafios.

De forma semelhante, dezenas de milhares de jovens começaram uma busca emocionante por uma fé espiritual vital quando a religião de seus pais ficou pouco atraente. Ao mesmo tempo que a autoridade bíblica estava sendo enfraquecida, Deus estava abrindo novos caminhos para Sua presença? Se o mundo moderno tem mais eclesiásticos caducos, ele também tem uma multidão de pessoas buscando Deus. Então, possivelmente o colapso virtual do estabelecimento cristão é a forma de Deus para ampliar os horizontes do homem, aprofundar seus esclarecimentos e preparar as pessoas para uma nova revelação de Seus planos. Assim como a tragédia do cativeiro Babilônico estimulou a criação do judaísmo rabínico, e a ruptura com a cristandade medieval pavimentou o caminho para a vitalidade das reformas Protestante e Católica, assim também a inquietante situação religiosa de nosso tempo pode anunciar uma Nova Era na história de salvação.

---

1 Summa Theologica, la, 1:1.

2 E. Brunner, *The Theology of Crisis (1929) chap. 2.*

3 L. H. DeWolf, *Theology of the Living Church (1953), pp. 33-36.* Cf. também seu *Religious Revolt against Reason (1971).*

4 W. Pannenberg, "Dogmatic Theses on the Doctrine of Revelation:' pp. 125-158,

5 U. K. Barth, *Epistle to the Romans (1968* ed.).

6 K. Barth, *How I Changed My Mind (1966).*

7 L. H. DeWolf, A *Theology of the Living Church (1953), pp. 68-74.* Ele lecionou na Escola de Teologia da Universidade de Boston por muitos anos e mais tarde no Seminário Wesley, Washington, D.C.

8 Por exemplo, manuscritos Bíblicos têm duas terminações para o Evangelho de Marcos, como demonstra o RSV. Além disso o incidente da mulher em adultério é encontrado em diferentes lugares nos manuscritos.

9 Os tipos de evidências listados acima vem de DeWolf, *op. cit., pp. 68-79.* Ele dá ilustrações adicionais e em alguns casos exemplos diferentes foram adicionados ao seu argumento.

10 Cf. R. Bultmann, Jesus *Christ and Mythology (1958).*

11 O objetivo de Bultmann é tornar a Bíblia significativa atualmente; seu método é interpretar tudo na Bíblia em termos da filosofia existencialista de Heidegger. Muitos concordam com seu objetivo, mas eles não aceitam o existencialismo de Heidegger.

12 K. Barth, *The Word of God and the Word of Man (1957), pp. 28-50.*

O Caso para Nova Revelação

Os cristãos deveriam procurar uma nova revelação que vai além da Bíblia? Deus já falou Sua palavra final? Ou uma mensagem divina especial é necessária para nossa situação atual? Essas questões eram raramente feitas por cristãos mais antigos porque eles estavam satisfeitos com a antiga revelação bíblica. Se houvesse quaisquer novas experiências revelatórias da presença e propósito de Deus, elas eram interpretadas dentro do contexto da religião tradicional. Por exemplo, os encontros diretos com o sobrenatural experimentados por Francisco de Assis, Ignácio de Loyola, Blaise Pascal e Bernadette de Lourdes foram incorporados dentro da estrutura ideológica da comunidade cristã estabelecida. Entretanto, em alguns casos, as alegadas revelações foram rejeitadas pela igreja em geral, implicando na formação de novos grupos: isto é, com George Fox, Emanuel Swedenborg, Joseph Smith, Mary Baker Eddy, Helena Blavatsky. [13] Em anos recentes, muitos adquiriram maior entendimento dessas chamadas seitas cismáticas, e as encaram como uma reafirmação necessária dos aspectos negligenciados de nossa fé em Deus. Em geral, deve-se admitir que o Catolicismo se revelou mais aberto a novas revelações do que as igrejas Protestantes, possivelmente por causa da insistência da reforma sobre a autossuficiência da revelação bíblica.

A situação atual é radicalmente diferente. O Cristianismo organizado está estruturado de forma menos rígida, assim, seria difícil suprimir aqueles que reivindicam ter recebido uma nova mensagem de Deus. Por outro lado, um grande número de clérigos e leigos estão buscando evidências persuasivas contemporâneas da presença e poder de Deus. Almas sinceras estão orando por uma mensagem do além, adequada à atual condição humana.

A Bíblia não sustenta que ela seja a revelação final, embora muitos teólogos tenham pensado que ela era. Para entender o que as Escrituras realmente ensinam, os cristãos deveriam primeiramente olhar para o Velho Testamento. Tradicionalmente muitos rabinos judeus consideravam o Torá Mosaico como sendo a revelação completa e duradoura de Deus para o homem. Assim, Jesus despertou a hostilidade de rabinos conservadores e judeus apegados ao Torá por se recusar obedecer os mandamentos Mosaicos e insistir em mudar outros. A comunidade cristã posterior foi ainda mais longe ao suprimir partes maiores da Lei revelada: aquelas relacionadas com os dias sagrados judeus e os regulamentos especiais dietéticos, por exemplo.

Mesmo dentro da tradição judaica não havia um acordo amplo sobre o caráter “de uma vez por todas” do Torá. Primeiro de tudo, os livros dos profetas eram aceitos como parte do cânon hebraico. Cada um dos profetas baseou seu trabalho em um encontro direto com Deus. Geralmente estes profetas proclamavam, “Assim diz o Senhor” como se Deus falasse pessoalmente para e através deles. O que devemos lembrar é que todas estas experiências revelatórias do Velho Testamento ocorreram após a promulgação da Lei Mosaica.

Além disso, se o estudo moderno do Velho Testamento está correto, o Torá não era simplesmente o que Moisés aprendeu de Deus no Monte Sinai. Para esse conteúdo revelatório de mandamentos divinos, muitas adições foram feitas por vários séculos.

O livro de Deuteronômio foi anexado muito mais tarde e atribuído a Moisés, mas provavelmente não foi escrito até o tempo da reforma do Rei Josias. Quanto ao Torá em sua forma atual, provavelmente ele foi compilado durante o exílio Babilônico e feito Judaísmo normativo por Esdras. [14]

Há também uma passagem importante no Torá que se relaciona com a crença judaica de continuidade ao invés da revelação concluída. Em Deuteronômio 18:15, Moisés diz: "O Senhor teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis." Para os judeus ortodoxos, é importante que o Torá preveja a vinda de um profeta igual a Moisés. Ou se aceitamos a visão acadêmica que o Deuteronômio foi escrito muito tempo depois da morte de Moisés, deveríamos perceber que o Judaísmo normativo reconhecia que mais tarde profetas receberiam revelações.

A seguir, devemos olhar para o Novo testamento. Até o século IV, o Novo Testamento não tinha recebido sua forma final. O próprio Jesus não deu para seus discípulos uma Nova Aliança escrita para complementar a Velha Aliança. De acordo com estudiosos, nenhum dos nossos livros do Novo Testamento foi escrito por um discípulo original de Jesus. Isto significa que por um período considerável de tempo os cristãos primitivos não tinham nenhuma literatura sagrada apartada das Escrituras hebraicas. [15] Eles pareciam ter utilizado a revelação escrita principalmente para provar que Jesus era o Messias. Quanto à orientação direta de Deus, eles confiavam na oração comunitária e declarações inspiradas de "profetas" cristãos. Sobre o último temos pouca informação.

No primeiro século D.C., alguns rabinos ensinavam que a Torá Mosaica seria substituída no alvorecer da era messiânica. Portanto, o Evangelho de Mateus demonstra que Jesus Cristo veio com uma nova Torá suplantando a antiga. Os ensinamentos de Jesus estão organizados em cinco grandes seções comparáveis aos cinco livros de Moisés. A chave para a interpretação de Mateus sobre Jesus é, "Ouviste o que foi dito aos antigos... mas eu digo..." (5:27). Para esse autor, Jesus era o segundo Moisés. O Sermão da Montanha de Jesus, portanto, foi desenhado para contrastar com a revelação de Moisés no Monte Sinai.

Entretanto, dentro do cânon do Novo Testamento, é claramente ensinado que Jesus não veio com a revelação completa e final. No Quarto Evangelho, Cristo é relatado dizendo: "Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar." (16:12-15).

Estes versículos fornecem um fundamento para a crença na possibilidade da revelação contínua. O Quarto Evangelho afirma fortemente que mais verdades de Deus devem ser esperadas depois do ministério terreno de Jesus. Sendo que os discípulos originais estavam despreparados para receber a revelação total de Deus, os cristãos devem esperar a verdade total ser dada pelo Espírito Santo mais tarde. Além disso, o fato é enfatizado que revelação adicional não rebaixa a posição de Jesus. Ela se originará a partir da mesma fonte que a dele. Em adição, a nova revelação realmente aumentará a glória de Jesus porque ela virá com seu endosso.

Esses versículos Joaninos não significam que não haverá nenhuma diferença entre a mensagem original de Jesus e a nova revelação. O Quarto Evangelho em si mesmo é diferente dos Sinóticos. Seu autor omite ensinamentos importantes de Jesus (o Sermão da Montanha, a Oração do Senhor, ou qualquer coisa sobre o reino de Deus, por exemplo). Ele adiciona muitas novas falas e reformula radicalmente a mensagem de Jesus. O Quarto Evangelho também altera a sequência de eventos na vida de Jesus, omitindo a história da natividade, debates com os fariseus, a Última Ceia e a agonia no jardim do Getsêmane, como também colocando a entrada triunfal no início de seu ministério. Assim, a liberdade com a qual o autor reinterpreta os Evangelhos Sinóticos demonstra como ele entendia a futura obra de revelação do Espírito Santo.

Agora vamos examinar um texto que é frequentemente utilizado para provar que o Novo Testamento representa a revelação final de Deus. O último capítulo em nossa Bíblia contém esta advertência: “"Eu aconselho a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro: se alguém lhes acrescenta, Deus acrescentará a ele as pragas descritas neste livro” (Apocalipse 22:18). Isto implica que a revelação está concluída e que Deus amaldiçoará quem buscar revelação adicional.

Para entendermos corretamente este versículo, devemos reconhecer que nosso Novo Testamento é uma compilação de vinte e sete livros separados, escritos em momentos diferentes e que circularam como rolos ou folhetos individuais. O Apocalipse é um desses livros separados. De acordo com a maioria dos estudiosos, ele foi escrito por volta de 95 D.C. por um “profeta” cristão desconhecido chamado João. [16] O autor não era o apóstolo João nem o escritor do Quarto Evangelho. Como um visionário, este cristão primitivo não queria que ninguém manipulasse suas profecias sobre o Fim dos tempos. Revisar e atualizar a literatura apocalíptica eram uma prática comum para ambos judeus e cristãos. O livro do Apocalipse passou por dificuldades para ser aceito como escritura, antes do fechamento do cânon no século IV. Entretanto, quando ele foi finalmente aprovado, ele foi colocado como último livro, para que a Escritura cristã começasse com a história da criação e concluísse com a promessa da consumação da história. Vários outros livros do Novo Testamento foram escritos depois do Apocalipse. [17] Assim, os primeiros cristãos não sentiam que o Apocalipse 22:18-19 se referia a qualquer outro, mas a esse livro. Não havia razão para pensar o contrário.

A despeito dos Católicos Romanos que declaravam que “fora da igreja não há salvação” e os Protestantes que reivindicavam que a Bíblia contém a revelação final de Deus, sempre houve cristãos que mantinham a promessa da nova verdade de Deus, como ensinava o Evangelho de João. Deixe-me mencionar três exemplos.

Joaquim de Fiore, o abade de um monastério no sul da Itália durante meados do século XII, acreditava que ele tinha recebido a revelação de Deus para restaurar a humanidade. [18] A história pode ser dividida em três partes. A primeira era sobre a história de Adão até João Batista. Durante esse tempo os homens eram governados por Deus, o Pai em quem eles deviam ter fé inquestionável. O segundo período na história foi guiado pelo Filho de Deus. Este foi um tempo para o Cristianismo ser plantado e florescer. Os homens seriam inspirados pela esperança do reino vindouro de justiça, paz e bem-aventurança celestial. Mas há uma terceira era ainda para chegar. Esta nova era será abençoada pelo Espírito Santo e toda a humanidade será preenchida com amor.

O abade Joaquim acrescentou que o relacionamento do homem com Deus naturalmente varia de acordo com o período no qual ele vive. Durante a era do Pai, os homens se esforçavam para serem servos leais para Deus. Durante a era do Filho, a era Cristã, eles serão capazes de alcançar um nível mais elevado, se tornando filhos de Deus, como Jesus ensinou. Então na consumação da história, os homens serão elevados para a posição mais nobre de todas. Porque suas vidas serão infundidas com o Espírito Santo, os homens se tornarão "amigos de Deus." Joaquim acreditava em uma revelação progressivamente inspirada que capacitaria os homens a criarem sociedades humanas sucessivamente melhoradas.

Cerca de quinhentos anos depois de Joaquim, um grupo de Congregacionalistas vieram para a América no "Mayflower." Seu ministro John Robinson, que ficou na Holanda, pregou um sermão de despedida aos Peregrinos. Como um conselho final, o Pastor Robinson disse, "Lembrem-se, não tenham medo de ir além de Lutero ou Calvino, porque Deus sempre tem mais luz para derramar a partir de Sua palavra." Quando os Peregrinos estabeleceram igrejas na Nova Inglaterra, eles lembraram das palavras de seu ministro. Assim, em seus compromissos com os membros da igreja, os Congregacionalistas juraram obedecer à vontade de Deus, "conhecida ou a ser conhecida." Por mais de trezentos e cinquenta anos, essa fé em mais Luz tem sido uma parte segura da herança Cristã-Congregacional. [19]

Finalmente, a Ortodoxia Oriental também não ignorou completamente a crença Joanina na nova revelação. Na última metade do século XIX, os filósofos religiosos russos do movimento Eslavófilos ensinavam que o Cristianismo passaria através de estágios de desenvolvimento. O Catolicismo Romano representa o Cristianismo de São Pedro, enfatizando a obediência. Mais tarde, o Protestantismo apareceu – o Cristianismo de São Paulo – enfatizando a fé. Com o tempo, uma nova e maior forma de Cristianismo se desenvolverá. Ele virá das igrejas do oriente. São João, "o discípulo amado," será sua inspiração orientadora. Sua característica distinta será a unidade de Deus e o homem na [20] experiência de amor.

Na opinião dos Eslavófilos, o Catolicismo enfatizava demasiadamente a obediência, fazendo a igreja se tornar opressiva e ditatorial. O Protestantismo reagiu corretamente contra isto, mas foi na direção extremamente oposta. Os Protestantes se tornaram tão individualistas, tão divisionistas. Assim, o novo Cristianismo deve vir do Oriente onde teólogos místicos podem apontar o caminho para uma síntese de ordem e liberdade, lealdade e fé pessoal em comunhão unificada baseada no amor.

Os seguidores de Joaquim, os Peregrinos da Nova Inglaterra e os filósofos ortodoxos russos demonstram que ao menos uma minoria de cristãos sempre estiveram buscando por uma fé da Nova Era superior a qualquer coisa já experimentada. E atualmente ninguém sabe quantos indivíduos e grupos estão esperando por uma nova luz de Deus.

---

13 Cf. C. S. Braden, *These Also Believe (1970); 1* Roszak. *Unfinished Animal (1975),*

14 G. Fohrer, *Introduction to the Old Testament (1968), pp. 190-192.*

15 W. G. Kummel, *Introduction to the New Testament (1975), pp. 475-503; W.* Marxsen, *The New Testament as the Church's Book (1972).*

16 Cf. N. Perrin, *The New Testament, An Introduction* (1974), pp. 80-82; R. M. Grant, *A Historical Introduction to the New Testament* (1972), pp. 235-240.

17 I e II Pedro, Hebreus, I e II Timóteo, Tito, possivelmente II Tessalonicenses, Efésios, o Evangelho e Epístolas de João. A Igreja Copta da Etiópia parece ter aceitado em seu cânon tudo que qualquer cristão,

em qualquer momento, considerava como parte da Escritura. Assim, o Novo Testamento Copta tem trinta e cinco livros, muitos colocados depois do Apocalipse.

18 M. Reeves, *Joachim of Fiore and the Prophetic Future (1976).*

19 Cf. W. S. Hudson, *Religion in America (1973), pp. 28-29.*

20 Os Eslavófilos incluíam os filósofos Soloviev e Khomiakov e o romancista Dostoievski. Suas ideias foram importantes nos escritos do pensador do século XX, Nicolai Berdyaev (d. 1948).

Sun Myung Moon e Revelação

A reivindicação do Reverendo Sun Myung Moon de ter recebido nova revelação despertou uma considerável controvérsia. O que queremos dizer com nova revelação? Como ela está relacionada com a revelação recebida da tradição judaico-cristã? O *Princípio Divino* do Reverendo Moon representa uma intepretação da Bíblia, um acréscimo a ela, ou uma ruptura radical da Escritura cristã?

Para responder estas questões, devemos reexaminar exemplos específicos do Velho Testamento e Novo Testamento de experiências revelatórias. A partir de um estudo da Bíblia, aprendemos que encontros com o sobrenatural assumem várias formas: visões, sonhos proféticos, falar em línguas, curas pela fé, eventos milagrosos. Em seguida descobrimos que estes eventos parapsicológicos servem a mais de um propósito. Alguns – como o chamado de Abraão para deixar sua casa, a visão de Moisés da sarça ardente e a experiência batismal de Jesus – são eventos cruciais no plano central de Deus de redenção. Outros são menos importantes em comparação, tendo simplesmente significado individual ao invés de ser indispensável para a restauração da humanidade. Assim, os cristãos não colocariam no mesmo nível a experiência do Pentecostes da igreja apostólica e uma aparição da Virgem Maria em Fátima ou a visão de São Francisco que o transformou de uma vida de soldado para a vida de um frade mendicante.

Especialmente importante, de acordo com a Bíblia, foram as ocasiões quando Deus falou com Abraão, Moisés, Samuel, Jesus e Paulo. Para utilizar a classificação de um teólogo contemporâneo, estas poderiam ser chamadas "revelações primordiais." [21] Cada um destes casos de encontro divino-humano tem características distintas, mas o que eles têm em comum deve ser observado. Para cada um destes personagens bíblicos, o mundo do Senhor envolvia uma missão específica. Cada um era chamado pessoalmente para cumprir uma parte essencial do plano geral de Deus. Em cada caso, a vocação especial estava relacionada com o propósito de Deus.

Além disso, a experiência revelatória exigia uma resposta humana. Na tradição bíblica, os tipos mais importantes de revelação estão sempre relacionados com um momento de decisão. Revelação e resposta estão inextricavelmente conectadas. No caso de Moisés, ele falou com Deus no Monte Sinai, recebeu a Torá, e foi encarregado de unificar seu povo para a ocupação da Terra prometida. No caso de Jesus, uma vez que ele ouviu as palavras de Deus, "Tu és meu filho amado," ele foi desafiado a proclamar a vinda do reino.

A revelação do Reverendo Moon deveria ser interpretada à essa luz. Como ele explica, enquanto era ainda um adolescente, ele recebeu uma visão de Jesus que lhe pediu para completar a tarefa de estabelecer o reino de Deus na terra. Assim, sua experiência de revelação envolveu uma missão de extrema importância. Sua resposta pode ser comparada com a de Isaías: "Eis-me aqui, envia-me."

Os vários anos seguintes foram utilizados ponderando todas as implicações de sua resposta. Como Jesus cresceu em uma terra permeada com expectativa escatológica, assim também foi com o Reverendo Moon. O cenário norte-coreano naquela época se assemelhava muito com o ambiente da Palestina no primeiro século.

Tal como soldados romanos ocupavam a Palestina, soldados japoneses ocupavam a Coreia. Na mesma medida que judeus piedosos meditavam sobre as profecias apocalípticas do Velho Testamento, os cristãos coreanos oprimidos esperavam pelo alvorecer da era messiânica. Durante a infância e juventude do Reverendo Moon, pequenos grupos de cristãos estudavam o livro do Apocalipse e oravam em lágrimas pelo advento tão esperado do Messias. Várias pessoas que possuíam dons psíquicos incomuns predisseram que estes eram os Últimos Dias e que a Coreia teria um papel especial a desempenhar na vida da Nova Era de Deus. Mais de um destes videntes cristãos anunciaram que Cristo apareceria em sua própria terra. Não devemos negligenciar a atmosfera carismática que estimulou, apoiou e encorajou o crescimento do Reverendo Moon em sua maturidade espiritual. Tal como a mensagem e missão de Jesus não pode ser plenamente entendida apartada do tempo no qual ele viveu, tampouco pode-se entender o Reverendo Moon apartado de seu ambiente coreano.

Entretanto, muitos cristãos acham difícil aceitar a possibilidade que uma nova revelação de Deus poderia se originar na Coreia. Alguns podem estar cegos pelo preconceito racista contra os asiáticos. Muitos outros estão tão acostumados a pensar sobre o Cristianismo como uma crença ocidental que permanecem completamente inconscientes da vitalidade dessa religião em outras partes do mundo. Então, entre Protestantes Fundamentalistas, eventos em Israel são entendidos como sendo de importância primária como sinais da era messiânica vindoura.

De acordo com precedentes bíblicos, não podemos limitar o lugar ou a pessoa para quem Deus pode revelar Sua mensagem. Como Barth salientou, Deus é sempre soberano, o que implica liberdade por Sua parte. Portanto, Ele escolhe quem Ele quer. “Que estranho Deus escolher os judeus!” diz um poeta. Em uma época quando o mundo tinha grandes impérios como o egípcio e o babilônico, Deus escolheu os judeus para serem instrumentos para cumprir Seu propósito. Então, em um período posterior Ele comprometeu um príncipe no palácio do Faraó para levar os hebreus da escravidão. Em outra época, Deus escolheu um jovem pastor para se tornar o novo rei de Israel. Ainda mais tarde, não um sumo sacerdote ou rabino notável, mas um filho de carpinteiro da pequena Nazaré foi ungido para assumir o papel messiânico. A partir do registro bíblico, aprendemos que Deus se revela de formas inesperadas. Com essa base em mente, uma pessoa não deveria ficar surpresa se um coreano se sente chamado por Deus para anunciar a vinda do reino de Deus na terra.

Outra pista pertinente para a revelação contemporânea pode ser descoberta na tradição bíblica. Quando alguém é escolhido para realizar a vontade especial de Deus e falha, seu papel é dado para outra pessoa. Deixe-me citar três exemplos. Moisés foi incapaz de entrar na Terra Prometida e sua missão é transferida para Josué. Quando Saul falha, seu trono é dado para Davi. Nos tempos do Novo Testamento, Jesus é rejeitado pelas autoridades religiosas de sua terra, assim, o apóstolo Paulo é encarregado de procurar no mundo Gentil o lugar certo para plantar a fé cristã. Como explica um estudioso judeu moderno (Franz Rosenzweig), a função do Cristianismo é permitir que a Estrela de Davi brilhe ainda mais no ambiente Gentil mais amplo. [22] Por várias razões, o que o Judaísmo não pôde fazer se tornou uma missão solene transferida para a igreja cristã.

Esta prática por parte de Deus no passado, teve implicações significativas para nossa doutrina da revelação.

Tendo considerado a história passada, podemos chegar à seguinte conclusão: ao conduzir Seu propósito central para a criação, Deus aparecerá em um novo lugar e ungirá um indivíduo diferente para o ofício messiânico uma vez ocupado por Jesus. Entretanto, dois possíveis mal-entendidos desta ideia devem ser evitados. Primeiro, isto não significa que Deus nunca aparecerá para confortar, aconselhar ou inspirar outros fiéis além do novo lugar escolhido para Seu propósito central. Ao contrário, pode-se esperar inúmeros fenômenos sobrenaturais em muitas partes do mundo para abrir nossos olhos para o advento da era messiânica. Segundo, isto não diminui de modo nenhum a missão histórica de Jesus. Um novo messias é chamado para continuar a obra de Jesus que ele tanto deseja ver realizada. Deus não mudou de ideia porque o Cristianismo convencional tem declinado. Ele não decidiu abandonar os atuais seguidores de Jesus e seguir em uma direção totalmente nova. De modo nenhum. O atual plano de Deus realmente reforça, revitaliza e estende o propósito para o qual cada denominação cristã está profundamente comprometida. A Nova Era de Deus e a nova revelação representam Sua resposta para os milhões de cristãos que oram diariamente, "Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu."

Deus pode fornecer nova revelação somente em um lugar que tenha sido preparado. No caso de Israel, Deus levou séculos para cultivar os corações do povo. Nenhuma terra foi espiritualmente nutrida como Israel por sucessivos ministérios dos grandes profetas canônicos. A partir de Abraão, os israelitas foram constantemente lembrados dos princípios de justiça, misericórdia e paz sobre os quais Deus poderia inspirar a edificação de uma ordem social benéfica. Especialmente na legislação Deuteronômica, os princípios proféticos exaltados eram aplicados nos problemas concretos da sociedade. Muito importante também foram os inúmeros problemas aos quais os hebreus foram submetidos a fim de ajudá-los a experimentarem o coração de Deus.

Um pouco do mesmo tipo de preparação ocorreu no mundo Greco-romano antes do apostolado de São Paulo para os Gentios. Por causa das conquistas e atividades culturais de Alexandre, o Grande, criou-se uma civilização mais ou menos unificada desde as fronteiras da Índia até a Espanha. Soldados romanos forneceram sucessiva proteção dos agressores estrangeiros e mantiveram a segurança interna. O império dos Césares governou comumente com muito mais justiça e com grande respeito pelas tradições locais do que qualquer coisa que os homens tinham conhecido anteriormente, ao menos nessa escala tão imensa. Filósofos gregos e romanos prepararam um fundamento moral e intelectual para o Cristianismo. Uma vez que todas as classes educadas e comerciais podiam falar algum grego, os Evangelhos e Epístolas escritos nesse idioma podiam ser entendidos por um número considerável de pessoas no Egito, Iraque, Irã, Turquia, nos Balcãs e Europa Ocidental. Além disso, os romanos tinham construído uma rede de boas estradas que os missionários puderam utilizar enquanto eles espalhavam a mensagem cristã. Religiosamente, o mundo Mediterrâneo estava pronto para o Evangelho. A atmosfera estava permeada com desejos místicos, e muitos buscavam ativamente a luz divina a partir de lugares estranhos.

Como estes eram fatores determinantes permitindo que Deus se revelasse nos períodos do Velho Testamento e do Novo Testamento, pode-se assumir que condições semelhantes em nossos dias poderiam produzir o mesmo tipo de atividade divina. A história nunca se repete exatamente. Não obstante, como Toynbee e outros haviam indicado, existem épocas que são praticamente paralelas e exibem características semelhantes.

Como Deus já utilizou Israel, o mundo Greco-romano e a Europa Ocidental para realizar atividades especiais referentes ao curso providencial da história, pode-se esperar racionalmente que Ele procure algum outro lugar para proclamar a nova revelação para nossa época. Ao menos subconscientemente, muitas pessoas reconhecem este fato. Assim, atualmente parece haver notável interesse nas crenças de outras terras.

Nossa era testemunhou o crescente relacionamento de todas as nações e culturas ao redor do mundo. Os homens modernos vivem pela primeira vez em uma única aldeia global. Se Deus tem alguma palavra especial para o nosso tempo, ela não pode estar restrita nacionalmente, racialmente, culturalmente, ou mesmo religiosamente. Politicamente somos todos internacionalistas. Racialmente temos aceitado os valores distintos de cada grupo étnico. O que se foi para sempre é a cultura orientada para o ocidente e dominada pelos brancos dos últimos três séculos, como os teólogos do Terceiro Mundo insistem. E em matéria de fé também, as falsas barreiras entre cristãos e os chamados pagãos estão sendo derrubadas.

Muitos cientistas sociais relatam que o futuro pertence às vastas massas da Ásia. A Europa tem declinado dramaticamente em influência desde 1945. Se os Estados Unidos ainda representam o dominante poder militar, econômico e político atualmente, a política externa americana tem se afastado cada vez mais da Europa e seguido na direção do Extremo Oriente. Há sempre uma conexão íntima entre preocupações terrenas do homem e os planos futuros de Deus, pois Ele é o Senhor soberano da história.

Religiosamente também o homem moderno se voltou para o Oriente para orientação e iluminação. Em um período quando as igrejas estabelecidas têm sofrido desastrosas invertidas, centenas de milhares de pessoas cujos pais eram cristãos, têm sido atraídos para crenças da Ásia. Muitos dos jovens mais sensitivos e espirituais em nossos campus universitários estão agora sendo inspirados pelo Vedanta Indiano ou bhakti yoga, Taoísmo Chinês e Budismo Japonês, especialmente o Zen.

Em tal situação, a Coreia tem uma herança religiosa única. Por 1500 anos ela foi devotadamente Budista. Por 500 anos ela foi moldada pela ética Confucionista. Então, no século XX, a Coreia produziu um Cristianismo forte, crescente e notavelmente dinâmico. Se Deus busca uma terra preparada para o tipo de nova revelação que nosso mundo precisa, a Coreia possui vantagens óbvias.

A antiga Palestina fornecia um lugar especial para Deus lançar Seu plano para a restauração mundial, em parte por causa de sua localização geopolítica estratégica. Israel era uma nação situada no ponto de encontro de três continentes. De uma forma bastante semelhante, a Coreia está estrategicamente localizada. Historicamente, ela serviu como uma ponte entre o continente chinês e o Japão. Em nossos dias, a Coreia tem estado na fronteira separando o mundo comunista de seus oponentes. Como Tillich frequentemente dizia, as possibilidades mais criativas e desafiadoras ocorrem em uma situação de fronteira. [23] Por que então deveríamos ficar surpresos se esse lugar se tornasse o local adequado para Deus anunciar uma nova revelação?

A seguir, devemos olhar brevemente para o relacionamento entre os ensinamentos do Reverendo Moon e a tradição bíblica. Este tema fundamental tem sido amplamente mal interpretado.

Qual é exatamente a conexão entre a revelação bíblica e o *Princípio Divino* do Reverendo Moon? Seus ensinamentos estão dentro da ampla corrente da tradição judaico-cristã ou eles representam uma ruptura radical com ela?

Leitores cristãos do *Princípio Divino* reconhecerão imediatamente a linguagem bíblica e os conceitos bíblicos básicos no livro. O *Princípio Divino* fala dessas doutrinas cristãs tradicionais como a criação, a queda, o pecado original, a história de salvação do Velho Testamento e do Novo Testamento, a Messianidade de Jesus e a consumação escatológica da história. O Reverendo Moon trata a obra de Deus de redenção primariamente em termos da história de Israel e da igreja cristã.

Em todos os pontos básicos que são geralmente empregados para distinguir a revelação judaico-cristã das outras, o *Princípio Divino* aceita a ideologia bíblica: Deus é o criador, assim o mundo material é bom, ao invés de mal. Não há nenhum dualismo radical entre a carne e o espírito do homem. Deus é pessoal ao invés de impessoal, um Pai amoroso, e não somente o metafísico Absoluto. O tempo é real e significativo, ao invés de ilusório. Relacionamentos terrenos valem a pena; a vida familiar e as responsabilidades sociais do homem são de interesse intrínseco para Deus como também para nós mesmos. Finalmente, a história é interpretada como linear ao invés de cíclica, sendo que Deus age na história para cumprir Seu objetivo para a criação. Em todas estas afirmações, o *Princípio Divino* expõe o ponto de vista básico da Bíblia.

Então, qual é a relação entre a nova revelação e a velha? Primeiro, vamos olhar para o *Princípio Divino* como uma reafirmação e esclarecimento da revelação bíblica. A este respeito, ele pode ser útil para modernizar a revelação bíblica com um tratado padrão em teologia sistemática. Por exemplo, como o *Princípio Divino* se compara com os *Institutes of the Christian Religion* de Calvino? Como os *Institutes,* o *Princípio Divino* trata as maiores doutrinas da fé cristã moderna. Quando lemos os *Institutes,* observamos que Calvino discorda dos antigos cristãos sobre a interpretação de determinadas doutrinas bíblicas fundamentais. Uma observação semelhante pode ser feita sobre o *Princípio Divino.* Como Calvino e ao contrário de alguns teólogos modernos, o *Princípio Divino* aceita o relato de Adão e Eva, como também a esperança escatológica de um reino de Deus na terra. Ao contrário de Calvino, mas como alguns teólogos, o *Princípio Divino* nega a doutrina agostiniana da predestinação e interpreta a ressurreição de Jesus espiritualmente, ao invés de fisicamente. Como estudiosos da história do dogma sabem, os cristãos têm dado interpretações variadas de cada grande doutrina da crença cristã. A partir desse ponto de vista, não há diferença fundamental entre o *Princípio Divino* e qualquer outra explicação sistemática da doutrina cristã.

Esta comparação do *Princípio Divino* e os *Institutes* de Calvino é importante por duas razões. Os buscadores religiosos ficam positivamente impressionados quando o *Princípio Divino* é descrito como uma nova revelação. Entretanto, muitos outros reagem negativamente a essa reivindicação. Para alguns, uma alegada nova revelação é imediatamente considerada como algo "oculto," isto é, fantástico e completamente irracional. Para outros, particularmente aqueles que já são ativos na igreja ou sinagoga, a frase "nova revelação" sugere uma substituição das crenças que eles estimam. Em ambos os casos, as conotações negativas da alegação de revelação impedem as pessoas de considerações sérias dos conteúdos do *Princípio Divino.*

Naturalmente, há uma diferença básica entre o *Princípio Divino* e os *Institutes.* Como explicarei neste livro, os pontos fundamentais da doutrina Unificacionista representam grandes inovações a partir do ponto de vista do Cristianismo fundamentalista que era dominante quando o Reverendo Moon crescia. À luz do fato que ele não é um teólogo no sentido técnico, sua proclamação dessas profundas verdades tem tido um efeito revolucionário e sensacional, porque elas são tão radicalmente diferentes dos princípios convencionais Protestantes e Católicos.

Isto também é verdadeiro entre os cristãos liberais porque a mensagem do Reverendo Moon é para eles igualmente controversa.

O que queremos dizer quando dizemos que o *Princípio Divino* é inspirado? Acreditamos que Deus revelou para o Reverendo Moon o núcleo fundamental de seu ensinamento. Isto tem sido ilustrado e elaborado como resultado de conversas com seus primeiros discípulos. Portanto, o livro contém tanto o coração do *Princípio Divino* que é revelado e os materiais que o ilustram.

Em conclusão, deixe-me perguntar, O que faz com que o Novo Testamento seja chamado de revelação? A resposta, me parece, pode ser encontrada na primeira Epístola de João:

"O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos... O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos..." (I João 1:1-3).

Se os ensinamentos do Reverendo Moon contêm uma mensagem de Deus para estes tempos, isto é porque eles estão baseados em uma experiência religiosa pessoal que permite que os outros recebam a Palavra de vida.

---

21 Macquarrie, *Principles of Christian Theology (1977), p.8.*
22 E Rosenzweig, *The Star of Redemption (1971).*
23 Esta ideia era tão importante no pensamento de Tillich que ela intitulou sua autobiografia de On *the Boundary.*

III. PRINCÍPIO DE CRIAÇÃO

A Realidade e Natureza de Deus

A teologia da Unificação afirma que Deus tem ambas as qualidades masculina e feminina baseado no fato universal da polaridade e no registro bíblico (Gen. 1:27). Esta crença faz o *Princípio Divino* muito diferente da maioria das interpretações convencionais da fé cristã. A teologia da Unificação começa com o fato da polaridade como a principal pista para o entendimento da natureza essencial de Deus. Por isso, ela não está primariamente interessada em defender a doutrina trinitária das crenças do século IV. Nem se assemelha ao Protestantismo liberal comum que simplesmente afirma a Paternidade de Deus, a irmandade do homem e a liderança de Jesus.

No século XIX, a crença no Deus Pai-Mãe suscitou uma grande quantia de críticas. Quando Ann Lee, a fundadora dos Shakers, e Mary Baker Eddy, a descobridora da Ciência Cristã, ensinavam que Deus tinha ambas as qualidades masculina e feminina, elas eram frequentemente denunciadas como hereges. Entretanto, desde o nascimento do movimento de liberação das mulheres, o clima intelectual mudou bastante. Muitas pessoas agora reconhecem a natureza restritiva de um conceito exclusivamente masculino da deidade. Como insiste a teóloga Mary Daly, o teísmo moderno deve ir *Além do Deus Pai.* Possivelmente a ênfase contemporânea sobre os valores únicos da "mística feminina" nos ajudará a apreciarmos a polaridade na Divindade.

Mas que evidência há para esta ideia? Que motivos existem para abandonar a visão Cristã Tradicional que Deus é masculino ou a noção muito comum que Deus transcende masculinidade e feminilidade. [2]

Como uma pessoa pode conhecer Deus? Ele se revela de duas formas: através da natureza como um todo e através do homem. Algumas das grandes religiões do mundo são crenças baseadas em uma consciência e apreciação da natureza. O Hinduísmo, por exemplo, é construído sobre a reverência por toda vida derivada a partir da beleza, ordem e majestade do mundo. Outras crenças, como Judaísmo e Cristianismo, podem ser chamadas de centradas no homem, ao invés de religiões centradas no mundo. Para cristãos e judeus, Deus se revela quando estudamos a nós mesmos. Conheça a si mesmo e conhecerá Deus. O homem é feito à imagem de Deus, assim, se contemplamos a maravilha da existência humana, podemos reconhecer a realidade e natureza de Deus.

A humanidade exibe uma lei fundamental de polaridade. Deixe-me dar vários exemplos:

1) Um ser humano é um produto de sua hereditariedade e ambiente.

2) Logo que nos tornamos cientes de nós mesmos, também nos tornamos cientes do universo exterior.

3) Cada indivíduo reconhece que ele consiste de uma forma física exterior como também uma personalidade interior. Como o *Princípio Divino* coloca, temos uma forma externa e um caráter interno. [3]

4) Então quando uma pessoa examina seu verdadeiro ser, ela vê que possui uma mente e emoções poderosas.

5) Finalmente há uma diferença óbvia entre ser um homem ou uma mulher.
O que estas dualidades básicas têm em comum? Elas ilustram a lei fundamental de polaridade. O homem deve ser definido em termos de seus relacionamentos. Existimos em relações. A natureza humana consiste de relacionamentos combinados. Existimos e agimos por causa de um processo de reciprocidade que ocorre entre nossa forma exterior e nosso caráter interior, nosso corpo e personalidade, nossas faculdades racional e afetiva. Estas características duais da natureza do homem devem, portanto, revelar algo sobre a realidade e caráter de Deus.

O Protestantismo moderno tem gradualmente reconhecido que uma visão dinâmica do homem produzirá uma visão dinâmica sobre Deus. Durante a última parte do século XIX, Albrecht Ritschl insistia que teologia deveria concentrar sua atenção no relacionamento de Deus com o homem. Ele ressaltou que as costumeiras definições metafísicas de Deus eram tão abstratas e sem vida. Em sua opinião, os atributos morais de Deus são mais importantes do que os ontológicos. [4] Seguindo a *Crítica da Razão Pura* de Kant, Ritschl afirmou que, por causa das limitações intrínsecas de nossa faculdade racional, a natureza essencial de Deus reside além da compreensão do homem. Podemos nunca conhecer o que é Deus em si mesmo. Tudo o que podemos entender é Seu relacionamento conosco. Mas para Ritschl estes são os mais importantes atributos divinos de qualquer maneira.

Por que isto é verdade? As definições modernas da Divindade tendem a separar Deus de nós, enquanto os atributos morais nos aproximam a Ele. Karl Barth em seu *Dogmatics* compreendeu isto quando tratou primeiro das "perfeições do amor divino," antes de considerar "as perfeições da liberdade divina." [5] De acordo com Barth, os seis atributos da natureza amorosa de Deus são Sua graça e santidade, misericórdia e justiça, paciência e sabedoria. Note que todas estas perfeições divinas estão diretamente relacionadas com o homem, seus problemas e suas aspirações. Agora observe os atributos da liberdade perfeita de Deus que também são seis em número: a unidade divina e onipresença, Sua constância e onipotência, Sua eternidade e glória. Todas estas qualidades enfatizam a singularidade metafísica de Deus. Ao enfatizar quão diferente Deus é do homem, eles o tornam mais distante, mais inacessível. Em nossa época quando a fé em Deus é tão difícil para um grande número de pessoas, não precisamos enfatizar quão distante e além Deus está de nós. O que os homens modernos anseiam são sinais de Sua proximidade. Isto também pode explicar porque o *Princípio Divino* ensina que o fato da polaridade aponta para a existência de polaridade em Deus. Ao demonstrar como a natureza humana revela o modo da existência de Deus, Ele se tornar mais próximo de nós.

Sendo que a natureza humana vem em duas formas complementares, pode-se perguntar se o relacionamento entre masculinidade e feminilidade pode ajudar a explicar a natureza de Deus. Barth pensava que sim. Ele insistiu que a doutrina tradicional da *imago dei* não se referia a algo que o homem tem que o torna como Deus. A imagem divina não se refere ao fato que nos assemelhamos a Deus porque possuímos razão ou livre arbítrio, como teólogos anteriores defendiam. Quando a Bíblia diz que Deus criou macho e fêmea à imagem de Deus, isto indica que nossa semelhança com Deus é vista em nossos relacionamentos amorosos uns com os outros.

Somos criados macho e fêmea como um sinal de nossa necessidade de nos realizarmos através do amor. Assim, ostentamos a imagem de Deus porque realizamos nossa natureza, como ele cumpre a Sua, na experiência de harmonia, unidade e amor. [6]

Como Barth, o pensamento de Unificação ensina que o texto da *imago dei* na Escritura tem a ver com o relacionamento fundamental entre homens e mulheres. Mas de acordo com o *Princípio Divino* a história de Adão e Eva demonstra que a criação deles como um par realmente representa a manifestação externa e objetiva da polaridade de Deus. Somente Adão não era e não poderia ser a completa imagem divina. Eva era necessária para refletir a plena semelhança de Deus. Assim, Deus deve existir em polaridade, isto é, Ele deve possuir dentro de Si mesmo as características duais de masculinidade e feminilidade que são perfeitamente expressas e completamente harmonizadas em Sua natureza.

A doutrina da polaridade divina ensinada pela teologia da Unificação deve ser vista não como uma novidade excêntrica, mas como uma reafirmação de uma visão teológica válida. Em tempos e culturas antigas, homens devotos reconheciam a existência de aspectos masculinos e femininos da Divindade. Isto era claramente verdadeiro nas tradições filosóficas e religiosas chinesas e indianas. Desde o período anterior, como visto no clássico confucionista *I Ching,* o mundo era interpretado como uma expressão do Grande Definitivo manifestado através das dualidades complementares do masculino (yang) e feminino (yin). A filosofia Yin-yang era o pressuposto de ambos Confucionismo e Taoísmo, apesar de seus desentendimentos sobre outros assuntos. De acordo com sábios chineses, yin se refere à terra, a mulher, receptividade e os aspectos belos da vida, enquanto yang simboliza céu, a masculinidade e as virtudes ativas como bravura e justiça.

Deve-se ter cuidado para não interpretar mal a doutrina yin-yang. Ela não é dualista em qualquer sentido rígido. O yang e o yin são diferentes, mas de nenhuma forma antitéticos. Se originando de uma fonte suprema comum, masculinidade e feminilidade são bipolares em natureza e são desenhadas para complementar uma a outra. Nem uma é necessariamente superior à outra em valor. Dureza e suavidade são igualmente desejáveis. Humidade e secura possuem mérito semelhante, dependendo das circunstâncias. Assim é com masculinidade e feminilidade, ou atividade e receptividade. O macho é diferente da fêmea, mas cada um tem sua função adequada que não deve ser confundida com o relacionamento entre primário e secundário ou superior e inferior. [7]

Os arqueólogos descobriram inúmeras estatuetas datando de 3.000 A.C. provando que antigos indianos adoravam a grande Deusa Mãe. Hindus expressam a polaridade divina de duas formas: o sagrado matrimônio de Siva e Sakti e a união romântica do Senhor Krishna e sua consorte Radha. Vamos concentrar na última, como visto na teologia moderna do Brahmavaivarta Purana, um texto sagrado do século XV D.C. A adorável Radha, consorte do Senhor Krishna, é louvada como a Mãe dos mundos, a Deusa Suprema, cheia de graça. Krishna e Radha se abraçam eternamente, tornando-se os progenitores de toda a humanidade. Como mãe divina, Radha protege seus filhos. Ela encarna amor e devoção total a seu companheiro, como também fornece um barco para atravessar o oceano desta vida por causa de sua incessante compaixão por toda a sua descendência terrena. [8] Em tempos modernos, esta Deusa Mãe (sob o nome de Kali) inspirou o exaltou o misticismo do bem conhecido Sri Ramakrishna. [9]

Em comparação com as fortes tradições chinesas e indianas referentes à polaridade divina, o conceito Judaico-Cristão-Islâmico sobre Deus tem sido na maioria dos casos exclusivamente masculino. Assim como teólogas feministas como Mary Daly têm reivindicado, a imagem bíblica é a de um patriarca celestial que rege Seu povo de acordo com Sua misteriosa e aparentemente arbitrária vontade. Essa noção apóia e legitima uma ordem social opressiva dominada pelo homem, tornando quase impossível para as mulheres exercerem seus direitos e perceberem seu valor único. Se Deus é masculino, então o masculino é Deus, ela conclui prontamente. [10]

Como resultado do movimento de liberação feminista, os teólogos começaram a reinterpretar as religiões semitas. O estudo de Raphael Patai sobre *The Hebrew Goddess* representa um marco na reavaliação da tradição judaica. [11] Os hebreus eram desconhecedores ou hostis a um conceito masculino-feminino de divindade? De forma nenhuma, diz Patai. Repetidamente os judeus reconheciam o aspecto feminino da Divindade. Durante a maior parte do período monárquico, os israelitas parecem ter adorado ambos Javé e Sua consorte que era chamada Asserá ou Astarte, a rainha do céu. Com igual fervor e devoção, eles invocavam as bênçãos da Mãe Terra e seu regente guerreiro o Senhor dos Exércitos. Em Filo de Alexandria a polaridade de Deus era interpretada em termos de atributos masculinos de Elohim e os atributos femininos de Javé. Então, no posterior Judaísmo místico, grande importância era dada ao amor de Javé por sua amada parceira, a Shekhinah. [12]

Quanto ao Cristianismo, no final da Idade Média, o cardeal Nicholas de Cusa (b. 1401) reafirmou um conceito bipolar da Divindade. Ele definiu Deus como a "coincidência de opostos." O muito grande e o muito pequeno, o muito distante e o muito próximo, o transcendente e imanente não são contrários, mas estão unificados na natureza de Deus. Essa noção foi adotada pelos Românticos Germânicos no final do século XVIII, e é particularmente importante na teologia de Schleiermacher. [13] Ele descreveu Deus em termos de um relacionamento polar entre Sua essência absoluta e Sua vitalidade absoluta. Quando os cristãos mencionam os atributos divinos de eternidade e onipresença, eles estão apontando para a essência irrestrita de Deus; e quando eles se referem à Sua onipotência e onisciência, eles estão falando sobre a vitalidade inesgotável de Deus. Na doutrina cristã do Criador, a vitalidade inesgotável de Deus é enfatizada. Na descrição de Deus como amor, enfatizamos Sua proximidade, Sua presença interior e manifestação em todas as coisas. [14] Isto se assemelha à interpretação da teologia da Unificação do relacionamento entre o coração de Deus (Sua essência absoluta) e Sua energia primária universal (a vitalidade absoluta de Deus).

Um contemporâneo mais velho de Schleiermacher, Emanuel Swedenborg (1688-1772) descreveu a polaridade divina ainda mais concretamente de três maneiras. Primeiro, ele ensinou que a natureza de Deus consiste das essencialidades duais de sabedoria divina e amor divino. Sabedoria divina reflete o aspecto masculino da natureza de Deus e o amor divino reflete a qualidade feminina de Deus. Amor divino e sabedoria divina existem em um relacionamento recíproco dentro de nós mesmos.

Além disso, cada indivíduo possui ambas as qualidades masculina e feminina como parte de sua personalidade. Em segundo lugar, há em Deus e por toda a Sua criação, uma polaridade entre Sua forma externa e Sua essência interna que corresponde ao que o *Princípio Divino* chama *hyung-sang* e *sung-sang*. Deus manifesta Sua Natureza externamente em todo universo, mas muito mais especificamente no homem.

Terceiro, Swedenborg reconhecia a correspondência básica que existe entre o mundo da realidade espiritual e nossa existência terrena. O homem é a imagem da sabedoria de Deus e a mulher é a representação de Seu amor. Assim, a polaridade fundamental de esposo e esposa em um matrimônio feliz manifesta a mais elevada expressão da natureza total de Deus. Então o matrimônio, para Swedenborg, deveria durar por toda a eternidade porque a união alegre de um homem e uma mulher cumpre o propósito definitivo da criação. Homens e mulheres estão inclinados para a "conjunção em um" como parte do plano de Deus. O homem foi criado por Deus para entender a verdade, enquanto a mulher foi criada para ser um afeto do bem. Portanto, um matrimônio realmente espiritual se refere ao entendimento masculino da verdade unido com a bondade feminina. Matrimônio verdadeiro é sagrado porque ele simboliza a felicidade conjugal derivada da sabedoria masculina do amor e o amor feminino pela sabedoria. De acordo com Swedenborg, matrimônio espiritual se origina de Deus, preenche os humanos com amor celeste e faz do casal a imagem do Senhor. [15]

A psiquiatria moderna também tem enfatizado a importância da polaridade masculino-feminino, especialmente nos escritos de C. G. Jung. [16] Através de experiência clínica, Jung descobriu que a psique humana consiste de várias polaridades básicas. Todos experimentamos determinada tensão bipolar entre nossa razão e nossos instintos, nossa nossos amores e ódios. Mais importante é a polaridade masculino-feminino. Isto é encontrado em cada indivíduo. Cada homem tem um pouco do feminino em sua psique que Jung chamou de "anima" e cada mulher tem um elemento de masculinidade em sua natureza, o "animus." Para ser saudável é preciso reconhecer e aceitar estas polaridades psíquicas, pois se fizermos isso, elas se tornam a fonte para energia criativa e nos capacita a crescer em salubridade. Amadurecemos através da luta para harmonizar estas tendências contrastantes dentro de nossas naturezas individuais.

Além de reconhecer a existência de polaridades psíquicas, Jung estava particularmente preocupado com o valor distinto dos aspectos femininos. O homem ocidental tornou-se desequilibrado, perturbado e neurótico simplesmente porque o ocidente tem negado, degradado ou tentado ignorar os elementos femininos na natureza humana. Homens são muito racionais, muito dominadores, demasiadamente analíticos nos dias de hoje, porque eles se recusaram aceitar o valioso lado feminino de suas personalidades. Mulheres podem ensinar os homens a importância de relacionamentos calorosos, sentimentos profundos e realidades místicas que transcendem a lógica comum. A humanidade precisa apreciar ambos Eros e Logos, disse Jung. Ele também sentia que deveríamos revisar radicalmente o nosso conceito de Deus para encontrar um lugar para o valor definitivo do feminino. Como ele disse, a Trindade toda masculina deve ser expandida para incluir a feminilidade de Deus. Entretanto, em geral o pensamento de Jung não causou grande impacto na teologia cristã enquanto ele estava vivo.

Não obstante, Ann Belford Ulanov do Seminário da União continuou o trabalho de Jung, especialmente em seu livro intitulado *The Feminine in Jungian Psychology and in Christian Theology (1971).*

Ela afirma que o entendimento de Jung sobre a natureza bipolar da personalidade tem importantes implicações para a doutrina cristã sobre Deus, Cristo, o Espírito e salvação. Se negligenciamos o feminino ou pensamos sobre ele como meramente o segundo melhor, não estamos aceitando a plena expressão da individualidade de uma pessoa.

Quando aceitamos somente uma expressão parcial de nossa personalidade, como podemos nos render totalmente a Deus? Quando os Protestantes suprimiram totalmente o aspecto feminino do simbolismo cristão durante a Reforma Religiosa atacando o culto da Virgem Maria, eles negaram o aspecto feminino da Divindade. Como resultado, o ego racional passou a dominar o ego do coração. Até que, de alguma forma, recuperemos o respeito pelos elementos femininos como também os masculinos na natureza divina, nossa ordem social permanecerá perigosamente fora de equilíbrio e nossas vidas individuais estarão ameaçadas por desajustes psíquicos, adverte Ulanov. [17]

O trabalho de Ulanov é também importante porque ela deliberadamente busca relacionar a visão de Jung com o fluxo central do pensamento cristão. Embora ele era filho de um pastor Protestante suíço, Jung se preocupou com aspectos periféricos da tradição judaico-cristã – o Gnosticismo, o misticismo Cabalístico, a alquimia medieval. Ao destacar a confirmação de sua profunda psicologia analítica com estas ilustrações, Jung infelizmente se alienou das igrejas estabelecidas. Ulanov corrige isto. Para ela, o material de apoio para os conceitos de Jung são encontrados dentro de padrões teológicos cristãos mais amplamente aceitos. Assim, ela corrobora a verdade da análise Jungiana se referindo a Barth, Tillich, [19] o Padre E. X. Arnold [20] como também os filósofos ortodoxos russos da religião, Solovyev [21] e Berdyaev. [22]

Porque Deus existe em polaridade, Deus é por natureza, amoroso. Como o Novo Testamento insiste, Deus é ágape. No nível humano amor é sempre um relacionamento dinâmico entre duas pessoas. Amor implica uma interação vital e frutífera entre um sujeito e um objeto. Amor é a experiência de união criativa entre um esposo e uma esposa levando ao nascimento de filhos. Não obstante, ainda devemos demonstrar como estas definições de amor humano se aplicam ao amor divino.

Se Deus é amor, Ele deve ter um ser amado. Alguns pensam que porque Deus é existência infinita, eterna e perfeita, Ele não tem necessidade de nada. Ele já está em felicidade absoluta, assim, nada poderia aumentar Sua felicidade total. Se dizemos que Deus é amor, tudo o que queremos dizer é que Deus estaria contente em amar a Si mesmo para sempre. Deus encontra felicidade se imaginando como o ser amado a quem Ele ama. Determinadas interpretações da Trindade se assemelham a este argumento. Deus é amor. A parte amante é chamada Deus Pai. O objeto divino do amor do Pai é esse aspecto da Divindade chamado Filho. Sendo que o Pai ama o Filho e o Filho ama o Pai, esse processo de amor divino é o Espírito Santo. Entretanto, há uma falha grave nesta interpretação. Como há somente um único Deus, então Deus está simplesmente amando a Si mesmo, e um amor egocêntrico é insatisfatório até mesmo no nível humano.

Porque Deus é amor, Ele criou o homem, afirma o *Princípio Divino*. [23] Com o homem, Deus planejava ter um relacionamento Eu-Tu, como diria Martin Buber. Assim, Deus projetou toda a Sua natureza em Sua criação humana. Ele produziu homens e mulheres para manifestar Seu ser invisível na forma de uma imagem visível e tangível. Amor não pode ser retribuído a menos que exista ambos sujeito e objeto, um que ama e outro que é amado. Portanto, o homem foi criado para ser o parceiro de Deus. Deus queria dirigir Seu amor infinito na direção da humanidade e receber sua resposta completa. Assim, ao estudarmos as implicações da polaridade divina, passamos a ver a necessidade para a criação. Nosso universo foi criado a fim de Deus experimentar alegria definitiva através de dar e receber amor com o homem.

Até agora assumimos que amor no nível humano e amor no nível divino são semelhantes. Mas isto é verdade? O Bispo Anders Nygren contrasta nitidamente estes dois tipos de amor em seu livro *Agape and Eros.* [24] Eros é amor humano baseado no desejo e não tem nada em comum com o amor de Deus, ágape. Eros representa os esforços do homem para alcançar Deus, enquanto ágape é Deus alcançando o homem. Eros aspira se unir com algo mais elevado. Ágape, ao contrário, se refere a um dom não merecido de pura graça do Deus todo-perfeito para o homem totalmente pecador.

Observe que a definição de ágape de Nygren não é a mesma descrição do amor como o experimentamos. O que Nygren fala não é amor, mas caridade. Por exemplo, um homem grandemente rico joga algumas moedas para um mendigo. Aquele que tem tudo dá graciosamente para alguém que não tem nada. O homem rico não deve nada para o mendigo. Talvez nunca o tivesse visto antes. Assim, o dom de ágape, de acordo com Nygren, é um ato de graça desinteressada. Entretanto, o homem rico e o mendigo não estão de modo nenhum conectados por laços de amor. Nygren ignora o fato fundamental da polaridade divina. Assim, esta ilustração não percebe o ponto principal. Amor produz uma experiência mais elevada de alegria do que realizar um gesto de pura caridade. Caridade pode apenas implicar em uma relação unidirecional do doador para o recebedor.

A partir do ponto de vista da polaridade, o que significa amar? Amor depende de um processo de dar e receber. Amor tem que ser um relacionamento em dois sentidos. Ele nunca pode ser completo a menos que seja recíproco. Assim, se Deus ama a humanidade, então Deus deve se beneficiar também a partir do relacionamento conosco. Deus criou o homem para sentir a alegria suprema da companhia. Deus anseia pela satisfação definitiva de ser aceito como um parceiro. Portanto, Ele quer ser amado tanto quanto dar amor.

A teologia neo-ortodoxa ignorou a lei da polaridade que está implícita na doutrina do amor de Deus. Emil Brunner demonstra este defeito quando ele insiste em uma relação unidirecional entre o Criador e Sua criação. Deus sem o mundo ainda é Deus, mas o mundo sem Deus é igual a nada, declarou Brunner. O que isto quer dizer é que a criação é totalmente dependente de Deus, mas que Deus não recebe nada extra a partir do fato de Seu caráter de amor.

Ao contrário da neo-ortodoxia, o pensamento de Unificação explica o propósito de criação em termos da necessidade intrínseca de Deus de sentir a alegria definitiva de ser o recebedor de duradoura afeição. Porque Deus é todo-amoroso por natureza, Ele anseia pela companhia de um parceiro simpático e leal. Como um esposo e uma esposa alcançam a máxima alegria através de duradouro dar e receber de suas companhias amorosas, o propósito mais profundo de Deus é ser capaz de amar plenamente outro e desfrutar o deleite supremo de ser amado completamente em retorno. Sendo que Deus é amor, então a alegria de amar e ser amado era o propósito primário da criação.

O processo de pensamento recente defende um conceito muito semelhante de Deus. O pensamento de Unificação fala sobre a interação vital entre o *sung-sang* de Deus (caráter interno e vontade essenciais) e Seu *hyung-sang* (forma externa manifestada através da energia criativa) que traz a criação e as obras na história. A filosofia Whiteheadiana fala da polaridade das naturezas primordial e consequente de Deus.

Sua natureza primordial é a estrutura de todas as possibilidades: eterna, perfeita e impassível. Sua natureza consequente age e reage no tempo e processo do mundo, se move criativamente em relação ao mundo e é afetada pelos resultados das experiências do mundo. Deus opera na história de uma maneira dinâmica, agindo e reagindo.

Um propósito de criação igualmente importante era que Deus fosse capaz de se expressar de uma forma física. O *Princípio Divino* expõe uma teologia muito sacramental: o homem foi desenhado para servir como um vaso de amor de Deus e um templo de Sua presença, como registra o Novo Testamento. [25] Em outras palavras, Deus que é espírito infinito criou seres humanos finitos à Sua imagem como uma forma para Ele se tornar encarnado. Como o prólogo para o Evangelho Joanino declara, a Palavra de Deus estava destinada desde o início a se tornar carne. Por que Deus buscava ser encarnado? Ele queria participar plenamente na vida humana, para sentir toda a gama de nossas experiências. Deus buscava sentir por Ele mesmo o que significa viver no nível físico. Assim, poderíamos dizer que Deus criou o homem para ser Seu corpo.

Essa visão é totalmente contrária às teologias cristãs mais antigas? Na verdade não. Deixe-me indicar duas noções de alguma forma semelhantes a partir da história das doutrinas. Primeiro, os padres gregos elaboraram uma teologia profundamente encarnacional. [26] O objetivo do homem era alcançar a deificação *(theosis).*

Deus quer que sejamos como Ele mesmo. Assim, Cristo veio para nos capacitar a sermos uma encarnação de Deus. Ao contrário dos padres latinos que reivindicavam que Deus se tornou homem para expiar os pecados do mundo, os teólogos ortodoxos orientais reconheciam que o propósito primário de Deus na criação era que os homens fossem manifestações visíveis e tangíveis da natureza divina.

Em segundo lugar, enquanto muitos teólogos medievais ensinavam que a encarnação somente se tornou necessária como um remédio para a condição humana pecaminosa por causa da Queda, vários teólogos franciscanos [27] afirmavam que a encarnação era parte do plano original de Deus para a criação, ou seja, desde o início Deus pretendia se tornar encarnado no homem.

De acordo com a teologia da Unificação, Adão e Eva estavam destinados a se tornarem as primeiras encarnações do espírito de Deus. O Adão e Eva aperfeiçoados, como os verdadeiros pais da humanidade, serviriam como profetas, sumo-sacerdotes e rei e rainha da família humana: profeta porque eles instruíriam os homens sobre Deus, sumo-sacerdotes porque eles serviriam como mediadores de Deus, e regentes porque eles seriam os representantes da autoridade divina, cumprindo o triplo ofício de Cristo como Calvino e Brunner o interpretam. Se o plano de Deus tivesse funcionado como pretendido, começando com o casal primordial, todos os subsequentes homens e mulheres teriam servido como veículos para a contínua encarnação de Deus. Consequentemente, o objetivo para a humanidade é se tornar uma manifestação visível de Deus é, portanto, o senhor adequado de toda a criação.

Desta maneira o *Princípio Divino* afirma que Deus existe em uma polaridade de caráter interno e forma externa. Seu caráter interno ou espírito está eternamente oculto da visão embora Sua presença e poder possam ser percebidos. Contudo, Sua forma externa somente poder plenamente manifestada quando homens e mulheres se tornam encarnações da imagem divina.

Anteriormente, enquanto Seu *hyung-sang* era expresso na operação da mera energia divina, o poder de Deus estava muito restrito; entretanto, após Sua encarnação, a onipotência de Deus será plenamente realizada de acordo com a lei de Seu amor.

Talvez alguns se perguntem se essa doutrina encarnacional não poderia roubar de Deus a Sua dignidade. Os cristãos não devem sempre reconhecer a radical transcendência e singularidade de Deus? Mas acreditar que *theosis* é o objetivo definitivo do homem não priva realmente Deus de Sua autoridade e poder ou apaga a distinção entre a criatura e o Criador. Deus de modo algum é diminuído quando Ele estende Sua presença ao estar encarnado no homem. Muito pelo contrário, pois Ele expande o alcance de Suas operações participando em todas as alegrias e tristezas de Seus filhos. Enquanto permanece único como o Criador, Deus quer compartilhar em cada forma de vida de Seus filhos e filhas para que neles, Ele possa viver e se mover e ter Sua existência. Como registra o Apocalipse, quando vem o reino, "Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus." (21:3)

Como pode surgir esta comunhão ideal de Deus e o homem? Vamos examinar o plano bíblico de criação em busca de pistas. De acordo com o relato do Gênesis, Deus colocou Adão e Eva no Jardim do Éden, pretendendo que eles crescessem em comunhão com Ele e um com o outro. Se eles tivessem realizado o propósito de criação, eles teriam se unido em um matrimônio centrado em Deus e se tornado os verdadeiros pais de uma família humana feliz e harmoniosa. Adão e Eva com seus descendentes poderiam ter proporcionado a Deus um ponto de apoio na terra pelo qual Ele exerceria sua plena soberania sobre o mundo. Assim, Adão e Eva estavam destinados a servir como o fundamento para o tipo de família centrada em Deus que se expandiria em um clã, tribo, nação e comunidade global. Se a Queda não tivesse ocorrido, toda a terra teria permanecido o Jardim do Éden no qual alegria, harmonia e justiça prevaleceriam. Era esse tipo de sociedade que Jesus chamou de reino de Deus, uma realização da soberania divina na terra.

Agora vamos olhar para outro aspecto da natureza Divina. No Velho Testamento, o Judaísmo enfatiza a importância dos laços de um indivíduo com sua família e sua nação. Ninguém, insistem os judeus, vem para a presença de Deus sozinho. Quando você se encontra com Deus, você descobre que está sempre com outras pessoas. Assim, Deus nunca é um Deus particular. Quando Ele é seu Pai celeste, Ele é sempre "Nosso Pai" ao mesmo tempo. Em outras palavras, o homem vive em unidade com os outros. Ninguém está destinado a existir em isolamento. Em última análise, Deus realmente não está interessado em nós como indivíduos. Ele está principalmente interessado em nós como partes de uma comunidade mais ampla. Como pessoas, constituímos uma rede única de relacionamentos. Descobrimos Deus através desses relacionamentos. Ao nos relacionarmos com outra pessoa no nível mais pessoal, também encontramos Deus. Nunca deveríamos pensar, eu sou o que sou. De fato, eu sou por causa de você. Tudo o que eu sou é determinado pelo que os outros são. Temos nossa existência na comunidade.

Não obstante, a teologia de Unificação vai além de uma religião baseada na solidariedade social. Embora Deus seja sempre nosso Pai universal, é possível ter um relacionamento particular com Ele. Uma teologia de polaridade torna o amor central.

Reinhold Niebuhr insistia que amor é e deve ser limitado para direcionar contatos pessoa-a-pessoa. Simplesmente não podemos nos relacionar com todo um grupo com a proximidade experimentada em relação a indivíduos específicos. [28] Por isso nossa comunhão com Deus pode ser e deveria ser baseada em contatos coração-a-coração. Esse é o motivo pelo qual nossa semelhança a Deus tem sido comparada com a unidade de um esposo e uma esposa.

Observemos este problema a partir de outro ângulo. Quando definimos primeiro a natureza de Deus, geralmente o descrevemos como o Criador. Ele é Deus porque Ele é o criador de céu e terra. Ou para citar o *Princípio Divino,* Deus é a energia primária universal. Por esta razão Tillich define Deus como "o fundamento do ser." Ele é a fonte criativa de tudo que existe. De acordo com a teologia da Unificação, Deus é mais do que simplesmente a energia perpétua e autogeradora que traz toda a criação à existência e é responsável por sua manutenção.

A teologia da Unificação especificamente reafirma a mesma natureza pessoal de Deus. Quando visto de dentro, nosso universo revela a existência de um Deus de coração. Deus não é apenas "um Poder que cria para a justiça." [29] Não simplesmente "o Movedor imóvel" da metafísica de Aristóteles. Nem Vontade onipotente. Nem ordenamento cósmico e lei natural. Mesmo se todos estes termos nos dizem algo sobre Deus, eles não indicam Sua característica mais importante: o coração divino.

Em nosso tempo, muitas pessoas religiosas acham difícil aceitar a ideia que Deus é pessoal. Eles perguntam se isso não é antropomórfico? Porque somos pessoas, tentamos refazer todo o vasto universo à imagem humana. Seguramente a natureza do processo cósmico é tão superior ao entendimento dos homens sobre ele como a visão de um elefante é diferente da visão de uma formiga. Então que direito nós temos de medir o universo por nossos padrões humanos mesquinhos?

Suponham que reconhecemos que a natureza de Deus é muito mais exaltada do que nossa própria. Ainda sim devemos medi-lo pelo mais elevado que conhecemos. Quando descrevemos Deus como uma pessoa, estamos admitindo que Ele é como o melhor que podemos imaginar. [30] Em contraste, aqueles que negam a personalidade de Deus, frequentemente tendem a explicar Sua natureza em termos inferiores aos humanos: como uma força cósmica impessoal, por exemplo.

Quando decidimos atribuir a Deus qualidades como as nossas próprias, enfrentamos outro problema. Quais características humanas são as melhores? Desde a época dos antigos filósofos, a nobreza do homem tem sido definida em termos de sua razão. A razão nos faz semelhantes aos deuses, diziam. Mas esta é uma definição altamente intelectual do ser. Não há algo maior sobre o homem do que sua capacidade de pensar?

O *Princípio Divino* reivindica que o coração é mais fundamental do que a mente. Não é tanto o que pensamos, mas como sentimos que faz um homem um verdadeiro ser humano. Somos louvados ou julgados pela profundidade e alcance de nossas emoções, ao invés de quanto conhecemos. Por esta razão, o Novo Testamento coloca o amor no topo da lista de virtudes, ainda mais elevada do que a fé. Dos grandes teólogos Protestantes modernos, Schleiennacher enfatizou a religião de coração. Para ele a fé não é doutrina como os escolásticos Luteranos afirmavam, nem é simplesmente ética como defendia Kant.

Fé é uma relação viva e calorosa entre o homem e Deus. Religião é a intuição e sentimento de dependência absoluta, a experiência da consciência de Deus e se tornar unido com o infinito no meio do finito. [31]

Se o coração simboliza o núcleo interno da personalidade humana, então Deus deveria ser pensado em termos semelhantes. Acima de tudo, Ele é um Deus de coração. O que isto significa? Isto significa que nosso entendimento sobre Deus deve ser baseado em uma apreciação dos sentimentos humanos. Deus sente ao menos tão profundamente como nós sentimos. Ele é ao menos tão sensível ao que acontece ao mundo como nós somos. Se Ele é um Deus de coração, então Ele experimenta toda a gama de emoções desde a solidão e sofrimento intenso até a alegria maravilhosa. Se Ele está perdoando, Ele também está ferido pela dor. Deus pode amar e expressar justa indignação. Consequentemente, porque Deus é um Deus de coração, Ele deve ser profundamente afetado por tudo que acontece em Sua criação.

Isto explica porque o pensamento de Unificação, como a teologia do processo, se recusa a definir Deus como simplesmente onipotente e onisciente. [32] O significado convencional destes atributos ignora o fato da polaridade. Deus não é onipotente. Seu poder é muito maior do que do homem, mas Ele é limitado por Sua própria natureza e Suas leis cósmicas. Deus não é livre para violar Sua relação essencial porque isso é parte de Seu próprio ser. Além disso, o homem foi criado de tal forma que ele se restringe ao propósito de Deus. Nossa responsividade pode determinar a efetividade dos atos de Deus na história. Como Jesus demonstrou, se um homem não tem fé, nem mesmo Deus pode curar sua doença. A resposta do homem à iniciativa divina pode frustrar ou levar à fruição a intenção de Deus. A vontade de Deus pode ser impedida por um tempo enquanto não agimos de forma responsável. Entretanto, podemos ter certeza que a vontade de Deus certamente triunfará. Seu método de persuasão acabará conquistando os homens ao Seu lado para que o propósito de criação seja realizado.

Nem Deus é completamente onisciente. Sua onisciência, como Sua onipotência, precisa ser qualificada pelo livre arbítrio do homem. Deus não sabe tudo o que acontecerá porque embora Ele deseje algum resultado, isto não pode acontecer se não cooperamos. No entanto, Deus é onisciente em um aspecto muito importante. Ele conhece todas as possibilidades. Nada que possamos fazer pode surpreendê-Lo. [33]

A maioria das grandes crenças do mundo têm dado algum reconhecimento ao coração de Deus. Pode-se encontrar isto expresso no Judaísmo Hassídico, no Islamismo Sufi, no Hinduísmo bhakti e em algumas formas do Budismo Mahayana. Ao mesmo tempo, muitas religiões têm frequentemente sido opostas à crença no Deus de coração em nome da razão ou da transcendência divina. Portanto, ao destacar a centralidade do coração em nosso entendimento de Deus e do homem, o *Princípio Divino* faz uma profunda contribuição para a teologia moderna.

---

2 Cf. R. Kress, "God the Mother:' *Whither Mankind (1975), pp. 265-289.*
3 *Divine Principle (1973), pp. 21-22.*
4 D. L. Mueller, *An Introduction to the Theology of Ritschl (1969), pp. 38-40.*
5 K. Barth, *Church Dogmatics (1957), 11/1/pp. 322ff. 6Ibid. III/l/p. 196.*
7 W. M . de Bary *et al, Sources of Chinese Tradition (1960), pp. 96-99.*
8 Cf. C.M. Brown, *God as Mother (1974).*
9 Cf. C. Isherwood, *Ramakrishna and His Disciples (1965).* Kali (também chamada Sakti) é a consorte divina do deus Siva.

10 M. Daly, *Beyond God the Father (1973), pp. 13, 19.*
11 R. Patai, *The Hebrew Goddess (1967).* Cf. também G. Scholern, *On the Kabbalah and its Symbolism (1965), pp. 104-109.*
12 Shekhinah-literalmente, "rosto de Deus:" algo como o Espírito Santo. Hosea ensinava que Deus era como um amante procurando Sua amada. Judeus místicos mais tarde ensinaram que o espírito divino que estava mais próximo a Israel era como noiva de Deus que foi com Israel para o cativeiro. Portanto, Deus espera ser reunido com Sua amada.
13 R.R. Williams, *Schleiermacher the Theologian (1978).*
14 *Ibid., pp. 87-98.* Durante o período neo-ortodoxo, Schleiermacher foi frequentemente atacado como o pior inimigo moderno da teologia bíblica. Uma reavaliação positiva de sua obra tornou-se bastante difundida. Por exemplo, Williams critica o tratamento Barthiano de Schleiermacher como unilateral, desleixado, fragmentado e irresponsável.
15 Cf. E. Swedenborg, *Divine Love and Wisdom* e *Conjugal Love,* também C.O. Sigstedt, *The Swedenborg Epic (1952), pp. 354-359.*
16 V. S. deLaszlo, *Basic Writings of C. G. Jung (1959), pp. 158-182, 469-544; cf.* também Jung, *Modern Man in Search of a Soul; Psychology and Religion; The Answer to Job; Memories, Dreams, Reflections.*
17 Cf. Ulanov, *The Feminine (1971), pp. 289-334.*
18 K. Barth, *Church Dogmatics, III, Pt. 4, pp. 118-122.*
19 P. Tillich*, Systematic Theology (1963), vol. 3, p. 293.*
20 E. X. Arnold, *Woman and Man (1963), pp. 18-19.*
21 V. Solovyev*, The Meaning of Love (1945).*
22 N. Berdyaev, *The Destiny of Man (1960), pp. 61-67, 187-195, 232-242.*
23 *Divine Principle (1973), pp. 41-46.*
24 A. Nygren, *Agape and Eros (1953).*
25 Coríntios 6:19.
26 Lossky, *Orthodox Theology* (1978), pp. 136-137.
27 E.g. Alexander of Hales, Duns Scotus.
28 Niebuhr, *An Interpretation of Christian Ethics (1956), pp. 97-123.*
29 Uma frase de Matthew Arnold, o ensaísta Anglicano liberal do século XIX.
30 R. A. Bertocci, *The Person God Is (1970), pp. 17-37.*
31 M. Redeker, *Schleiermacher: Life and Thought (1973), pp. 36-48.*
32 E. H. Cousins, ed., *Process Theology (1971).*
33 C. Hartshorne, *Logic of Perfection (1962), pp. 133-147*

A Parceria de Deus e o Homem

Na Bíblia, o processo dar e receber é ilustrado pela noção de uma aliança divino-humano. Deus fez alianças com Noé, Abraão e Moisés. Os cristãos descrevem seus escritos sagrados como o Novo Testamento, a nova aliança, em oposição à velha aliança de Deus com os filhos de Israel. A ideia de uma aliança é uma das doutrinas essenciais das Escrituras. [34]

O que significa ratificar a aliança? Uma aliança é frequentemente um acordo político ou militar entre duas nações. Cada lado aceita determinadas tarefas em troca pela promessa de determinados benefícios. Assim, quando esta "aliança" do mundo secular foi aplicada à religião, ela se referia ao relacionamento dar e receber entre o homem e Deus. Cada parte concordava em aceitar algumas responsabilidades definidas pelo benefício de receber algumas vantagens específicas.

Durante a Reforma Protestante, a importância da noção da aliança foi redescoberta. [35] Assim, no século XVII os Puritanos formularam a teologia da aliança que enfatizava o princípio dar e receber. Estes Calvinistas sugeriram que há quatro níveis de reciprocidade.

Primeiro, uma nação se origina a partir de um pacto social entre os regentes e os regidos. O governo promete proteção dos direitos naturais dos homens e os governados se devotam a serem obedientes à autoridade civil. Segundo, uma igreja vem a existir como resultado de um contrato voluntário ou aliança entre Cristo e seu povo. Cada parte tem determinados privilégios como também obrigações correspondentes. Terceiro, há laços sociais, morais e religiosos que conectam um esposo e uma esposa. Matrimônio deve ser pensado como uma aliança solene. Como sugere o Novo Testamento, o pacto matrimonial poderia ser comparado com a união de Cristo com sua igreja. Quarto, então, no nível pessoal, a mesma regra se aplica ao relacionamento de um indivíduo com Deus. De acordo com os teólogos da aliança, tornar-se um cristão significa devotar conformidade com os mandamentos divinos a fim de obter bênçãos eternas. Assim, em cada nível (desde o indivíduo até a igreja e o estado), Deus emprega a lei de dar e receber.

Embora a teologia da aliança reconhecesse o valor da parceria divino-humana, sua linguagem era bastante comercial e legal. Em um período anterior, Joaquim de Fiore tinha expressado o relacionamento entre [36] homem e Deus em termos mais pessoais. Para Joaquim, amizade com Deus é o objetivo da história. Quando o reino na terra chega, os homens alcançarão a forma mais elevada e final de relacionamento com seu Criador. No alvorecer da era messiânica os homens finalmente se tornarão "Amigos de Deus." Não ser servos de Deus ou Seus filhos, mas ser Seus amigos será o destino final dos homens. Unificacionistas concordariam com a profecia de Joaquim, mas elaborariam mais concretamente como os homens se tornam amigos e parceiros íntimos de Deus.

A teologia da Unificação reivindica que depois que Deus criou Adão e Eva, Ele deu a eles três bênçãos: 1) ser frutífero, 2) multiplicar e encher a terra, 3) subjugar a terra e ter domínio sobre toda a criação (Gen. 1:28). Esta bênção tríplice significa o propósito original e contínuo de Deus para a humanidade.

Contudo, essa interpretação do papel do homem parece ser um ensinamento distinto do *Princípio Divino*. Nenhuma outra teologia moderna, judaica ou cristã, se focou tanto nesta passagem específica das Escrituras na elaboração de uma doutrina do homem.

Mas o que implica esta bênção bíblica? A primeira bênção de Deus envolve a perfeição da individualidade do homem. A fim de realizar sua plena potencialidade, uma pessoa deve ter sua mente e corpo em sintonia um com o outro. A maioria das pessoas se encontra na condição dividida descrita por São Paulo: a carne e o espírito estão em guerra. Assim, como Platão ensinava, um homem deve aproveitar, controlar e direcionar suas paixões. Devemos domar e disciplinar nossos corpos a fim de que eles possam servir adequadamente a alma.

Ao mesmo tempo, seria errado pensar sobre o corpo e a mente como opostos irreconciliáveis. Ao contrário de algumas religiões, o Cristianismo nunca aceitou realmente a noção dualista que carne e espírito são inimigos naturais. Como defende a teologia da Unificação, o ideal é estabelecer livre fluxo de dar e receber entre os aspectos físicos e espirituais da natureza humana. Uma vez que uma pessoa se torna centrada em Deus, seu corpo e sua mente podem cooperar para enriquecer e aperfeiçoar sua vida. Para o indivíduo, verdadeira felicidade vem a partir do estabelecimento de uma base dinâmica de quatro posições. Guiados por Deus, a mente e o corpo de um homem interagem produzindo uma personalidade integrada. Não precisamos negar ou sacrificar nossos corpos para alcançar a espiritualidade. A mais elevada alegria vem a partir da cooperação mutuamente benéfica entre as dimensões visível e invisível da natureza humana. A partir do ponto de vista de Deus, cada aspecto de nossa natureza deveria ser tratado com respeito, permitido se desenvolver e encorajado a ser frutífero.

Naturalmente a realização das potencialidades de um indivíduo exige tempo. A total consciência de Deus, para usar o termo de Schleiermacher, nunca é um ato instantâneo. Como a revelação bíblica e a ciência moderna concordam, a criação representa um processo de desenvolvimento gradual. Assim, a teologia da Unificação fala de três estágios na perfeição da natureza original do homem. Porque é fácil entender errado o que a teologia da Unificação quer dizer por individualidade aperfeiçoada, permita-me tentar esclarecer esta ideia. Perfeição não se refere ao fim do crescimento. A vida de um homem sempre pode ser ainda mais enriquecida por novas experiências, tanto aqui como no futuro. Portanto, perfeição não é uma condição estática, mas dinâmica. Alcançar a perfeição é remover o pecado original, a maior barreira entre o ser e Deus. Aperfeiçoar e ser finalmente livre para realizar o verdadeiro ser como um filho de Deus. Então podemos realizar o ideal de perfeição cristã de John Wesley, significando ser plenamente devotado a Deus e expressando essa fé em cada gesto. Perfeição se refere à simplicidade de intenção e pureza de afeição. Se um homem permite que Deus reine em seu coração, sua natureza será tão transformada que ele não fará nada além de ações boas e puras. O espírito de Deus permeará todo o ser de uma pessoa, tal como o fluxo sanguíneo nutre todo o corpo físico. De acordo com o *Princípio Divino,* um indivíduo aperfeiçoado sente como Deus, como se os sentimentos de Deus fossem os seus próprios. Ele tem total unidade com o coração de Deus, Ele tem irrestrito dar e receber, ele ama a Deus com todo seu coração, alma, mente e força. Assim, ele aperfeiçoa sua própria humanidade, enquanto capacita Deus a experimentar a mais elevada alegria. Por causa de sua herança mística, a teologia Ortodoxa Oriental entende o significa desta primeira bênção. O que os teólogos Ortodoxos chamam "deificação" [37] é muito próximo do que o *Princípio Divino* ensina.

Não obstante, a teologia da Unificação vai além da maioria das formas de misticismos cristãos ao insistir sobre o valor mais elevado da segunda bênção de Deus. Quando a Bíblia nos ensina a multiplicar e encher a terra, isto santifica o matrimônio. A teologia da Unificação explica que sendo que Deus existe em polaridade, um esposo e uma esposa podem refletir mais plenamente as essencialidades duais de Deus. Cada parceiro experimenta maior amor e alegria do que ele faria por si mesmo.

No *Princípio Divino* a parceria de esposo e esposa é também expressa em termos de amor e beleza. Porque o homem está amando, ele pode ver beleza, e porque a esposa é atraente, ela evoca amor de seu parceiro. E vice versa. Porque Deus é o próprio amor, Ele é radiantemente belo, como Barth diz em sua exposição da glória divina. O homem se deleita em Deus porque Deus é tão divinamente belo. Através de Sua natureza muito amorosa, Ele nos preenche com deleite. Sua beleza incomparável é a causa de Sua inesgotável glória.

De forma semelhante, o Padre Andrew Greeley em *The Mary Myth (1977)* descreve Deus como apaixonadamente terno, sedutoramente atraente, irresistivelmente inspirador e graciosamente curador. Por esta razão, Ele é infinitamente magnético e fascinante para todos os homens e mulheres. O descobrimos incondicionalmente confiável, por isso nos sentimos inspirados a ser fiéis e leais a Ele. Além disso, enquanto respondemos com gratidão ao Seu amor, nos tornamos ainda mais belos aos Seus olhos.

Consequentemente, o *Princípio Divino* define este dar e receber dinâmico entre Criador e criação, esposo e esposa, como amor e beleza. Esse amor e beleza são dois aspectos de um único relacionamento. Assim, em uma família centrada em Deus, o relacionamento entre os membros esposo e esposa, e pais e filhos, refletem a natureza amorosa de Deus. Um esposo e uma esposa desfrutarão de cuidado e afeição mútuos. Ambos estarão unidos em laços de fidelidade e lealdade. Desta forma, o Unificacionismo aprofunda enormemente a teologia tradicional da aliança.

A terceira bênção de Deus – o domínio do homem – envolve uma extensão ainda maior da ação dar e receber. Deus criou o homem como a encapsulação de todas as coisas, um microcosmo de todo o macrocosmo da criação. O homem pode "dominar" o universo inteiro através de sua razão, imaginação e sensibilidade porque ele está tão intimamente relacionado com seu ambiente.

Mas o que significa "dominar" a criação? Ecologistas atualmente têm frequentemente criticado a tradição judaico-cristã pela forma como ela justifica a exploração implacável e tola da natureza do homem. [38] Alguns recomendam a renúncia da noção de "dominar" a criação. As chamadas religiões primitivas não eram mais sábias quando enfatizavam "o parentesco de toda vida"? Não deveríamos tratar a natureza como uma mãe a partir de quem todos viemos e pela qual deveríamos ter cuidado? Schweitzer não estava correto ao basear a ética em uma inclusiva "reverência à vida"?

A teologia da Unificação, como a Bíblia, não é defensora da exploração de nosso ambiente natural. A natureza não é simplesmente constituída de "recursos" a serem utilizados de forma impensada. O que o *Princípio Divino* ensina é que os homens podem e devem estabelecer pleno dar e receber com o universo como um todo. Somos desafiados a estabelecer uma base quádrupla com toda a criação, centrados em Deus.

O domínio do homem sobre a criação significa duas coisas. Negativamente, isto significa que não somos limitados pelo mundo. Ser humano e ser capaz de transcender as limitações de nosso ambiente físico. Podemos mudá-lo pelo controle das forças da natureza. O homem exerce soberania sobre a criação utilizando isto para seus próprios fins. Como afirmam teólogos do Vaticano II, agora vivemos em um mundo cada vez mais criado pelo homem. Em grande parte, subjugamos a natureza para satisfazer as necessidades humanas.

Mas o domínio do homem sobre a criação tem outro significado. O que está errado com nossa atitude atual em relação ao mundo natural? O conhecido antropólogo Loren Eiseley afirma que os homens não conquistaram realmente a natureza porque não conquistamos a nós mesmos. Para dominarmos a nós mesmos e utilizarmos a natureza com sabedoria, ele diz, devemos entender a verdadeira singularidade do homem. O homem não tem sobrevivido porque é mais forte e apto. Ele tem sobrevivido através da ternura. Se o homem no coração não fosse uma criatura terna em relação à sua espécie, uma criatura amorosa de uma forma especial, ele teria deixado seus ossos para os cães selvagens. [39]

Então como o domínio do homem sobre a criação seria exercido? Se utilizamos a natureza apenas para nossa satisfação sem considerar a vontade de Deus, utilizamos mal a criação. Devemos estabelecer pleno dar e receber com o universo baseado em nosso amor por Deus. Quando utilizamos a natureza para Deus, com gratidão e apreciação, então isto é glorificado.

Ao realizar as três bênçãos através de perfeita união com Deus no nível individual e criar um matrimônio centrado em Deus e proteger e cuidar de Sua criação, o homem forma uma base de quatro posições cósmica. Então o homem representará Deus para a criação. A criação servirá Deus através do homem e o glorificará. Assim, os homens como indivíduos, famílias e humanidade como um todo ostentam parceria com Deus em termos de responsabilidade e de amor. Este conceito de uma base quádrupla teocêntrica é central para o entendimento do *Princípio Divino* e representa uma noção distinta que não pode ser encontrada em outra filosofia religiosa.

---

34 O estudioso suíço do Velho Testamento W. Eichrodt insistiu no lugar central da aliança no entendimento das Escrituras. Cf. D. G. Spriggs, Two *Old Testament Theologies* (1974), pp. 3-6.
35 W. A. Brown, "Covenant Theology" em *Hastings' Encyclopedia of Religion and Ethics* (1924).
36 M. Reeves, *Joachim of Fiore (1977), pp. 1-29.*
37 Cf. R. B. T. Bilaniuk, "The Mystery of Theosis or Divinization," *Studies in Eastern Christianity (1977), vol. 1, pp. 45-67.*
38 Cf. Lynn White, "The Historical Roots of our Ecological Crisis" em David & Eileen Spring, Ecology *& Religion in History (1974).*
39 L. Eiseley, "An Evolutionist Looks at Modern Man" em R. Thuelsen & J. Kohler, eds., *Adventures of the Mind (1960), pp. 3,6.*

Significado da Família

No século XX, doutrinas Protestantes sobre o homem têm enfatizado o relacionamento e responsabilidade humana. Um indivíduo se torna uma pessoa madura através de suas conexões com os outros. Ninguém pode realmente existir por si mesmo ou para si mesmo. Os homens são criaturas sociais. Eles nascem em uma sociedade, e são moldados por seu grupo. A teologia do processo e a teologia da libertação enfatizam esta dimensão social do homem. Ambas se opõem a uma interpretação puramente individualista da natureza humana. Quem somos e o que fazemos depende do nosso envolvimento na vida e das atividades em grupo.

A neo-ortodoxia enfatiza a natureza responsável do homem. Temos obrigações para com os outros e ainda mais significantemente com Deus. Quando Bonhoeffer estava na prisão esperando a execução por suas atividades antinazistas, ele compôs um poema sobre a doutrina cristã do homem. "Quem eu sou?" ele perguntou. Ele era o alegado criminoso que permaneceu firme a despeito do confinamento? Ele era aquele que "conversava livremente" com seus captores, como seus carcereiros pensavam? Ou ele era uma pessoa inquieta, irritada e cansada que ele pensava ser? Em última análise, nenhuma destas coisas. Mais do que qualquer outra coisa, ele pertencia a Deus. "Quem quer que eu seja, eu sou teu, Ó Deus," ele confessou. [40] Um cristão reconhece que ele deve lealdade a Deus. Sendo que Deus criou o homem, o homem é moralmente obrigado a servi-Lo.

A teologia de Brunner do encontro divino-humano também era construída sobre o reconhecimento de nossas responsabilidades básicas. [41] Deus nos criou para cumprirmos Sua vontade. Assim, Ele nos desafia a aceitar Sua soberania. Ele nos faz decidir a Seu favor ou contra Ele. Ter fé significa jurar fidelidade a Deus, deixar de lado nosso egoísmo e nos tornarmos obedientes à Sua sagrada vontade. Porque somos humanos, somos chamados a aceitar nossas obrigações com Deus e com nossos semelhantes.

A teologia da Unificação leva em conta o relacionamento e a responsabilidade do homem utilizando a família como um modelo. Para o *Princípio Divino* a família centrada em Deus representa o melhor exemplo de como Deus opera na história. Deus cria homens e mulheres para buscarem união. A união deles leva à regeneração biológica, à realização pessoal e ao progresso social. Como uma base de quatro posições, para utilizar a expressão da teologia da Unificação, os laços familiares que unem Deus, esposo, esposa e filhos fornecem o padrão fundamental para todas as formas dignas de relacionamentos humanos. Assim, o *Princípio Divino* demonstra o fundamento centrado na família para a vinda do reino divino. Uma sociedade ideal pode ser edificada uma vez que uma família realmente centrada em Deus venha a existir.

Como a família sintetiza os fatos do relacionamento e responsabilidade humana? Como indivíduos, vivemos e crescemos na matriz de uma família. Nossos pais nos ensinam o que significa ser uma pessoa digna. Crescemos em sabedoria e estatura sob a orientação deles. A partir deles aprendemos como amar e responder ao amor. Portanto, as respostas que fazemos para o nosso ambiente familiar têm um impacto decisivo sobre o amadurecimento pessoal de nossos filhos. Dizemos "tal pai, tal filho" ou "tal mãe, tal filha." Quando os pais vivem de acordo com o padrão de Deus, seus filhos os respeitarão, obedecerão e seguirão seus exemplos.

Deus deu origem à estrutura familiar, tornando-a um instrumento para a realização de Seu amor e autoridade paternais. Mas quase tão importante são as respostas que damos para nossos pais, mães, irmãos, irmãs e filhos. Somente se estes relacionamentos de parentesco são positivos e criativos, é possível manifestar o pleno dar e receber de amor com Deus e nossos semelhantes. [42]

A família também é o principal lugar para aprender nossas responsabilidades sociais. Passamos a aceitar nossa tarefa com Deus na maioria dos casos como resultado de nosso respeito aos nossos pais e da obediência aos seus comandos. Também aprendemos como nos relacionar com a sociedade através de nossas experiências no relacionamento com cada membro de nosso círculo familiar. Exceto em casos raros, o senso de responsabilidade natural dos homens se desenvolve e floresce ou é atrofiado por seu ambiente familiar na primeira meia dezena de anos de vida. Por esta razão, a família centrada em Deus fornece a mais importante base de quatro posições para a regeneração pessoal e a reconstrução social. [43]

Não obstante, uma base de quatro posições existe no nível individual também. Centrando sua vida em Deus, cada pessoa é capacitada a experimentar dar e receber criativo entre seu corpo e espírito. Ela também tem garantida a capacidade para coordenar e harmonizar sua razão e sua vida emocional. Uma vez que um indivíduo integra seu corpo e seu espírito, sua razão e sua emoção, sua vida se torna produtiva, útil e feliz. Por outro lado, sem a direção e estabilidade fornecida ao devotar suas vidas para Deus, homens e mulheres se tornam vítimas trágicas de frustração, tédio e depressão. Como um dos provérbios do Velho Testamento aponta, “Sem uma visão, as pessoas perecem.” Uma pessoa centrada em Deus é, portanto, com propósito, enérgica, idealista e útil, sendo que ela tem uma visão da presença e objetivo de Deus.

Quando duas pessoas centradas em Deus se unem em matrimônio, elas estabelecem o fundamento para uma família centrada em Deus. Famílias centradas em Deus tornam possível ter uma sociedade centrada em Deus. Quando a influência delas se expande, o caminho é preparado para nações centradas em Deus e um mundo centrado em Deus. Assim, a teologia da Unificação enfatiza a importância do indivíduo e da família como alicerces para a realização do bem do todo. Quando Deus se torna capaz de exercer Sua soberania direta de amor sobre indivíduos e famílias, a obra pioneira é cumprida para Seu domínio direto sobre toda a criação.

Como muitos têm notado, há óbvias semelhanças entre a ética centrada na família da teologia da Unificação e a moralidade Confucionista. Mas permita-me enfatizar sobre o fato que o Reverendo Moon não se propôs conscientemente a criar uma combinação sincretista de Confucionismo e Cristianismo. Na Coreia, os ensinamentos Confucionistas são uma parte normal da cultura milenar tradicional. Possivelmente como resultado deste fato, o Reverendo Moon foi capaz de reconhecer um aspecto da revelação bíblica frequentemente negligenciada no ocidente cristão, por causa da natureza predominantemente individualista do Protestantismo e da centralização na igreja do Catolicismo. Em qualquer caso, a centralidade na família da teologia da Unificação lança nova luz sobre a doutrina judaico-cristã do homem.

Os ensinamentos Confucionistas podem nos ajudar enormemente em nossos esforços para produzir um novo Cristianismo adequado ao nosso momento atual.

Uma ética centrada na família evita os extremos tanto do individualismo como do estadismo coletivista. Ao estudarmos cuidadosamente a mensagem do Mestre Kung, podemos ser capazes de corrigir a fragilidade de duas filosofias ocidentais rivais que têm produzido por um lado o libertinismo egocêntrico e, por outro lado, a desumanização implacável.

De acordo com o Confucionismo, uma ética pessoal e social válida deve estar baseada no entendimento do papel principal da família. Na ética Confucionista a natureza do homem envolve cinco Grandes Relacionamentos: aqueles entre regente e seus súditos, pai e filho, esposo e esposa, irmão mais velho e irmão mais jovem, e amigo e amigo. O que todos estes relacionamentos têm em comum? Na mentalidade de Confúcio, para se relacionar com sucesso em qualquer destas diferentes formas é necessário praticar *jen*. *Jen* tem sido traduzido de muitas formas, mas uma das melhores definições é "coração de humanidade." Viver como um ser humano é se elevar acima do comportamento dos animais selvagens. Isto significa tratar todos os homens de forma humana. *Jen* nos incentiva a vivermos para o bem-estar da sociedade ao invés de estarmos somente interessados na felicidade privada ou satisfação egoísta. *Jen* cresce a partir da lei fundamental de reciprocidade. Sendo que temos que viver com os outros, deveríamos aprender como tratar a todos de forma benevolente. Vamos citar a regra de ouro de Confúcio: "Não faça aos outros o que você não quer que seja feito para você mesmo."

O Confucionismo ensina que as lições de respeito, lealdade e compaixão aprendidas na atmosfera familiar são de valor na sociedade como um todo. Elas personalizam e aprofundam os laços que conectam os homens para fazer avançar o bem comum. Assim, piedade filial gera uma ordem social estável, justa e pacífica.

O Confucionismo tem mérito especial atualmente porque utiliza a família como um modelo para a sociedade maior. [44] No ocidente, as pessoas frequentemente falam da "máquina" do governo como se a nação fosse regulada de forma impessoal, quase mecanicamente. Ou elas se referem ao "negócio" do governo, como se a sociedade fosse um assunto meramente comercial, coletando e gastando dinheiro. Não é melhor ver a sociedade como uma família estendida? Este conceito implica que deveríamos tratar todos os homens com a afeição, cuidado e honra com a qual tratamos nossos semelhantes. Olhar a sociedade a partir desta perspectiva, dizem os Confucionistas, preparará o caminho para A Grande Comunidade (*ta tung*), um estado de harmonia e felicidade em âmbito mundial. Por esta razão, há mérito em reconhecer as similaridades entre a teologia da Unificação e a sabedoria Confucionista.

Entretanto, há duas diferenças fundamentais entre a teologia da Unificação e o Confucionismo. Porque é baseado na herança bíblica, o *Princípio Divino* é centrado em Deus, ao invés de centrado no homem, como é geralmente o caso no humanismo Confucionista. [45] Ao contrário da maioria das formas de Confucionismo, os Unificacionistas acreditam que o objetivo do homem não é simplesmente a prosperidade familiar, mas a realização da vontade de Deus. Através de todos os nossos relacionamentos com outras pessoas aprendemos sobre o amor de Deus e sua prática, aumentando assim Sua alegria na máxima variedade de formas. No modelo da família vemos como Deus opera para realizar Seu projeto para a criação. Esse mesmo padrão se aplica aos relacionamentos mais amplos do homem no clã, tribo, nação e sociedade global.

Em segundo lugar, a teologia da Unificação difere do Confucionismo ao interpretar o plano de Deus para a humanidade em termos do propósito de Adão e Eva. Eles foram criados para fornecerem a base para a família centrada em Deus. Eles deveriam ser verdadeiros pais para uma humanidade correta. Assim, se o propósito original de Deus para a criação deve ser realizado, é necessário um novo Adão e uma nova Eva para desempenharem o papel central como representantes de Deus.

Naturalmente, o Confucionismo não é somente o sistema de ética por trás do pensamento de Unificação que defende a importância da família. Toda sociedade, descobriram os antropólogos, reconhece que a estabilidade e solidariedade do grupo dependem dos relacionamentos familiares positivos. Moralistas romanos como Sêneca enfatizavam o valor da lealdade de um esposo, a afeição de uma esposa e o respeito dos filhos por seus pais. [46] Copiando os mestres e pregadores Helenistas de seu tempo, São Paulo quase sempre inseria um "código doméstico" de ética em suas cartas para as igrejas nas quais os casais eram admoestados a servirem um ao outro, e era dito para os filhos [47] honrarem seus pais. No Hinduísmo, um dos quatro estágios essenciais do amadurecimento humano é a experiência do matrimônio e a responsabilidade paternal. [48] Neste sentido, o pensamento de Unificação simplesmente reafirma um ideal que todas as culturas consideravam estar baseado na lei natural e [49] na natureza de Deus.

O Judaísmo também enfatiza as virtudes da vida familiar. Como relatam estudiosos rabínicos, o povo judeu sempre esteve profundamente preocupado sobre matrimônios estáveis e produtivos, [50] não apenas para o bem-estar do esposo e da esposa, mas também porque a família é extremamente importante para a sobrevivência do Judaísmo. Por muitos séculos, os rabinos têm enfatizado a vida familiar intimamente ligada.

Em contraste com o Confucionismo, o Judaísmo e outras crenças centradas na família, o Cristianismo frequentemente considera a reconciliação com Deus como sendo essencialmente um assunto individual. Fé é definida como um encontro profundamente pessoal com Deus. Como Whitehead escreveu, "Religião é o que o homem faz quando está sozinho." Embora esta noção seja muito verdadeira, o *Princípio Divino* enfatiza que salvação também significa a restauração da família. Kierkegaard compreendeu que a mais trágica morte do homem ocorre no nível espiritual. Aquele que não ama e não pode amar está morto. Esses indivíduos são realmente os mais egoístas e miseráveis. Onde eles podem aprender como amar, exceto na família que é o berçário mais natural? Como um filho, recebemos afeição e cuidado a partir de nossos pais. Este amor é amplamente passivo e receptivo. Quando uma pessoa cresce e entra no matrimônio, ele ou ela entende a importância do amor mútuo. Quando uma pessoa se torna pai, o amor é expresso incondicionalmente sem esperar ser recompensado. Amor paternal é amor sacrifical. Assim, uma família boa, particularmente uma família centrada em Deus, fornece um ambiente ideal para uma pessoa aprender as três formas básicas de amor de uma forma natural. Assim, o *Princípio Divino* enfatiza a centralidade da família, especificamente, a restauração do amor que cumpriria o propósito de criação de Deus. Esse ensinamento parece ser bastante novo nos dias de hoje.

---

40 D. Bonhoeffer, *Letters and Papers from Prison (1971), pp. 347-348.*

41 E. Brunner, *Truth as Encounter (1964), pp. 18-30.*

42 Por esta razão, teólogos católicos descrevem a família como uma manifestação essencial da "lei natural" e a teologia luterana trata a família como um mandato ou "ordem" de criação de Deus.

43 A teologia da Unificação é, portanto, um meio de evitar o individualismo Protestante e existencialista como também o estatismo totalitário secular.

44 Cf. Julia Ching, *Confucianism and Christianity (1977).*
45 Cf. Liu Wu-Chi, A *Short History of Confucian Philosophy (1955), p. 10.*
46 Sêneca (d. *75 AD),* um contemporâneo de São Paulo, era o moralista mais na moda de seu tempo e o tutor do Imperador Nero. Cf. M. Hadas, *The Stoic Philosophy of Seneca (1958).*
47 Cf. Colossenses *3:18-21;* Efésios *5:21-6:4.*
48 Cf. S. Radhakrishnan, *The Hindu View of Life (1975), pp. 59-66.*
49 Cf. Declaração de Independência: nossas liberdades vêm da natureza e do Deus da natureza. Esta frase do Iluminismo demonstra que a moral não é meramente costumes sociais. Moralidade é parte da própria natureza.
50 O Talmude Babilônico afirma "Aquele que não tem esposa vive sem alegria, sem bênção e sem bondade." Cf. *Encyclopaedia Judaica (1971), vol. 6, p. 1171.*

Vivendo em Dois Mundos

Todas as religiões ensinam que o homem é um habitante de dois mundos. Além do mundo visível aberto aos nossos sentidos físicos, existe uma realidade espiritual. Este mundo não terrestre pode ser sentido e percebido, o que significa que ele é tão real e importante quanto a realidade da experiência sensorial comum. [51] Como muitos estudos objetivos têm demonstrado, a existência desta dimensão espiritual pode ser demonstrada a partir de evidências parapsicológicas, as quais parecem indicar uma interação regular entre os mundos físico e extra-sensorial. Por esta razão o *Princípio Divino* compara esse relacionamento com a polaridade de mente e corpo. [52] Se a mente é projetada para direcionar e controlar o corpo, o mundo espiritual está destinado a utilizar o mundo físico para alcançar seus mais elevados objetivos. Como o homem não pode realizar suas plenas potencialidades sem se unir com Deus, o mundo visível não pode realizar seu verdadeiro valor a menos que ele forme um relacionamento contínuo positivo com o mundo espiritual.

Unificacionistas ensinando sobre o mundo espiritual podem parecer como um estranho desvio do pensamento cristão tradicional. Por um lado, teólogos comumente tratam a doutrina do destino do indivíduo como parte da escatologia. A teologia da Unificação, por outro lado, faz da fé na imortalidade humana uma característica essencial de sua doutrina de criação. Não continuamos simplesmente a existir depois da morte. Desde o início e por toda a nossa vida, vivemos em ambos os mundos. Mesmo quando não estamos cientes do fato, estamos cercados por uma grande nuvem de testemunhas. Embora eles sejam espíritos desencarnados, eles existem ao nosso redor, influenciando e orientando nossos assuntos de todos os dias.

As teologias Católica Romana e Ortodoxa Oriental reconhecem este fato em suas doutrinas da comunhão mística dos santos. Católicos afirmam que há comunicação constante entre o mundo físico e o mundo espiritual. Consequentemente, eles enfatizam a importância das orações de intercessão dos santos que partiram e sua preocupação contínua pela saúde espiritual deste mundo. Todo o culto elaborado de Maria (Mariolatria) é baseado na crença que almas desencarnadas podem e tomam parte de nossas vidas. Católicos também ensinam que todo ser humano tem um anjo da guarda que ajuda a evitar o mal e agir de forma correta. Por isso, para o Catolicismo, o conceito de uma alma imortal não está limitado à doutrina do fim dos tempos (escatologia), mas desempenha um papel decisivo em muitos aspectos da teologia.

Além disso, o Catolicismo reconhece a existência e influência terrena de inúmeros espíritos maus. Ao contrário da maioria das formas de Protestantismo moderno, a teologia Católica tem uma demonologia cuidadosamente elaborada. Ao invés de descartar a imagem do Novo Testamento de um mundo infestado de demônios, a Igreja Católica aceita a possessão demoníaca e sempre tem treinado exorcistas para tratarem desses casos. [53] Sendo que os Evangelhos ensinam claramente que Jesus acreditava no poder de forças demoníacas, e que o exorcismo era uma característica importante de seu ministério, Católicos sentem que a realidade de maus espíritos deve ser aceita como dados básicos para considerações teológicas. Mas a crença em bons e maus espíritos não é científica? Os cristãos modernos não deveriam desmistificar a imagem obsoleta do mundo nos Evangelhos, como defende Bultmann?

William James, o psicólogo e filósofo de Harvard tinha algo muito pertinente a dizer sobre aqueles que reivindicam que a crença em fenômenos psíquicos não é científica. Ele ressaltou que os cientistas frequentemente tratam fenômenos místicos com desconsideração desprezível. Não obstante, ele acrescentou que os fenômenos estão lá, espalhados por toda a história. Não importa onde se abram suas páginas, ele encontra coisas como adivinhações, inspirações, possessões demoníacas, aparições, transes, êxtases, curas milagrosas, e poderes ocultos. Por que então os cientistas são tão hostis aos fenômenos psíquicos? De acordo com James, porque esses fatos não podem ser facilmente explicados por uma teoria mecanicista e materialista da ciência. E porque esses fatos ameaçam romper a visão científica mundial aceita. [54] Desde que James publicou seu discurso presidencial para a Sociedade de Pesquisa Física em 1896, a situação melhorou um pouco. Mais tarde ele dedicou suas Conferências Gifford, intituladas *The Varieties of Religious Experience,* a uma consideração de fenômenos místicos; e o zoólogo de Oxford Sir Alister Hardy retornou ao tema das experiências parapsicológicas em suas Conferências Gifford cerca de meio século mais tarde. [55] Ambos os estudiosos reivindicavam que os fenômenos psíquicos são importantes no desenvolvimento de uma teologia natural convincente.

Em contraste com a aceitação Católica da ideia de um relacionamento contínuo entre céu e terra, conservadores Protestantes são capazes de separar as duas realidades. De acordo com os Fundamentalistas, explorar a evidência de fenômenos psíquicos é mergulhar em uma região proibida chamada ocultismo. Esta atitude é bastante peculiar, sendo que a Bíblia está saturada com experiências parapsicológicas. Como ignorar as visões de Isaías e Ezequiel, os sonhos proféticos de José e Daniel, os exorcismos de Jesus e o dom pentecostal de falar em línguas estranhas? Todo profeta bíblico reivindica ter recebido mensagens sobrenaturais. Tanto o Velho como o Novo Testamento relatam incidentes envolvendo visitantes angélicos, implicando uma comunicação direta entre este mundo e o além. Se este tipo de experiência ocorreu no passado, temos alguma razão para acreditar que acontecimentos semelhantes não podem ocorrer no presente? Ao ensinar que as realidades física e espiritual existem em polaridade, a teologia da Unificação reafirma a visão mundial básica das Escrituras. Quando os Protestantes radicalmente divorciam as duas realidades, eles se afastam de um dos pressupostos básicos da revelação bíblica. O Judaísmo Talmúdico, o Hinduísmo, Budismo e Islamismo também acreditam na interação regular entre o natural e o espiritual que sugerem que este é um corolário normal da experiência religiosa.

Se o homem possui uma personalidade multidimensional, por que tantos atualmente negam a existência do mundo espiritual? A razão principal é que em séculos recentes fomos ensinados a ser fisicamente orientados. Em protesto contra a concentração exagerada no outro mundo da Idade Média, os homens modernos têm se concentrado em alcançar a felicidade aqui e agora. Assim, desde o Iluminismo, filósofos e cientistas têm frequentemente advogado uma visão do mundo mais ou menos materialista. Vamos admitir as vantagens positivas dessa abordagem. Concentrando-se neste mundo, os homens têm feito grandes descobertas nas ciências físicas e promovido reformas sociais. Por outro lado, a consciência humana fica restrita à ciência do corpo e suas necessidades. A despeito do fato que outras realidades existem ao nosso redor, ignoramos sua existência e apagamos todos os estímulos delas. É como se tivéssemos fechado os olhos a fim de ouvir melhor. Ouvimos melhor, é verdade, quando não estamos distraídos por sensações visuais: mas nos separamos de um aspecto muito vital de nosso mundo.

Consequentemente, desde a Segunda Guerra Mundial houve um grande reavivamento do interesse na experiência espiritual e fenômenos místicos. Agora um grande número de pessoas compreende o valor de abrir nossos sentidos internos e [56] ampliar nossa gama de percepção. Esta nova busca por espiritualidade revela dimensões da realidade previamente conhecida somente por alguns videntes e psíquicos.

De acordo com a teologia da Unificação, a crença no mundo espiritual é racional porque sua existência pode ser deduzida de forma lógica a partir do fato da polaridade universal. Nosso mundo material requer uma contrapartida espiritual. Como temos uma mente e também temos um corpo, também deve existir um mundo espiritual objetivo paralelo ao ambiente físico.

Médiuns de todas as religiões têm reconhecido que o mundo espiritual não é totalmente diferente de nosso mundo visível. Embora o mundo espiritual tenha seu caráter único, há uma semelhança fundamental entre a vida que vivemos aqui e nossa experiência depois dessa vida. Swedenborg enfatizou que o mundo invisível corresponde ao mundo natural. Nossa atual vitalidade e criatividade são continuadas em outra dimensão. Médiuns também concordam que a vida após a morte fornece uma variedade de ambientes adequados para diferentes estágios de desenvolvimento espiritual. Por exemplo, a *Divina Comédia* de Dante reflete a experiência de místicos católicos medievais. Inferno, purgatório e céu contêm vários níveis que refletem os tipos de vida que os homens se tornaram acostumados.

Assim, não há apenas um único tipo de vida após a morte para todos. O que se encontra depois depende do que alguém fez de si mesmo aqui na terra. De acordo com o Quarto Evangelho, na casa do Pai há muitas moradas (João 14:2). Este versículo significa, nos dizem os estudiosos bíblicos, que o céu contém um número de regiões ou áreas. O grego original nesta passagem sugere que a vida após a morte tem uma série de pousadas ou moradias para a alma. Depois da morte, o espírito individual se encontrará em seu lugar adequado. Despertaremos na moradia que nos tornamos acostumados por causa do amor primário que tem controlado nossa vida terrena.

Entretanto, o *Princípio Divino* fornece informação adicional sobre [57] o mundo espiritual. Ainda mais importante, ele explica o propósito para a cooperação do mundo espiritual com os homens e a possessão espiritual aqui na terra. Por exemplo, uma criança prodígio em alguma área artística ou esforço científico é dotada com a ajuda de um espírito gênio que partiu a muito tempo. Espíritos benéficos ajudam as pessoas a acelerar seus trabalhos para Deus, e em retorno, eles podem avançar para um nível mais elevado através das pessoas que eles ajudaram.

Em contraste, um espírito vingativo pode possuir alguém, forçando-o a cometer atos de violência. Espíritos baixos possuem pessoas para fazer atos destrutivos e dar vazão às suas frustrações e amarguras profundas. Neste caso, o ser humano deve resistir fortemente ao mal impulso e superá-lo. Do contrário, ele não pode se livrar da influência demoníaca ou liberar o espírito vingativo. Espíritos são sempre atraídos por pessoas de temperamento e missão semelhantes. Deve existir alguma base recíproca, seja consciente ou inconsciente. Além disso, ocorre uma proliferação incomum de atividade psíquica durante um importante período de transição na história. Assim, pode-se ver quão estreitamente relacionados são os dois mundos, e que ninguém escapa de sua influência.

No século XX, grandes mudanças têm ocorrido em nossa visão científica do mundo que torna mais fácil acreditar na realidade do mundo espiritual. Desde Isaac Newton, os cientistas têm pensado sobre o universo como uma grande máquina governada por leis mecânicas imutáveis. Dizia-se que o homem estava confinado a um mundo de espaço e tempo que o limitava estritamente. Nossa natureza estava destinada a ser rigidamente determinada pela interação de hereditariedade e ambiente. Nossos pensamentos são causados pelas ondas elétricas em nosso cérebro e nossas emoções estão reguladas pelo funcionamento de nossas glândulas. Nessa visão "científica" mundial naturalmente não tinha nenhum lugar para o mundo espiritual.

Entretanto, hoje esta interpretação materialista da ciência é amplamente questionada. O fato e influência do mundo espiritual agora é bastante plausível à luz das noções científicas contemporâneas. Por um lado, nosso entendimento da natureza do mundo material tem sido drasticamente alterado. Cientistas anteriores reduziram a matéria a pequenos e indestrutíveis blocos para tudo o que existe em nosso universo. Em contraste, cientistas modernos interpretam a realidade física em padrões de energia invisível e temporal. Não há mais uma distinção clara entre o físico e o espiritual. Em segundo lugar, a psicologia da profundidade, especialmente aquela de Jung, oferece uma nova imagem do homem. Nós não somos simplesmente criaturas de tempo e espaço, moldados pela hereditariedade e ambiente. Além de ser influenciado por pensamentos e sentimentos conscientes, cada indivíduo é profundamente afetado por uma poderosa realidade subconsciente revelada em sonhos e descrita nas antigas mitologias. Este mundo não físico de nosso ambiente afeta grandemente nossa saúde e bem-estar. O subconsciente é a realidade espiritual de Jung. Em terceiro lugar, há cerca de um século se realizam pesquisas científicas de fenômenos parapsicológicos. Conforme mostram as preocupações da *British and American Societies for Psychical Research*, existe uma dimensão psíquica verificada pela percepção extrasensorial, clarividência, transe mediúnico, a precognição e experiências fora do corpo. Finalmente, os antropólogos de culturas comparativas começaram a interpretar com simpatia as religiões dos chamados povos primitivos. Eles se tornaram conscientes da crença universal de poderes sobrenaturais que estão em contato com o homem e influenciam seu comportamento. Assim, a física moderna, a psiquiatria, parapsicologia e antropologia cultural dão suporte à noção do *Princípio Divino* que vivemos em dois mundos.

Pondere o que significa ser feito à imagem de Deus. Você e eu iremos viver para sempre. O que significa imortalidade? Estamos pensando em animais e criaturas amorosas. Essas duas faculdades demonstram nosso parentesco com o Deus eterno. Elas nos fazem parte do mundo espiritual eterno. Pensaremos e amaremos para sempre. Assim, nossa sabedoria continuamente crescerá e nosso amor pode ser enriquecido mais e mais. Isto é o que Swedenborg ensinava. Não haverá nenhuma ruptura brusca entre vida aqui e a vida futura. O que começamos aqui continua em qualidade e se expande infinitamente. O Deus sempre vivo cria cada um de nós para ter comunhão com Ele para sempre.

Por isso, se este mundo é lindo, o mundo espiritual é ainda mais lindo. Se este mundo é bom, o mundo que virá é ainda melhor. Em nossos momentos mais profundos esperamos ser mais amorosos, sábios e mais belos. O mundo espiritual fornece uma oportunidade para satisfazer essas aspirações. Portanto, o outro mundo é tão dinâmico, tão vital e tão desafiador como este.

51 Cf. A. Angoff and D. Barth, eds., *Parapsychology and Anthropology (1974);* B. Shapin e L. Coly, *The Philosophy of Parapsychology (1977).*
52 *Divine Principle (1973), pp. 57-58.*
53 Cf. M. Martin, *Hostage to the Devil (1976).*
54W. James, *The Will to Believe and Other Essays in Popular Philosophy (1956), pp. 300-302*.
55 A. Hardy, *The Living Stream (1965); The Divine Flame (1966).*
56 Cf. as obras de Morton T Kelsey, Sacerdote episcopal e educador religioso na Universidade de Notre Dame: *Encounter with God (1972); God, Dreams and Revelation (1974); The Christian and the Supernatural (1976).*
57 *Divine Principle (1973), pp. 172-176.*

IV.PECADO ORIGINAL

Diversas Interpretações de Pecado

Para entendermos a doutrina cristã de pecado é importante olharmos para seu desenvolvimento histórico. Três definições clássicas de pecado foram produzidas na tradição judaico-cristã. Primeiro, pecado era interpretado como uma violação consciente das leis reveladas de Deus. Os homens pecam quando desobedecem aos mandamentos de Deus dados para Moisés, ou a nova Lei proclamada por Jesus. Segundo, o pecado tem sido explicado por Paulo e Agostinho como a natureza decaída comum do homem. Pecamos porque somos filhos concupiscentes de Adão e Eva rebeldes. Terceiro, durante a Reforma, pecado foi definido como um portão de infidelidade na medida em que carecemos de confiança em Deus.

As diferenças fundamentais entre estas três doutrinas de pecado podem ser claramente vistas quando olhamos para elas em termos de seus opostos. Se pecado é desobediência às leis divinas, seu oposto é justiça. Se pecado se refere à natureza decaída do homem, isto é contrastado com a natureza original do homem e sua natureza redimida. Ou se pecado significa infidelidade, então seu inverso é fé em Deus e lealdade a Ele.

Começando com a Renascença, estas doutrinas clássicas cristãs da natureza pecaminosa do homem têm sido desafiadas. A Renascença afirmava a dignidade, o poder moral e a beleza natural do homem. Esta visão otimista da natureza humana foi aprofundada e popularizada durante o Iluminismo. A Era da Razão do século XVIII acreditava na bondade natural do homem, o poder soberano da razão humana e a capacidade para criar uma ordem social moral na base de princípios científicos.

Portanto, o Iluminismo minou o entendimento cristão tradicional da pecaminosidade do homem:

1) O homem não é uma criatura decaída, mas um ser racional e moral que pode melhorar a si mesmo e sua sociedade.

2) Deus produziu o universo de acordo com Sua sabedoria. Como Suas leis naturais governam o movimento dos planetas, Suas leis morais são suficientes.

3) Não há nenhum valor no ensinamento da igreja sobre pecado original, depravação total e natureza decaída porque estas noções estão baseadas em antigas lendas hebraicas de Adão e Eva.

4) Além disso, acreditar no mal inato do homem e na corrupção herdada contradiz nosso senso moral. Se somos totalmente depravados, não podemos ser responsabilizados por nossas ações. Se somos pecadores por natureza, nossos pecados específicos são simplesmente resultados inevitáveis de nossa condição decaída.

Biólogos e arqueólogos não encontraram evidência que os seres humanos originais viveram em um estado de inocência e felicidade paradisíaca a partir do qual eles caíram. Para muitos homens modernos, as doutrinas de pecado original, culpa herdada e depravação total são impossíveis de acreditar porque parecem irracionais e imorais:

1) Se somos passíveis de punição pela culpa herdada, Deus é injusto. Somos somente responsáveis por nossos próprios atos. Não podemos ser culpados pelos erros de nossos antepassados.

2) Doutrinas tradicionais de pecado conflitam com o senso comum do homem de responsabilidade pessoal.

3) Elas dão uma imagem indevidamente pessimista da natureza humana. Não somos totalmente depravados, porque temos muitos pontos bons como também inclinações pecaminosas.

4) Se Deus nos dá mandamentos morais, Ele também nos dotou com a capacidade para viver de forma correta. O próprio Deus seria injusto ao exigir de nós o que Ele sabe que não podemos cumprir.

Desafiados pelo otimismo da Renascença e o racionalismo do Iluminismo, pensadores cristãos se sentiram compelidos a elaborar alternativas para a doutrina de pecado agostiniana-calvinista. Uma alternativa é baseada na interpretação evolutiva do homem. Por que pecamos? Porque os homens ainda não superaram suas características animais herdadas. Nossas falhas morais são vestígios de nosso passado animal. Estamos apenas gradualmente nos tornando realmente humanos. O Professor E. R. Tennant foi um dos muitos que advogaram esta reinterpretação darwiniana do pecado. [1]

Uma segunda visão foi elaborada por sociólogos e reformadores sociais. Pecamos por causa da estrutura e condições pecaminosas da sociedade. Albrecht Ritschl, por exemplo, afirmou que há um bem organizado reino do mal que é oposto aos sonhos do homem do reino ideal de Deus. Para citar uma frase de Reinhold Niebuhr, "somos homens morais em uma sociedade imoral." Ou como ensinava Walter Rauschenbusch, instituições de todos os tipos – política, econômica, racial, cultural e religiosa – podem fazer os indivíduos pecarem, encorajá-los a continuarem pecando e até mesmo cegá-los sobre o fato que eles são pecadores. Esta visão tem muitos defensores: os Protestantes liberais do Evangelho Social, Socialistas Cristãos, Marxistas Cristãos, teólogos da esperança e teólogos liberacionistas.

Uma terceira alternativa estava baseada na nova ciência da psicanálise. De acordo com Freud, sofremos todos os tipos de desordens pessoais e coletivas porque reprimimos nossas decisões instintivas. Nos tornamos emocionalmente desajustados e socialmente destrutivos quando suprimimos impulsos biológicos naturais ao invés de encontrar formas construtivas para expressá-los. O que é a alma doente do pecado a não ser a personalidade neurótica insalubre do nosso tempo? Portanto, o psiquiatra remove os sentimentos irracionais de culpa, apontando suas raízes subconscientes, dissipando neuroses socialmente condicionadas, e ensinando os homens a aceitarem uma ética social mais permissiva.

Uma quarta visão da condição decaída do homem é proposta pelos filósofos existencialistas, começando com Kierkegaard. Por que pecamos? Por causa da profunda ansiedade do homem. Nossos lapsos morais se originam a partir de um terrível temor e angústia ontológicos.

Deus nos dá liberdade, contudo, Ele nos ordena a obedecê-Lo. Esta demanda nos enche de angústia. Se obedecemos a Deus, tememos perder nossa liberdade. E se recusamos, nos sentimos culpados. Consequentemente, ficamos assustados. Sentimos como se estivéssemos suspensos sobre o vazio.

Cada um é seu próprio Adão. Temos medo de desistir de nossa liberdade, e assim, tentamos desafiar Deus. Em nome da liberdade, tentamos nos colocar no Seu lugar. Ansiosos para permanecermos livres, nos rebelamos contra Deus e caímos inevitavelmente.

Pecamos porque estamos condenados a ser livres. Por desespero e rebeldia, nos afastamos de Deus e uns dos outros. O homem está em guerra consigo mesmo e com todos os demais. Consequentemente, somos vítimas da solidão e do isolamento. Alienado de Deus, o homem se torna tanto sem amor como também perdido. Isto, dizem os existencialistas, é o estado decaído de todo homem.

Este breve relato revela quão confusos os homens contemporâneos estão sobre sua própria condição. Cristãos discordam sobre o significado de pecado, sua origem e extensão. Muitos confessam que pecado tem se tornado um mistério insolúvel. Não temos certeza de como o pecado começou, quão profundamente ele corrompe a natureza humana e como ele pode ser curado.

A teologia da Unificação reivindica lançar luz renovada sobre o estado pecaminoso de todos os homens. Acreditamos ter recebido uma explicação racional da história bíblica de Adão e Eva. O *Princípio Divino* sugere uma nova visão do pecado primordial e indica a maneira para que os homens possam ser restaurados à sua comunhão original com o Criador. Assim, a teologia da unificação revela a razão para o distanciamento existencial do homem e seu remédio.

---

1 F. R. Tennant – um teólogo anglicano do início do século XX na Universidade de Cambridge.

Visões Modernas da Queda

Tradicionalmente, a doutrina cristã do homem decaído tem sido conectada com a história do Gênesis de Adão e Eva. Entretanto, a confiabilidade histórica do relato da Queda tem sido cada vez mais questionada. Aqueles que negam a validade da narrativa do Éden fazem isto por duas razões. Por um lado, é difícil conciliar o relato de Adão e Eva com as teorias científicas modernas. Por outro lado, estudiosos bíblicos tendem a lançar dúvidas sobre o relato do Gênesis ao interpretá-lo à luz das antigas lendas babilônicas e canaanitas. [2]

Assim, Brunner insiste que a verdade da Queda não deve estar conectada com o "mito" de Adão e Eva. Toda a história de Adão implica uma visão de tempo e espaço que já passou.[3] Portanto, os cristãos devem basear sua doutrina da Queda no Novo Testamento ao invés do Velho Testamento. Se elaboramos uma visão cristocêntrica do pecado original, podemos evitar as dificuldades intelectuais e teológicas conectadas com a visão do mundo mítica do Gênesis. Entretanto, se o relato do Gênesis não é baseado em eventos históricos, as questões do Quando e Como da Queda não podem ser respondidas historicamente.[4]

À luz de todas as dificuldades, alguns teólogos modernos reinterpretam a história do Gênesis. Vamos considerar alguns exemplos.

De acordo com o teólogo de Harvard Gordon Kaufman,[5] a história do Gênesis enfatiza que a Queda ocorreu porque Adão e Eva comeram o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal. Para Kaufman, este ato é uma forma simbólica de dizer que o homem se tornou um pecador, uma vez que ele pôde distinguir entre bem e mal. Antes de comer o fruto proibido, o homem vivia em comunicação com Deus. Por que olhamos para Deus? Para saber evitar o mal e viver uma vida boa. Mas uma vez que o homem comeu da árvore, não havia mais qualquer razão ética para Deus. O homem por si mesmo pôde decidir como agir. Assim, ele se sentiu moralmente autônomo. A consciência torna o homem independente ou autoconfiante e, portanto, Deus não é necessário como uma fonte de padrões éticos.

Kaufman também observa que a Queda foi causada não apenas pelo homem, mas pelo relacionamento do homem com a serpente, a qual simboliza o mundo da natureza. Os homens caíram quando começaram a se relacionar com a natureza sem referência a Deus. Viver como um ser autônomo promove grande poder: poder sobre a natureza e poder sobre sua própria vida. Quão livres, quão poderosos os homens se sentiram quando eles cortaram seus laços com Deus! Como Nietzsche coloca, se Deus está morto, podemos nos tornar super-homens. Assim, os homens caíram quando eles divorciaram a natureza de Deus e trataram o seu mundo como uma realidade secular.

A história do Éden descreve um estado idílico. O homem e Deus vivem juntos no tipo mais íntimo de relacionamento pessoal. Havia íntima comunicação face-a-face entre o Criador e Suas criaturas. Adão e Eva estavam nus, mas não se envergonhavam. Isto indica simbolicamente a natureza completamente aberta e desinibida do encontro divino-humano.

Quais são os efeitos da Queda? O homem vive agora de acordo com seus próprios padrões de bem e mal. Manipulamos a natureza para nossa própria vantagem egoísta. Somos guiados por considerações meramente antropocêntricas e utilitárias. Nosso estado decaído nos afasta de Deus e nos torna estranhos uns com os outros. Como Adão e Eva, nos escondemos quando ouvimos Deus chamando e ficamos com medo de enfrentá-Lo face-a-face. Ficamos envergonhados do que somos e tentamos cobrir nossa nudez. Cortados de Deus e de um relacionamento natural com os outros humanos, os homens se tornaram atormentados pela ansiedade. Nos sentimos inseguros, incertos e inquietos. Nos tornamos sobrecarregados com culpa e aterrorizados pelo pensamento de morrer.

A Queda do homem afetou toda a história subsequente, conclui Kaufman. Cada geração está aprisionada pelas atitudes e experiências de seus predecessores. Consequentemente, nos tornamos sobrecarregados com medos, frustrações e loucuras do passado. O pecado veio ao mundo através de um só homem e a morte através do pecado, por isso a morte se espalhou para todos os homens (Rom. 5:12).

Alguns discípulos de Kierkegaard oferecem uma explicação muito diferente da Queda.[6] De acordo com esta visão, não foi uma ética autônoma, mas a confiança no conhecimento especulativo que causou o banimento de Adão e Eva do Jardim do Éden. O que a serpente prometeu é que razão pode nos fazer iguais a Deus. Uma vez que Adão e Eva aceitaram essa noção, eles descobriram que não poderiam mais viver no Paraíso. O homem acreditou na mentira da serpente que ao comer o fruto proibido, "Seus olhos deveriam ser abertos e vocês deveriam ser como deuses, conhecendo."

Quão condenados estamos ao aceitarmos as reivindicações da razão? Primeiro, quando olhamos para a criação com os olhos bem, abertos, descobrimos que nem tudo é bom como reivindica o Gênesis. A razão nega a crença que tudo que Deus criou era muito bom. A razão explica que tudo que existe tem um início e um fim. Existir significa ser imperfeito, sujeito a declinar e condenado a morrer.

Em segundo lugar, a razão leva ao mal e ao pecado porque ela afirma que todo indivíduo enfrenta determinado destino. A história demonstra que todas as pessoas são finitas, e que cedo ou tarde serão esmagadas tão miseravelmente como se elas fossem objetos inanimados. Assim, a razão nos diz que devemos aceitar nosso destino. Ser sábio significa inclinar diante do inevitável.

Terceiro, o que a razão pode descobrir? Somente ideias, abstrações sem vida. A razão ignora homens de carne e sangue em favor de conceitos como verdade, bondade e beleza. Razão é fria e impessoal; mas vida é específica, calorosa e individual. Esse é o motivo pelo qual Kierkegaard era tão hostil à filosofia do espírito puro de Hegel. O idealismo Hegeliano drenava todo o sangue e paixão dos homens. Razão é o pecado original porque ela disseca a vida através da análise lógica, transformando indivíduos apaixonados em categorias lógicas.

Quarto, razão destrói os esforços éticos dos homens. O racionalismo transforma moralidade em leis eternas. Os moralistas racionais insistem: *"Você deve* fazer isto, *você não pode* fazer aquilo." Ética é definida em termos de obrigações. O homem não tem mais nenhuma escolha. Ele é coagido a obedecer.

Para concluir, os existencialistas identificam a Queda do homem com sua confiança na razão porque a razão é totalmente antirreligiosa. Razão enfatiza os pensamentos do homem enquanto a religião enfatiza seus sentimentos. Razão ignora o individual em favor do universal, mas a fé está preocupada com o valor único de cada homem. Razão exalta a necessidade, a fé afirma a liberdade. Ter fé é afirmar que com Deus nada é impossível. Entretanto, o homem é decaído porque ele foi seduzido e continua a ser seduzido pelo conhecimento teórico.

Uma terceira interpretação da Queda tem suas raízes no Gnosticismo Cristão, mas foi revivido por Nicolai Berdyaev e Paul Tillich. De acordo com Berdyaev,[7] a história do jardim do Éden simboliza o estado pré-histórico do homem. O Éden se refere à felicidade inconsciente, quase vegetativa que o homem experimenta antes de sua consciência sobre a diferença entre bem e mal.

Uma vez vivemos em uma era dourada de inocência e harmonia. Estávamos então em união com a natureza e em comunicação com Deus. O exílio de Adão e Eva do Éden simboliza o fato que o homem agora se sente colocado distante de Deus e o cosmos parece ter se afastado do homem. O Paraíso era felicidade, enquanto nosso estado atual é de divisão, ansiedade e conflito.

Quando o homem alcançou a consciência, ele se tornou separado do verdadeiro fundamento de sua existência. Embora a Queda foi uma tragédia, ela também foi necessária e benéfica. O homem rejeitou a plenitude e felicidade do Éden a fim de explorar seu destino até suas mais íntimas profundezas. Ele caiu da harmonia da felicidade e escolheu a vida trágica da existência terrestre a fim de realizar suas potencialidades.

Comer o fruto da árvore do conhecimento exilou o homem do Paraíso. Mas conhecimento é bom e capacita os homens a descobrirem o significado da vida. O exílio do Éden nos capacita a alcançarmos um estágio mais elevado de consciência e atingirmos um estado mais elevado de existência. O "mito" da Queda não degrada o homem, mas ao invés o exalta para estaturas maravilhosas. Sendo que temos liberdade para cair, também temos a capacidade para levantar de novo. A possibilidade do mal é uma condição necessária para alcançar o bem. Assim, o mito da Queda é um mito da grandeza potencial do homem.

Sendo que somos livres, somos chamados para nos tornamos criadores de novos valores. Somos livres naquilo que somos capazes de cooperar voluntariamente com Deus, para produzirmos novos valores. Estamos destinados a ser criadores criados. Nossa atividade criativa deveria nos trazer para uma experiência dinâmica de eternidade.

O homem pensa sobre o paraíso que havia e o paraíso que virá. Assim, a Bíblia combina o mito da era dourada no passado com a esperança messiânica de uma era milenar no futuro. Seguindo o caminho de tragédia e heroísmo, o homem viaja desde o Éden original, no qual liberdade é desconhecida, para um paraíso no qual há o conhecimento da liberdade. O Paraíso será alcançado através da criatividade humana. Assim, a revelação cristã é primeiro e ainda mais uma mensagem do reino de Deus, o fim dos tempos, um novo céu e uma nova terra.

Tillich entende a Queda como uma descrição mitológica da transição do ser essencial para o existencial. Todos os homens estão cientes do afastamento de sua verdadeira natureza. Contudo, a Queda não se refere a um evento ocorrido uma vez em algum momento. O que a Queda simboliza é a situação humana universal. Todos os homens são decaídos porque todos estão distanciados de si mesmos, dos outros e de Deus. A situação humana envolve três formas de autodestruição: incredulidade, orgulho e concupiscência. Por causa disto, nos sentimos sobrecarregados com culpa pessoal e [8] experimentamos as trágicas consequências da existência.

---

2 A. S. Rappoport and R. Patai, *Myth and Legend of Ancient Israel (1966),* Vol. 1.
3 E. Brunner, *Dogmatics (1952), v. 11, p. 89*
4 Ibid*., p. 100.*
5 Gordon D. Kaufman, *Systematic Theology: A Historicist Perspective (1968), pp. 352-364.*
6 See Lev Shestov, *Kierkegaard and Existential Philosopkv (1969), pp. 1-28, 127-138, 247-249.*
7 N. Berdyaev, *The Destiny of Man (1960), pp. 23-44.*
8 Tillich*, Systematic Theology (1957), vol. 11, pp. 29-59.*

O Ensinamento do Novo Testamento Sobre Pecado

A. Nos Evangelhos Sinópticos:

Em Marcos, Mateus, Lucas e Atos, pecado se refere à fonte das más ações ao invés de atos específicos. Os homens são uma ninhada de serpentes venenosas cujos corações estão cheios com o mal (Mateus 12:34). Marcos 7:21 lista doze males (começando com fornicação) que se originam no coração e tornam o homem imundo. Pecado implica o domínio de Satanás sobre o homem. Os Pergaminhos do Mar Morto ensinam que os homens estão sujeitos às regras de Belial, e os Sinóticos interpretam a missão de Jesus como uma confrontação com o poder de Satanás. Pedro descreve o ministério de Jesus como "fazer o bem e curar todos aqueles que tinham caído sob o poder do diabo..." (Atos 10:38). Paulo pregou para os gentios para que eles pudessem se converter "do domínio de Satanás para Deus, e receber... uma parte da herança dos santificados…" (Atos 26:18).

B. Nos Escritos Joaninos:

Quase sempre lemos na literatura Joanina sobre "pecado" ao invés de "pecados" específicos. Então, de forma comum pecado se refere a um poder que afasta o homem de Deus em um estado de total alienação. O papel messiânico de Jesus é tirar o pecado do mundo (João 1:29) concedendo o Espírito Santo. O Espírito resgata os cristãos da realidade do diabo. A comunhão com Deus através do batismo do Espírito destrói no homem a possibilidade de pecar (I João 3:5-9). O contraste entre o pecador e o crente perfeito é tão grande como a diferença entre luz e escuridão, verdade e falsidade, vida e morte.

I João demonstra a diferença entre o cristão e o pecador (3:3-10). O pecador aceita a regência de Satanás e age em conformidade. Entretanto, o cristão é liberado de Satanás, como demonstra seu comportamento. Ele tem fugido do domínio satânico. Assim, aquele que comete pecado é do mal (I João 3:8). Ele é um escravo (João 8:34) cujo pai é o diabo (8:44). Como os justos vivem sob a orientação do Espírito de Deus que habita em nós, os pecadores se deixaram ser *seduzidos* pelo adversário de Deus. Ou somos um filho de Deus ou do Diabo, vivendo na luz ou na escuridão.

C. Em Paulo e na Literatura "Paulina":

A literatura Paulina se assemelha à teologia dualista de João. Como o Quarto Evangelho, Paulo acredita em um poder personificado do mal: "Belial" (II Cor. 6:15) ou "o homem de iniquidade" (II Tess. 2:8). Ela traça a dominação de Satanás até Adão (Rom. 5:14), enquanto I Timóteo atribui isto a Eva (2:14). Paulo estava familiarizado com listas de pecados que eram populares nos círculos pagãos, como também judaicos da época. Por exemplo, *The Testaments of the Twelve Patriarchs* nomeiam sete tipos de erros morais, o primeiro dos quais é "o espírito de fornicação" assentado no corpo e seus sentidos (T. de Rúben 3:2-8). Philo descreve 140 vícios que se originam do "prazer."[9] Como os gregos, Paulo enfatiza os pecados sexuais. Ele enfatiza nossas "paixões pecaminosas" (Rom. 7:5), especialmente quando ele condena a imoralidade generalizada do Império Romano.

Isto também é visto na forma que ele identifica "avidez"[10] com "fornicação" e "idolatria." Para Paulo, a idolatria forneceu a fonte de desordens sexuais pagãs e "práticas antinaturais" (Rom. 1:24).

Muitos leitores de Paulo sentem que ele focaliza a fonte última do pecado na carne do homem. Por esta razão, o Paulinismo levou naturalmente para o dualismo de Marcion, o Gnosticismo, o encratismo Sírio [11] e o monasticismo egípcio. Paulo afirma que "o desejo da carne" é hostil a Deus (Rom. 8:7). Especialmente a carne é o lugar no qual surgem as paixões e é um terreno fértil para o pecado. Porque o homem é carnal, ele tem sido vendido ao pecado, como um escravo (Rom. 7:14). Assim, Paulo pôde escrever sobre nosso "corpo pecaminoso" (Rom. 6:6). Sua posição geral é muito clara: "Não faça nenhuma provisão para a carne satisfazer seus desejos" (Rom. 13:14).

Nem os dualistas gregos como Platão e nem os cristãos como Paulo acreditam que seja impossível dominar os desejos da carne. Assim, Paulo pôde dizer para os Coríntios: "Mas o corpo não é para a fornicação, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo... Não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo?... Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?... glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus." (I Cor. 6:13-20).

O mais importante é a forma que Paulo personifica o pecado. Nos capítulos 5-8 de Romanos, ele fala quarenta vezes sobre o fato que todos os homens são governados pelo pecado. O pecado entrou no homem através de Adão, se espalhou por toda a raça humana e até mesmo afeta o mundo material. O poder do pecado opera através da carne do homem, despertando a concupiscência e se manifestando em inúmeras ações de ilegalidade. O pecado *seduz* o homem (Rom. 7:12), como a serpente seduziu Eva. Portanto, pecado se tornou o príncipe deste mundo. O homem somente pode ser liberado da tirania de Satanás através do dom vivificante do Espírito de Deus.

---

9 *Treatise on Abel and Cain, XXXII.*

10 Avidez – desejo por mais cobiça. Na história da Queda, o desejo de Adão e Eva pela árvore proibida é descrito como "cobiça" (Gen. 3:6).

11 Encratismo – crença que o corpo é mal; cf. Tatian, um antigo padre da igreja.

Agostinho sobre Pecado Original

Santo Agostinho assumiu as referências de Paulo sobre pecado, as desenvolveu e sistematizou. Assim, ele é frequentemente elogiado ou culpado como o pai do conceito de pecado original. Sua teologia moral foi grandemente influenciada por suas controvérsias com dois grupos rivais, os Pelagianos e os seguidores de Mani. Os seguidores de Pelágio ensinavam que Deus criou o homem bom; e que se caímos, fizemos isso por causa de nossos pecados pessoais. Crianças nascem sem pecado, e como Adão, elas caem deste estado original de inocência por causa de seus atos voluntários de maldade. Portanto, não há nenhum pecado original que corrompeu a natureza humana e nenhum pecado que seja herdado de nossos pais.

Discípulos do profeta Persa Mani defendiam a visão oposta. Eles ensinavam que, porque temos corpos, nossas almas estão aprisionadas em uma realidade material hostil, e nossas vidas são constantemente corrompidas pelos desejos carnais. Esperamos pela redenção da escravidão carnal. Assim, ser salvo significa se abster de todas as relações sexuais, ou ao menos evitar ter filhos. Os melhores homens e mulheres praticam o celibato total.

Os Pelagianos começaram com a doutrina de Deus, o Criador, e minimizaram a necessidade de redenção, Agostinho declarou. Os seguidores de Mani, por outro lado, começaram com a doutrina do Deus salvador e negaram a bondade básica da criação. Como um bispo norte-africano preocupado com o Catolicismo institucional, Agostinho viu como os Pelagianos enfraqueceram o caso do batismo infantil, enquanto os seguidores de Mani negaram o sacramento do matrimônio. Assim, Agostinho tentou elaborar uma teologia que reconhecesse tanto a natureza decaída do homem como a bondade do Criador. Ao fazer isso, ele enfatizou dois aspectos do pecado original: o orgulho do homem e sua concupiscência. Teólogos Protestantes têm enfatizado geralmente o primeiro fator enquanto católicos têm mais consciência do segundo.

Se os dois amores fundamentais do homem – “caritas” e “avareza” – estão constantemente em guerra um com o outro, como entendemos seu relacionamento a partir do ponto de vista de Deus? Como uma pessoa pode conciliar a concupiscência do homem com o sacramento do matrimônio? Este era o problema de Agostinho.

Em 418 d.C. Agostinho escreveu um importante tratado sobre pecado original que ele enviou para um casal que tinha se separado, para o esposo se tornar abade de um mosteiro na Palestina e a esposa se tornar uma freira. Neste livreto, Agostinho afirmava que a graça da regeneração espiritual elimina o débito contraído pelo contágio da geração carnal. [12] Por que Adão e Eva caíram? Não simplesmente porque eles caíram presas da concupiscência, mas porque eles desobedeceram o mandamento de Deus. Uma vez que Adão e Eva desobedeceram Deus, eles perderam o controle de seus corpos. A concupiscência veio a partir do pecado.

Agostinho traçou a concupiscência para ambos “a sutileza do Diabo e o consentimento da vontade do homem”. “O enganador de Eva” injetou na mulher a causa da luxúria.” [13] Isto fez dela uma escrava da concupiscência. Como pecadores, Adão e Eva satisfizeram seus impulsos eróticos indecentes. Deus não se opôs ao matrimônio de Adão e Eva.

Suas palavras “Frutificai e multiplicai” demonstram que Ele colocou “uma bênção sobre a fertilidade do matrimônio.” Se Deus não tivesse pretendido que Adão se casasse, Ele teria dado a ele outro homem como companhia ao invés de uma mulher, diz Agostinho. Entretanto, o abraço nupcial do primeiro casal deveria ter sido desacompanhado do desejo pruriente. Eles se sentiram envergonhados e se cobriram porque estavam sujeitos aos desejos da carne. Consequentemente, seus filhos nasceram com o contágio do pecado por causa do desejo indecoroso dos pais.

Em um tratado antigo sobre o casamento (401 d.C.), Agostinho afirmou que na pureza do Paraíso, Adão e Eva cedo ou tarde teriam se casado, em obediência ao mandamento de Deus de serem frutíferos. Entretanto, a união deles teria sido livre de todo prazer sensual. Seus corpos seriam completamente controlados por sua razão, e eles então teriam filhos.

A visão de Agostinho sobre a vida no jardim do Éden antes da Queda afetou seu entendimento da futura perfeição do homem no Paraíso. Em seu estado aperfeiçoado, os homens estariam livres de todos os desejos carnais corruptos que levam ao pecado. Quando o reino de Deus vem à terra, cada incentivo para o pecado terá sido purgado da natureza humana.

Ao mesmo tempo, Agostinho se recusou a negar a validade do matrimônio. É verdade que o matrimônio está manchado com concupiscência. Também é verdade que, por causa dos aspectos pecaminosos do ato sexual, todos os filhos são concebidos no pecado e herdam a culpa de Adão e Eva. Entretanto, matrimônio não é mal. O filho produzido através do ato sexual representa uma obra criativa de Deus. O bem do casamento não foi tirado pela má presença da luxúria.

Agostinho merece elogio por reconhecer o fator sexual na Queda de Adão como também sua consciência que concupiscência é ainda a raiz da atual situação de pecado do homem. Entretanto, como muitos daqueles que interpretavam, a queda de forma sexual, Agostinho concluiu que para ser salvo, o homem deve superar sua sexualidade. Portanto, ele diz que está implícito que o sexo *per se* é pecado. Neste mesmo ponto a doutrina de Agostinho sobre pecado original tem sido atacada por muitos cristãos. Talvez ele ainda estivesse muito influenciado pelo treinamento dos Manis. À luz do *Princípio Divino* faltou para ele um importante aspecto do plano de Deus. Ele ignorava a intenção original divina de utilizar Adão e Eva como os pais de uma ampla família mundial baseada no amor por Deus e pelos outros.

---

12 *On Original Sin, 37.*
13 *Ibid., 45.*

A Realidade de Satanás

Tradicionalmente, teólogos cristãos têm utilizado o conceito de Satanás para explicar a Queda do homem. Entretanto, desde a Era da Razão, mais e mais cristãos têm tentado descrever o pecado original e a natureza decaída da humanidade sem referência ao trabalho de um poder demoníaco pessoal. Por exemplo, Satanás não desempenha quase nenhum papel nas teologias de Schleiermacher, Ritschl, Barth, Brunner, Tillich, Reinhold Niebuhr, Teilhard de Chardin ou dos teólogos modernos. Uma notável exceção é encontrada no pensamento do teólogo alemão contemporâneo Helmut Thielicke. [14]

De acordo com Lutero, Thielicke descreve a história como o campo de batalha onde Deus e o anti-deus lutam pelo controle do nosso mundo. Isto significa que devemos enfrentar a realidade do demônio, ele diz. Mas para fazer isso, devemos primeiramente parar de pensar sobre a simples ideia do mal como um problema para a especulação filosófica. O demoníaco não é uma ideia, mas um poder absolutamente ameaçador que toda pessoa encontra em sua vida cotidiana. O demoníaco não pode ser entendido de uma forma desinteressada e objetiva. Ao invés, é imperativo observar como o demoníaco nos alcança, tocando nossas vidas e nos afligindo. Além disso, devemos reconhecer que existe dentro de nós mesmos algo no qual o demoníaco pode tomar posse. Nos tornamos cientes da presença diabólica porque todos somos afligidos por ela. Especialmente em uma era de desordem social e ausência de constrangimento pessoal como a nossa, a realidade do demoníaco pode ser vista em todo o seu horror. Assim, qualquer pessoa que entende a história deveria levar em conta a existência de poderes demoníacos.

O demoníaco não é encontrado apenas em qualquer lugar fora de nós, mas reside ativamente dentro de nós. Primeiramente devemos olhar, não para fora na direção dos outros homens ou do mundo natural, mas para dentro do coração humano a fim de descobrir Satanás. Então, uma pessoa descobrirá que somos seus escravos e que ele assumiu controle sobre o mundo do homem.

De acordo com o Novo Testamento, Satanás não é simplesmente um nome poético para o fato impessoal do mal. Ao invés, o encontramos como uma pessoa, um poder consciente com uma vontade, propósito e a capacidade de fazer sentir sua influência. Se é verdade que o homem tem um arqui-inimigo sobrenatural, então cada um de nós se coloca em grande perigo. O inimigo invadiu você e eu, assim, não podemos meramente sentar e filosofar. Devemos levantar e lutar, ou seremos destruídos. Acreditar em Satanás implica que você deve encontrá-lo face-a-face como seu inimigo pessoal.

O objetivo de Satanás é separar os homens de Deus. Essa é a função principal do diabo, que ele realiza de duas formas. Primeiro, como acusador do homem, ele nos coloca em desacordo com Deus. Em segundo lugar, ele tenta o homem a agir de tal forma que ele provará que suas acusações são válidas. Para fazer isto, Satanás tira vantagem de nossa vulnerabilidade ao pecado. Ele explora uma tendência inata da natureza humana: nossa abertura à tentação. Porque somos humanos e potencialmente pecadores, Satanás pode entrar dentro de nós e realizar sua vontade. Como Thielicke afirma, “Porque tenho pecado em mim, eu dou ao diabo uma reivindicação sobre mim.”

Qual a base de Satanás na natureza do homem? Eu mesmo, minhas ambições, orgulho, paixões e egocentricidade. O diabo se aloja dentro do coração por causa do amor próprio de uma pessoa. Não somos simplesmente escravos de um mestre estranho, mas súditos bem dispostos. Ao amar a nós mesmos, entregamo-nos à escravidão satânica. A responsabilidade é nossa. Ao mesmo tempo, logo descobrimos que estamos sob o poder de uma força hostil que é tão poderosa que não podemos romper seu domínio sobre nós.

Sendo que pecadores são incapazes de ficarem livres por seus próprios esforços, eles buscam Deus esperando liberação. O poder da escravidão diabólica deve ser rompido por uma força externa superior a Satanás. Esta redenção é cumprida quando a soberania do diabo sobre os homens é substituída pela regência de Deus. Assim, homens decaídos devem decidir se permanecem escravos de Satanás ou se tornam servos obedientes de Cristo. Isto é, a questão definitiva envolve a lealdade de uma pessoa. Somente o Senhor pode nos livrar, e ele pode fazer isso somente se juramos total lealdade a ele.

Satanás, explica o Novo Testamento, é nosso adversário; e ele é um oponente poderoso porque ele é um anjo decaído. Como um anjo, o diabo conhece a estratégia de Deus. Ele compreende que Deus quer estabelecer Seu reino na terra. Além disso, sendo que ele era Lúcifer, um arcanjo na corte celeste, Satanás tem a habilidade para se disfarçar como um anjo de luz. Em tudo que ele faz, ele tenta imitar Deus e aparecer como o amigo da humanidade.

Assim, as reais intenções de Satanás permanecem ocultas de suas vítimas. Ele trabalha de forma anônima e aparece incógnito. O diabo nunca diz, “Eu ensinarei você como pecar.” Ao invés, ele diz para o homem, “Eu mostrarei a você algo interessante, agradável ou enriquecedor.” Ele age de uma forma que pensamos que estamos expressando nossos próprios desejos e simplesmente fazemos o que queremos. Assim, ele prefere estimular, tentar e nos encorajar por trás dos bastidores. Satanás faz seu trabalho mais eficaz como o “espírito dos tempos” todo persuasivo, invisível, e quase irresistível.

Por essa razão, o diabo é descrito como o príncipe das trevas. Como o poder das trevas, Satanás obscurece e distorce a realidade. Na escuridão, os homens se tornam confusos, e ficam desnecessariamente assustados, e às vezes não podem ver os perigos reais. Uma vez que o diabo obscureceu a verdadeira situação do homem, os valores e padrões morais do homem parecem ser apenas sombras, e o que parece ser mais real são as forças econômicas, políticas e materiais. Cortados da luz de Deus, nos tornamos temerosos e desconfiados com os outros, o que leva ao caos social.

O objetivo definitivo do diabo não é apenas confundir ou dividir os homens, mas escravizá-los. Uma vez que invocamos poderes demoníacos, descobrimos que não podemos controlá-los ou dissipá-los. Ficamos cativos de seu feitiço. Assim, quando pecamos, nos submetemos ao poder do diabo. Quando não somos mais leais a Deus, nos tornamos parte do domínio de Satanás. Assim, ou nos entregamos somente a Deus ou nos vendemos a Satanás.

Quando o homem peca, um espírito exterior entre e começa a arrastar sua vítima para baixo. Por esta razão, em seu ministério de exorcismo, Jesus sempre distinguiu entre demônios possuidores e as pessoas que os abrigam.

Satanás mantém as pessoas cativas contra a vontade delas, mesmo se originalmente elas foram responsáveis por convidar os demônios. Portanto, a missão de Jesus era dupla: lutar contra Satanás e lutar pelo homem. Seu objetivo era restaurar uma pessoa "para ela mesma" como uma criatura feita à imagem de Deus e uma cidadã do reino do céu. Consequentemente, o Messias é descrito como redentor e salvador do homem: literalmente o libertador do homem.

---

14 H. Thieficke, *Man in God's World (1967), pp. 163-198.*

Teologia da Unificação sobre a Queda

O Gênesis descreve o estado ideal do homem como um tempo de inocência despreocupada, paz, harmonia e alegria. Este estado original de Adão e Eva era derivado de sua íntima amizade com *Javé*. Para indicar quão agradável era a condição humana primitiva, o autor bíblico comparou a situação do homem com a vida em um parque privado reservado para o relaxamento dos imperadores da Pérsia, ou seja, o jardim do Éden era um paraíso feito por Deus para o relaxamento e satisfação Dele mesmo e Seus convidados reais. Então o homem foi criado e colocado no próprio parque privado de Deus como um sinal da posição especial do homem. Como o rei dos reis persas permitiam somente que seus cortesãos favoritos passeassem por seus magníficos jardins imperiais, assim Adão e Eva receberam o raro privilégio de desfrutar do próprio parque privado de Deus. O que o cronista Javenista estava indicando é a vasta diferença entre o estado original do homem e sua atual condição. Utilizando imagens familiares, ele contrastou a facilidade, beleza e deleite da vida de um nobre do Oriente Médio com a existência dura e problemática de um típico camponês beduíno. Essa, o Gênesis afirma, é a diferença entre a vida do homem antes e depois da Queda. [15]

As Duas Árvores no Éden

De acordo com o contador de histórias hebraicas, este belo jardim do Éden usou duas magníficas árvores plantadas no meio do Paraíso, onde os quatro grandes rios do mundo antigo se reuniam. Uma era a árvore do conhecimento do bem e do mal e a outra era a árvore da vida. Inúmeros estudos foram feitos por estudiosos modernos que mostram como a crença nestas árvores influenciou a religião, a arte e a mitologia humana. [16]

O Velho Testamento frequentemente compara o homem justo com uma árvore. No hino de abertura do livro de Salmos, lemos "Abençoado o homem que não procede conforme o conselho dos ímpios... pois ele é como a árvore plantada na margem das águas correntes." Semelhantes referências podem ser encontradas na coleção de Provérbios: "O fruto do justo é uma árvore da vida" (11:30); "Um desejo realizado é uma árvore da vida" (13:12) e "a língua pacífica é uma árvore da vida" (15:4). Assim, porque esta analogia entre o homem justo e uma árvore forte, profundamente enraizada e de longa vida era tão comum no pensamento hebraico, era natural comparar a sabedoria divina com uma árvore da vida que abençoará aqueles que se apegam a ela (Prov. 3:18). Consequentemente, a teologia da Unificação interpreta a árvore da vida no Paraíso como o homem ideal. Qual era o propósito de Adão aos olhos de Deus? Crescer, amadurecer e florescer, vivendo perto ao Criador, cumprindo assim suas potencialidades masculinas e produzindo frutos abundantes.

Sendo que *Javé* criou Eva para ser companheira, auxiliadora e parceira de Adão, o Éden continha uma segunda árvore para ilustrar o objetivo de vida dela. A mulher ideal foi simbolizada pela árvore do conhecimento do bem e do mal. Qual é o ideal feminino? A mulher é desenhada como a parceira amorosa do homem, sua sábia conselheira, companheira fiel e a mãe dos seus filhos. Assim, se Adão e Eva tivessem esperado até que fossem maduros o suficiente para a bênção de Deus no matrimônio, eles poderiam ter servido como representantes visíveis de Deus. Eles produziriam descendentes dignos e seriam os verdadeiros pais de toda a humanidade. Assim, a árvore do conhecimento do bem e do mal teria o fruto proibido somente enquanto Adão e Eva fossem imaturos.

Entretanto, porque o primeiro casal se uniu sem a bênção divina, seus olhos foram abertos com sentimentos de vergonha e culpa. Ao invés de se tornarem representantes de Deus, eles tentaram afirmar total independência e autossuficiência. Ao invés de representar Deus, o homem se tornou Seu rival, um rebelde contra a soberania de Deus.

O amor de Eva não era intrinsecamente o fruto proibido. Ela foi criada para ter prazer juntamente com Adão. O amor físico é pretendido como uma das bênçãos mais preciosas de Deus. Não obstante, ele pode ser comparado com o fogo. Sob controle, o fogo é amigo do homem, entretanto, fora de controle, ele se torna um inimigo terrível.

A Interpretação Sexual da Queda

Muitos estudiosos modernos têm apontado que o relato do Gênesis sobre a Queda desempenhou um papel muito menor na religião Judaica até depois do exílio babilônico. Mas ele atraiu considerável atração nos círculos apocalípticos e em outros lugares durante o período Intertestamental. Desde o início da era cristã, a história do Éden tem sido interpretada em uma variedade de formas. A causa da expulsão de Adão e Eva do Paraíso tem sido descrita como simples desobediência de um comando divino, o desafio a Deus, o orgulho, a rebelião, a busca por conhecimento, o desejo do homem de se tornar divino, ou um ato de luxúria. A interpretação sexual da Queda tem sido uma das várias visões defendidas por comentaristas rabínicos, escritores apocalípticos, sectários cristãos primitivos e vários estudiosos bíblicos modernos. [17] Também há inúmeras sugestões dos antigos padres da igreja grega, sugerindo que a explicação sexual do pecado de Adão era bastante difundida no período de formação do movimento cristão. Vamos examinar uma forma contemporânea desta visão.

Para alguns críticos bíblicos, o relato do Gênesis 3 contém um ataque israelita ao tipo de sincretismo religioso que existiu durante e depois do reino de Salomão. [18] Neste caso, o escritor da história do jardim do Éden estava se opondo ao culto cananeu-hebreu da fertilidade que era popular em seu tempo.

Por todo o Oriente Médio, o deus serpente era adorado como a deidade do prazer sexual, da saúde, sabedoria e fecundidade. [19] Agora, o que a serpente oferece na história do Gênesis? Ela diz para Eva que sabe como os homens podem se tornar como os deuses. De acordo com a mitologia Cananéia e presumivelmente o culto sincretista de *Baal-Yahweh*, o deus serpente tem o poder de conceder ao homem os dons de êxtase, procriação, saúde e imortalidade.

Entretanto, para os Javenistas, a serpente não era um deus benéfico, mas um sedutor e enganador. Para eles, a deidade sexual corrompe o homem, o leva ao pecado, sua expulsão do jardim do Paraíso. Em outras palavras, o deus cananeu se torna o diabo Javenista.

Além da serpente, o Gênesis 3 dá grande importância à árvore do conhecimento do bem e do mal que Deus plantou no meio do Éden. A frase "conhecimento do bem e do mal" tem ao menos onze possíveis significados. Em hebraico e outros idiomas do Oriente Médio, "conhecer" pode significar a possessão sexual da fêmea pelo macho. Outros elementos sexuais da história são:

1) O fruto proibido poderia ter tido propriedades afrodisíacas.

2) A folha de figueira estava associada com orgias sexuais religiosas.

3) Adão e Eva ficaram sobrecarregados com vergonha corporal e cobriram suas partes particulares.

4) Eva é chamada "a mãe de todos os viventes."

5) A punição para o pecado envolve as dores da gravidez e do parto.

6) Finalmente, há a serpente.

Todos estes elementos sugerem que a história do Éden está relacionada com o culto cananeu da fertilidade. Observe, entretanto, que o Gênesis 2:24 implica claramente que Adão e Eva foram criados como parceiros. O que os Javenistas estão condenando é o sexo extraconjugal. E isto é exatamente o que os cultos cananeus da fertilidade praticam como parte de sua adoração, fornecendo prostitutas tanto femininas como masculinas para sua finalidade.

Em adição ao ataque à adoração do deus serpente e das práticas sexuais imorais das religiões da fertilidade, os Javenistas podem estar ensinando uma terceira lição. A mitologia Cananéia e sua contraparte hebraica, a história do Gênesis, pressupõem que o homem pode se tornar como Deus. É assim como a serpente tentou Eva. Os homens, por meio do sexo, experimentam toda a alegria e poder de serem co-criadores com o Criador divino. Como o senhor da tempestade [20] fertiliza a terra nua e faz com ela produza uma colheita abundante, assim o homem fertiliza sua companheira, produzindo filhos. O que Deus e Sua consorte divina [21] realizam no nível cósmico, um homem e uma mulher podem igualmente realizar aqui na terra.

Em contraste, o que os Javenistas ensinavam era que os homens nunca poderiam se tornar divinos, pois Deus está sempre além do nosso alcance. "Seus caminhos não são nossos caminhos, nem Seus pensamentos são os nossos pensamentos," como os profetas registram. Além disso, quando tentamos nos tornar como deuses através do êxtase sexual, descobrimos os trágicos resultados dessa presunção. As mulheres sentirão as dores do parto; e homens deverão trabalhar longas horas sob pesados fardos apenas para manterem a si mesmos e aos seus amados alimentados e vestidos. Assim, os Javenistas advertem seus leitores a nunca tentarem ser "como Deus," mas ao invés, se submeter humildemente ao Senhor acima, que tem controle único e indiscutível sobre tudo.

Aquela Antiga Serpente, o Diabo

A teologia da Unificação interpreta a identidade da serpente no Éden à luz da doutrina do Novo Testamento sobre Satanás. Como muitos dos rabinos judeus do primeiro século e posterior, os escritores do Novo Testamento traçam a origem do mal até a sedução de Eva pelo arcanjo Lúcifer. Naturalmente, muitos estudiosos bíblicos têm indicado que a noção de Satanás sofreu considerável desenvolvimento e refinamento dentro do Velho Testamento e do pensamento Judeu pré-cristão. Assim fez a doutrina hebraica sobre Deus.

Assim, se é adequado ver a revelação gradual da verdadeira natureza de Deus, é igualmente adequado reconhecer que o entendimento do homem sobre o anjo decaído se tornou lentamente esclarecido. Quanto mais uma pessoa conhece sobre Deus, mais claro ela pode ver a realidade de Seu adversário.

Então o que motivou Lúcifer a causar a Queda de Adão e Eva? O arcanjo estava sobrecarregado pelo ciúme de Adão. Ao mesmo tempo ele se tornou apaixonadamente atraído por Eva. Antes da criação do homem, Lúcifer parece ter sido o anjo mais importante na corte celeste. Alguns rabinos ensinavam que Deus originalmente tinha dado o poder de supervisão sobre o mundo como Seu conselheiro principal. Em qualquer caso, o arcanjo se tornou invejoso de Adão quando ele compreendeu que Deus tinha prometido a ele o domínio terrestre. O livro apócrifo *Ecclesiasticus,* que era parte da Bíblia Septuaginta utilizada no início da Igreja, reivindica que Satanás tentou Eva por inveja. Assim, a maioria dos cristãos traçou o ato de Lúcifer até seu orgulho ferido. O arcanjo se ressentiu de seu rebaixamento para uma posição secundária. Ele sentiu, muito erroneamente, que Deus havia esquecido seu serviço anterior e estava colocando Sua afeição sobre o insignificante Adão. Assim, muitos dos padres da Igreja advertiam que orgulho é o pior dos pecados mortais.

Por inveja, Lúcifer conspirou para desacreditar Adão aos olhos de Deus e recuperar sua posição original como favorito de Deus. Isso, ele acreditava, poderia ser realizado se ele fosse capaz de possuir Eva e controlar Adão através dela. Assim, para a teologia da Unificação, não teria ocorrido a Queda sem Lúcifer.

Como isso se compara com as visões contemporâneas da Queda? Primeiro, isso não concorda com aqueles, como Tillich, que ensinam que a Queda era tanto natural como inevitável por causa da finitude do homem. A condição decaída de todos os homens não é devido à queda da realidade da essência para aquela da existência das criaturas. Uma versão mais antiga disto era a visão de Orígenes. Ao contrário de Orígenes e mais tarde dos cristãos platônicos, a teologia da Unificação não acredita que os homens caíram quando suas almas puras se tornam enroscadas ou aprisionadas na matéria.

Segundo, o *Princípio Divino* discorda de Schleiermacher e seus seguidores que o pecado se origina no conflito natural entre a natureza sensual do homem e suas aspirações espirituais, isto é, não somos decaídos porque tem sido difícil dominar nossos apetites carnais.

Em terceiro lugar, nem somos pecadores simplesmente por causa de nossos desejos sexuais, como os Gnósticos, Marcion e outros dualistas têm defendido. Tudo nessas três interpretações da Queda mais ou menos implicam que a criação foi um erro e que ser natural significa ser pecador. Para a teologia da Unificação, como para o pensamento geral do Cristianismo Ortodoxo, Satanás é primariamente o culpado pela causa do distanciamento existencial do homem em relação a Deus.

O que Satanás queria era que Deus direcionasse Seu amor para Adão e Eva através dele mesmo. Assim, o arcanjo decidiu se rebelar contra Deus e usurpar a posição de Adão. Este desafio à sabedoria de Deus e revolta aberta contra Ele transformou Lúcifer, o anjo de luz, em Satanás, o adversário de Deus. Quando ele teve sucesso em usurpar a posição de Adão, ele frustrou o plano divino para a criação.

A Queda Espiritual e a Queda Física

O que foi o pecado original cometido por Adão e Eva que os separou de Deus? O rabino Leo Jung fez um estudo cuidadoso dos comentários judaicos, cristãos e islâmicos sobre a Queda. Ele concluiu que no Midrash judaico a serpente causou a queda porque queria que Adão fosse morto como punição por comer o fruto proibido. Entretanto, o propósito principal da serpente não era a morte de Adão para a posse de Eva. Porque a serpente viu quanto Adão e Eva amavam um ao outro, ele a desejou. Todas as histórias falando sobre o adultério da serpente com Eva têm algum fundamento na tradição judaica, [22] defendia o rabino Jung.

Por exemplo, olhe para o relato dado no *Abot de Rabbi Nathan,* do século II: "Naquela ocasião, a serpente perversa considerou em seu coração e disse, "Sendo que sou incapaz de fazer Adão cair, eu irei e farei Eva cair." Ele foi, se sentou ao lado dela, e conversou muito com ela... O que a malvada serpente planejava naquele momento? Eu devo ir e matar Adão e casar com sua esposa, e devo ser o rei sobre todo o mundo, e andarei com orgulho e desfrutarei dos prazeres reais."

De forma semelhante, lemos no *Pirke de Rabbi*, "Samael [o anjo mal] investido na Serpente veio até ela, e ela concebeu..." Mais tarde no *The Zohar* está escrito, "Samael veio até Eva, a contaminou com lascívia, e ela ficou grávida e nasceu Caim." Caim era o filho legítimo de Satanás? Não, diz o *Yalkut Hadash:* "Samael gerou o espírito, a alma de Caim, e Adão se tornou seu pai corpóreo. O espírito criado por Samael não tinha corpo até que a semente de Adão o forneceu." [23]

Assim, de acordo com os antigos comentaristas judaicos, a serpente, um animal muito inteligente ou um disfarce do anjo do mal, sentiu inveja da felicidade conjugal de Adão, ou da honra de Adão entre os anjos, ou de sua regência sobre os animais, ou ele se enamorou com Eva e desejou receber sua afeição. Qualquer que seja a razão, ele a convenceu a ter relações com ele, trouxe-a sob as maldições de Deus, e ele mesmo foi reduzido de uma criatura ereta com mãos e pés para um réptil rastejante. Observe que há variações nos antigos relatos rabínicos sobre a Queda. Não obstante, o Dr. Jung afirma que todos eles são fiéis ao texto bíblico, não introduz nada estranho ao espírito do Gênesis 3, e se ajusta ao sentido da história original. [24]

O que a teologia da Unificação faz é oferecer uma descrição coerente do pecado original, o que de certa forma se assemelha a essas primeiras interpretações rabínicas. Lúcifer foi criado por Deus para ser Seu servo, enquanto os homens foram criados para serem Seus filhos devotados.

Esta diferença de status tornou o arcanjo com inveja de Adão. Ele também sentiu inveja de Adão e Eva porque eles tinham a vantagem de possuírem uma dimensão física. Ele também se ressentiu do seu "rebaixamento" a um segundo plano aos olhos de Deus. Por outro lado, Lúcifer sentiu amor crescente por Eva. Ao invés de resistir aos seus desejos, o anjo se aventurou a seduzi-la a despeito de seu conhecimento que essa ação estava em contradição direta com a vontade de Deus. Eva respondeu aos avanços de Lúcifer, por isso suas ações são chamadas de queda espiritual.

Como resultado de sua fornicação, ambos os parceiros experimentaram grande medo. Lúcifer ficou assustado porque ele tinha violado com disposição a ordem natural de Deus, o princípio de criação. Eva também ficou apavorada pelo que ela tinha feito. Ele compreendeu que Lúcifer não era seu par adequado porque ela tinha sido criada para ser companheira de Adão. Ela também descobriu que tinha se tornado cativa e certamente possuída pelo espírito de rebelião do arcanjo.

Pode-se imaginar se Eva realmente poderia ter tido relações sexuais com Lúcifer. A Bíblia, como a literatura de cada grande civilização antiga, assume que as pessoas aqui e agora têm contato com espíritos. Como relatam escritos chineses, indianos, greco-romanos e hebraicos, espíritos possuem os mesmos poderes de percepção e regozijo sexual como os seres humanos. Por toda a história, relacionamentos sexuais têm ocorrido entre espíritos e seres humanos. Esse espírito masculino é chamado íncubo e a contraparte feminina, súcubo. Então, a queda espiritual não significa simplesmente um relacionamento imaginário entre Lúcifer e Eva. Não foi simplesmente adultério no coração de Eva, mas um intercurso sexual real que afetou Eva tanto no espírito como no corpo. A união deles é chamada de queda espiritual porque o parceiro masculino era um espírito ao invés de um ser humano.

Ao lado desta queda espiritual ocorreu a queda física de Adão e Eva. A primeira levou à segunda. Uma vez que Eva compreendeu que tinha pecado com Lúcifer, ela esperava recuperar a consideração de Deus. Sendo que ela compreendeu que Adão devia ser verdadeiro parceiro, ela o tentou para se unir com ele. Deus queria que Adão e Eva se tornassem esposo e esposa quando alcançassem o nível adequado de maturidade espiritual, o que significa ter alcançado uma vida centrada em Deus. Até que seus seres inteiros se tornassem centrados no amor de Deus, eles se tornariam capazes de se unir um com o outro de uma maneira adequada. Porque eles se uniram prematuramente, e naturalmente sem a bênção de Deus, eles transgrediram Sua vontade. Por que este foi um ato pecaminoso? Amor ou sexo *per se* não é errado. Mas quando mal direcionado, ele se torna pecaminoso.

Como Satanás tinha manchado Eva, Eva manchou Adão, e ambos nesse momento perderam seu status como filhos de Deus e se tornaram servos de Satanás, o Lúcifer decaído. A linhagem de Adão e Eva com Deus foi cortada, e eles caíram abaixo do estágio de formação, se tornando súditos do regime de Satanás. Assim, a queda de Adão frustrou completamente o propósito de criação de Deus. Se Adão tivesse resistido à tentação de Eva, todo o cenário teria mudado. Deus ainda teria sido capaz de trabalhar através de Adão para restaurar Eva ou criar outra mulher para assumir o lugar dela. Como Anselmo escreveu, se somente Eva tivesse pecado, mas não Adão, não teria sido necessário que a raça humana perecesse, mas somente que Eva perecesse, pois Deus poderia ter criado outra mulher através de quem Seu propósito [26] poderia ter sido cumprido.

Assim, a direção da vida de Adão e Eva se tornou autocentrada, ao invés de centrada em Deus. Satanás sustentou uma reivindicação contra eles, e eles foram completamente alienados do reino de amor de Deus. Para o *Princípio Divino,* o pecado original é transmitido para todos os descendentes de Adão, e somente pode ser removido quando o Messias vem para restaurar a linhagem original do homem como um filho de Deus. Cientes que eles haviam pecado, Adão e Eva se sentiram envergonhados do que eles tinham feito. Assim, eles cobriram suas partes particulares e se esnconderam de Deus.

Como o *Princípio Divino* esclarece a antiga concepção rabinica da Queda? Primeiro, ele concorda com aqueles que identificam a serpente com o anjo rebelde. Segundo, ele leva em conta os aspectos sexuais da Queda que muitos comentários modernos ignoram. Terceiro, ele distingue cuidadosamente entre duas partes da história do Gênesis: a queda espiritual e a queda física. Para a teologia da Unificação, como para o Cristianismo Ortodoxo, todos os homens são filhos de Satanás, e todos herdam o pecado original através de Adão. Finalmente, a visão do *Princípio Divino* sobre a Queda explica porque a ideia de concupiscência tem desempenhado esse papel importante no entendimento cristão do pecado original e herdado.

Deus Poderia Ter Evitado a Queda?

Se Deus é onipotente, onisciente e bondoso, por que Ele não protegeu de alguma forma Adão e Eva para impedir a frustração de Seu plano para a criação? Este tem sido um dos problemas mais espinhosos para os teólogos. Alguns dizem que Deus sabia que a Queda ocorreria, mas permitiu isto a fim de preparar o homem para um bem mais elevado, as bênçãos da redenção. Outros dizem que a onipotência de Deus não é absoluta e que Seu poder é limitado pela liberdade que Ele deu ao homem. De acordo com esta visão, o homem e Deus devem trabalhar juntos para realizar o objetivo da história. Um terceiro grupo de teólogos reivindica que o relacionamento exato entre o poder de Deus e nossa liberdade é um mistério além da compreensão do homem. Portanto, devemos acreditar como se tudo estivesse nas mãos de Deus, enquanto devemos agir como se tudo dependesse de nós mesmos.

A teologia da Unificação sugere que este problema da teodiceia deve ser tratado em termos de quatro fatores: liberdade humana, o poder do amor, a imaturidade de Adão e Eva no tempo da Queda e a dignidade intrínseca do homem como senhor da criação. Primeiro, vamos reconhecer o livre arbítrio do homem. Possuímos liberdade de escolha porque somos criados à imagem de Deus. Se somos humanos, somos responsáveis por nossas ações. Se carecemos de livre arbítrio, nos tornamos meros robôs, marionetes controladas externamente. Acreditar nisso é transformar o Cristianismo em fatalismo, como Calvino e outros têm admitido. Assim, é importante afirmar a liberdade do homem como também a soberania de Deus. Deus criou o homem para expressar plenamente o amor, desfrutando total felicidade aqui e na vida após a morte. Portanto, Ele fez o poder do amor tão absoluto que ele pode até mesmo violar Sua vontade. Ele pode sobrepor-se ao poder da lei natural e da convenção social. Amor pode cegar o homem e levá-lo à sua própria destruição. Ou ele pode inspirá-lo a escolher a morte pela causa de Deus. Sendo que Deus fez a força do amor tão absoluta, era possível para Lúcifer, Adão e Eva frustrarem o plano de Deus para a criação.

Agora, quando ocorreu a Queda? Há duas respostas tradicionais dadas por pensadores judeus, cristãos e muçulmanos. Alguns teólogos como Agostinho têm assumido que Adão e Eva já eram perfeitos quando eles cometeram o pecado original. Deus criou o primeiro casal à Sua imagem. Isto poderia implicar que eles representam a humanidade em seu melhor: fisicamente belos, moralmente bons e espiritualmente abençoados. Sendo que Adão e Eva estavam no Paraíso, eles estavam de todas as formas adequados para viverem na presença de Deus. Essa visão também enfatiza a natureza chocante do seu pecado. Tendo desfrutado de tanto, eles mereceram com justiça a expulsão do Éden e a condenação eterna para eles mesmos e sua descendência.

Outra interpretação cristã foi oferecida por Clemente de Alexandria e Irenxus. Adão e Eva eram imaturos quando foram seduzidos por Lúcifer. Se eles fossem adultos maduros, eles teriam obedecido ao mandamento de Deus, resistido à tentação e não caído como presas da concupiscência. A teologia da Unificação aceita esta visão. Assim fizeram Pedro Lombard, Hugo de St. Victor, Alexander de Hales, Bonaventura, Duns Scotus e mais tarde estudiosos Franciscanos. [27]

Clemente de Alexandria escreveu:

O Salvador veio para os homens que estavam desviados em seus pensamentos, para nós cujas mentes foram corrompidas como resultado da desobediência aos mandamentos porque éramos amantes do prazer, e talvez porque o primeiro homem de nossa raça não esperou seu tempo, desejou os benefícios do matrimônio antes da hora adequada, e caiu em pecado por não esperar pelo tempo da Vontade de Deus. [28]

E se a Serpente assumiu utilizar o intercurso dos animais irracionais e persuadiu Adão a concordar em ter sexo com Eva, como se o primeiro casal não fosse ter essa união por natureza, como alguns pensam, isto novamente é blasfêmia contra a criação... Mas se a natureza os conduz, como os animais irracionais, para a procriação, ainda sim eles foram impelidos a fazer isto mais rapidamente do que era adequado porque eles ainda eram jovens e foram conduzidos pelo engano. Assim, o julgamento de Deus contra eles foi justo porque eles não esperaram pela Vontade de Deus. [29]

De acordo com Irenxus, Adão e Eva não eram completamente maduros quando a Queda ocorreu. Eles existiam em um estado primitivo e irreflexivo de inocência sonhadora e tinham acabado de começar o processo de se tornar plenamente humanos. Sendo que eles não estavam totalmente desenvolvidos, é fácil ver o motivo pelo qual eles sucumbiram à tentação da serpente e caíram. Através de sua queda, o homem foi feito servo de Satanás. Isto interrompeu o desenvolvimento ordenado do homem na direção da perfeição. [30] De acordo com a teologia da Unificação, o princípio de criação de Deus provê o homem com toda a orientação que ele necessita em seu crescimento para o estágio de perfeição. Este princípio permite que cada um de nós tenha uma medida suficiente de liberdade para agir de forma responsável. Portanto, Deus não domina completamente nosso processo de amadurecimento. A fim de que o homem cumpra suas potencialidades, ele deve ser auto direcionado e auto motivado.

No tempo de sua queda, Adão e Eva tinham alcançado somente o topo do estágio de crescimento. Ou seja, eles eram adolescentes, recém-saídos da infância. Se o casal primordial tivesse sido plenamente maduro, eles teriam amado Deus tão intimamente que nenhuma tentação poderia ter afastado-os de Deus. Quando Eva sucumbiu aos avanços do arcanjo rebelde, e então quando Adão se uniu prematuramente com ela, eles ainda estavam sob o domínio indireto de Deus.

Deus não poderia exercer domínio direto sobre eles antes que alcançassem a perfeição. Uma vez que Adão e Eva tivessem alcançado a maturidade, nada poderia ter rompido seu amor incondicional por seu Criador. Nesse estágio, e somente então, Deus poderia derramar livremente Seu amor infinito sobre eles. Até esse momento, o amor de nossos primeiros pais por Deus era incompleto e poderia se tornar mal direcionado.

Por esta razão, um homem e uma mulher deveriam experimentar união plena de amor um com o outro somente depois que seu amor individual por Deus tivesse se tornado incondicional. Sem primeiramente aperfeiçoar o amor de uma pessoa por Deus, verdadeira afeição, preocupação e união com outro ser humano é quase impossível, como demonstram claramente os problemas conjugais de nosso tempo.

Finalmente, Adão foi criado para ser o senhor da criação, por isso ele possuía uma dignidade potencial acima de todas as outras criaturas. Para estar totalmente qualificado para essa posição, ele tinha que confiar em seus próprios poderes e julgamento ao aperfeiçoar seu coração de acordo com a imagem de Deus. Deus espera até que o homem aprenda como governar a si mesmo antes que Ele o deixe governar o mundo inteiro. Desta forma, Deus quer que o homem compartilhe em Sua obra criativa. Para alcançar sua dignidade adequada como senhor da criação, Adão tinha que agir por ele mesmo. Por estas razões, era impossível para Deus evitar a Queda.

Efeitos da Queda

Antes de explicar a posição distinta Unificacionista, devemos observar brevemente quatro outras visões cristãs.

1) Os padres gregos enfatizavam o curso de morte física colocado sobre Adão e Eva quando eles foram expulsos do Jardim. Desde que o homem caiu, ele está sujeito aos danos do tempo e do declínio. Não obstante, ele ainda espera pela imortalidade. O Cristianismo proclama que o corruptível pode se tornar incorruptível, e a morte pode ser derrotada através da união com Deus. Assim, o propósito de Cristo era promover a reunião da humanidade com o Pai. [31]

2) O Catolicismo Romano reivindica que porque Adão e Eva caíram, seus descendentes foram desprovidos do estado original do homem de justiça e santidade. A natureza humana carece de seus dons sobrenaturais originais, e as faculdades naturais do homem têm sido gravemente enfraquecidas pela mancha da culpa de Adão. O pecado original é transmitido a partir do primeiro casal para todos os homens e mulheres subsequentes através do ato das gerações. Seus efeitos são vistos na ignorância do homem sobre seu verdadeiro propósito e o poder destrutivo de suas paixões (concupiscência). [32]

3) A Reforma do Protestantismo pinta um cenário muito mais sombrio do estado decaído. Por causa da Queda, todos os homens são totalmente depravados. O homem está completamente alienado de seu Criador que ele merece o castigo eterno. Se uma pequena porcentagem de humanos escapa à justa ira de Deus, isto é somente devido à Sua graça incondicional e não tem nada a ver com suas obras virtuosas. Sendo que o homem decaído é "incapaz de não pecar," tudo que ele pensa e faz são ações de uma mente escurecida e uma vontade pervertida. Assim, para citar Jonathan Edwards, somos todos "pecadores nas mãos de um Deus irado." [33]

4) Os cristãos liberais reagiram contra a visão da Reforma negando a historicidade da Queda, o fato do pecado original, e a noção da condição condenável do homem. Ao invés de cair do Paraíso no passado distante, o homem tem sido gradualmente evoluído em termos morais, culturais e religiosos para cumprir o propósito de criação de Deus. Deus não nos julgará, exceto por nossos próprios pecados.

Embora existimos em uma sociedade menos do que ideal, podemos e devemos melhorá-la. Como indivíduos, todos os homens são desafiados a se tornarem filhos de Deus, e trabalharem pela realização do reino de Deus na terra. Por que então somos pecadores? a) Porque ainda estamos, até certa extensão, não livres de nosso passado animal. b) Porque somos produtos de uma ordem social imperfeita. c) Porque somos influenciados por maus exemplos. d) Porque falhamos em viver por nossos ideais mais elevados. Mas nenhuma destas deficiências precisa ser rastreada até a queda de Adão, do pecado original, ou a depravação herdada da raça humana, insistem os cristãos liberais.

Como a visão da teologia da Unificação se compara com as quatro que mencionamos?

Ao contrário dos Ortodoxos do Oriente e alguns Católicos, a teologia da Unificação não pensa sobre a morte física do homem como uma maldição lançada sobre Adão por causa da Queda. A Bíblia não implica que a morte física seja uma punição divina. Morte deve ser compreendida como um processo natural. Todos devem morrer; mas a própria morte não ostenta nenhum terror porque cada um de nós possui uma alma imortal. Portanto, a questão importante se refere ao estado futuro da alma, ao invés da morte do corpo.

Como os Ortodoxos Orientais, os Católicos Romanos e os Protestantes da Reforma, reconhecemos o poder sobrenatural do mal. Adão e Eva caíram por causa da tentação do arcanjo. Porque eles se uniram com ele através de atos de amor fora do princípio, seus descendentes se tornaram filhos de Satanás e o mundo inteiro caiu sob seu domínio.

O que significa exatamente ser um filho de Satanás? A teologia da Unificação sugere que estamos completamente ligados a ele, como se de alguma maneira misteriosa fossemos quase literalmente seus descendentes. O homem que foi desenhado para ser centrado em Deus sofre de um completo mau direcionamento do amor. O pecado original não o privou de seu livre arbítrio, razão ou dons naturais. O que precisa ser restaurado é a direção da vontade do homem e de seu amor. Assim, uma purificação sobrenatural da condição humana pelo Messias é necessária a fim de que os homens restaurem sua linhagem e filiação divina.

Isto tem sido habilmente escondido por Satanás e tem impedido os mais elevados santos de alcançarem seu objetivo final. Desta forma, ainda estamos alienados de Deus. Entretanto, observe a diferença entre a teologia da Unificação e a doutrina Agostiniana-Calvinista da depravação total. Nosso livre arbítrio, razão e sensibilidade moral não foram completamente abolidos pela Queda. Não obstante, até que o Messias remova a macula do pecado original, sempre permanecerá uma barreira final entre Deus e o homem.

Depois de causar a queda do primeiro casal, Satanás tem trabalhado para estender seu poder e fortalecer seu domínio sobre a humanidade. Ele faz isto de duas maneiras. Por um lado, ele acusa constantemente os homens de terem desobedecido aos mandamentos de seu Criador. Por outro lado, ele está constantemente tentando atrair as pessoas para se tornarem seus agentes. Consequentemente, os súditos de Satanás têm se multiplicado grandemente. Assim, os males resultam do domínio de Satanás sobre a humanidade. Não obstante, é possível limpar-se até certo grau dos elementos satânicos, abolindo as bases para a relação entre nós mesmos e o arcanjo rebelde.

Quais são os efeitos da Queda sobre o homem? Cortado da raiz de vida e felicidade, o homem tem sofrido solidão, inquietação, ansiedade e medo da morte. A busca para preencher nosso vácuo espiritual tem sido infrutífera. Estamos famintos de verdade e amor autêntico. Alienados de Deus, experimentamos o ódio e guerra sem fim. Além de todos estes problemas humanos, existe hostilidade mútua entre homem e natureza. Em um mundo desordenado, não servimos mais como cuidadores da natureza, e ela não é mais nossa serva fiel. Como Paulo escreveu, toda a criação geme e chora em dor (Rom. 8:22).

Não obstante, o pior resultado da Queda é seu efeito sobre Deus. Seu propósito de criação se tornou frustrado. Como uma consequência da Queda, Deus foi virtualmente privado de Sua soberania sobre a criação. Ele perdeu Seu domínio sobre o coração humano. Se Deus é o Deus de coração, Seu coração deve ter sido rompido pela sedução de Adão e Eva. Por incontáveis séculos, Deus tem sofrido. Quanto Seu desapontamento, consternação, amargura e tristeza têm acumulado!

A teologia tradicional tem ignorado este sofrimento divino causado pela Queda. Entretanto, no processo do pensamento, Deus em Seus consequentes aspectos age de forma criativa no mundo, e é enriquecido por aquilo que é Sua realização e Sua tragédia. Como Whitehead descreve Deus, Ele é o companheiro sofredor que é afetado pelas ações de Sua criação.

Por que o fato da dor esmagadora de Deus tem sido escondido? Alguns pensadores cristãos contemporâneos como Moltmann culpam a doutrina do Deus impassível e imóvel emprestada da metafísica grega. [34] Há razões muito mais importantes, nos diria a teologia da Unificação. Primeiro, a trágica natureza da Queda tem sido cuidadosamente escondida de nós, porque Satanás se beneficia grandemente de nossa ignorância. Em segundo lugar, os efeitos plenos da Queda sobre Deus permaneceram ocultos porque Deus tem sido incapaz de revelar completamente a profundidade de Sua dor. Nas profecias de Oséias e II Isaías, algumas dos Salmos e as parábolas de Jesus, pode-se obter um raro vislumbre do coração dolorido de Deus. Mas estas apenas sugerem o sofrimento divino.

Nós humanos achamos que não podemos revelar nossos sentimentos mais profundos para todos. A maioria das pessoas não consegue entender sobre o que estamos falando. O mesmo é verdadeiro para Deus. Ele não podia revelar Sua dor, exceto para alguém que compreendesse exatamente o que Satanás tinha feito, e seus efeitos sobre todo o plano de Deus.

Então, qual é o objetivo definitivo do Messias? Remover o fardo intolerável agora pressionando o coração divino. Liberar não somente uma humanidade sofredora, mas também um Deus angustiado. Uma vez que Deus está livre para exercer Sua soberania amorosa sobre a criação, Sua grande alegria trará uma primavera cósmica. Quando o coração de Deus é preenchido com alegria, todo o universo irradiará felicidade e harmonia.

---

15 Cf. H. Rencken, *Israel's Concept of the Beginning (1964),* para a visão de um estudioso do Velho Testamento Jesuíta sobre a teologia do Gênesis 1-3.
16 Cf. E. O. James, *The Tree of Life, an Archeological Study (1966).*
17 Cf. R. Gordis, *The Word and the Book (1976), pp. 75-83.*

18 Alberto Soggin, *Old Testament and Oriental Studies (1975), pp. 88-111.* Soggin dá uma excelente bibliografia na p. 102 (nota de rodapé) dos livros em inglês, alemão, italiano e francês sobre a interpretação sexual.
19 Karen R. Joines, *Serpent Symbolism in the Old Testament (1974).*
20 O "Baal" canaanita era um deus tempestade.
21 Baal e Astoret ou Javé e Astoret.
22 L. Jung, *Fallen Angels in Jewish, Christian and Mohammedan Literature (1974), pp. 69-78.*
23 Ibid. *pp. 73-74, 78-79.*
24 Ibid*. p. 76.*
25 Cf. Gen. 6:1-2.
26 Anselm, *On the Virgin Conception and Original Sin, chap. 9.*
27 L. Lercher, *Institutiones Theologica Dogmaticte, vol. 11, p. 359.*
28 *On Marriage, XIV:94.*
29 Ibid. *XVII:102-103.*
30 See J. Gonzalez, *A History of Christian Thought (1970), vol. 1, pp. 165-169.*
31 Cf. J. Meyendorff, *Byzantine Theology (1974), pp. 143-149.*
32 Cf. Thomas Aquinas, *Summa Theologica,* Blackfriars edição *(1974),* vol. 26. Para revisões da doutrina Tomística, ver Q. Vandervelde, *Original Sin (1975).*
33 Cf. G. C. Berkouwer, *Sin (1971)* para uma defesa contemporânea da doutrina Calvinista.
34 Moltmann, *The Crucified God (1974), pp. 267-274.*

V. Jesus: Sua Missão e Destino

O Retrato da Crença Sobre Jesus

É surpreendente ver como os credos ecumênicos dos séculos IV e V influenciaram indiretamente, embora decisivamente no entendimento dos cristãos sobre Jesus e suas perspectivas no Novo Testamento. Ao invés de confiar somente nas Escrituras, os clérigos convencionais as interpretam à luz dos dogmas de Nicéia e Calcedônia.

Uma vez que estes conselhos eclesiásticos definiram Jesus Cristo como o Filho eterno, que é consubstancial com o Pai e verdadeiro Deus do mesmo Deus, os leigos examinam o Novo Testamento a partir dessa perspectiva. C. S. Lewis, o conhecido apologista cristão e escritor de ficção científica, foi um expoente particularmente persuasivo deste ponto de vista. O filho da Santíssima Virgem Maria é Deus, ele escreveu. [1]

Repentinamente apareceu entre os judeus um homem que falava como se fosse Deus. Ele reivindicava ter existido desde o início da criação. Ele assumiu o direito de perdoar os pecados dos homens. Jesus afirmava que no final dos tempos ele viria para julgar o mundo. Não podemos descrever essa pessoa simplesmente como um grande mestre religioso. Na base de suas reivindicações, devemos concluir que ele era Deus [2] ou simplesmente louco, ou o Diabo.

Além disso, os relatos do Novo Testamento – de acordo com Lewis – que a morte de Jesus Cristo de alguma forma nos coloca direto com Deus e nos dá [3] um novo início na vida. Cristo foi assassinado por nós. Sua morte lavou [4] nossos pecados. E por sua cruz, podemos nos tornar vitoriosos sobre a morte.

Agora, sendo que esta é supostamente a mensagem central dos cristãos, é natural ler os Evangelhos à essa luz. Como o Conselho Mundial das Igrejas definiu o Cristianismo em suas qualificações para a adesão, para ser cristão é acreditar que Jesus Cristo é "Deus e Salvador." Quando o Novo Testamento é lido com essa mentalidade, o propósito principal é ver como Jesus não era humano, mas divino. Os Evangelhos então servem primariamente para provar as doutrinas da encarnação e expiação.

Como isto foi realizado? Primeiro, antes do surgimento da crítica histórica, supunha-se que os Evangelhos nos deram conhecimento exato de primeira mão sobre Jesus, escritos pelos próprios apóstolos ou por aqueles que estavam em contato diário com eles. Mateus e João eram dois dos doze discípulos originais. Marcos era o tradutor para Pedro e pode ter sido o jovem que fugiu nu do jardim do Getsêmane quando Jesus foi preso. Lucas era um companheiro de viagem de Paulo. Em outras palavras, os evangelistas eram historiadores confiáveis porque eles participaram nos eventos que eles descreveram ou eles verificaram seus relatos com os membros da comunidade apostólica.

Segundo, o Novo Testamento demonstra claramente a autoridade e poder sobrenatural de Jesus. Ele não podia ser simplesmente humano porque ele executou aqueles milagres surpreendentes. Que homem poderia caminhar sobre a água ou alimentar 5.000 pessoas com cinco pães e dois peixes? Quem além de uma figura sobrenatural pode transformar água em vinho ou ressuscitar um morto? Alguém mais tinha nascido de uma virgem?

E certamente como o apóstolo Tomé confessou, Jesus deve ter nascido "Senhor e Deus" porque ele apareceu fisicamente para seus discípulos depois de sua crucificação e sepultamento. Ao pensar sobre os milagres surpreendentes nos Evangelhos, os cristãos ortodoxos concluem que Jesus Cristo era consubstancial com Deus o Pai, gerado, não feito, Deus de Deus, como as crenças declaram.

Terceiro, a posição sobrenatural de Jesus era reconhecida por aqueles que estavam mais próximos a ele e o conheciam bem. João Batista ouviu Deus chamar Jesus de Seu Filho amado (Mateus 3:16,17) e ele mesmo descreveu Jesus como o Cordeiro que tira os pecados do mundo (João 1:29). Pedro confessou que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mateus 16:16). Mateus, o publicano, ouviu que Jesus corrige e melhora a Torá revelada de Moisés (5:21,48). Os discípulos Pedro, Tiago e João viram Jesus transfigurado e conversando com Moisés e Elias (Marcos 9:4). Maria Madalena viu com seus próprios olhos que ele logo ascenderia ao Pai (João 20:17). Os centuriões romanos que assistiram Jesus morrer o louvaram como seguramente um Filho de Deus (Marcos 15:39). E Paulo, que teve longas conversas com os discípulos originais, definiu Jesus como aquele que estava na forma de Deus e tinha agora recebido um nome que era acima de todos os nomes (Filipenses 2:6-11). Na base destes alegados testemunhos de primeira mão, o Novo Testamento concede dez principais títulos a Jesus: Profeta, Servo Sofredor, Sumo Sacerdote, Messias, [5] Filho do Homem, Senhor, Salvador, Logos, Filho de Deus e Deus.

Quarto, Jesus é único porque inúmeros detalhes de sua vida representam o cumprimento preciso das profecias do Velho Testamento. Como afirma o Bispo Fulton J. Sheen, se alguém deve vir de Deus para salvar os homens, ao menos Deus poderia ter pré-anunciado sua chegada. Deus deveria primeiramente deixar os homens saberem quando Seu mensageiro está chegando, onde ele nasceria, o que ele ensinaria, os inimigos que ele faria e a maneira de sua morte. Então se alguém se ajusta a essas predições, seríamos capazes de reconhecer que ele realmente vem de Deus. No Velho Testamento, afirma o Bispo Sheen, nós [6] podemos encontrar apenas essas profecias que foram exatamente cumpridas por Jesus. Na tradução da Septuaginta de Isaías 7:14, o nascimento virginal foi predito. Especialmente no Evangelho de Mateus, grande ênfase é depositada na forma como a vida de Jesus se conforma com as profecias do Velho Testamento. Ele nasceu em Belém para cumprir Miquéias 5:2, fugiu do Egito para cumprir Oséias 11:1, viveu na Galiléia para cumprir Isaías 9:1,2, se tornou um servo sofredor (Is. 53), foi traído por Judas por 30 moedas de prata (Zacarias 11: 12), condenado a ser crucificado (Salmos 22:16), recebeu vinho misturado com fel (Salmos 69:21), morreu citando as palavras exatas de Salmos 22:1 e ressuscitou depois de três dias do túmulo de acordo com as escrituras (Jonas 1: 17). Assim, o que separa Cristo de todos os homens é que ele era esperado: seu advento tinha sido predito em grandes detalhes.

Quinto, quando cristãos ortodoxos estudam a vida de Jesus, eles se concentram em sua paixão. No Credo dos Apóstolos, tudo que aprendemos sobre a vida terrena de Jesus é que ele nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncios Pilatos e foi crucificado. Sendo que o único propósito de Jesus era expiar os pecados da humanidade ao morrer na cruz, de acordo com a posição tradicional, não há nenhuma necessidade de se preocupar muito com sua vida anterior ou seu ministério de ensinamentos. Assim, para um estudioso Evangélico, a característica mais importante dos Evangelhos é sua teologia da morte de Jesus. Jesus previu a sua morte? Que significado ele via em sua morte?

O Professor George E. Ladd do Seminário Teológico Fuller fornece uma das mais cuidadosas explanações da velha teologia. Em sua visão, Jesus entendia sua missão como uma combinação do escatológico Filho do Homem e do Servo Sofredor. Como servo obediente de Deus, Jesus esperava algum destino incomum que traria grande dor para seus discípulos. Marcos nos diz que os cristãos jejuariam porque o noivo foi levado embora (2:20). Quando os discípulos Tiago e João pediram por lugares de honra no Reino, Jesus disse a eles que ele veio dar sua vida como resgate por muitos (Marcos 10:45). Além disso, na Última Ceia Jesus esperava por sua morte e descreveu o vinho que ele abençoou como o sangue da aliança derramado por muitos para o perdão dos pecados (Mateus 26:28).

O que podemos concluir a partir da própria atitude de Jesus em relação à sua morte? De acordo com Ladd, a morte de Jesus era uma parte essencial de sua missão messiânica: "O Filho do Homem veio dar sua vida" (Marcos 10:45). Sendo que Jesus interpretava sua missão como Servo Sofredor de Deus, ele acreditava que sua alma seria derramada na morte a fim de tirar os pecados de muitos (Isaías 5 3:12). A morte de Jesus era substituta porque ele deu sua vida no lugar dos pecadores. Jesus sacrificou sua alma como uma oferta pelo pecado (Isaías 53:10), uma morte voluntária oferecida para prover perdão para os outros. Além de ser um resgate e um sacrifício substitutivo, a morte de Jesus também foi uma vitória sobre o reino de Satanás. Por causa da cruz como um ato redentor, o regente deste mundo foi expulso do poder (João 12:31). Ao morrer na cruz, Jesus libertou os homens da lei do pecado e da morte [7] (Rom. 8:2).

---

1 C. S. Lewis, *Mere Christianity (1960), p.8.*
2 Ibid. *pp. 54-56.*
3 Ibid.
4 Ibid.*, p. 58.*
5 Entretanto, ver o estudo histórico de Cullmann sobre isto em *Christology of the New Testament (1959)* e F Hahn, *The Titles of Jesus in Christology (1969).* Cullmann e Hahn não acreditam que estes títulos são dos discípulos, mas se originaram com a igreja mais tarde.
6 E. J. Sheen, *Life of Christ (1959), pp.* 1-4. Este autor encontra predições adicionais da vinda de Jesus em Aeschylus, Virgilio, Suetonious, os Oráculos Sybilline, Tácito, Sócrates, Platão e Confúcio.
7 G. E. Ladd, *A Theology of the New Testament (1974), pp. 182-192.*

Resultados dos Estudos Bíblicos Modernos

A interpretação bíblica da vida de Jesus descrita acima desmoronou como um castelo de cartas assim que os estudiosos do século XIX começaram a examinar historicamente as Escrituras. É incrível como recentemente os cristãos começaram a buscar pelo Jesus histórico. Em 1819 Schleiermacher deu a primeira série de palestras universitárias sobre a vida de Jesus, [8] e em 1835 Strauss publicou seu estudo crítico dos Evangelhos. Desde então, teólogos foram forçados a reexaminar seu entendimento sobre o Homem de Nazaré.

Durante o Iluminismo, apologistas como o Bispo Butler tinham tentado provar a singularidade de Jesus na base de seus milagres e na maneira como ele estava destinado a cumprir as profecias do Velho Testamento. [9] O argumento para a profecia foi desacreditado quando estudiosos começaram a interpretar a literatura judaica sagrada historicamente. Os profetas estavam escrevendo sobre seu próprio tempo e sua mensagem era direcionada para seus contemporâneos. Por exemplo, Isaías não estava prevendo o nascimento virginal, mas estava dizendo para seus ouvintes que uma mudança importante ocorreria em seu próprio tempo porque determinadas mulheres jovens dariam nascimento a um filho muito em breve (7:14). [10] Ou para citar outra ilustração, o profeta Jonas sendo engolido por um peixe foi projetado para fazê-lo obedecer a missão que Deus havia dado a ele, e não prever a ressurreição de Jesus. De forma semelhante, os poemas do Servo Sofredor (Isaías 53) não eram profecias messiânicas sobre Jesus, mas uma antiga interpretação da missão da nação Israelita na história, como escritores judeus têm mantido há muito tempo. [11]

A seguir, quando os historiadores começaram a estudar o Novo Testamento, eles aprenderam que os Evangelhos não eram de testemunhas oculares da vida de Jesus. A primeira a ser abandonada foi a noção que o Quarto Evangelho foi escrito pelo apóstolo João. Então era geralmente acordado que Marcos e uma coleção de frases de Jesus (chamada Q) foram utilizados por Mateus e Lucas na composição de seus Evangelhos. Em outras palavras, os evangelistas não estavam escrevendo "memórias" do que eles tinham visto pessoalmente. Eles foram editores de antigas tradições circulando nas comunidades cristãs de quarenta a sessenta anos após a morte de Jesus. [12] Portanto, para entender o Novo Testamento deve-se ver como os vários escritos refletem o desenvolvimento da fé cristã. Os Evangelhos retratam as mudanças doutrinárias, éticas e eclesiásticas que ocorreram quando a mensagem de Jesus foi alterada para atender as necessidades de cristãos judeus helênicos e posteriormente as igrejas Gentias. Além do Novo Testamento estão quatro diferentes níveis de vida e pensamento cristão: o Judaísmo apocalíptico de Jesus e seus discípulos, o Cristianismo judaico de pessoas como Tiago, o Judaísmo Helênico de Paulo, e o Cristianismo Gentio de uma geração posterior ilustrado pela literatura Joanina. [13]

A "Fonte crítica" literária e histórica dos Evangelhos preparou o caminho para a "forma crítica" iniciada por Bultmann e Martin Dibelius. [14] A forma crítica fornece um método pelo qual estudiosos podem entender as tradições orais que são mais velhas do que nossos registros escritos. Sendo que os antigos cristãos esperavam o iminente retorno do Senhor, eles não tinham interesse em escrever sobre a vida de Jesus ou as histórias dos Atos dos Apóstolos. Entretanto, em suas pregações e ensinamentos, os cristãos citavam um ditado de Jesus ou contavam um incidente de sua vida para provar um ponto.

Também era necessário relatar a história da Paixão que explicava porque os cristãos celebravam uma refeição de comunhão e também respondiam críticas que acusavam que o Senhor era apenas um criminoso rejeitado por seu povo. A tradição oral então consistia de ditados e incidentes desconectados como também a narrativa da Paixão de uma forma um tanto fixa.

Os escritores do Evangelho, especificamente Marcos, reuniram essas tradições orais. Por que um registro escrito se tornou necessário? Porque a terrível guerra romano-judaica que terminou em 70 D.C. tinha espalhado a comunidade judaica cristã que preservava a tradição oral; [15] porque a primeira e segunda gerações de cristãos estavam morrendo; [16] e porque o prolongado atraso da *Parousia* forçou os cristãos a reinterpretarem a vida e ensinamentos de Jesus a partir de uma perspectiva não escatológica. [17]

Marcos, Lucas, Mateus (e em um grau menor, João) foram compiladores e editores das tradições orais. Cada um moldou a tradição para atender as necessidades específicas de seus leitores. [18] Alguns estudiosos dizem que Marcos preservou as tradições da comunidade cristã em Roma, Mateus coletou os tesouros na igreja síria, Lucas escreveu um Evangelho para cristãos gentios, e João preparou uma defesa da mensagem cristã para místicos crentes semi-gnósticos em Efésio ou talvez Alexandria. [19] Mas se cada evangelista moldou a tradição para propósitos dogmáticos e litúrgicos específicos, torna-se necessário examinar esses objetivos editoriais e como eles afetaram o retrato de Jesus. Em tempos recentes, a "Redação crítica" tem estudado as revisões teológicas criativas [20] realizadas pelos editores do Evangelho.

A crítica da fonte, a crítica da forma e a crítica da redação transformaram radicalmente nosso entendimento dos Evangelhos e demoliram para sempre o método tradicional de explicar a vida de Jesus. Não se pode mais supor que simplesmente porque algo está no Novo Testamento, isto remonta ao Jesus histórico. Primeiro devemos remover os acréscimos que disfarçam e distorcem os fatos sobre sua vida e ensinamentos. Com isto em mente, passamos agora às descobertas contemporâneas na busca pelo Jesus na história.

---

8 E Schleiermacher, *Life of Jesus* (1975 ed.), p. XI.

9 Joseph Butler (d. 1752), diácono Anglicano da Catedral de St. Paul e bispo de Durham, autor da popular *Analogy of Religion* (1736), um ataque ao Deísmo.

10 H.D.A. Major de Oxford afirmou que o texto da Escritura de Isaías prova o nascimento virginal, como outras profecias do Velho Testamento utilizadas por Mateus, não tem nenhum valor como testemunho ao fato histórico *(Mission and Message of Jesus,* 1938, pp. 232-233).

11 Para várias interpretações modernas dos poemas do Servo, ver G. Fohrer, *Introduction to the Old Testament (1968), pp. 378-381.* Para importantes opiniões Judaicas, cf. M. Buber, *The Prophetic Faith (1960), pp. 217-235* e H. M. Orlinsky, *Interpreting the Prophetic Tradition (1969), pp. 227-273.*

12 Para detalhes, ver A.M. Perry, "Growth of the *Gospels: The Interpreters Bible (1951), vol. 7, pp. 60-74.*

13 Cf. R. Bultmann, *Primitive Christianity in its Contemporary Setting (1967)* e N. Perrin, "Theological History of New Testament Christianity," *The New Testament, An Introduction (1974), pp. 39-61.*

14 E. V. McKnight, *What Is Form Criticism? (1969);* M. Dibelius, *From Tradition to Gospel (1934);* R. Bultmann, *History of the Synoptic Tradition (1963).*

15 W. Marxsen pensa que o Evangelho de Marcos foi escrito logo depois do início da revolta judaica contra Roma (cerca de 64 D. C.) a fim de indicar a iminência dos Últimos Dias *(Mark the Evangelist,* 1969). S. G. E Brandon, entretanto, acredita que Marcos foi escrito logo após 70 D. C. *(The Fall of Jerusalem and the Christian Church,* 1951). Eles concordam que esta rebelião causou a criação de nosso primeiro Evangelho.

16 R. M. Grant acredita que o martírio de vários apóstolos - Pedro, Paulo e Tiago - entre 62-64 D. C. e a morte natural da maioria da primeira geração de cristãos levou a escrever o evangelho *(Historical Introduction to New Testament,* 1972, p. 108).
17 Cf. M. Wemer, *Formation of Christian Dogma* (1957).
18 Ver N. Perrin, *What is Redaction Criticism?* (1969).
19 M. Enslin acredita que Mateus provavelmente foi escrito em Antioquia *(The Literature of the Christian Movement,* 1956, p. 402). Jerome relatou que o Evangelho de Lucas se originou na Grécia. Tradições do segundo século associavam João em Efésios, mas alguns estudiosos modernos acreditam que o Quarto Evangelho se assemelha ao misticismo Alexandrino.
20 Os principais críticos da Redação são R. H. Lightfoot, W. Marxsen, H. Conzelmann, G. Bornkarnm e N. Perrin.

O Jesus Histórico

O Novo Testamento fornece praticamente a única informação confiável que temos sobre Jesus, mas ao longo do livro seus materiais são altamente coloridos pelas doutrinas e culto das igrejas posteriores. [21] Mesmo assim, para um crítico bíblico contemporâneo como Gfinther Bornkamm, é ainda possível recuperar "o esboço" da pessoa e história de Jesus. [22]

Bornkamm, um estudioso do Novo Testamento em Heidelberg e um discípulo de Bultmann, publicaram a primeira vida integral de Jesus na "nova busca" pelo Jesus histórico depois da Segunda Guerra Mundial. O Professor Norman Perrin, o notável estudioso bíblico, elogiou o *Jesus of Nazareth* de Borrikamm como uma "magnífica" pintura da vida e ensinamentos de Jesus, e facilmente "o melhor livro sobre Jesus disponível atualmente." [23] Por esta razão resumimos as conclusões de Bornkamm.

Que dados biográficos possuímos? A cidade natal de Jesus era Nazaré na semi-pagã e desprezada Galileia. Seu pai José [24] era um carpinteiro. Talvez Jesus seguisse o mesmo ofício. Seus quatro irmãos eram Tiago, José, Judas e Simão. Ele tinha irmãs, mas seus nomes são desconhecidos (Marcos 6:3). Nenhum membro de sua família foi um dos seguidores originais de Jesus.

Como todos os galileus, Jesus falava aramaico, mas ele também podia ler as antigas escrituras hebraicas. O grego era amplamente usado na Palestina do século primeiro pelos mercadores e funcionários públicos. Entretanto, não sabemos se Jesus ou seus discípulos eram capazes de falar ou entendê-lo. Jesus centrou seu ministério nas aldeias e vilas menores e nas Colinas e ao redor do mar da Galileia. Portanto, podemos assumir que ele teve um contato mínimo com a filosofia grega e o estilo de vida helênico.

Aos 30 anos, Jesus foi batizado por João e começou seu próprio ministério de pregação. O relato dos evangelistas sobre o batismo são [25] reinterpretações para propósitos apologéticos. Assim, não podemos saber o que Jesus pensava sobre o rito. Como João, ele se tornou um profeta da era messiânica vindoura, pregando na Galileia enquanto João pregava no vale do Rio Jordão. Ao contrário de João, o ministério de Jesus se concentrou não no batismo, mas na palavra falada (especialmente parábolas) e na mão de auxílio (principalmente curas de fé).

Não podemos ter certeza de quanto tempo durou a atividade de Jesus. Possivelmente alguns meses ou talvez um ano. [26] Os Evangelhos não nos dão uma cronologia confiável [27] da vida de Jesus. Não obstante, eles nos dizem muito sobre sua pregação, seus atos de cura, a oposição que ele gerou, e sua popularidade entre as classes dos Palestinos.

Bultmann [28] afirma que com um pouco de cautela podemos ver a partir do Novo Testamento que Jesus era um exorcista, que ele rompeu com o mandamento contra o trabalho no Sábado, que ele abandonou o ritual tradicional de purificações do Judaísmo e se envolveu em uma polêmica contra o legalismo farisaico. Jesus também espantou seus contemporâneos por sua amizade com classes sociais marginais como coletores de impostos, meretrizes, soldados romanos e samaritanos.

Além disso, ele era diferente da maioria dos rabinos por causa de sua associação regular com mulheres e proximidade com crianças. Ao contrário de João, Jesus não era um asceta. Assim, seus críticos o acusavam de ser apaixonado por festejar e beber vinho. Provavelmente é significativo que sua pequena companhia de seguidores incluía mulheres. Esta notável amizade com marginalizados, mulheres e crianças pode ter sido na mente de Jesus um sinal do alvorecer da era messiânica. [29]

Para Bornkamm, o ponto de transição decisivo final na vida de Jesus foi a resolução de ir para Jerusalém a fim de confrontar a cidade capital com a mensagem do iminente reino de Deus. O que aconteceu em Jerusalém está, no entanto, entrelaçado com elementos lendários e os interesses doutrinários das igrejas posteriores. Assim, podemos ter muito pouco conhecimento [30] sobre o último capítulo na vida de Jesus. Era a fé cristã pós-Páscoa que insistia que ele entrasse em Jerusalém para morrer em cumprimento das profecias do Velho Testamento (Marcos 8:31, 9:12, 9:31, 10:33, 34).

A maioria das pessoas assume que as narrativas da Paixão estão fundamentalmente de acordo, porque o julgamento e a morte de Jesus eram esse aspecto importante da pregação cristã desde o período anterior. Mas se olhamos cuidadosamente para os Evangelhos Sinópticos e os compararmos com os relatos Joaninos, ficaremos surpresos com as diferenças radicais. Além disso, há grandes acréscimos, omissões e alterações na história contada pelos três Sinópticos.

Primeiro de tudo, vamos observar a contradição fundamental entre os Sinópticos e João sobre a entrada triunfal em Jerusalém. De acordo com Marcos, Mateus e Lucas, a entrada triunfal e a purificação do templo pela expulsão dos cambistas ocorreram no início da última semana de Jesus na terra. Contudo, de acordo com o Quarto Evangelho (João 2:13-25), a purificação do templo ocorreu na abertura do ministério de Jesus, imediatamente após a mudança milagrosa da água para o vinho na festa do matrimônio em Caná.

Em segundo lugar, porque os inimigos de Jesus planejavam matá-lo? De acordo com os Sinópticos, o sumo sacerdotes e escribas buscaram como matar Jesus depois que ele começou a ensinar em Jerusalém (Marcos 14:1,2), embora Herodes Antipas tenha tentado apoderar-se de Jesus enquanto ele estava pregando na Galileia (Marcos 6:16; Lucas 9:9, 13:31). Entretanto, no Quarto Evangelho, o sumo sacerdote Caifás decide matar Jesus logo que ele ouve que Lázaro tinha sido milagrosamente levantado dos mortos (11:49). A crucificação era necessária porque o sumo sacerdote temia um realizador popular de milagres? Ou porque Jesus despertou a inimizade dos escribas e fariseus? Ou porque ele ameaçou destruir o templo, como alegaram as testemunhas no julgamento? Ou porque o governante Galileu Herodes Antipas tinha medo de um segundo João Batista? Ou porque os romanos buscavam suprimir um pretendente a messias revolucionário? Os quatro Evangelhos dão respostas diferentes.

Terceiro, devemos reconhecer as diferentes adições que Mateus e Lucas fazem à história da Paixão original de Marcos. Mateus acrescenta a Marcos vários incidentes muito importantes: uma descrição do suicídio de Judas (27:3-10), Pilatos lavando suas mãos para demonstrar sua inocência em relação à execução de Jesus (27:24,25) e a ressurreição de muitos santos judeus mortos durante o terremoto que seguiu a morte de Jesus (27:51-53). Lucas também suplementa a narrativa de Marcos com detalhes significativos.

De acordo com Lucas somente, Jesus chora sobre Jerusalém (19:41-44) e pede para seus discípulos se armarem com espadas (22:36-38). Somente Lucas nos diz que Jesus restaura milagrosamente a orelha do homem que foi atacado pelos discípulos quando os soldados prenderam Jesus no jardim do Getsêmani (22:49-51). Somente Lucas relata que Jesus foi julgado diante de Herodes Antipas como também Pilatos e o Sinédrio (23:4-16) e que uma grande multidão de mulheres chorando acompanhou Jesus no caminho para Golgotá (23:27-31). Sem tentar decidir se essas adições que Mateus e Lucas fizeram são históricas, pode-se ver como o Evangelho de Marcos foi elaborado sobre os outros dois Sinópticos.

Quarto, examinemos cuidadosamente as diferentes versões do incidente do Getsêmani. Marcos descreve a tríplice oração agonizante de Jesus que Deus o salvasse do martírio da cruz: "Pai, todas as coisas Te são possíveis; afaste este cálice de mim; contudo, não faça o que eu quero, mas o que Tu queres" (Marcos 14:36). Este evento comovedor coloca dois problemas importantes. Como podemos saber o que aconteceu no jardim, sendo que os discípulos dormiram e Jesus foi imediatamente separado de seus seguidores através de sua prisão? Ainda mais importante, o incidente tem algumas implicações teológicas inquietantes. Houve um período, por mais breve que fosse, quando Jesus perdeu a fé na providência de Deus? De acordo com este incidente do Getsêmani, Jesus orou desesperadamente para ser poupado da dor da cruz. Ou talvez Jesus orou para que Deus o protegesse de seus inimigos e o salvasse de seu destino.

Recentes estudos bíblicos reconhecem crescentemente a violência e horror da última semana de Jesus. Como observou um professor jesuíta da Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, Jesus não aceitou desde o início sua crucificação predeterminada. Ele não começou sua missão proclamando, "minha crucificação está próxima; arrependam-se e acreditem nas boas novas da minha morte expiatória." Certamente na oração do Getsêmani Jesus revela as arestas da dor enquanto ele meditava sobre seu futuro. Nas últimas horas antes de sua prisão, Jesus perde a coragem e procura uma forma para escapar da condenação, nos diz este teólogo católico. [31]

Portanto, é esclarecedor examinar as formas muito divergentes que os últimos evangelistas colocam uma cortina sobre a agonia do Getsêmani, como eles mitigam a dor de Jesus. Marcos utiliza o incidente como uma ilustração da cegueira dos discípulos em relação aos sentimentos de Jesus. Quando seu coração estava cheio com tanta agonia, os mais próximos a ele adormeceram. Mateus sugere que Jesus não precisava ser preso, pois ele tinha uma legião de anjos para salvá-lo (26:53). Isto é, Jesus aceitou voluntariamente seu destino como um filho obediente. Lucas utiliza uma abordagem diferente, acrescentando que Jesus foi confortado por um anjo visitante (22:43). O Quarto Evangelho omite as orações de petição de Jesus. Contradizendo explicitamente Marcos, João coloca na boca de Jesus as palavras, "A taça que o Pai me deu, eu não a beberei?" (18:11). Esta breve discussão da cena do jardim demonstra como as tradições do Evangelho foram revisadas e remodeladas de acordo com os objetivos dogmáticos s apologéticos da comunidade cristã em desenvolvimento.

Neste ponto, vamos olhar para como os Unificacionistas explicam a oração do Getsêmani.

1) Jesus veio liberar a tristeza divina e estabelecer o reino.

2) Incapaz de concluir sua missão, ele quase foi superado com angústia.

3) Ele sabia que sua morte na cruz bloquearia o plano de Deus para Seu povo.

4) O sofrimento da humanidade seria indefinidamente prolongado, e seus discípulos seriam forçados a carregar uma cruz como a sua própria. Preenchido com esses pensamentos desesperados, Jesus orou por alguma forma possível para cumprir o comando divino.

Em quinto lugar, deve-se levantar a questão problemática do envolvimento romano na morte de Jesus. Seus compatriotas ou o governo imperial foram responsáveis pela crucificação? Repetidamente os porta-vozes judeus (e outros) tentaram colocar a culpa nos romanos. O Novo Testamento tenta disfarçar o fato que Jesus foi julgado por Pilatos e executado como um agitador político cuja cruz foi colocada entre a de dois mártires Zelotes. Inúmeros livros foram publicados nesta infindável controvérsia. Enquanto nenhuma resolução parece estar próxima, todos concordam com um fato básico. [32] Como resultado da desastrosa revolta palestina em 70 D. C., os cristãos ficariam muito interessados em cobrir qualquer possível conexão entre o movimento messiânico de Jesus e a causa Zelote. Desde o tempo de Marcos até o período posterior a Mateus, Lucas e João, as tradições do Evangelho foram cada vez mais retrabalhadas para exonerar os romanos e culpar os judeus pela morte de Jesus. Finalmente os cristãos Coptas veneraram Pôncios Pilatos como um santo. Consequentemente, hoje estamos bem cientes das tendências apologéticas em ação no desenvolvimento das narrativas da Paixão.

Por último, reconhecemos as alterações fundamentais feitas no cenário do Evangelho sobre o Calvário. Tem sido costume meditar sobre as "sete últimas palavras" de Jesus na cruz. Contudo, nenhum dos escritores dos Evangelhos apoia essa interpretação. As chamadas sete últimas palavras representam uma tradição composta criada pela Igreja posterior.

O que relatam os Evangelhos? Marcos diz que Jesus falou somente uma vez na cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (15:34). Sendo que o versículo de Salmos 22:1 poderia facilmente ser mal interpretado como o grito de desespero pelo abandono de Deus, Lucas e João se sentiram constrangidos em fazer adições que pareceriam mais adequadas. Lucas retrata um nobre mártir. Quando preso à cruz, a primeira oração de Jesus é para conceder perdão: "Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem" (23:34). Para o "ladrão" penitente (presumivelmente um terrorista Zelote), Jesus promete, "Hoje, tu estarás comigo no Paraíso" (23:43). Então no final, ele se aproxima serenamente da reunião com Deus: "Pai, em tuas mãos entrego meu espírito" (23:46). Ao retratar sua teologia distinta da cruz, Lucas relata somente estas três expressões do momento da morte de Jesus. Entretanto, Mateus prefere copiar Marcos. Provavelmente porque ele estava fascinado em provar que Jesus era o cumprimento das profecias do Velho Testamento, Mateus retém a citação de Marcos dos Salmos. Para ele não havia nada teologicamente estranho no grito de abandono, provando que isto era visto como mais uma previsão bíblica que finalmente se torna realidade. De acordo com Mateus, Marcos estava correto: Jesus falou somente uma vez na cruz. Muito diferente disto é o relato Joanino. Ao invés da citação de Marcos dos Salmos 22 ou as três frases de Lucas, este autor registra três (ou quatro) novas palavras: "Mulher, eis o teu filho"; "Eis tua mãe" (19:26,27); "Tenho sede" " (19:28) e "Está consumado" (19:30).

Na teologia de João sobre a cruz, Jesus termina seu ministério terreno com um grito de vitória porque sua morte é um momento de glorificação, permitindo-lhe [33] atrair todos os homens para Deus.

---

21 Para uma visão útil contemporânea, ver a antologia de Harvey K. McArthur, *In Search of the Historical Jesus (1969).*

22 Para a atitude de Bultmann em relação a isto, ver sua conferência em 1959 em McArthur, pp. *161-163.*

23 N. Perrin, *The New Testament, An Introduction (1974), p. 303.*

24 Para uma visão diferente e aquela da Teologia da Unificação, ver a seção sobre o nascimento virginal em Y. O. Kim, *Unification Theology and Christian Thought (1976), pp. 127-131.*

25 Para uma visão muito cética, conforme M. Enslin, *Christian Beginnings (1956), pp. 149-153.* J. Jeremias, *New Testament Theology (1971)* dá uma interpertação mais aceita de forma geral, pp. *43-49.*

26 Muitos cristãos assumem que o ministério de Jesus durou três anos. De onde vem essa ideia? Não a partir de Marcos, Mateus e Lucas. De acordo com estas fonts, Jesus esteve em Jerusalém para a Páscoa somente uma vez depois que começou seu ministértio, embora a lei judaica do período exigia que todos celebrassem este festival na cidade santa. O Quarto Evangelho faz referência a três Páscoas. (João *2:13, 6:4, 11:55).* Então a questão é se podemos confiar em João contra os três evangelistas mais velhos? Bornkamm e outros confiam na tradição Sinóptica. Hans Kfing diz que o ministério público de Jesus durou no máximo três anos, ou talvez algums meses dramáticos *(On Being a Christian, (1976, p. 150).*

27 H. Conzelmann, *Jesus (1973), pp. 20-25.*

28 Ver a conferência de Bultmann em McArthur, p. *161.*

29 Conforme Ernst Fuchs, *Studies of the Historical Jesus (1964), pp. 11-31;* see R. H. Fuller, *The New Testament in Current Study (1962), p. 34.*

30 M. G. Bornkamm, *Jesus of Nazareth (1960), pp. 154-158.*

31 G. O'Collins, *The Calvary Christ (1977), pp. 30,32,37,39.*

32 Cf. H. Ming, "Jesus in Conflict: A Jewish-Christian Dialogue," *Signposts for the Future (1978), pp. 64-87.*

33 Cf. R. E. Brown, *The Gospel According to John (1970), vol. 2, pp. 922-931.*

Jesus e o Reino de Deus

A pregação de Jesus era dominada por sua fé na vinda do reino de Deus. Ele era principalmente um profeta escatológico, proclamando que o reino de Deus estava chegando (Marcos 1: 14, 15). Quase todos os estudiosos modernos do Novo Testamento reconhecem este fato. [34] Como Schweitzer declarou, a busca pelo Jesus histórico deve acabar com uma escatologia consistente ou ceticismo completo. Se Jesus de Nazaré não era um arauto da iminente era messiânica, então não sabemos nada sobre ele. [35]

O que isto significa? Para alguns estudiosos, [36] primeiro, isto implica que o próprio Jesus não era o foco central de seu próprio ministério. Ele não pregou sobre ele mesmo, mas sobre o advento do reino de Deus. Ele assumia que seus ouvintes conheciam sobre a esperança escatológica e que eles esperavam sua chegada. Assim, para entendermos a missão de Jesus, devemos reconhecer que ele veio a serviço do reino esperado de Deus.

Em segundo lugar, que seu ministério representa uma reafirmação da tradição profética judaica. A despeito das inúmeras catástrofes políticas e sociais, como o exílio na Babilônia e a dominação romana, judeus piedosos esperavam por algum tipo de liberação autêntica e um messias que traria a realização de suas aspirações. Assim, a esperança escatológica repousava em duas convicções:

1) que Deus reafirmaria Sua soberania e 2) que Seu reino vindouro modificaria a ordem social existente.

O reino de Deus significava o advento da utopia, uma transformação total da realidade. A vinda do messias julgaria o mundo e liberaria Seu povo. Como explica Isaías, "o Senhor Deus enxugará as lágrimas de todo rosto" (25:8), criando novos céus e uma nova terra onde sempre haverá alegria e felicidade (65:17).

Assim, a teologia da libertação diz que o futuro reino de Deus criará uma ordem social completamente nova e duradoura. Quando o reino chega, todos os homens serão orientados verticalmente na direção de Deus se tornando Seus filhos. Além disso, haverá reconciliação e amizade duradoura entre os seres humanos. Portanto, o reino era esperado para transformar o espírito interior dos homens e reestruturar seus relacionamentos tangíveis uns com os outros. Estes dois aspectos da regência divina não podem ser separados.

O iminente reino de Deus exige vitória sobre o pecado. A pregação de Jesus ocorreu no contexto de um mundo pecaminoso. Assim, as boas novas devem ser visualizadas como liberação. Pecado não é simplesmente dizer não para Deus, mas dizer não para o reino de Deus. Assim, pecado não deve simplesmente ser perdoado, mas erradicado. Fé se refere à vitória sobre o pecado: o pecado de separação autocentrada de Deus e opressão egoísta dos semelhantes.

O entendimento de Jesus sobre o pecado em relação ao reino contém dois elementos. Por um lado, os homens pecam porque eles estão tão preocupados sobre eles mesmos, suas posses, seu status e sua segurança, que eles se recusam aceitar a vinda do reino. Por outro lado, Jesus denunciou os aspectos públicos, sociais e estruturais do pecado.

Para ele, rompemos nossos laços filiais com Deus quando rompemos nossos laços fraternais com os outros. Jesus se opôs ao pecado coletivo como também ao desvio de conduta pessoal. Ele atacou os fariseus porque eles não prestavam atenção à justiça; os escribas porque eles colocavam fardos intoleráveis nas pessoas; os ricos porque eles se recusavam a compartilhar sua riqueza; os sacerdotes porque eles governavam de forma despótica.

A oposição de Jesus ao pecado estrutural pode ser vista na forma que ele associava a causa de Deus com os pobres e humildes. Ele preferiu a amizade com os explorados e alienados. Ser seu discípulo (dizem os teólogos da libertação) significa lutar por amor e justiça. Amor por Deus e amor pelo próximo eram a mesma coisa para Jesus. Somente pode-se pecar contra Deus pecando contra o homem. Somente pode-se amar Deus e ser salvo amando e servindo o homem.

Como isto está relacionado com a esperança escatológica? Escatologia implica em "crise." O vindouro reino de Deus não confirma o *status quo*. Ele julga a ordem social existente e a recria em conformidade com a soberania de Deus. Deus quer melhorar cada aspecto da existência humana. Escatologia aponta para um futuro melhor para todos.

Muitos estudiosos disputariam sobre a interpretação liberacionista do reino vindouro. Ela ignora a natureza apocalíptica da mensagem de Jesus. O homem não edifica o reino através de envolvimento político, crítica social e ação revolucionária. O reino de Deus será inaugurado repentinamente, como um relâmpago. O reino chegará como um dom inesperado de Deus manifestado em atos surpreendentes de poder sobrenatural. Nosso papel não é criar o reino, mas estar observando os sinais do final dos tempos, e estar preparados para seu aparecimento.

Então o que o judeu apocalíptico queria dizer por reino de Deus? Primeiro, o reino se referia a uma efusão do Espírito. De acordo com a opinião judaica comum, no tempo dos patriarcas, todos os homens piedosos possuíam o espírito de Deus. Então, por causa do pecado de Israel – a adoração do bezerro de ouro – o dom do Espírito ficou limitado a alguns escolhidos; reis especialmente ungidos por Deus, profetas e sumo sacerdotes. Até mesmo isto desapareceu com a morte do último profeta do Velho Testamento. Uma vez que os escritos do Velho Testamento estavam completos, Deus falou somente através do "eco de sua voz" *(bat qol).* Entretanto, nos Últimos Dias, o Espírito retornará com visões extraordinárias, sonhos e sinais maravilhosos. No Novo Testamento, por exemplo, os exorcismos de Jesus são tratados como evidência que o Espírito tinha retornado.

Em segundo lugar, para o Judaísmo apocalíptico, o reino se referia à superação da regência cósmica de Satanás. O ministério de Jesus deveria ser interpretado como uma batalha com forças demoníacas escravizando a humanidade. Como seus contemporâneos na comunidade Qumrã, Jesus pensou em seu trabalho como escatológico, uma guerra contra os poderes invisíveis que tomaram controle da criação de Deus.

Terceiro, Jesus considerava a regência de Deus como uma realidade presente, como também um evento futuro. Ele anunciou o alvorecer de uma era apocalíptica e buscava por sua total manifestação.

Ambos os aspectos são encontrados na primeira linha da tradição. [37] Assim, a comunidade apostólica insistia que o ministério terreno de Jesus era somente um prelúdio para a consumação vindoura do reino de Deus em poder. Para os cristãos do primeiro século, o reino era "agora" e "não talvez." De fato, os Evangelhos e Epístolas demonstram quão perturbados muitos ficaram pelo atraso imprevisto da *Parusia*. "Maranatha" (O Senhor, vem), eles oravam.

Não obstante, parece haver ao menos dois ensinamentos novos no apocalipticismo de Jesus. Por um lado, ele se opunha a uma visão judaica sobre o reino de Deus. Muitos de seus ouvintes assumiam que Deus era sempre o rei sobre Israel, e que Satanás estava somente dominando entre os Gentios que oprimiam o povo escolhido. Neste ponto, a mensagem de Jesus era contra a opinião defendida por seus inimigos ortodoxos. [38] Como os Essênios e João Batista, Jesus se recusou a assumir como garantida a eleição automática do povo judeu. Somente um santo remanescente tinha permanecido leal à aliança que Deus tinha feito com Abraão. Portanto, Jesus chamou seus compatriotas a se arrependerem, serem convertidos, e se aliarem com o novo povo escatológico de Deus. Seu único propósito era reunir o povo de Deus em uma comunhão bem definida que seria preparada para o advento da era messiânica. [39]

Por outro lado, Jesus diferia radicalmente dos discípulos de João Batista e os sectários Qumrã em sua interpretação da natureza do santo remanescente. Para eles o reino era para um grupo selecionado de "piedosos." Em contraste, Jesus chocou seus contemporâneos por sua oposição e esse exclusivismo. Ele proclamou a graça ilimitada de Deus. Em sua mesa, o odiado publicano, a prostituta e o conhecido "pecador" eram bem vindos. Utilizando linguagem simbólica, ele ordenou seus discípulos que convidassem os aleijados, coxos e cegos para o banquete messiânico. Aos olhos de Jesus, Deus ama os pecadores e é o Pai dos pequenos, dos pobres e dos perdidos. Assim, ele abre bem as portas, criando uma comunidade abrangente do novo povo de Deus. [40]

A teologia da Unificação ensina que Jesus veio para estabelecer o reino do céu na terra. Como São Paulo escreveu, Jesus devia ser o novo Adão restaurando o jardim do Éden perdido. Para este propósito ele escolheu doze apóstolos simbolizando as doze tribos originais de Israel, e enviou setenta discípulos, simbolizando todas as nações do mundo. Como João Batista, Jesus proclamou que o esperado reino do céu estava próximo (Mateus 4:17). O método de ensino distinto de Jesus pode ser visto em seu uso de parábolas. Estas estórias refletem com especial clareza o caráter das boas novas de Jesus (evangelho), a natureza escatológica de sua pregação e a intensidade de seu chamado por arrependimento. Todas as parábolas descrevem algum aspecto do reino iminente de Deus. Cada uma desafia os ouvintes de Jesus para tomar uma decisão sobre o alvorecer da era messiânica. [41]

O pensamento de Unificação corrige dois equívocos populares da esperança escatológica. O reino de Deus não se refere meramente a um reino espiritual nos corações dos piedosos. Essa noção privatizada e individualista do reino de Deus não é o que significa o Novo Testamento. Nem Jesus insinua que o reino do céu conota somente a morada dos justos após a morte. Jesus trabalhou para estabelecer a realidade de Deus na terra. Assim, a esperança escatológica tem dimensões sociais, políticas, econômicas e naturais, como também dimensões pessoais.

Agora o que o reino de Deus denotou no primeiro século no Judaísmo? O rabino Klausner afirma que o messianismo judeu consistia de duas concepções: a salvação político-nacional como também a redenção religiosa. [42] Para os ouvintes de Jesus, o Messias seria tanto um governante como um redentor. Deus ungiria esse indivíduo para livrar os judeus da opressão estrangeira e revitalizar sua religião. Ao mesmo tempo, o Messias era esperado para estabelecer o reino de Deus em âmbito mundial, reformar a sociedade, desarraigar a idolatria e colocar um fim no pecado. Fontes rabínicas descrevem o Messias judeu como um redentor forte em poder físico e poderoso em espírito que trará completa redenção para o povo judeu – e juntamente com isto, paz eterna, prosperidade econômica, ordem política e perfeição ética para toda a raça humana.

Outro ponto importante deveria ser mencionado. O Messias é um ser humano e não uma pessoa sobrenatural. Redenção vem a partir de Deus e somente através de Deus. O Messias é somente um instrumento nas mãos de Deus. Embora o Ungido ocupará um lugar central no reino celeste na terra, Deus permanece o objeto primário de lealdade e adoração para sempre. Esta visão é o conceito messiânico comum do tempo de Jesus.

Entretanto, como São Paulo e São João, os teólogos mais criativos do período do Novo Testamento, a teologia da Unificação enfatiza o pecado original do homem e o domínio satânico do nosso mundo alienado. Enquanto estas características não estejam completamente ausentes da tradição rabínica, elas são características mais presentes do Judaísmo apocalíptico e sectário a partir do qual o Cristianismo surgiu.

Uma vez que reconhecemos que Jesus foi comissionado por Deus para trazer Seu reino sobre a terra durante seu tempo de vida, é fácil entender a urgência por trás de seu ministério. Por esta razão Jesus insistiu que seus discípulos colocassem primeiro, total comprometimento com o reino iminente. Esse é o motivo pelo qual Pedro e os outros deixaram imediatamente o que estavam fazendo para seguir Jesus. Da mesma forma, isto explica os estranhos ordenamentos de Jesus, “Deixem que os mortos enterrem seus mortos” e “Esqueça a mulher com que você se casou,” porque “Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus.” (Lucas 9:60-62; 14:20).

Para entrar no reino, uma pessoa deve ser perfeita, ensinou Jesus. Como o Sermão da Montanha diz, “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” (Mateus 5:48). Esta passagem é frequentemente ignorada ou muito mal interpretada. O que significa ser perfeito? No Judaísmo, perfeição se refere ao cumprimento das possibilidades de uma pessoa e conclusão do objetivo básico de uma pessoa como um filho de Deus. Porque a humanidade está impregnada de iniquidade, a natureza humana carece de conclusão. As verdadeiras capacidades humanas nunca alcançaram fruição por causa da escravidão do pecado. Assim, a era messiânica capacitará os homens a alcançarem o bem-estar espiritual, moral e material. [43] Como o Cristianismo Paulino, a teologia da Unificação afirma que o homem não pode alcançar suas potencialidades inatas concedidas por Deus até que ele seja purgado do pecado original. O Messias deve ser o Salvador como também o líder.

Então qual era a função do Messias no plano de Deus de redenção? Jesus foi indicado como representante terreno de Deus a fim de subjugar Satanás, limpar os homens do pecado original e libertá-los do poder do mal. A missão de Cristo envolvia liberação do pecado e elevação da humanidade ao estágio de perfeição.

Seu propósito era trazer o reino do céu ao nosso mundo com a ajuda de homens cheios com verdade e amor divinos. O objetivo de Jesus era restaurar o jardim do Éden, um lugar de alegria e beleza no qual famílias verdadeiras de pais aperfeiçoados habitariam com Deus em um pleno relacionamento de amor recíproco. Para utilizar uma terminologia do *Princípio Divino,* o reino de Deus na terra se refere a indivíduos, casais, famílias e nações edificados sobre a base de quatro posições centrada em Deus.

---

34 Bultmann insiste que Jesus apareceu sem dúvida como um comissionado por Deus para pregar a mensagem escatológica do surgimento do reino. Assim, podemos atribuir a ele uma consciência profética (C. E. Braaten e R. A. Harrisville, eds., *The Historical Jesus and the Kerygmatic Christ, 1964, pp. 22-24).*
35 *The Quest of the Historical Jesus,* chap. XIX.
36 Ver Jon Sobrino, *Christology at the Crossroads (1976).* Sobrino, é um teólogo liberacionista espanhol ensinando em El Salvador e um jesuíta.
37 Jeremias, *New Testament Theology (1971), pp. 76-108.*
38 Ibid.*, pp. 99-100.*
39 Ibid., *pp. 171-173.*
40 Ibid.*, p. 177.*
41 *Jeremias, The Parables of Jesus (1972); C. H.* Dodd, *Parables of the Kingdom (1961).*
42 *Cf. J. Klausner, The Messianic Idea in Israel (1955) p.392.*
43 *Ibid., pp. 524-525.*

João Batista

Malaquias, o profeta do Velho Testamento, predisse o retorno de Elias antes do advento do Messias: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor" (4:5). Elias tinha derrotado todos os falsos profetas em sua grande luta em nome de Yahweh no Monte Carmelo. [44] Sua missão tinha sido subjugar Satanás (manifestado no culto silencioso de Baal) e expulsar o mal de Israel para sempre. Mas depois de sua morte, os israelitas reuniram-se com Satanás para adorar ídolos. Portanto, a obra de Elias tinha que ser refeita. Para preparar para o Messias, outro campeão espiritual como Elias era necessário, como Malaquias profetizou. Assim, a esperança escatológica frequentemente incluía um retorno de Elias antes da chegada do Messias. [45]

De acordo com as tradições Sinópticas, Jesus pensava sobre João Batista como o Elias esperado. Lucas relata que um anjo disse ao pai de João, Zacarias, que seu filho seria ungido com "o espírito e poder de Elias ... para preparar ao Senhor um povo bem disposto" (1:16, 17). [46]

O Velho Testamento registra como Deus nomeou cuidadosamente pessoas especiais para pavimentarem o caminho para a vinda do Messias. Patriarcas, juízes, reis e profetas exortaram, guiaram e profetizaram – tudo para este fim. João Batista, o Novo Testamento declara, foi escolhido para ser o último e maior destes precursores messiânicos. Sua tarefa era ler os sinais do tempo, anunciar a iminência do reino de Deus e indicar o Messias prometido. Tudo na vida de João foi desenhado para prepará-lo para esta única missão. Para este propósito ele se retirou para o deserto judeu, praticou uma vida ascética, se vestiu como o antigo profeta Elias e pregou a necessidade de arrependimento nacional. [47]

Naturalmente as pessoas ficaram tão impressionadas com a mensagem dinâmica de João sobre a vinda da era messiânica que algumas imaginavam se ele mesmo seria o Cristo. Quando seus discípulos e outros ouvintes interessados perguntaram se ele era o Messias, João respondeu, "Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das alparcas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo." (Lucas 3:15, 16). Uma vez que Jesus começou a pregar sobre a proximidade do reino de Deus, e alguns estavam dizendo que ele era o Messias, certos fariseus vieram até Jesus para saber onde estava Elias. Jesus respondeu que João Batista era Elias (Mateus 17:10-13). Entretanto, no Quarto Evangelho, quando sacerdotes e levitas vieram até João questionando se ele era Elias, o Batista nega este papel (João 1:19-21).

O *Princípio Divino* descreve João Batista como a figura central para restaurar o fundamento de fé no curso mundial de restauração. Deus esperava que ele tornasse reto o caminho para o Messias, para continuar e completar a missão de Elias de separar Israel de Satanás. Por causa de sua ardente pregação, João se tornou extremamente popular na Palestina. Sua voz carregava muito mais autoridade do que a de Jesus que era somente um humilde carpinteiro e em grande parte desconhecido fora das pequenas cidades próximas ao Mar da Galileia. A maioria dos judeus poderia ter aceitado Jesus como o Messias se João tivesse testificado em seu favor. Depois que João batizou Jesus, ele deveria ter se unido a ele, se tornado seu ardente discípulo e atraído outros para apoiar o movimento messiânico de Jesus.

De acordo com Lucas, quando João foi aprisionado por Herodes Antipas como um agitador político, ele enviou dois de seus discípulos para perguntar para Jesus se ele era o Messias. Jesus disse para os mensageiros relatarem para seu mestre o que eles tinham ouvido e visto de suas atividades. Jesus acrescentou de forma aguda, "E bem-aventurado é aquele que em mim não se escandalizar!" Então depois de elogiar o Batista para uma multidão de seus próprios apoiadores, Jesus declarou, "E eu vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João Batista; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele." (Lucas 7:28)

O que o levou a rebaixar João publicamente para uma posição abaixo dos mais baixos no reino de Deus? Em termos de sua missão, João era o profeta hebreu final, pois ele tinha sido especificamente escolhido para dar testemunho direto sobre o Messias. Neste sentido, João era o maior entre aqueles que nasceram de mulheres. No entanto, ao se recusar a dar apoio incondicional ao Messias, João tinha sido reduzido a uma insignificância real. Aqui Jesus revela como ele se ofendeu pela hesitação, dúvidas e indecisão do Batista.

Se João tivesse seguido Jesus depois de batizá-lo e o apoiado com ardor suficiente, toda a nação de Israel poderia ter se voltado para Jesus. Que impacto suas forças combinadas teriam tido! Mas João, o principal precursor de Jesus, falhou em sua missão dada por Deus de preparar Israel para seu Messias. Ao invés de dar testemunho direto sobre a posição de Messias de Jesus, o Batista de fato tornou mais difícil para o povo aceitar Jesus.

Uma contribuição distinta da teologia da Unificação é sua interpretação radical do papel de João Batista. Tradicionalmente, os cristãos têm louvado ele como o precursor fiel e o chamado de santo. Pela primeira vez se torna claro que João provou ser "uma ofensa" para Jesus, um obstáculo no caminho da realização do reino. No entanto, esta nova interpretação de João Batista parece ser cada vez mais validada pelo estudo bíblico.

Por exemplo, o Novo Testamento sugere várias críticas sobre Jesus que se originaram entre os seguidores de João:
1) que Jesus era inferior a João porque ele se submeteu ao batismo dele;
2) que a conduta de Jesus não era tão rígida religiosamente como a de João;
3) que Jesus começou como um discípulo de João Batista, tomando emprestado a prática do batismo e copiando a mensagem de João.

Até certa extensão todos os Evangelhos tentam de várias formas subordinar João e Jesus, mas o Quarto Evangelho é especificamente anti-Batista. Isso demonstra conclusivamente que os inimigos do Cristianismo encontraram em João Batista [48] uma poderosa arma para se voltar contra Jesus.

No Quarto Evangelho, João Batista é reduzido a uma mera voz, cuja única função era proclamar Jesus como o Salvador do mundo. Uma vez que João Batista tinha anunciado a autoridade messiânica de Jesus, seu trabalho divinamente indicado estava finalizado. O Quarto Evangelho omite a história do batismo de Jesus e descreve o rito de João como um rito apenas de água, ao invés do espírito. João Batista saudou Jesus como o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. E que os discípulos de João se juntaram a Jesus. O Quarto Evangelho corrige o relato Sinóptico que Jesus começou a pregar após a prisão de João, como se Jesus fosse um discípulo levando a obra de João.

No Evangelho Joanino, nos é dito que Jesus estava pregando ao mesmo tempo que João Batista, e que Jesus atraia multidões maiores (3:22:26). Quanto à relação entre os dois homens, Jesus insiste que ele "vem de cima" enquanto João é somente um "filho da terra" falando sobre coisas terrenas (3:31). [49] Assim, se o Evangelho Joanino foi escrito entre 80-120 D. C., a pregação de João Batista e seus discípulos permaneceu um sério obstáculo para a atividade missionária cristã quase um século após a morte de ambos João e Jesus. De fato, uma seita Batista continua no Iraque até os dias atuais. Assim, o estudo contemporâneo tende a documentar a visão do *Princípio Divino* que a obra de João Batista estava no caminho da realização de Jesus de sua missão messiânica.

---

44 I Reis 18:16-40.

45 Visões rabínicas do retorno de Elias estão descritas em J. Klausner, *The Messianic Idea in Israel* (1955), pp. 451-457 e no artigo "Elijah" na *Encyclopedia Judaica* (1971), vol. V1, pp. 635-639.

46 Entre os escritores Sinópticos, Lucas somente conta histórias da infância sobre João. Estudiosos acreditam que esta se originaram em uma seita Judaica Batista que podia ter considerado João como sendo o Messias (W.R. Farmer, "John the Baptist," *Interpreter's Dictionary of the Bible, vol. 11, p.* 956).

47 Para uma visão estudada contemporânea sobre João, ver G. Bornkamm, *Jesus of Nazareth,* pp.. 44-52. R. Grant, A *Historical Introduction to the New Testament* (1972), pp. 309-313, aponta as semelhanças entre João e a comunidade Qumrã que produziu os manuscritos do Mar Morto. Também W. H. Brownlee, "John the Baptist in the New Light of Ancient Scrolls" em K. Stendahl, ed., *The Scrolls and the New Testament* (1957), pp. 33-53.

48 E. C. Colwell, *John Defends the Gospel (1936), pp. 31-39.* Ver também R. E. Brown, *The Gospel According to John (1966), vol. I.,* introduction, pp - LXVII-LXX, a Catholic view.

49 Bultmann observa que João *3:22-30* tem o propósito negativo de excluir possível rivalidade entre o Batista e Jesus, reflete a hostilidade continua entre os Cristãos e as seitas Batistas e ilustra a disputa sobre como o batismo de João está relacionado com o ritual Cristão. *(The Gospel of John, 1971, pp. 167-175).*

O Ministério Público de Jesus

Como foi o ministério galileu de Jesus? Estudiosos modernos discordam bastante sobre este assunto. Liberais como Goguel [50] e Goodspeed afirmam que, a despeito de alguma oposição, Jesus desfrutou de grande popularidade na Galileia por algum tempo. Por causa de sua fama como um maravilhoso curandeiro e mestre inspirador, multidões se reuniam para ouvi-lo. Inevitavelmente ele despertou críticas dos escribas ortodoxos e fariseus. Mas os apoiadores de Jesus eram muito mais numerosos do que seus críticos.

Portanto, estudiosos bíblicos liberais contrastam dois períodos no ministério de Jesus: Os primeiros dias que são comparados como uma "primavera da Galileia" e um período posterior quando Jesus enfrentou perigosa oposição. [51] A princípio, parecia haver uma chance real que o ministério de Jesus seria coroado com sucesso.

Goodspeed afirma que uma mudança momentânea ocorreu logo que os fariseus persuadiram Herodes Antipas a suprimir o movimento de Jesus. Para evitar um confronto perigoso com seus inimigos galileus, Jesus fugiu secretamente para as pagãs Tiro e Sidon nas planícies costeiras da Fenícia (Marcos 7:24), e passou algum tempo longe do reino de Herodes na região de Decápolis governada pelo tetrarca Filipe (Marcos 7:31). Guignebert descreve este período como o voo errático [52] de um homem que se sentiu caçado.

A despeito destes obstáculos, Jesus se recusou a desistir totalmente da esperança de sucesso e de finalmente conquistar a vitória com seu povo. [53] Portanto, ele resolveu entrar em Jerusalém durante a festa da Páscoa e se apresentar para todos os judeus, oferecendo a eles seu grande destino messiânico. [54]

Kfing, com a maioria dos discípulos de Bultmann, interpretam o ministério galileu de Jesus de forma muito diferente. Para ele, Jesus não desfrutou da Galileia com sucesso. Desde o início ele enfrentou dúvidas, amarga hostilidade e rejeição. [55] Assim, não houve um período de imensa [56] popularidade seguido por um tempo de tribulação.

Além disso, não podemos confiar na exatidão do relato temporal e geográfico de Marcos sobre o ministério de Jesus. De acordo com os críticos da Forma, Marcos não recebeu um esboço sobre a vida de Jesus a partir da tradição. Ele mesmo criou as conexões temporais e geográficas que mantêm juntos todos os discursos e atos de Jesus.

Contudo, também para Kfing, a ideia que Jesus foi para Jerusalém somente a fim de morrer pode ser uma interpretação cristã posterior, porque como Lucas relata, os discípulos esperavam que a jornada para a Cidade Santa conduzisse ao aparecimento do reino (19:11). [57] Guignebert afirma que Jesus foi para Jerusalém não para morrer, mas para agir. [58] Ou como conclui Goguel, quando Jesus foi forçado a deixar a Galileia para se refugiar em uma região além do alcance de Herodes, sua fé em sua missão permanecia intocada. Ele estava certo que o reino estava próximo. [59]

O teólogo liberacionista Jon Sobrino oferece ainda uma terceira explicação sobre o ministério de Jesus. [60] Como Goguel, ele aceita a ideia de uma primavera na Galileia quando Jesus era imensamente popular com o povo comum.

Entretanto, ao contrário dos liberais, Sobrino sente que Jesus foi forçado a mudar sua fé como resultado da hostilidade farisaica e a inimizade de Herodes. Este cenário liberacionista de Jesus merece consideração por causa de sua crescente aceitação entre os cristãos educados de hoje.

De acordo com Sobrino, no início de sua vida pública, Jesus agia mais ou menos como um judeu apocalíptico. Então sua fé estava baseada na crença na promessa escatológica. Ele fala e age como se o reino divino estivesse chegando. Portanto, ele faz tudo o que pode para tornar concreto o amor que é o centro do regime de Deus que estava chegando. Ele também chama os discípulos a realizarem uma tarefa semelhante: proclamar a esperança escatológica. Sua fé estava fundamentada na confiança completa em Deus, que supostamente estava se aproximando para estabelecer uma comunhão universal. [61] Os ouvintes foram desafiados a fixar seu olhar no reino se aproximando, obedecer Deus e realizar sinais efetivos de reconciliação humana.

Os ensinamentos e ações de Jesus estavam destinados a reconciliar homens com homens, e homens com Deus. Por exemplo, ele ensinava que se uma pessoa está indo apresentar uma oferta no altar e de repente se lembra que há uma ofensa separando-a de seu próximo, ela deveria deixar o templo e primeiramente se reconciliar com seu irmão antes de renovar seus laços com Deus (Mateus 5:23, 24). Para contrapor a amarga animosidade religiosa entre Judeus e Samaritanos, Jesus ensinou a parábola do bom Samaritano. Para eliminar o antagonismo entre Judeus e Romanos, Jesus elogiou um centurião romano por ter maior fé do que qualquer pessoa em Israel. Em oposição ao rígido sistema de castas sociais, Jesus abertamente comia com publicanos. E em um tempo quando as mulheres eram consideradas inferiores aos homens, Jesus as recebeu em seu círculo íntimo.

Esse primeiro estágio do ministério de Jesus chegou a um fim abrupto. Ele abandonou o coração da Galileia, seguindo primeiro para a Cesareia de Filipe, e então na direção das dez cidades da Decápolis. Por que esta mudança ocorreu repentinamente? Porque Jesus percebeu que tinha feito surgir uma oposição perigosa. [62]

Há vários sinais claros indicando sua aparente falta de sucesso (Marcos 8, Mateus 13). Os líderes religiosos não aceitaram sua pregação. [63] As multidões que no início tinham sido entusiasmadas começaram agora a abandoná-lo. Os discípulos de Jesus fracassaram em entendê-lo. Possivelmente, como sugere o Quarto Evangelho, houve duas tentativas de apedrejá-lo, por isso ele se retirou para o outro lado do Rio Jordão (8:59; 10:31, 39, 40).

Todos os Evangelhos sugerem que Jesus enfrentou uma séria crise interna como também externa, defende Sobrino. Ele parece ter sido tentado a se retirar para a reclusão, restringindo seu ensinamento ao pequeno núcleo de seus discípulos mais próximos. Ao menos ocorreu uma mudança radical em seu [64] entendimento de si mesmo e de sua missão.

Jesus foi forçado a remodelar sua fé. Ele manteve sua confiança em Deus, mas parece ter percebido que poderia ser rejeitado por seu povo. A atitude de Jesus a partir de Cesareia de Filipe até sua morte na cruz era bem diferente de sua confiança original. Enquanto antes ele esperava o advento do reino, agora ele reconhecia que poderia enfrentar a morte. Ele já não esperava mais a iminência do reino de Deus.

Ele advertiu seus discípulos que poderia ter que sofrer aprisionamento e possivelmente a morte. A partir de então, o discipulado é descrito como a convocação para tomar uma cruz. A fé de Jesus em si mesmo e sua causa foi assim, radicalmente alterada no meio de uma situação de conflito, tanto interno quanto externo.

De acordo com a tradição Sinóptica, Jesus enfrentou uma tentação real e não apenas no início de seu ministério, diz Sobrino. Ele foi forçado a decidir como poderia conduzir de forma concreta sua missão. Jesus teve que superar a tentação resultante do choque com as forças históricas do pecado. Por causa dos sérios conflitos com as autoridades religiosas, a vida de Jesus foi colocada em grande perigo. Seus discípulos se armaram para afastar os problemas. Como Jesus poderia ter sucesso em sua missão? Parece como se somente a força poderia salvá-lo. Como aprendemos a partir da história do jardim do Getsêmani, ele não queria morrer. Em grande agonia, ele ora que Deus não exigisse dele beber da taça do martírio. Se pudesse, ele evitaria a paixão.

---

50 M. Goguel, *Life of Jesus (1954), pp. 308-399.*

51 Lucas *13:31* relata que Jesus foi advertido para fugir da Galileia porque Herodes queria matá-lo. Goguel conclui que o tetrarca primeiro continua a observar os movimentos de Jesus, e quando ele viu a fama de Jesus se espalhando, ele decidiu se livrar dele *(Ibid, p. 35 8).*

52 C. Guignebert, *Jesus (1956), p. 226.*

53 E. J. Goodspeed, A *Life of Jesus (1950), p. 130.*

54 Ibid., *p. 134.*

55 H. Kiing, *On Being a Christian (1976), p. 319.* Em Marcos, a oposição a Jesus é relatada como anterior ao capítulo *2.*

56 Para uma visão semelhante, ver G. Bornkamm, *Jesus of Nazareth, p. 153.*

57 Kong, *op. cit., p. 319.*

58 Guignebert, op. *cit., pp. 227-228.*

59 Goguel, op. *cit., p. 420.*

60 Sobrino, *Christology at the Crossroads (1978).*

61 De acordo com Sobrino, no estágio inicial de seu ministério público, Jesus acreditava e agia na base de sua fé Judaica ortodoxa na vinda do reino *(Ibid., p. 92).*

62 Sobrino afirma claramente que Jesus compreende que ele *tinha falhado* em sua missão como ele a tinha entendido anteriormente *(Ibid., p. 93).*

63 De acordo com Sobrino, a "crise" da Galileia está documentada em Marcos *8.* Os fariseus com raiva exigem que Jesus prove suas reivindicações com um sinal milagroso *(8:11).* Mesmo seus discípulos não o entenderam *(8:2 1)* e Jesus teve que repreender Pedro como um agente satânico *(8:33).* Mateus *13:11* relata Jesus dizendo que os fariseus e outros não podem conhecer os mistérios do reino. João 6:66 nos diz que muitos dos seguidores de Jesus se voltaram e não quiseram mais seguir com ele. (Sobrino, *Ibid., p. 93).*

64 Ibid., p. 94. Por causa do que aconteceu, Jesus foi tentado a "fechar seu coração para sua missão." Portanto, ele sofre uma mudança radical em seu entendimento de seu trabalho. Não confiando mais no reino iminente, Jesus agora confia somente no poder do amor sofredor.

Opiniões Atuais sobre a Morte de Jesus

Como estudiosos contemporâneos entendem o significado da morte de Jesus? A opinião de Bultmann é provavelmente a mais radical: Simplesmente não sabemos o que Jesus pensava sobre seu fim. Possivelmente ele se despedaçou [65]completamente, e sua fé declinou. Como Marcos sugere, Jesus chorou em desespero, soltou um gemido alto e entregou o espírito. Assim, o crítico bíblico alemão Willi Marxsen conclui que uma pessoa pode dizer com grande confiança que Jesus não olhou para sua morte como um evento de salvação. [66]

O teólogo Católico Kasper tenta evitar essa conclusão drástica. Ele admite que nossas fontes apresentam problemas. A dita fonte ("Q") utilizada por Mateus e Lucas não contém nenhuma referência direta à Paixão, e em nenhum lugar atribui qualquer eficácia à salvação da cruz. Tudo o que a Logia indica é que profetas morrem violentamente (Lucas 11:49) e que cristãos devem esperar perseguição (Lucas 6:22).

Não obstante, nos Sinópticos há várias profecias sobre a morte de Jesus. Todas estas tratam a crucifixão como uma necessidade divinamente ordenada. Elas reivindicam que Jesus sabia que devia morrer e aceitou voluntariamente seu destino. Mas estes são textos confiáveis? Kasper admite que quase todos os estudiosos concordam que as previsões são interpretações não históricas pós-Páscoa. Se os discípulos sabiam que Jesus morreria e seria ressuscitado, por que eles ficaram consternados com a crucificação, e por que eles, a princípio, acharam difícil aceitar a evidência das visões do Jesus ressuscitado?

Como para as narrativas da Paixão, elas revelam claramente os interesses apologéticos, dogmáticos e devocionais da posterior comunidade cristã. Todas as narrativas do Novo Testamento interpretam o fim de Jesus à luz da ressurreição. As tradições Sinópticas referentes à Paixão também explicam de forma retroativa sua morte como cumprimento de Isaías 53, Salmos 69:21 [67] e Salmos 22:1.

Admitindo tudo isto, Kasper levanta a questão, Jesus reconhecia a possibilidade se ser morto? Primeiro, a esperança escatológica incluía a crença em um tempo de tribulação apocalíptica. O Fim dos Tempos seria de grande tentação e sofrimento. Segundo, por causa da intensa oposição que Jesus suscitou por suas pregações, ele teve que levar em conta a possibilidade de uma morte violenta. Terceiro, o destino sangrento de João Batista deve ter lembrado Jesus do que poderia acontecer a ele. Quarto, Jesus parece ter provocado sua prisão por seu distúrbio no templo como também sua entrada como messias em Jerusalém. Estes dois eventos dramáticos forçaram seus inimigos a agirem. Definitivamente, diz Kasper, Jesus queria um conflito com as autoridades. Quinto, o clamor a partir da cruz "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" não precisa ser visto como uma expressão de desespero agonizante. De acordo com Kasper, isto foi uma oração de sublime confiança, uma súplica para Deus inaugurar Seu reino. [68] Assim, a morte de Jesus explica toda a sua mensagem. Até o fim, ele estava somente interessado na vinda do reino de Deus. Sob as condições desta época, o reino de Deus pode somente ser manifestado como amor na desolação e vida na morte. [69] Kasper tenta justificar o martírio de Jesus, o qual pode ter tido significado providencial. Mas, isto seria coerente com a esperança escatológica de Jesus?

Escrevendo uma geração após a morte de Jesus, São Paulo admitiu que a teologia da cruz era um escândalo e um obstáculo para os não-cristãos. Por que? Porque os judeus daquele tempo não tinham nenhuma noção de um Messias crucificado. Talvez ainda mais importante, a execução de Jesus sugeriu fortemente que ele tinha falhado como o condutor da era messiânica.

O Cristianismo do Novo Testamento tentou encobrir o escândalo da crucifixão de quatro maneiras:

1) insistindo que a morte de Jesus era o cumprimento das profecias do Velho Testamento;
2) removendo gradualmente o aspecto apocalíptico dos ensinamentos de Jesus;
3) proclamando o advento da era messiânica em alguma data futura imprevisível; e
4) reinterpretando a fé cristã em termos místicos, sacramentais e eclesiásticos. Estas tendências podem conflitar umas com as outras, mas todas existiram na era pós-apostólica.

Se o propósito principal de Jesus era inaugurar o reino de Deus longamente esperado, parece que sua carreira terminou em desapontamento. Para repetir as palavras contundentes de Bultmann, a esperança apocalíptica de Jesus não foi realizada. O mundo ainda existe. A história tem refutado a mitologia escatológica de Jesus. [70]

Que evidências temos para essa conclusão drástica? Primeiro, os cristãos primitivos acrescentaram um apêndice à esperança apocalíptica comum judaica. Sendo que os judeus assumiam que o reino viria com o advento do Messias, os cristãos pregavam que o Messias Jesus inaugurou o reino, mas sua plena realização ocorreria em algum tempo no futuro. De uma maneira nova, eles reinterpretaram o papel messiânico para incluir a carreira terrena do Servo Sofredor de Deus e uma posterior aparição do herói messiânico conquistador. Isto demonstra que as expectativas originais dos seguidores de Jesus foram frustradas.

Segundo, o próprio Jesus pode ter estado ciente de sua falha como o arauto escatológico, se as palavras que Marcos atribui a ele na cruz são autênticas. Jesus gritou em desespero, perguntando por que Deus o tinha abandonado? Dois fatores sugerem a confiabilidade histórica do relato de Marcos. Por um lado, o texto é citado em aramaico, o idioma de Jesus, e a maioria dos estudiosos está inclinada a aceitar a autenticidade de um texto, se ele puder ser rastreado até uma fonte aramaica. [71] Por outro lado, tal clamor nunca teria sido inventado pela igreja pós-Páscoa, porque seu significado era tão embaraçoso.

Se Salmos 22:2 era somente uma expressão da confiança de Jesus em Deus, como muitos apologistas reivindicam, por que Lucas omite isto em favor do verso realmente sereno a partir de outro Salmo: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito” (23:46)? Naturalmente, João também ignora o texto de Marcos, preferindo retratar um majestoso Jesus, completamente encarregado da situação até o fim. Portanto, podemos assumir que o relato de Marcos do grito de abandono foi histórico. Como Sobrino admite, Marcos não teria ousado colocar essas palavras escandalosas na boca de Jesus sem sólida base histórica para fazer isso. [72] Não havia nada de bonito sobre a morte de Jesus, pois aos seus olhos [73] a cruz representava a morte de sua causa.

Alguns teólogos considerarão a possibilidade que a missão de Jesus não terminou em total sucesso. Vamos olhar mais proximamente para duas exceções notáveis. Em seu livro *The Lord,* Romano Guardini considera a tragédia da rejeição de Jesus pelas autoridades, e então pelas pessoas. O reino de Deus não veio como estava destinado, porque sua aceitação ou rejeição dependia da resposta do povo judeu. A partir da liberdade dos homens veio a decisão contra Jesus.

O reino de Deus teria entrado em plena fruição se as pessoas tivessem sido responsivas. Portanto, a decisão contra Jesus deveria ser chamada "a segunda Queda," defende Guardini. Se as pessoas tivessem aceitado Jesus, seu sim para Deus teria cancelado o pecado de Adão. Porque elas o rejeitaram, [74] a condição decaída do homem foi novamente selada.

Mais recentemente, Hans Kfing também aceitou a possibilidade que Jesus morreu se sentindo abandonado por seu Deus. No final, Jesus se viu abandonado – absolutamente sozinho. Mesmo se não sabemos com certeza como Jesus se sentiu na cruz, estava óbvio para o mundo que ele tinha proclamado o advento do reino de Deus, e isto não aconteceu. Jesus reivindicou ser a testemunha de Deus, contudo, ele foi deixado em perigo. Para Jesus, a crucificação significou uma morte inútil, sem milagres, e até mesmo sem Deus. Ele que anunciou a *proximidade* do reino, morreu completamente abandonado por Deus. [75]

---

65 Conforme o ensaio de Bultmann em McArthur, p. 163

66 Ver *Der Exegat als Theologe* (1968), pp. 160-170. Os estudiosos Católicos H. Kessler e A. Vogtle concordam.

67 Isaías 53:3, 4 "Ele é desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores. Certamente ele tomou sobre si nossas enfermidades"; Salmos 69:21 "Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre"; Salmos 22:1 "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?"

68 Jesus estava apenas recitando um salmo do qual Marcos cita as palavras de abertura (Salmos 22).

69 W. Kasper, *Jesus the Christ* (1976), pp. 118-119.

70 R. Bultmann, *Jesus Christ and Mythology (1958), p. 14.*

71 Jeremias, por exemplo, de forma comum coloca grande confiança nos ensinamentos da tradição (cf. *New Testament Theology, pp. 3-8).*

72 Sobrino, *Christology at the Crossroads, p. 184.*

73 Ibid*., p. 218.*

74 R. Guardini, *The Lord (1954), pp. 208-215.*

75 H. Ming, *op. cit., pp. 341-342*

Quem o Levou para a Cruz?

Quando Jesus proclamou a vinda do reino de Deus, como ele foi recebido? Para citar o Quarto Evangelho, Ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam (1:10,11). Embora a luz do mundo foi revelada na terra, os homens preferiam a escuridão. A cuidadosa preparação de Israel por Deus para o advento messiânico foi tragicamente frustrada.

Jesus fez surgir intensa oposição e implacável ódio. Quem impediu Jesus de ser aclamado como o campeão de Deus? Naturalmente, Satanás era o oponente chefe do Messias. Como príncipe deste mundo, ele estava determinado a manter sua aparente soberania sobre a humanidade. Portanto, Satanás sempre encontrou instrumentos humanos que se opunham de forma disposta e ignorante à vontade de Deus.

João Batista, por exemplo, sem intenção, obstruiu os planos de Deus. Ao invés de se unir com Jesus, ele continuou seguindo seu caminho separado. Assim, João Batista falhou em ser arauto e advogado de Jesus. Porque o principal precursor do Messias não estabeleceu um fundamento adequado para a Nova Era de Deus, o próprio Jesus teve que resistir aos ataques de Satanás por todos os quarenta dias de jejum e oração no deserto, nos explica o *Princípio Divino*.

A seguir, deve-se mencionar a ausência de apoio que Jesus recebeu a partir de sua família. Muitos estudiosos bíblicos sentem que nem Maria e nem Tiago, o irmão de Jesus, se tornaram apoiadores do movimento cristão até após a ressurreição. Em qualquer caso, o Novo Testamento contém uma evidência clara e várias sugestões que a família de Jesus permaneceu não convencida de sua vocação messiânica. O Evangelho mais antigo registra um incidente que é seguramente autêntico. Quando a fama de Jesus como um curandeiro se espalhou, escribas vieram de Jerusalém para investigar o fenômeno. Eles anunciaram que os exorcismos de Jesus provavam que ele derivava seu poder sobrenatural a partir do príncipe dos demônios. Atormentados por este veredicto, Maria e os irmãos de Jesus decidiram que ele tinha perdido o bom senso. Perturbado pela ausência de fé, Jesus se recusou em ver sua família, declarando que seus seguidores eram seus verdadeiros irmãos, irmãs e mãe (Marcos 3:20-35).

Além desta passagem, há várias sugestões que Jesus enfrentou descrença, ceticismo e oposição a partir de seus familiares mais próximos. A história especial de Lucas sobre a infância do menino Jesus no templo sugere que Maria e José não entendiam a vocação religiosa de Jesus. “Vocês não sabiam que eu estaria na casa do meu Pai [celeste]?” o menino Jesus exclama quando os adultos ansiosos o encontraram no templo. Lucas observa que os pais não puderam entender a atitude do seu filho (Lucas 2:49). Além disso, pode muito bem ter havido grande desarmonia no lar de Jesus.

Embora tenha sido dito para José em um sonho que o filho de Maria era um dom do Espírito Santo, ele deve ter frequentemente imaginado como isso era possível. Consequentemente, ele pôde ter atormentado ela e maltratado seu filho. Alguns estudiosos reivindicam que quando o Novo Testamento descreve Jesus como o “filho de Maria,” esta era a maneira derrogatória costumeira de dizer que ele era um filho ilegítimo. Além disso, em Caná Jesus observa, “O que eu tenho a ver com você, mulher!” como se ele estivesse alienado de sua mãe (João 2:4).

Se o Quarto Evangelho tem qualquer fundamento histórico continua a ser uma das questões muito debatidas dos críticos do Novo Testamento. Como o milagre sensacional de Caná não teve nenhum apoio corroborativo nos Evangelhos anteriores, muitos estudiosos duvidam de sua historicidade. Entretanto, o comentário depreciativo sobre Maria pode repousar em uma base factual, simplesmente porque essa atitude nunca teria sido inventada pela posterior comunidade cristã onde a tendência predominante era exaltar Maria a alturas cada vez maiores. Em qualquer caso, parece razoavelmente certo que Jesus foi rejeitado por sua família.

Nem João Batista e nem a família de Jesus reconheceram a autoridade messiânica de Jesus. Além disso, ele enfrentou inúmeras críticas religiosas. Por uma variedade de razões, o movimento de Jesus era contra as atitudes religiosas de todos os grupos religiosos judeus na Palestina do primeiro século. O que Jesus representava parecia estranho para os olhares de grupos tão díspares como os fariseus, saduceus, essênios, zelotes, herodianos e helênicos. Alguns discordavam de sua mensagem apocalíptica. Alguns eram opostos ao seu estilo de vida. Alguns ficaram irritados por suas atitudes sociais e políticas, enquanto outros ficaram zangados pela autoridade que ele assumia. Por estas razões, Jesus frequentemente tinha sido descrito como uma vítima de rigidez religiosa e ultraconservadorismo eclesiástico.

Finalmente, entre os inimigos de Jesus havia aqueles que o temiam ou suspeitavam por causa da situação política tensa. Herodes Antipas teria suspeitado de Jesus por causa da associação posterior com João Batista a quem o tetrarca tinha aprisionado e decapitado. Jesus advertiu seus discípulos contra "o fermento de Herodes" (Marcos 8:15) e condenou o regente como "aquela raposa" (Lucas 13:32). Então havia as autoridades de ocupação romana. Sendo que a Palestina estava fervilhando com rebeliões, Pilatos e seus colaboracionistas saduceus ficaram cautelosos com qualquer profeta que pudesse abanar as chamas da revolta.

Observe que não chamamos os judeus como um todo de inimigos de Jesus. Existem muitas passagens no Novo Testamento que parecem culpar "os judeus" pela crucificação de Jesus.[76] Em anos recentes, as igrejas tentaram erradicar o anti-semitismo. Seguramente atacar os judeus dos dias atuais pelo crime de "deicídio" ou atribuir a crucificação à infidelidade dos judeus como um grupo é interpretar mal as narrativas da Paixão. De acordo com as mais confiáveis tradições Sinópticas, a trama contra Jesus foi instigada por alguns fariseus principais que se opunham a ele por causa de sua desconsideração da Torá. Ele foi interrogado pelo sumo sacerdote Caifás sob a acusação de blasfêmia. O Sinédrio achou Jesus culpado em uma reunião noturna provavelmente ilegal, e eles o entregaram para Pilatos que o executou como um pretendente messiânico politicamente perigoso.

Ao invés de culpar os judeus pelos problemas de Jesus, os cristãos devem reconhecer que todos os homens são culpados pelos pecados que levaram à cruz. Quando surge a pergunta espiritual, "Você estava lá quando eles crucificaram meu Senhor?" naturalmente a reposta é que todos estávamos lá. Quão frequentemente nós, cristãos, nos assemelhamos a Pedro ou Judas, Pilatos ou os fariseus! Quão frequentemente temos sido homens de pouca fé que negam, traem ou são cegos à providência de Deus!

Assim, os Unificacionistas não se vangloriam na cruz, e ao invés insistem que para Jesus a cruz somente fez surgir sentimentos de extrema amargura e tristeza. Ela não era algo do que se orgulhar, mas algo terrivelmente vergonhoso.

Para Deus, a crucificação de Jesus foi tão dolorosa quanto a Queda de Adão e Eva. Ele deve ter sentido como virando Seu rosto para longe do homem e o abandonando ao seu destino depois de dois esforços frustrados para salvá-lo.

Quão doloroso, quão triste Deus deve ter se sentido em relação ao homem, quando Ele viu Seu Filho pregado na cruz!

O pensamento de Unificação contradiz diametralmente a visão Fundamentalista que a única missão de Jesus era expiar os pecados da humanidade morrendo na cruz. Se Deus tivesse enviado Seu Filho unigênito para ser punido e assassinado no lugar do homem pecador, Ele não seria de forma nenhuma o Deus paternal no qual Jesus acreditava. Pior é a visão daqueles teólogos que afirmam que a queda de Adão estava predestinada a fim de que Cristo pudesse vir e redimir os homens por seu sofrimento redentor.

---

76 Especialmente no Evangelho de João. Conforme C. Klein, *Anti-Judaism in Christian Theology* (1978) e G. Vermes. *Jesus the Jew* (1974).

O Jesus Ressuscitado

A mensagem e missão de Jesus resultaram na criação da Igreja Cristã a despeito da crucificação. Como isto poderia ocorrer quando Jesus tinha falhado em conseguir o que ele queria, como pergunta Kiing. [77]

O enigma histórico das forças de origem cristã obriga a olharmos para as afirmações do Novo Testamento da ressurreição de Jesus a partir dos mortos. Porque alguns de seus contemporâneos afirmaram que eles tinham visto Jesus ressuscitado, uma nova religião apareceu em cena. O rabino herege condenado e o rebelde político executado foi doravante saudado como o Messias de Israel. Mas o que significa dizer que Jesus foi ressuscitado?

Cristãos leigos e a maioria dos clérigos insistem que a ressurreição é o [78] núcleo da fé do Novo Testamento. Citando São Paulo, eles dizem que se Jesus não se levantou da morte, nossa fé é em vão (I Cor. 15:17). Por que a fé na Páscoa é tão crucial? Várias razões são geralmente dadas:
1) A ressureição de Jesus dá prova irrefutável que o homem tem uma alma imortal. Cristãos acreditam na vida eternal por causa do que aconteceu na primeira Páscoa. [79]
2) A ressurreição foi um milagre tão surpreendente que valida a divindade de Jesus. Sendo que o túmulo não pôde segurá-lo, ele deve ser uma figura sobrenatural: o Filho de Deus, o Logos que estava com Deus desde o início, ou a segunda pessoa da Trindade. Como relata o Quarto Evangelho, quando duvidou, Tomé viu o corpo do Jesus ressuscitado, e exclamou, "Meu Senhor e meu Deus" (João 20:28).
3) Sendo que Jesus conquistou a morte, a maior inimiga do homem, a Igreja oferece uma religião superior para todos os possíveis rivais. Enquanto os não-Cristãos reverenciam um Buda, Moisés, Maomé ou Confúcio mortos, os cristãos adoram o Jesus Cristo sempre vivo. Isto parece demonstrar a supremacia do Cristianismo.
4) Nada além da ressurreição poderia ter restaurado a fé dos discípulos em Jesus depois do choque da crucificação. Quando Jesus foi preso e executado, aos olhos de seus seguidores a vinda do reino parecia sem esperança. Portanto, era necessário que esses homens e mulheres desiludidos e assustados viessem ver Jesus vitorioso sobre a morte a fim de que eles se tornassem apóstolos de uma nova religião. [80]
5) A ressurreição era necessária para os discípulos reconhecerem que Jesus era realmente o Messias. Uma vez que eles estavam convencidos que Jesus tinha realmente estava à mão direita de Deus, eles poderiam proclamar sua messianidade a despeito de tudo que tinha acontecido no Calvário. Por causa das aparições da ressurreição, os cristãos judeus puderam acreditar no fato surpreendente de um Messias *crucificado*. Embora a condenação de Jesus pelo Sinédrio e sua crucificação por Pilatos possam parecer desprovidas da reivindicação messiânica, quando Deus levantou Jesus do túmulo, Jesus se tornou vitorioso sobre seus inimigos terrenos e justificou sua missão. [81]
6) Mais recentemente, teólogos têm interpretado a ressurreição em termos do apocalipticismo do primeiro século. Jesus veio proclamando que o reino estava próximo. Quando os discípulos viram Jesus ressuscitado, eles ficaram convencidos que sua ressurreição era prova da ressurreição universal dos mortos quando o reino chegasse em toda a sua glória. [82] Estas seis interpretações são geralmente utilizadas para demonstrar a centralidade da fé da Páscoa. Com este material como base, vamos considerar a ressurreição de Jesus em detalhes; pois cada vez mais a doutrina de sua ressurreição física e ascensão é questionada nestes dias.

Para entender a ressurreição, deve-se examinar cuidadosamente os relatos do Novo Testamento das aparições da Páscoa. Infelizmente, nossas fontes bíblicas revelam "discrepâncias e inconsistências insuperáveis" para utilizar as palavras de Hans Kfing. As narrativas bíblicas são tão conflitantes que é impossível harmonizá-las. Os Evangelhos não concordam sobre as pessoas envolvidas. Eles se contradizem sobre a localidade dos eventos: Galileia ou Jerusalém. Finalmente, eles conflitam sobre toda a sequência das aparições de Jesus. Em Marcos, as mulheres veem um jovem vestido de roupa branca no túmulo vazio. Em Mateus, este jovem se torna um anjo. Mas em Lucas, há dois homens de roupas deslumbrantes no túmulo. Em Mateus, o Jesus ressuscitado aparece para seus discípulos somente na Galileia, contudo, em Lucas ele é visto somente na região de Jerusalém. Além disso, o relato Paulino das aparições diverge de forma marcante daqueles no Quarto Evangelho.

A explicação de Pannenberg sobre a fé na Páscoa é útil porque ela vê as histórias da ressurreição à luz da expectativa apocalíptica cristã original. [83] O que as experiências do Jesus ressuscitado implicam no contexto da crença dos discípulos no iminente reino de Deus?
1) Para a comunidade cristã primitiva, diz Pannenberg, a ressurreição de Jesus indica que o Fim dos tempos tinha chegado porque a era messiânica começaria com a ressurreição universal da morte. Jesus foi levantado como o primeiro fruto de todos aqueles que haviam caído adormecidos (I Cor. 15:20).
2) Quando Deus levantou Jesus da morte, Ele confirmou a mensagem de Jesus e justificou sua missão terrena. Deus agiu de forma dramática para colocar Seu selo de aprovação em Jesus e condenar seus oponentes.
3) Por causa da ressureição, se tornou possível identificar Jesus com a vinda apocalíptica do Filho do Homem.
4) Se Jesus foi ressuscitado, então Deus tinha sido definitivamente revelado em seu ensinamento e pessoa. A glória de Deus foi realmente manifestada na forma terrena de Jesus.
5) Sendo que Jesus foi ressuscitado da morte, os Gentios como também os Judeus devem ser benvindos no alvorecer do reino global de Deus.

Com o contínuo atraso da *Parusia*, o significado apocalíptico original da ressurreição de Jesus sofreu uma considerável revisão. Vemos evidências desta mudança nos Sinópticos escritos uma geração ou mais depois da crucificação. Marcos, Mateus e Lucas encaixam cada um as aparições da ressurreição em sua teologia específica, como demonstra Norman Perrin. [84] Marcos (sem a posterior adição depois de 16:8) fala sobre as mulheres na cruz, as mulheres no funeral e as mulheres na tumba aberta. Este Evangelho não contém nenhuma aparição do Jesus ressuscitado. As mulheres encontram um jovem na tumba que diz para elas que Jesus não está mais lá, mas que Jesus estará com os discípulos na Galileia. Para Marcos a esperança apocalíptica ainda domina o horizonte. Não há nenhuma necessidade de enfatizar mais nada além da crença na vinda do Filho do Homem, uma [85] mensagem a ser levada para os Gentios (simbolizados pela Galileia).

Enquanto Marcos via a ressurreição somente como um prelúdio para a *Parusia*, Mateus tem Jesus ressuscitado comandando seus discípulos para fundarem a Igreja Cristã. Agora que Jesus ressuscitou, o trabalho deles é fazer discípulos de todas as nações. Não importa quando a *Parusia* chega, a atual tarefa dos cristãos é plantar igrejas por todo o mundo.

Para Mateus, o Jesus ressuscitado está continuamente presente em sua Igreja. Com pouco interesse na esperança apocalíptica, Lucas também centra sua preocupação no testemunho da Igreja. Como Jesus viveu pelo Espírito de Deus, seus discípulos receberam o Espírito para receber o poder e inspiração para suas missões. Portanto, Lucas sugere que o Jesus ressuscitado encontra os cristãos na divisão eucarística do pão, os ajuda a entender as escrituras do Velho Testamento, e os batiza com o Espírito Santo. [86]

Mas independente dos que os discípulos originais e os evangelistas possam ter acreditado, Jesus realmente ressuscitou da morte? Se sim, como ocorreu a ressurreição? Para responder esta pergunta é importante distinguir entre duas formas da tradição da Páscoa. Nossa fonte mais antiga, uma tradição citada por Paulo em 56-57 D. C., fala somente de visões do Jesus ressuscitado. Paulo compara as aparições anteriores de Jesus ressuscitado à sua própria visão na estrada de Damasco. Muito significantemente, ele não se refere às várias histórias da tumba vazia. Assim, pode-se aceitar a possibilidade que os discípulos receberam visões parapsicológicas sem acreditarem na historicidade da ressurreição física de Jesus.

Entretanto, isto não implica necessariamente que as aparições do Jesus ressuscitado eram apenas alucinações subjetivas. Agora conhecemos o suficiente sobre o fenômeno psíquico para reconhecermos que relatos credíveis das [87]aparições dos mortos sejam bastante numerosos. Por que então poucos teólogos utilizam a parapsicologia para explicar o Jesus ressuscitado? Principalmente porque fazer isso pareceria privar Jesus de sua singularidade. Cristãos conservadores preferem afirmar que a ressurreição de Jesus foi um evento sobrenatural que prova que ele não era apenas humano. Para eles, com para os escritores do Novo Testamento, a ressurreição está inextricavelmente ligada com a divindade de Jesus.

Não obstante, alguns estudiosos bíblicos e teólogos estão inclinados a desconfiar da historicidade das narrativas da tumba vazia como também da posterior tendência do Novo Testamento de retratar a natureza física da ressurreição de Jesus. Vários esforços têm sido feitos para afirmar a verdade essencial da ressurreição sem insistir na ressurreição corpórea de Jesus. [88] Bultmann, por exemplo, afirma que Jesus é ressuscitado no Kerigma porque a Palavra de Deus que ele proclamou permanece viva na pregação contínua da comunidade cristã. [89] Outra possibilidade é dizer que as histórias da ressurreição do Novo Testamento são interpretações poéticas e metafóricas que expressam a validade contínua da causa de Jesus. Dizer que Jesus está ressuscitado significa que o que ele defendia ainda é verdadeiro a despeito da crucificação. Portanto, as aparições da ressurreição eram destinadas a reviver, reforçar e revitalizar a fé cristã no Caminho, Verdade e Vida de Jesus. Esta visão pode facilmente estar conectada com a posterior fé que a Igreja é agora o corpo de Cristo, a continuação e extensão da encarnação. Onde a Igreja está, há Cristo, ainda vivo, ainda trabalhando, ainda orando que a vontade de Deus seja feita na terra.

De 1964 até 1968 as igrejas alemãs estavam envolvidas na controvérsia sobre a importância da ressurreição de Jesus para a fé cristã. Um dos principais participantes, o estudioso do Novo Testamento Willi Marxsen, afirmou que uma variedade de opiniões poderia ser mantida sobre Jesus ressuscitado. Para os evangélicos, acreditar na ressurreição significava que Jesus ressuscitou seu do túmulo.

Para outros, igualmente cristãos, Jesus ressuscitou em algum sentido espiritual. [90] Ele se levantou nos corações de seus discípulos ou ele está ressuscitado na proclamação da Igreja (Bultmann). Para Marxsen, a fé na Páscoa significava acreditar como Jesus que, ao contrário das aparições (i.e., a crucificação), Deus pode fazer qualquer coisa. Afirmar a ressurreição é a forma do Novo Testamento professar fé ilimitada em Deus neste mundo e confiança absoluta Nele para o futuro. [91]

---

77 Ming, Op. cit., pp. 344-345.

78 Jurgen Moltmann, por exemplo, declara que a fé cristã permanece ou cai com a realidade da ressurreição de Jesus por Deus. Uma fé cristã que não é uma fé na ressurreição nem pode ser chamada de cristã e nem de fé *(Theology of Hope,* 1967, pp. 165-166).

79 Norman Pittenger afirma que a crença na imoralidade está supremamente fundada sobre a vitória de Cristo sobre a morte *(The Approach to Christianity*, 1939, p. 121).

80 Emil Brunner escreve que as aparições do Senhor ressuscitado juntaram os discípulos dispersos depois da catástrofe do Calvário e formou o fundamento real para a Igreja Cristã *(Dogmatics, vol. 2, 1952, p. 366).*

81 Ethelbert Stauffer chama as aparições da ressureição de evidência que Deus cumpriu suas promessas do Velho Testamento em Jesus e trouxe Seu Messias através da escuridão da noite para a luz do dia *(New Testament Theology, 1955, p. 136).*

82 Ver nossos últimos comentários sobre a visão de Wolfhart Pannenberg.

83 W. Pannenberg, *Jesus, God and Man,* 2nd ed. (1977), pp. 66-72. 84 N. Perrin, *The Resurrection According to Matthew, Mark and Luke* (1977).

85 A Galileia era chamada pelos judeus de "Galileia dos Gentios" por causa do sangue misturado dos habitantes desde a conquista assíria de Israel e também porque os galileus eram raramente observadores rígidos dos regulamentos do Torá.

86 Lucas 24:27, 30; Atos 1:5.

87 M. C. *Perry, The Resurrection of Man* (1975), pp. 18-39, considera a evidência parapsicológica. Para visões Protestantes liberais, ver Kirsopp Lake, *The Historical Evidence for the Resurrection of Jesus Christ* (1907), e Maurice Goguel, *The Birth of Christiani*ty (1953), pp. 30-81.

88 Ver Andre Malet, *The Thought of Rudolf Bultmann (1969), pp. 155-162.*

89 H. Ki Ang descreve a tumba vazia como "elaborações lendárias da mensagem da ressurreição" *(On Being a Christian, p. 364).*

90 Por exemplo, Tillich diz que a vida concreta individual do homem Jesus está elevada acima das transitoriedades para a presença eterna do Espírito. Resurreição então se refere a "presença espiritual" de Jesus, e não ao fato que seu corpo foi revivido ou que sua alma individual reapareceu depois da morte. *(Systematic Theology, vol. 11, p. 157).*

91W. Marxsen, *The Resurrection of Jesus of Nazareth (1970), pp. 16, 188.* Conforme seu ensaio em C. E. D. Moule, ed., *The Significance of the Message of the Resurrection for Faith in Jesus Christ (1968).*

Visão da Teologia da Unificação

Como o Unificacionista entende a ressurreição de Jesus? Primeiro de tudo, o *Princípio Divino* afirma com ênfase a realidade da ressurreição por três razões. *Historicamente,* a ressurreição era necessária a fim de que os discípulos se recuperassem da tragédia desmoralizante da crucifixão. Como o teólogo bíblico britânico Alan Richardson disse, a missão de Jesus aparentemente acabou em total fracasso e desastre. Portanto, todos os seus discípulos fugiram para a Galileia (Marcos 14:50). No entanto, quando estes seguidores desencorajados começaram a ser convencidos que Jesus havia ressuscitado, sua fé repentinamente reavivou. Eles voltaram a se reunir e celebraram a morte de Jesus como uma ocasião de alegria e ação de graças. [92] Historicamente, a experiência dos primeiros cristãos da ressurreição de Jesus explica de forma razoável sua mudança radical de humor, do desespero para a esperança radiante.

Teologicamente, a ressurreição é importante como um testemunho sobre a natureza bipolar do homem. Toda pessoa consiste de carne mortal e alma imortal. Os inimigos de Jesus não puderam destruir seu espírito ao condená-lo como um blasfemador e herege. Nem as aparições da ressurreição foram simplesmente inventadas pela igreja primitiva para iludir um povo crédulo para aceitar uma nova fé. Jesus foi realmente vitorioso sobre a morte.

Além disso, *providencialmente* a ressurreição era mais necessária. Sendo que a missão de Jesus era a forma de Deus realizar Seu ideal original de criação, Ele tinha que superar o terrível revés de Seu plano causado pela rejeição de Seu filho. Como Deus poderia revitalizar o movimento messiânico disperso e aparentemente desacreditado, e utilizá-lo para Suas posteriores intenções primárias para o homem? O reaparecimento de Jesus Cristo foi a forma de Deus para inspirar novamente os discípulos e reascender o entusiasmo deles. Toda a comunidade cristã estava preparada para receber o derramamento do Espírito no Pentecostes. Por causa da ressurreição, os cristãos judeus puderam pregar para seus compatriotas: “Este Jesus Deus ressuscitou, como todos nós somos testemunhas… Portanto, que a casa de Israel reconheça claramente que o mesmo Jesus a quem vocês crucificaram, Deus fez Senhor e Cristo” (Atos 2:32, 36).

A seguir, devemos olhar para a interpretação do *Princípio Divino* da maneira da ressurreição. Como a maioria dos Protestantes liberais, os Unificacionistas acreditam que a ressurreição de Jesus foi espiritual, e não física. Uma ressurreição da carne contradiz nossa visão científica moderna do mundo. Bultmann, entre outros, insistia que se queremos tornar o Cristianismo credível, devemos desmistificar antigas doutrinas como a ressurreição carnal de Jesus e a ascensão física ao céu. Brunner, ao contrário, insiste sobre a ressurreição do corpo, sim; mas ressurreição da carne, não! [93]

Paulo, possivelmente o único membro bem educado da comunidade apostólica, sugere que não é necessário acreditar na ressurreição corpórea de Jesus. Nas primeiras epístolas Paulinas, a esperança cristã é largamente interpretada em termos de Apocalipticismo judeu que inclui a crença em uma ressurreição física (I Tess. caps. 4 e 5). Mais tarde Paulo modificou suas visões: “Carne e sangue não podem herdar o reino de Deus” (I Cor. 15:50). A experiência de Paulo do Jesus ressuscitado foi um encontro com o Cristo glorificado, uma realidade espiritual.

Há também evidências nos Evangelhos que o corpo ressuscitado de Jesus era muito diferente de seu corpo terreno. Quando Jesus apareceu repentinamente aos discípulos em sua sala de hóspedes, eles pensaram que tinham visto um fantasma (Lucas 24:37). De forma semelhante, os discípulos que encontraram Jesus ressuscitado na estrada de Emaús não o reconheceram até que ele comeu com eles e seus olhos foram abertos, e ele imediatamente desapareceu (Lucas 24: 15-31). Estes dois incidentes demonstram que o corpo do Jesus ressuscitado era muito diferente de seu corpo terreno.

Contudo, todos os quatro Evangelhos contêm histórias da tumba vazia. Estas não implicam que Jesus foi ressuscitado corporalmente? Aqueles que insistem na ressurreição física confiam pesadamente na tradição da tumba vazia.

Muitos estudiosos do Novo Testamento consideram a lenda de uma tumba vazia. Como um exemplo, vamos olhar para o estudo feito por Guignebert: [94] Ele diz que as fontes do Novo Testamento são "um mosaico artificialmente composto de fragmentos contraditórios." [95]

Primeiro de tudo, os Evangelhos apresentam evidências contraditórias sobre o [96] sepultamento de Jesus e a descoberta da tumba aberta. Mateus, Lucas, Atos e João acrescentam detalhes ao relato original de Marcos, mas eles se contradizem em muitas formas importantes. Quatro exemplos devem ser suficientes. Quantas mulheres foram até a tumba de Jesus e a encontraram vazia? Uma, de acordo com João (20:1). Duas, de acordo com Mateus (28:1). Três de acordo com Marcos (16:1). Três mulheres mais outros discípulos, de acordo com Lucas (24:10). Quem embalsamou o corpo de Jesus? José e Nicodemos, diz o Quarto Evangelho (19:38-40). Mas de acordo com a tradição Sinóptica, as mulheres que foram à tumba para esse propósito (Lucas 24:1). A tumba era guardada? Mateus relata que os sumo sacerdotes e os anciãos colocaram soldados no sepulcro. Mas Marcos e Lucas carecem deste detalhe importante. O que aconteceu quando as mulheres vieram para o sepulcro? Mateus somente registra um grande terremoto ocorrendo (28:1-10). Se este evento surpreendente aconteceu, por que nenhum outro evangelista observa este fato? A partir destas discrepâncias, devemos concluir que a história original de Marcos foi grandemente embelezada pelos evangelistas posteriores.

Felizmente, podemos encontrar uma tradição importante sobre a ressurreição de Jesus nas cartas de Paulo que estão vinte anos mais próximas ao ministério terreno de Jesus (I Cor. 15:3.). Paulo relata dois fatos muito significantes: uma lista de aparições que ele reivindica ter recebido da comunidade apostólica original, e que cada aparição era como sua própria experiência mística na estrada de Damasco. Isso significa que as primeiras aparições da ressurreição eram do Jesus espiritual. Ainda mais importante, Paulo em nenhum momento se refere à tumba vazia. Isto não sugere que eu seu tempo – vinte anos antes de Marcos – os cristãos não acreditavam que a tumba de Jesus foi encontrada vazia? Portanto, Guignebert e outros concluem que as histórias da tumba eram lendas adicionadas mais tarde pelos apologistas cristãos a fim de demonstrar a realidade da ressureição de Jesus. Harnack, por exemplo, sustentava que a "descoberta" da tumba aberta complicou e confundiu a tradição, e que Paulo não sabia nada dessa história. [97]

Jesus morreu na cruz e foi sepultado. Isso é tudo que podemos saber? Guignebert acredita que o corpo de Jesus foi tirado da cruz por seus executores e que depois recebeu algum tipo de sepultamento.

Muito provavelmente o corpo foi jogado em um poço para criminosos executados. [98] Se o sepulcro de Jesus fosse conhecido, haveria peregrinações regulares para esse lugar. Mas o local do Santo Sepulcro não foi localizado até o tempo de Constantino, quando ele o tornou "disponível para veneração" em 326 D. C. [99] Em qualquer caso, a fé na Páscoa era baseada nas várias aparições do Jesus ressuscitado, e não na tumba vazia. [100]

Von Campenhausen, o historiador da igreja Heidelberg, é um dos mais recentes defensores da historicidade da tumba aberta. [101] Contudo, ele não tenta utilizar isto como prova para a ressurreição física de Jesus. Por que então a tumba estava vazia? Não sabemos, admite von Campenhausen. Em qualquer caso, uma variedade de explicações tem sido oferecida. Duas antigas opiniões judaicas sobreviveram. A tumba estava vazia porque os discípulos removeram secretamente o corpo antes das mulheres chegarem. [102] Ou os agricultores o removeram porque tinham medo que o túmulo de um profeta controvérso atrairia muitos visitantes, e eles pisotearam seus vegetais. [103] Outra possibilidade é que José de Arimateia tivesse dúvidas sobre ter o cadáver de um criminoso condenado no túmulo de sua família, e assim removeu o corpo sem notificar os discípulos. [104] Possivelmente a tumba foi quebrada e saqueada por ladrões de sepulturas que eram muitos naquele tempo.

Ou talvez Jesus foi removido da cruz antes da morte. Esta ideia estranha assume três formas. Cristãos Docéticos acreditavam que sendo que Jesus era divino, ele não podia sofrer ou morrer. Assim, ele somente parecia ter sido crucificado ou alguém tomou seu lugar na cruz: por exemplo, Simão de Cirene. [105] Esta visão era antiga e se espalhou para a Arábia, onde Maomé parecia ter acreditado nela. [106] Uma segunda visão é que Jesus era um essênio, a quem foi dada uma droga que o permitia fingir estar morto. Seus companheiros essênios o tiraram da cruz e o esconderam em um de seus monastérios, onde ele viveu secretamente até sua morte natural muitos anos mais tarde. [107] A terceira opinião, também mantida por alguns muçulmanos, é que Jesus não morreu na cruz, foi gradualmente restaurada sua saúde, e então viajou para a Índia onde ele foi reverenciado como um profeta até sua morte em uma idade avançada. Mesmo atualmente muçulmanos indianos podem demonstrar o santuário em Caxemira no qual o corpo do santo Jesus ainda repousa. [108] Pode parecer que gastamos muito tempo no problema da tumba vazia. Entretanto, se insistimos na natureza espiritual da ressurreição, então inevitavelmente perguntaremos por que é dito que a sepultura de Jesus estava vazia. Por esta razão, somos forçados a examinar em detalhes as antigas lendas e visões contemporâneas. Deveria agora estar muito claro que as histórias da tumba vazia não provam a ressurreição física de Jesus.

De acordo com a teologia da Unificação, os discípulos não viram um fantasma comum. O que eles experimentaram era o Messias que tinha se elevado acima da vergonha de uma condenação como blasfemador e morte como crimminoso. Assim, os Unificacionistas reivindicam que, por causa da ressurreição, a missão de Jesus não acabou em falha. Certamente, o corpo físico de Jesus foi completamente esmagado. Mas seu sentido de missão permaneceu inabalável. Quando ele despertou no mundo espiritual, a primeira preocupação de Jesus era ressuscitar a fé de seus discípulos, por isso ele estava ansioso para se manifestar para eles de alguma forma visível. Este é o motivo pelo qual Lucas escreveu que por quarenta dias Jesus permaneceu próximo a seus discípulos. Por causa da fé infalível de Jesus e na base de seu fundamento de quarenta dias, Deus pôde começar uma nova providência utilizando seus discípulos como instrumentos de Sua vontade para a redenção do homem. [109]

92 A. Richardson, *An Introduction to the Theology of the New Testament (1958), P. 190.*
93 *E. Brunner, Dogmatics, vol. 11, p. 372.*
94 C. Guignebert, Jesus (1956), pp. 490-536.
95 Ibid., p. 490.
96 Marcos 15:42-47; Mateus 27: 57-61; Lucas 23:50-56; João 19:38-42; Atos 13:29.
97 A. Hamack, *New Investigations of Apostolic History (1911) p. 112.* Também H. Conzelmann, *Outline of Theology of the New Testament (1969), p. 67.*
98 Guignebert, op. *cit., p. 500.*
99 Eusebius, *Life of Constantine 3:26* e Socrates' *Ecclesiastical History 1: 17.*
100 E. Brunner conclui que o testemunho original sobre a ressurreição não continha qualquer referência à tumba vazia, mas estava somente preocupada com as aparições do Cristo ressuscitado *(Dogmatics, vol. 11, p. 368).*
101 H. von Campenhausen, "The Events of Easter and the Empty Tomb," *Tradition and Life in the Church (1968), pp. 42-89.*
102 Também a visão do crítico bíblico alemão Heinrich Holtzmann (d. *1910),* mas uma visão indiretamente contestada pelo Evangelho de Mateus.
103 Uma visão Judaica atacada por Tertuliano.
104 J. Klausner conjectura que José de Arimateia removeu secretamente o corpo de Jesus e o enterrou em uma sepulture desconhecida *(Jesus of Nazareth. 1925, p. 357).*
105 O cristão gnóstico Basilides ensina isto, de acordo com Irineu.
106 Cf . G. Parrinder, *Jesus in the Qur'an (1977), pp. 108-113.*
107 O problema com essa visão é que os ensinamentos e estilo de vida de Jesus são tão diferentes do ascetismo dos essênios que ele dificilmente seria aceito por eles.
108 Cf. H. A. R. Gibb e J. H. Kramers, eds., *Shorter Encyclopedia of Islam (1953), p. 24.*
109 *Divine Principle (1973), p. 148.*

Cristologia

A Pessoa e Obra de Jesus

Cristologia trata com o significado da pessoa e da obra de Jesus. Assim, ela tem duas partes. Primeiro, ela explica quem era Jesus. Segundo, ela relaciona o que ele fez pela humanidade. Interpretações da natureza real e autoridade de Jesus começaram quando ele foi aclamado por Pedro como o Messias e alcançou um clímax nos dogmas trinitarianos e cristológicos dos concílios ecumênicos de Nicea (325 D. C.) e Calcedônia (451 D. C.). Quase tão importante, mas nunca promulgadas oficialmente, são várias doutrinas sobre os efeitos expiatórios e justificadores do ministério de Jesus. De acordo com a visão convencional, Jesus Cristo é tanto Deus como Salvador.

Esta Cristologia tradicional ainda é professada pela maioria dos Ortodoxos Orientais, Católicos Romanos conservadores e Protestantes evangélicos. Na opinião deles, Deus, o Pai, interveio na história de uma forma nova e definitiva a fim de restabelecer comunhão com os homens pecadores. Deus enviou Seu Filho, vestido com nossa carne, para transformar a humanidade em uma comunidade de amor fraternal. Então qual era a missão de Cristo? Sua obra era dupla: arrancar os homens de Satanás liberando-os da realidade pecaminosa das trevas e reconciliar o mundo com Deus. No início Deus tinha criado tudo através de Cristo. Deus também indicou Cristo como herdeiro de todas as coisas, para que em Seu Filho, Deus pudesse restaurar toda a criação. Portanto, Deus enviou Jesus ao mundo como o mediador entre Ele mesmo e os homens decaídos. Sendo que Cristo é Deus, dizem os tradicionalistas, a plenitude divina habita nele. Entretanto, porque ele também possui uma natureza humana, ele é o novo Adão, a cabeça de uma humanidade renovada. Assim, o Filho de Deus se tornou encarnado a fim de fazer os homens compartilharem na natureza divina. Ele veio entre os homens como um servo humilde, dando sua vida como resgate pelos pecados de toda a humanidade. [1]

Desde 1900, cada aspecto desta Cristologia tradicional tem sido questionado pelos modernistas e pelos críticos bíblicos. Embora nunca tenha existido completa uniformidade nas várias denominações sobre a pessoa e obra de Cristo, estas diferenças de opinião recentemente se tornaram mais amplamente conhecidas. Portanto, devemos reconhecer que o Cristianismo moderno contém uma variedade de visões, nenhuma das quais realmente domina o cenário teológico. Talvez agora como nunca antes, a Cristologia exista em um estado muito fluído. Leigos e clérigos procuram respostas melhores para a antiga pergunta feita por Jesus, “Mas quem pode dizer quem eu sou?”

Primeiro, vamos considerar algumas das mais influentes Cristologias do século XX. Sendo que a influência de Karl Barth foi tão expressiva desde o fim da Primeira Guerra Mundial até próximo da Segunda Guerra Mundial, sua Cristologia será descrita primeiro. [2] Barth insiste que Jesus é o Vitorioso sobre o pecado e a morte. A reconciliação do homem com Deus já aconteceu. Por causa da vida de sacrifício e morte de Jesus Cristo, Deus já restaurou efetivamente, totalmente e objetivamente a humanidade para Si mesmo. Esta conversão do homem para Deus efetivada por Jesus Cristo veio totalmente de fora. Os homens não têm nada a ver com isso. Através de Cristo, Deus libertou e redimiu totalmente o homem. Assim o Jesus Cristo vivo é o círculo que envolve todos e cada homem no julgamento e graça divinos.

Mas se reconciliação já foi alcançada, qual o papel do homem? O homem não tinha nenhum papel no ato de Deus de reconciliação. Barth afirma que Deus agiu por Ele mesmo. Deus já estabeleceu a mesa para todos os homens, e nos convidou para o banquete que Ele preparou. Tudo que os homens devem fazer é reconhecer o fato, e sentar no banquete. Reconciliação então não é realmente dependente da mudança de atitude por nossa parte, ou em ter fé, ou viver de forma justa. Deus, por Sua própria iniciativa, já mudou a situação humana. Cristo já morreu por todos os homens para que eles estejam livres da culpa, pecado e morte.

Sendo que Cristo representa a humanidade e seu ato expiatório é para todos, Barth nega a doutrina Calvinista da dupla predestinação. Deus não predestinou ninguém para a condenação eterna. Pensar de outra maneira é limitar a liberdade de Deus fazendo Suas ações dependentes do comportamento dos homens. Entretanto, Barth também se opõe à doutrina comum da salvação universal. Deus não tem que salvar toda a humanidade, pois isso restringiria Seu livre arbítrio. Não obstante, Barth tende na direção da salvação universal, porque ele insiste que no amor de Deus vai para todos os homens, e que a graça divina superará todos os obstáculos. Como ele coloca, o fluxo da graça de Deus é tão forte e a represa que construímos para retê-la é tão fraca, que não há como evitar o colapso da represa e o fluxo das águas poderosas. [3]

Se Cristo já reconciliou Deus e o homem, como se explica os males atuais? Para Barth o mal não tem nenhum status ontológico positivo. Mal é meramente caos ou o Nada (das *Nichtige).* Em Jesus Cristo, o mal foi superado e destruído pela vontade positiva da glória transbordante de Deus. Deus tornou o mal impotente à luz da cruz. Podemos pensar que o mal existe, mas isso é uma ilusão que engana os homens cujos olhos ainda não se abriram para o triunfo de Cristo. Quando uma pessoa tem fé, ela vê que Deus em Cristo desviou todo o mal. Para Barth, a única coisa que tinha que ser feita já foi totalmente cumprida em Cristo. Portanto, o que os cristãos devem fazer é simplesmente anunciar este fato. Nada mais é necessário, como Cristo já é vitorioso. Os homens são simplesmente convidados a verem o que ocorreu e serem gratos pelo amor vitorioso de Deus.

A Cristologia de Reinhold Niebuhr cresce a partir de sua teologia geral de "realismo profético." Jesus Cristo revela como Deus está relacionado com a história. Tanto judeus como cristãos acreditam que a história tem direção e propósito. O Messianismo representa uma afirmação do objetivo da história. Quando os homens esperam o advento de Cristo, eles olham na direção do fim escatológico quando o significado da história será plenamente revelado e as esperanças da vida [4] serão cumpridas.

Entretanto, Jesus transformou a fé messiânica comum. O conceito do Velho Testamento do Messias contém três elementos:
1) uma crença egoísta no futuro triunfo da nação hebraica;
2) fé em uma vitória universal do bem sobre as forças do mal na história; e
3) um entendimento profético e supra-ético da história. Os profetas hebreus como Amós e Deutero-Isaías foram além da forma de messianismo comum nacionalista e racista. A glória e bênção da era messiânica não seria somente para judeus. Não obstante, estes profetas geralmente esperavam que o reino de Deus combinaria poder terreno com bondade. Ao mesmo tempo, os profetas hebreus estavam cientes que todas as nações se rebelaram contra Deus, e a história está em desafio à lei divina. Então como Deus pode julgar a história por seus pecados, e ainda assim, resgatá-la?

Jesus rejeitou o legalismo e o nacionalismo messiânico. Então ele reiterou profundamente o significado da história afirmando que o Messias deve sofrer. Ao combinar a ideia do Messias com a ideia do Servo Sofredor, Jesus deu essa visão surpreendente da história, que ele foi rejeitado. Seus contemporâneos esperavam o Messias para triunfar sobre o mal e resolver todas as dolorosas contradições da vida entre o ideal e o real. Jesus negou essa esperança.

Quando o Messias vem na história, ele deve sofrer. Amor puro deve sempre ser amor sofredor, porque a vida do homem está sempre sujeita à contingência, necessidade, orgulho e corrupção. A história inevitavelmente contradiz nossos ideais, como vemos a partir da morte de Cristo na cruz.

Niebuhr estava profundamente ciente das ambiguidades e ironias da história. Sempre que os homens dizem que eles compreenderam o ideal, eles estão sempre mentindo ou se vangloriando. Toda civilização tem dentro de si as sementes de sua própria destruição. Na história os homens são sempre pecadores porque não há nenhuma forma de evitar o egocentrismo e o orgulho. É impossível realizar a utopia.

O realismo profético de Neibuhr pode ser visto em sua explicação da esperança escatológica. Os Evangelhos dizem que o reino está presente, e ainda está por vir. Como o reino está presente? A crença bíblica reconhece o valor deste mundo. Ela não nos pede para fugir da história. Assim, neste sentido, o reino de Deus já está aqui em alguma extensão. Ao mesmo tempo, o reino permanece no futuro. A história nunca pode ser perfeita. Por causa da finitude do pecado, não podemos realizar o ideal.

Então o que significa o Fim dos tempos apocalíptico? Para Niebuhr, a consumação da história repousa além do processo temporal. Nunca haverá um milênio messiânico na história. Os cristãos afirmam a soberania definitiva de Deus e a supremacia final do amor, mas eles não se enganam pensando que estas coisas podem ocorrer dentro de condições finitas e temporais.

A doutrina de Cristo de Emil Brunner representa uma expressão tipicamente moderna da teologia da Reforma. [6] Para ele, a fé em Cristo é o centro do Cristianismo, o fundamento para todas as outras doutrinas. Como outros teólogos da crise, Brunner criticou o retrato Protestante liberal sobre Jesus. O liberalismo é inadequado porque ele pensa sobre Jesus como meramente um grande mestre ou gênio religioso. Esta noção ignora a base da reivindicação do Novo Testamento que Jesus é o Cristo, uma pessoa única e não simplesmente [7] uma das várias personalidades religiosas na história.

Brunner também rejeita o Fundamentalismo. Os fundamentalistas acreditam que Jesus é o Filho de Deus porque isso é o que as Escrituras dizem. Em outras palavras, eles derivam sua fé em Cristo a partir da autoridade da Bíblia. Isto significa que eles implicitamente substituem a fé na Escritura pela fé pessoal em Jesus. De fato, a deles é uma religião do Livro ao invés de confiar em Cristo. Os fundamentalistas elevam a Bíblia para uma posição mais elevada do que de Jesus.

Como Calvino, Brunner trata primeiro da obra de salvação de Cristo, e então com sua pessoa. [8] A messianidade de Jesus deve ser entendida de forma funcional. Se Jesus era realmente Cristo, isto é por causa do que ele fez, ao invés de quem ele era.

Os títulos do Novo Testamento para Jesus descrevem a obra que Deus fez através dele para o benefício da humanidade. Ele é Cristo porque ele conduz os homens da atual época inaugurando a regência de Deus sobre a terra. Ele é Filho de Deus não de forma metafórica, mas porque Deus entrega Sua autoridade para Jesus. De forma semelhante, ele é Senhor porque ele recebeu o direito de reger sobre a igreja. Todos os títulos do Novo Testamento são funcionais ao invés de "substantivos" (ontológicos).

Como Calvino indicou, Jesus era o Messias, o que significa que ele ostenta os três ofícios de profeta, sacerdote e rei. Cristo era um profeta por causa de seus ensinamentos. Todos os seus ensinamentos pressupõem a autoridade messiânica de Jesus. Por exemplo, ele poderia corrigir ou abolir a Lei revelada de Moisés, sendo que como Messias, sua autoridade supera a da Torá. Contudo, a mensagem de Jesus não é doutrinal. Jesus proclama duas coisas: uma nova demanda por justiça e o dom da vinda do reino de Deus. Isto ilustra sua função profética. Embora tecnicamente Jesus fosse um leigo, ele carregava um papel sacerdotal. Como sacerdote, Jesus expia os pecados do homem. O Quarto Evangelho o descreve como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (1:29), e a Epístola aos Hebreus o chama de nosso sumo sacerdote (3:1-2). Mas de acordo com Brunner, a obra expiatória de Cristo não estava limitada à sua morte na cruz. A vida inteira de Jesus foi um ato de expiação e reconciliação. Toda a sua vida revela a misericórdia de Deus que estende os braços para Sua criação perdida. Jesus cumpriu ativamente a Lei por causa de seu amor generoso que salva.

A doutrina tradicional da expiação interpreta os efeitos redentores da crucificação. De acordo com Brunner, a cruz revela primeiro o amor incondicional de Deus. Ele nos ama a despeito de nosso pecado e nossa natureza de rebelião. Assim, Deus assume com disposição a culpa do homem sobre Si mesmo. Segundo, a cruz revela que Deus é justo e amoroso. O homem deveria ser executado como um criminoso por seus pecados, mas Cristo sofre em nosso lugar. Jesus voluntariamente morre em nosso benefício, um resgate pelos pecados de muitos. Terceiro, a cruz revela nossa situação atual, nossa necessidade de justificação. Precisamos ser salvos, assim, Deus restaura o homem para sua posição original no propósito de criação. Como Brunner defende, há aspectos objetivos como também subjetivos para a expiação. Subjetivamente, a cruz tem um profundo efeito sobre os homens. Objetivamente, ela tem um efeito sobre Deus, mudando de fato Seu relacionamento conosco.

Além de ser profeta e sacerdote, Jesus, o Messias, tem o ofício real. Jesus proclama o reino vindouro. Ele conquista as forças hostis para Deus. Doravante, Cristo governa através do amor e da livre obediência daqueles que confiam nele. Entretanto, Cristo é apenas potencialmente o governante divino sobre todos os homens. Seu verdadeiro domínio não será plenamente estabelecido até o fim da história.

Tendo analisado o entendimento de Brunner sobre a obra de Cristo, podemos agora avaliar a pessoa de Cristo. Brunner começa com o Jesus humano. Ao encontrar o homem, podemos passar a conhecer sobre Deus. Jesus compartilhou nossa humanidade comum. Ele era tão criativo quanto nós somos. Ele estava sujeito a todas as leis da natureza de crescimento. Ele sofreu as limitações humanas comuns. Por exemplo, Jesus foi tentado, embora em nenhum momento o Novo Testamento mostra ele sucumbindo à tentação. Seu conhecimento era limitado. Ele não podia prever o futuro: por exemplo, a data da chegada do reino vindouro. [9]

Contudo, Jesus não era simplesmente um homem como nós mesmos. Sua vida estava totalmente unida com a vontade de Deus. Ele personificava o amor divino. O pecado não fazia parte de sua vida. Ainda mais importante, ele era único porque ele reivindicou a autoridade messiânica. Brunner nega o nascimento virginal de Jesus. Esta ideia não fazia parte do Keryma cristão original. Assim, ele chama isto de "um corpo estranho" dentro do Novo Testamento.

Jesus é o Deus-Homem:
1) porque ele realmente revela Deus;
2) porque ele nos reconcilia com Deus; e
3) porque ele nos faz servos fiéis de Deus. Por estas razões Deus estava em Cristo. De acordo com Brunner, se Jesus é o Revelador em sua pessoa, então ele deve ser Deus. Assim, Jesus é Alguém em quem Deus nos encontra – pessoalmente, não de forma impessoal.

Brunner nega a ressurreição física e ascensão corpórea de Jesus. [10] Estes dogmas não são uma parte essencial da fé Pascal em Jesus como o Senhor ressuscitado. O que mais importava para os discípulos originais não era a tumba vazia, mas seu encontro com o Jesus ressuscitado como uma realidade espiritual. Para Brunner, a ressurreição do corpo significa a continuação da personalidade individual após a morte. Quando cristãos falam sobre da exaltação de Cristo, eles estão utilizando a linguagem de parábolas, significando que Cristo é indicado por Deus para exercer domínio sobre a humanidade.

Brunner condena a teoria das "duas naturezas" de Nicea e Calcedônia por ser muito abstrata. Toda especulação sobre como a encarnação veio a existir ou como o Jesus histórico é "Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus" é infrutífera. Quando tentamos explicar filosoficamente como Jesus Cristo é tanto Deus quanto homem, acabamos nas contradições ilógicas do Nestorianismo ou Monofisismo. A unidade da pessoa de Jesus é um mistério além da formulação intelectual. Assim, Brunner afirma o "milagre impensável e inimaginável da encarnação," [11] um evento sobrenatural a ser aceito somente pela fé.

---

1 *Decree on the Church's Missionary Activity,* II Vatican Council, 1: 3. Para afirmações de Ortodoxos Orientais e Protestantes, ver Metropolitan Philaret's *Longer Catechism* (129-237) e *Heidelberg Catechism* (29-52) em Schaff, *Creeds of Christendom* (1877), 2 volumes.
2 Cf. Donald G. Bloesch, *Jesus is Victor, Karl Barth's Doctrine of Salvation* (1976), pp. 32-71.
3 K. Barth, *Church Dogmatics IV, 3,* primeira metade (1961) pp. 555-556.
4 R. Niebuhr, *Nature and Destiny of Man,* Vol. 11 (1964), pp. 287-298.
5 Ibid.*, pp. 44-45.*
6 E. Brunner, *The Christian Doctrine of Creation and Redemption (1952), pp. 239-378.* For perceptive evaluations of Brunner's Christology, ver ensaios de Tetsutaro Ariga e E. A. Dowey em Kegley e Bretall, eds., *The Theology of Emil Brunner (1962).*
7 E. Brunner, *The Mediator (1947), pp. 72-101.* Para estes comentários posteriores sobre Bultmann e os escatologistas consistentes, ver *Christian Doctrine of the Creation and Redemption, pp. 260-270.*
8 *Christian Doctrine of Creation and Redemption, pp. 271-307.*
9 Ibid.*, pp. 322-324.*
10 Ibid., *pp. 352-356; cf.* Brunner, *The Mediator, pp. 322-327.*
11 Ibid., *pp. 371-378.*

Cristologia Atual

O Unificacionismo concorda com tendências recentes que Jesus era humano, como também de alguma forma divino. D. M. Baillie afirmou que a questão para o Jesus histórico força a teologia a assumir a plena humanidade de Jesus Cristo de forma mais séria do que antes. No passado os fiéis não reconheciam que Cristo era "consubstancial" com eles mesmos. Eles não admitiam que crescimento humano, ignorância, mutabilidade, luta e tentação eram características da vida de Jesus. Mas agora, diz Baillie, a crença na plena humanidade de Jesus deve se tornar a sua própria crença. [13]

A completa humanidade de Jesus é reafirmada por Católicos como também por Protestantes. O estudioso bíblico Católico R. E. Brown escreveu que muitos cristãos imaginam que Jesus caminhou ao redor da Galileia com um *halo* brilhando sobre sua cabeça. Eles ignoram o retrato do Evangelho sobre Jesus: uma pessoa às vezes cansada, irritada ou tentada e tratada como um fanático pelas instituições religiosas e políticas de seu tempo. [14]

O Novo Testamento não chama Jesus de Deus? Não há uma resposta fácil para esta questão. Repetidamente nos Sinópticos, Jesus faz uma clara distinção entre Deus e ele mesmo. Por exemplo, quando Jesus ora no jardim ou a partir da cruz, ele obviamente não está falando para si mesmo. As epístolas Paulinas e as pastorais distinguem entre Deus, o Pai, e o Senhor Jesus Cristo (I Coríntios 8:6) ou entre Deus e o mediador, o homem Cristo Jesus (I Timóteo 2:5).

Mesmo no Quarto Evangelho, Cristo declara que o Pai é maior do que ele mesmo (João 14:28). Portanto, estudiosos bíblicos geralmente concluem que as partes mais antigas do Novo Testamento não falam sobre Jesus como Deus.

Entretanto, três passagens utilizam explicitamente a palavra "Deus" *(theos)* para descrever Jesus (Hebreus 1:8-9, João 1:1, João 20:28) e há alguns textos onde o uso da expressão "Deus" para Jesus é possível, mas não certa (Tito 2:13, 1 João 5:20, Romanos 9:5 e II Pedro 1:1). Em outras palavras, Jesus nunca é chamado "Deus" em nossas antigas fontes, mas isto se torna crescentemente comum para atribuir divindade a ele enquanto os anos passam. [15]

No mundo romano do final do primeiro século não era incomum atribuir divindade a um homem excepcional. Imperadores como Augusto foram chamados "Salvador divino" ou "senhor e deus." Além disso, os judeus como também os pagãos politeístas acreditavam que havia muitos seres sobrenaturais além de Deus, o criador. Assim, era fácil para cristãos gentios transformarem o Jesus humano em um deus a ser adorado. Esta deificação de Jesus foi difundida em meados do segundo século. [16]

A teologia Judaica nunca acreditou que o Messias seria a encarnação de *Yahweh*. Na maioria dos casos, os judeus esperavam um ser humano para conduzir a função messiânica. O Messias seria um descendente do Rei Davi, ou um sacerdote, ou um herói militar que liberaria a Terra Prometida. Não obstante, na messiologia Judaica, o Ungido poderia ocasionalmente ser considerado uma figura sobrenatural: um Filho do Homem escatológico ou um libertador angélico. Contudo, mesmo nesses casos, uma clara distinção foi definida entre o próprio Deus e Seu agente redentor, o Messias.

Se Jesus é humano, como ele é único? Ele era excepcional porque Deus o ungiu para ser o Messias. Essa era a confissão de fé mais antiga do Cristianismo. Entretanto, para Judeus e Cristãos Judeus, a messianidade era um papel funcional, ao invés de algo ontológico. Somente a vocação de Messias era muito especial. Deus o indicou para restaurar a linhagem divina do homem e trazer o reino celeste na terra.

Mais tarde, entre os Cristãos Gentios, este título messiânico não tinha nenhum sentido ou transmitia uma mensagem perigosamente enganosa. Eles simplesmente não estavam interessados em um Messias Davídico e não queriam estar envolvidos em qualquer movimento messiânico desenvolvido para libertar a Judéia do domínio romano. Consequentemente, no início, Jesus foi descrito como o Filho de Deus nas igrejas Cristãs Gentias.

Jesus era "sem pecado" não porque ele fosse por natureza diferente dos outros homens, mas porque ele nunca se desviou do curso estabelecido por Deus. Assim, qualquer singularidade que ele possuía era derivada em última análise do que Deus estava tentando fazendo através dele. A teologia da Unificação concorda com as críticas bíblicas que negam que Jesus pensava sobre si mesmo como "o Messias Servo Sofredor" que os cristãos reinterpretaram a esperança escatológica Judaica depois que seu Messias foi executado. Isaías 53 e Salmos 22 se tornaram textos provas do Velho Testamento para demonstrar que a morte de Jesus cumpriu profecias.

A era apostólica acreditava que a morte de Jesus na cruz trouxe a salvação total do homem? De modo nenhum! Os primeiros testemunhos do Novo Testamento declaram que a cruz era apenas um prelúdio para o advento da era messiânica em poder. O Cristianismo Apostólico não é uma religião do Jesus crucificado, mas proclamação do vindouro reino divino.

Por que Jesus Cristo tem sido uma influência poderosa na história? Porque, como um antigo hino cristão coloca, Jesus era o novo Adão que foi feito à imagem de Deus. Entretanto, ao contrário de seu predecessor, o segundo Adão se humilhou e se tornou o servo obediente de Deus, mesmo para morrer na cruz (Fil. 2:5 -11). Desde o início até o fim, Jesus foi dedicado à vinda do reino.

A Cristologia da Unificação é muito próxima dos teólogos recentes, exceto em um ponto. Não obstante, essa única diferença é derivada a partir do conceito Paulino do Segundo Adão. Adão devia se aperfeiçoar harmonizando seu corpo e sua mente em total união com o coração de Deus, encarnando assim o ideal de criação. Paulo chama essa pessoa de templo de Deus (I Cor. 3:16). Os padres da Igreja Ortodoxa da Oriente como Atanásio, Gregório de Nissa e Cirilo de Alexandria descrevem esse estado aperfeiçoado como deificação. Eles ensinam que o divino se tornou humano a fim de que o humano pudesse se tornar divino. Teólogos Protestantes como Ritschl defendem que porque Jesus era o Messias, ele possuía o valor de Deus para aqueles que o seguiam. De forma semelhante, o *Princípio Divino* ensina, "O homem que alcançou o propósito de criação assumiria o valor divino de Deus." [18]

O objetivo original de Deus para o homem era conceder três bênçãos: Ser frutífero, multiplicar e ter domínio sobre a criação (Gênesis 1:28). Tendo alcançado perfeição individual (ser frutífero), Adão estava com a bênção de Deus para se casar com Eva e produzir descendência (multiplicar), criando uma base quádrupla no nível familiar.

Nesse fundamento, Adão e Eva poderiam receber a terceira bênção (ter domínio), tornando-se senhores de toda a criação e verdadeiros pais da humanidade. Como o Segundo Adão, Jesus estava destinado a conduzir estas responsabilidades. O Messias deve inaugurar uma nova família de Deus.

Por causa da queda de Adão, Jesus devia subjugar Satanás erradicando a raiz do pecado original antes de receber a segunda bênção. Entretanto, condições além de seu controle tornaram impossível que ele completasse sua missão. Como os Judeus sempre indicaram, a era messiânica nunca chegou. Ou como os Protestantes conservadores acreditam, o reino chegará quando o Segundo Advento ocorrer. Não obstante, através de seu ministério e ressurreição, Jesus estabeleceu um fundamento espiritual para a continuidade da obra de Deus através da Igreja Cristã.

---

13 D. M. Baillie, *God Was in Christ (1955), p. 11.*
14 R. E. Brown. *Jesus. God and Man (1967),* prefácio, p. ix.
15 Ibid., *p,* 31: Se o tempo do Novo Testamento é datado de 30-100 D. C., o uso da palavra *theos* (Deus) para Jesus pertence à segunda parte desse período.
16 Ibid., p. 31 Ignácio de Antioquia (d. circa 107 D. C.) escreve sobre nosso Deus, Jesus Cristo" e "Jesus Cristo, o Deus." By 150, 11 Clemente diz, "Brethren, devemos pensar sobre Jesus Cristo como Deus" (1:1). Cf. J. Hick, ed., *The Myth of the Incarnate God* (1977), pp. 87-119.
17 Cf. Geza Vermes. *Jesus the Jew* (1973).
18 *Divine Principle, p. 206.*

Alguns Problemas Adicionais

Seu Chamado Messiânico

Quando Jesus de Nazaré foi escolhido por Deus para ser o Messias? Escritores do Novo Testamento respondem essa questão de várias formas. A mais antiga Cristologia é encontrada em Paulo e nos discursos que Lucas insere em Atos; por exemplo: Romanos 1:4, Atos 2:32, 36; 5:31; 13:32-33 e Fil. 2:11-9. Como Romanos registra, Jesus foi declarado Filho de Deus por um ato poderoso no qual ele ressuscitou da morte (1:4). Entretanto, Marcos parece localizar o início da consciência messiânica de Jesus com o batismo. Com a descida do Espírito Santo, Jesus se tornou o Filho Unigênito de Deus (Marcos 1: 10-11). Mateus e Lucas empurram a ideia ainda mais para trás: Jesus é o Filho do Altíssimo porque o Espírito Santo foi responsável pela gravidez de Maria (Lucas 1:32, 34-35). Quanto ao Quarto Evangelho, ele assume que Jesus é a encarnação do Logos pré-existente que estava com Deus no início da criação (João 1:1-3). [19]

De acordo com a teologia da Unificação, Jesus deve ter possuído uma crescente consciência de seu verdadeiro chamado anterior ao batismo. Deve ter ocorrido para ele algum encontro direto com Deus, alguma experiência específica de ser escolhido. Mas o Novo Testamento não dá nenhuma informação a este respeito. Como uma criança profundamente religiosa e um jovem muito sensível, Jesus pensou muito sobre como o sonho de seu povo poderia ser realizado. Ele também ponderou como poderia servir a Deus ao trazer a era messiânica. Provavelmente isso seja o que Lucas queria dizer ao relatar que Jesus cresceu em sabedoria e estatura, em favor de Deus e do homem (2:52).

Então qual foi o significado do batismo de João? Não que Jesus sentisse a necessidade de ter seus pecados lavados. Ao invés, ele queria se identificar publicamente com o novo movimento para o arrependimento e a re-consagração nacional. Jesus sentia que a obra de João poderia ser o primeiro passo no estabelecimento do reino de Deus. Com o auxílio de João, a própria vocação messiânica de Jesus teria uma chance de ser realizada.

Ainda mais significante, o batismo de Jesus retrata a passagem da providência do Velho Testamento e o nascimento da Era do Novo Testamento. Aos olhos de Jesus, João era o último dos profetas e a culminação da preparação do povo eleito para o Dia do Senhor. A função de João Batista era proclamar a chegada dos Últimos Dias. Portanto, através do rito simbólico do batismo, Jesus herdou a providência do Velho Testamento como um fundamento para sua própria nova e maior missão.

Genealogias de Jesus

A teologia da Unificação concorda com Mateus e Marcos que o papel messiânico de Jesus está intimamente conectado com sua herança ancestral. Ambos os escritores Sinópticos, embora de formas muito diferentes [20] insistem que Deus preparou para o advento do Messias por muitos séculos antes do nascimento de Jesus. As duas genealogias do Novo Testamento revelam quão cuidadosamente Deus estabeleceu um fundamento espiritual para a missão messiânica de Jesus.

Infelizmente muitos críticos bíblicos estão cegos para a mensagem central das genealogias do Evangelho. Eles nem percebem a confiabilidade histórica das duas tábuas ou se concentram nos objetivos doutrinários e apologéticos dos textos. Mas qual era o propósito principal de incluir a árvore familiar no Evangelho? Mateus e Lucas estavam interessados em legitimar as reivindicações messiânicas feitas por Jesus. Assim, Mateus traça a ancestralidade do Messias de volta até o Rei Davi e o patriarca Abraão, enquanto Lucas segue ainda mais até Adão, [21] o primeiro filho de Deus.

Não obstante, um propósito igualmente importante por trás das genealogias é demonstrar como toda a história dos hebreus, e até mesmo toda a história da humanidade desde Adão e Eva visualizava a realização do reino de Deus na terra. Utilizando o simbolismo místico baseado no número sete (Lucas) [22] ou quatorze (Mateus), os evangelistas estavam sugerindo que a pista secreta se encontra na esperança messiânica. Desde a queda de Adão e Eva, Lucas nos diz, Deus tem planejado a restauração da humanidade. Ou como Mateus coloca, todo o objetivo da história judaica é produzir um redentor messiânico.

Ao contrário de Lucas, Mateus inclui os nomes de quatro mulheres entre os antepassados de Jesus: Tamar, Raabe, Rute e Betsabá, a esposa de Urias, o Hitita. Comumente apenas os homens são mencionados em uma árvore familiar quando a sociedade é tão rigidamente patriarcal como aquela do antigo Israel. Então por que o evangelista acha útil mencionar estas mulheres específicas? Para responder essa questão, precisamos descobrir o que elas têm em comum. Primeiro de tudo, Tamar, Raabe, Rute e Betsabá alcançaram alguma notoriedade por causa de sua imoralidade sexual. Tamar fingiu ser uma prostituta a fim de ficar grávida (Gen. 38:26). Raabe era uma prostituta em Jericó que ajudou os israelitas a conquistarem sua cidade (Josué 2: 1-11). Rute convidou Boaz para deitar com ela (Rute 3:6-9) e Betsabá cometeu adultério com o Rei Davi (II Sam. 11:4). Isto não implica que haveria também alguma irregularidade sexual referente ao nascimento de Jesus? [23] Segundo, as quatro mulheres eram Gentias ao invés de Judias: Raabe e provavelmente Tamar eram Canaanitas; Rute era Moabita, e Betsabá era presumivelmente Hitita. Assim, Lutero sentiu que Mateus incluiu os nomes destas mulheres para mostrar que Jesus era o Salvador de toda a humanidade, e não apenas um Messias para os Judeus. Em terceiro lugar, todas as quatro foram instrumentos extraordinários da providência de Deus: Tamar se atreveu a desprezar as regras sociais a fim de perpetuar a linha familiar de seu esposo falecido. Raabe permitiu que os israelitas entrassem na Terra Prometida. Rute tomou a iniciativa em uma união conjugal que definitivamente produziu o Rei Davi. E o adultério de Betsabá levou ao nascimento de Salomão. Consequentemente, na piedade judaica pós-bíblica, essas quatro mulheres foram elogiadas como ilustrações de como Deus pode utilizar meios inesperados e não convencionais a fim de conduzir Sua providência. [24]

O Nascimento Virginal

Ambas as genealogias de Lucas e de Mateus traçam a linha familiar de José. Quase nenhum estudioso moderno tenta resolver as diferenças entre elas conjecturando que uma pertencia à Maria. [25] Entretanto, se Jesus não era o filho legítimo de José, qual valor haveria em traçar a linhagem de José de volta até Davi, Abraão ou Adão?

Isto provoca a questão, quão importante é o conceito do nascimento virginal para a obra messiânica de Jesus? É um dogma essencial da fé cristã acreditar que Jesus não teve nenhum pai físico? Qual valor teológico está ligado com a Virgem Maria? [26]

Todas as antigas crenças afirmam a virgindade de Maria. Entretanto, esta unanimidade não se aplica ao Novo Testamento. Mateus e Lucas somente contam histórias da infância sobre Jesus. Marcos, João e Paulo ignoram completamente a ideia que Maria deu nascimento ao seu filho sem se unir com um homem. Paulo faz duas referências muito vagas sobre o nascimento de Jesus. Em Gálatas ele escreve que "Deus enviou Seu Filho, nascido de uma mulher" (4:4-5) e em Romanos ele fala que Jesus "nasceu da descendência de Davi" (1:3). Estes textos não apoiam a doutrina do nascimento virginal. Quanto a Marcos e João, esses Evangelhos expressam tão pouco interesse na natividade, que Marcos não menciona o nome de José, e João não nos diz o nome da mãe de Jesus. Por causa deste silêncio constrangedor sobre a virgindade de Maria na maior parte do Novo Testamento, um estudioso bíblico Católico contemporâneo duvida que a história da concepção virginal foi manipulada pela família de Jesus para os apóstolos. [27] Além dos primeiros capítulos de Mateus e Lucas, o nascimento virginal é completamente ignorado nos relatos da vida adulta, ministério, morte e ressurreição de Jesus. [28]

A seguir, a noção da virgindade de Maria pode ter algo a ver com uma tradução incorreta de um texto messiânico tirado de Isaías. A versão hebraica de Isaías 7:14 afirma que "uma jovem" dará nascimento a um filho a quem ela chamará de Emanuel. Entretanto, a tradução grega Septuaginta afirma que "uma virgem estará com uma criança a quem eles chamarão de Emanuel." Porque Mateus acreditava que Jesus era o Messias cuja vinda foi prevista exatamente na Escritura, ele concluiu que Jesus deve ter nascido de uma virgem. [29]

Alguns estudiosos insistem que as histórias da infância se originaram em um ambiente palestino, e que antes do ministério de Jesus, judeus helênicos acreditavam que o Messias deveria nascer de uma virgem. [30] Outros defendem que a doutrina do nascimento foi um produto do Cristianismo Gentio. No mundo helênico, era um prática comum afirmar que um homem famoso era o filho de um deus, como por exemplo, Platão, Alexandre o Grande e Júlio César.

Além da historicidade duvidosa do nascimento virginal, a doutrina teve profundas implicações teológicas. Primeiro, porque um nascimento virginal seria a única forma para Cristo ser livre do pecado original. Para redimir a humanidade, Jesus Cristo simplesmente tinha que possuir uma natureza humana "não decaída." Porque ele nasceu da Virgem Maria, sua carne era imaculada para que ele pudesse servir como nosso redentor.

Entretanto, essa visão é amplamente questionada nestes dias. No mundo antigo, acreditava-se que somente o masculino produzia uma criança e que o feminino meramente servia como um vaso no qual o bebê era carregado. A ciência moderna provou que ambos os pais determinam a constituição física e psicológica do filho. Sendo que tanto o pai como a mãe transmite qualquer efeito biológico do pecado original, isto não tornaria Jesus sem pecado ao privá-lo de um pai humano. Ainda mais importante, os cristãos atualmente questionam a noção que o intercurso sexual [31] seja intrinsicamente pecaminoso.

Uma segunda justificativa teológica para o nascimento virginal era defendida por Barth. O nascimento virginal demonstra que Deus nos reconcilia por Seu próprio esforço. Nossa salvação vem inteiramente de Deus. A redenção é somente Sua obra. Nós não somos de forma alguma parceiros com Ele.

Mas esta defesa do nascimento virginal sofre de graves defeitos. O conceito bíblico de salvação repousa em um relacionamento de aliança entre Deus e o homem. Salvação exige um processo de dar e receber mútuo, para utilizar a linguagem do *Princípio Divino*. Como Brunner repetidamente tentou dizer para Barth, reconciliação nunca pode ser unilateral. A iniciativa de Deus deve estar acompanhada por uma resposta humana adequada.

William Barclay afirma que os cristãos não precisam tomar a história do nascimento virginal de forma literal. [33] As histórias da infância podem ser formas encantadoras e poéticas de dizer que mesmo se Jesus tivesse um pai humano, o Espírito Santo de Deus operou em seu nascimento de uma forma especial. Como os antigos judeus costumavam ensinar, para produzir uma criança é necessário ter três parceiros – o pai, [34] a mãe e Deus.

Então José era o pai de Jesus? Se sim, por que foi necessário inventar uma lenda de nascimento virginal? O Judaísmo não esperava um Messias nascido de uma virgem, de acordo com Strack-Billerbeck em *Commentary on the New Testament from the Talmud and Midrash.* [35] Essa hipótese representa uma "novidade absoluta" para o pensamento judaico. Contudo, o Padre Brown indica que, com exceção dos ebionitas, os cristãos geralmente concordam que José não estava implicado de forma nenhuma na concepção de Jesus. Assim, pode-se apenas supor que outra pessoa foi responsável. Desde tempos muito antigos, críticos judeus do Cristianismo reivindicam que Maria teve [36] um caso ilícito com um soldado romano chamado Pandera. Essas alegações parecem ter sido concebidas muito depois das narrativas do Novo Testamento a fim de refutar o que os cristãos estavam ensinando.

Uma explicação melhor foi oferecida pelo Dr. Leslie Weatherhead, o ministro por muito tempo em City Temple, Londres. [37] Por todo o antigo Oriente Médio (e Índia) uma cerimônia "de matrimônio sagrado" era frequentemente conduzida na qual o sumo sacerdote ou o rei desempenhava o papel de um mensageiro divino. Durante estes rituais, ele se casava com uma virgem simbolizando a união sagrada do deus sol com a deusa terra. A descendência desse acasalamento era considerada como uma encarnação divina.

Agora Zacarias era o sacerdote encarregado do templo, enquanto Maria teve uma experiência mística na qual ela concordou em ser uma "menina serva do Senhor." Embora fosse um homem idoso, Zacarias não era impotente, pois ele tinha acabado de engravidar sua esposa Elizabeth, a despeito do fato que ela tinha passado do tempo normal para engravidar.

Quando o anjo Gabriel anunciou para Maria que ela daria nascimento ao Messias, ela respondeu, "Como pode ser isto, sendo que eu não conheço um homem?" Então o anjo disse a ela que o Espírito Santo viria sobre ela e o poder do Altíssimo a cobriria (Lucas 1:35).

Logo que a jovem ouviu que ela tinha sido escolhida para dar nascimento ao Filho de Deus, ela "foi com pressa e entrou na casa de Zacarias" (Lucas 1:39). Entregando-se ao ancião sacerdote, Maria provaria que ela era realmente uma donzela do Senhor. Esse gesto de total rendição, longe de ser considerado imoral no mundo antigo, revelou o mais elevado grau de dedicação espiritual. Ao se unir com o sacerdote, Maria "achou graça diante de Deus" (Lucas 1:30). O Dr. Weatherhead conclui: Se alguém rejeita a hipótese do nascimento virginal, então a união do sacerdote Zacarias e a jovem Maria absolutamente devota, em algo como os rituais de matrimônio sagrado tradicional, fornece uma solução que atende essas evidências que possuímos nas Escrituras. [38]

---

19 Cf. H. Ming, *On Being a Christian (1976), pp. 384-389.*

20 O Padre Brown observa várias das "enormes" diferenças. Entre Abraão e Jesus, a genealogia de Lucas contém 56 nomes, mas apenas 41 em Mateus. No período monárquico de 400 anos, as duas listas discordam de todos, exceto de Davi. Quanto à era pós-monárquica, as cronologias dão apenas os mesmos dois primeiros nomes e os mesmos dois últimos. Talvez mais problemático, Lucas não traça a linhagem de Jesus através do filho de Betsabá, Salomão, mas através de Natã. Claro, Lucas não se refere às quatro mulheres que Mateus pensa que são tão importantes.

21 Para uma análise cuidadosa dos problemas históricos e dos propósitos doutrinários das genealogias, cf. R. E. Brown, *The Birth of the Messiah* (1977), pp. 57-95.

22 Muito significativamente, o Padre Brown se refere ao "número mágico" quatorze, pp. 78-84.

21 Cf. J. A. T. Robinson, *The Human Face of God* (1973), pp. 59-63. O bispo Robinson sustenta que não se pode descartar a possibilidade de Maria, como a esposa de Oséias, ter exemplificado "o escândalo do amor divino" que desafia nossos padrões morais convencionais. O que os judeus condenaram como o pecado de adultério, os cristãos podem ter visto como um ato divino de significado providencial. Ver E. Stauffer, *Jesus and His Story* (1960), p. 25, para uma sugestão semelhante.

24 Brown, *op. cit., pp. 73-74.* De acordo com o midrash judeu, Deus prometeu a cada uma dessas mulheres que ela desempenharia um papel importante na preparação para a era messiânica, como o rabino Josef Hausner indica em seu artigo "Matthew's Genealogical List" *(1969).*

25 Lucas *3:23* fala de José, filho de Heli; Mateus se refere a Jacó, o pai de José *(1:16).*

26 Para material de apoio, ver T Boslooper, *The Virgin Birth (1962)*, um excelente estudo dos aspectos histórico, exegético e teológico da doutrina. Além disso, *The Virgin Birth in the Theology of the Ancient Church (1964)* pelo historiador da Igreja de Heidelberg Hans von Campenhausen.

27 Brown. *op. cit., p. 521.*

28 O corpo desses Evangelhos mostra que as pessoas entre as quais Jesus foi criado não sabiam nada sobre sua extraordinária infância (Mateus 13:53-58; Lucas 4:31-37), Brown, *Ibid., p.* 33.

29 A. Harnack, *History of Dogma* explicou a idéia do nascimento virgem como um mal-entendido das escrituras do Antigo Testamento.

30 Cf. E. Schillebeeckx, *Jesus* (1979), p. 729, nota 9.

31 A idéia de que o sexo por si ser mau é muitas vezes rastreada até o contraste grego pagão entre carne e espírito. Há também motivos hebraicos para uma visão semelhante. O parto torna alguém impuro, de acordo com a Lei Mosaica e Salmos 51:5 que diz, "No pecado minha mãe me concebeu."

32 K. Barth, "The Miracle of Christmas" in *Church Dogmatics,* vol. 1, pt. 2, 15:3, pp. 172-202. Para uma defesa um pouco diferente do valor simbólico da doutrina do nascimento virgem, cf. J. Macquarrie, *Principles of Christian Theology* (1977), pp. 280-282.

33 Estudiosos do Novo Testamento que duvidam da historicidade das histórias de nascimento virgem incluem J. Weiss, Hamack, Bornkamm, Enslin, Kummel, Conzelmann, von Campenhausen, Boslooper, Dibelius, Goguel, Goodspeed, Lake, Bacon, Knox, Bultmann, Guignebert, Loisy , Perrin. Os teólogos que negam que o nascimento virginal seja uma parte essencial da doutrina cristã incluem Tillich, Brunner, Schubert Ogden, Pannenberg, Nels F. S.Ferre, Bultmann e J. A. I. Robinson. Pregadores proeminentes e líderes da igreja que detêm uma opinião semelhante incluem Harry Emerson Fosdick, Leslie Weatherhead e Bishop James Pike. Alguns dos acima-como Boslooper-insistem que o nascimento virginal como um símbolo tem grande valor para cristãos contemporâneos.

34 W. Barclay, *The Gospel of Luke* (1956), p. 7.

35 Strack-Billerbeck, vol. 1, pp. 49 ff., cf. Bultmann, *History of the Synoptic Tradition* (1972), p. 291.

36 Ver Origen, *Against Celsus 1:* 28-33 and R. E. Brown, "The Charge of Illegitima*cy," Birth of the Messiah, pp.* 534-542.

37 P. E. Weatherhead, *The Christian Agnostic (1965), pp. 102-105.*

38 L. E. Weatherhead, *The Christian Agnostic, pp. 102-105.* A principal fraqueza desta especulação, como Weatherhead admite, é o uso questionável de práticas rituais muito antigas para explicar algo que ocorreu na Palestina do primeiro século. Weatherhead sugere que mesmo que os saduceus e fariseus do templo de Jerusalém se opusessem a tais ritos sexuais obsoletos, isso não deveria ter sido verdade em relação às crenças e práticas na região montanhosa palestina. Possivelmente poderia ser feito um melhor caso indicando que Maria naturalmente sentiu que a mensagem do anjo significava que ela deveria se unir a um respeitado "homem santo" para produzir o Messias.

O Espírito Santo

No Novo Testamento a doutrina do Espírito Santo está intimamente relacionada com a Cristologia. O Espírito vem e ofusca Maria quando seu filho é concebido. O Espírito paira sobre Jesus e desce em seu batismo. Em seu primeiro sermão em Nazaré, ele define sua missão messiânica com as palavras do Velho Testamento: "O Espírito do Senhor está sobre mim..." (Lucas 4:18). Este Espírito habita em Jesus por toda a sua vida, permitindo-o falar com autoridade, curar doenças e expulsar demônios.

Além de unir Jesus, o Filho, a Deus, o Pai, o propósito do Espírito é unir todos os homens a Deus. O Espírito se refere a Deus em obra, conosco e em nós. O Espírito nos ensina, nos orienta, ajuda-nos a testemunhar e serve como nosso consolo, advogado e conselheiro. Assim, Paulo descreve o discipulado cristão como "vida no Espírito" ou "entrega ao Espírito" (Gal. 5:25). Os fiéis manifestarão os dons do Espírito: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança (5:22,23). Semeando as coisas do Espírito, um cristão pode colher vida duradoura, escreve Paulo (Gal. 6:8). Em outras palavras, o Espírito Santo significa a atividade regenerativa e redentora do Deus imanente.

Como um sinal de Deus trabalhando com e através do homem, o Espírito Santo naturalmente é especificamente ativo na comunidade cristã. II Coríntios fala sobre "ministros da nova aliança, não da letra, mas do Espírito" (3:6). Cristãos pregando e ensinando são considerados dons do Epírito (Gal. 5:22-23). Quando o primeiro concílio apostólico foi convocado para esclarecer a fé e prática cristã, os delegados emitiram um relatório, dizendo, "Isto pareceu bom para o Espírito e para nós" (Atos 15:28), demonstrando que as decisões doutrinárias deveriam representar deliberação cooperativa de cristãos com o Espírito.

De acordo com Atos, a Igreja nasceu no Pentecostes quando os cristãos reunidos foram regados com dons carismásticos. Como Lucas interpreta este evento, o Espírito inesperadamente desceu sobre toda a assembléia. Entre outras coisas, o Pentecostes sugere como o Espírito trabalha pela unificação. Através do dom de línguas, a comunidade cristã era capaz de unir homens e mulheres a despeito de diferenças nacionais, raciais e linguísticas.

A igreja é fortalecida, iluminada e abençoada pela comunhão com o Espírito Santo. Não obstante, a atividade divina do Espírito na regeneração e restauração não pode estar confinada às igrejas institucionais. Como lemos, "O vento (do Espírito) sopra onde quer… mas você não sabe de onde vem, e para onde vai" (João 3:8).

O Espírito não é um servo da Igreja, mas ao invés, a Igreja deveria ser uma serva do Espírito. O Espírito indica para além das igrejas para a vinda do reino de Deus. Somente quando elas servem como agentes para a transformação de todo o mundo, os cristãos podem se considerar membros do corpo de Cristo. A obra final do Espírito é unificar todos os povos em uma nova criação. Assim, quando São João de Patmos foi apanhado em um transe profético, ele ouviu o Jesus ressuscitado anunciando, "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito tem a dizer para as igrejas" (Apoc. 2:7).

Ainda mais importante, o Espírito serve como um órgão para a transmissão da revelação divina. Por exemplo, no Velho Testamento o profeta Jeremias declarou que "a palavra do Senhor veio a ele, dizendo…" (1:11). De forma semelhante em Atos, Pedro recebe uma visão monstrando a ele que cristãos não precisam continuar as regras alimentares da Torá. Em ambos os casos, uma experiência espiritual concedeu nova revelação que complementou, esclareceu e corrigiu os escritos sagrados de seu tempo. Assim, o Quarto Evangelho descreve o Espírito Santo como "o espírito da verdade" que revelará coisas que os discípulos originais não revelaram ou não entenderam quando Jesus estava na terra. O Espírito autoriza a revelação contínua.

Finalmente, a tradição apocalíptica em ambos Judaísmo e Cristianismo assume que a chegada da era messiânica seria acompanhada por um maravilhoso derramamento do Espírito Santo. Como o profeta Joel previu, o Dia do Senhor será inaugurado quando o Espírito de Deus é derramado sobre toda a humanidade. Anciãos sonharão sonhos revelatórios e os jovens terão visões (2:28,29).

Tendo observado o uso bíblico variado em relação ao Espírito Santo, é fácil entender por que nenhuma doutrina oficial foi acordada de forma geral. Então quem ou o quê é o Espírito Santo, o Espírito do Senhor, o Espírito de Deus e o Espírito de Cristo? Na igreja primitiva, três questões eram especialmente desconcertantes. Primeiro, o Espírito Santo é uma pessoa, uma entidade autoconsciente diferente de Deus, o Pai, ou Jesus Cristo, o Filho? Segundo, se o Espírito é um ser distinto, ele é masculino, feminino, ou neutro? Terceiro, como uma entidade separada, o Espírito é igual, ou subordinado a Deus, o Pai, e a Cristo, o Filho?

Vejamos como surgiu a discussão sobre o gênero do Espírito. A palavra hebraica para espírito *(ruach)* é feminina, enquanto a palavra grega *(pneuma)* é neutra. Além disso, no Velho Testamento, a sabedoria de Deus *(Sophia)* é retratada como um espírito feminino (Provérbios, caps. 8 e 9). Finalmente, no Evangelho de João, o Espírito Santo que Jesus promete aos seus discípulos serve a função feminina de consolação e tranquilização dos cristãos, cuja fé está ameaçada pelo contínuo atraso da *Parusia* como também pela intensa perseguição.

Há claras evidências que alguns antigos cristãos acreditavam que o Espírito Santo era uma entidade feminina. *The Gospel of the Nazarenes,* utilizado pelos judeus-cristãos na era pós-apostólica, continha uma citação de Jesus na qual ele fala de "minha mãe, o Espírito Santo." *The Acts of Thomas,* um produto do anterior Sírio ou do Cristianismo Egípcio, inclui hinos ou orações litúrgicas de invocação ao Espírito Santo dirigidas para "a mãe compassiva… o Feminino que revela mistérios escondidos… e querida da compaixão do Altíssimo." No *Gospel of Mani,* encontramos uma doxologia trinitária, derivada de um antigo grupo cristão, que louva o poder do Pai, a bênção da Mãe e a bondade do Filho. [39]

Não obstante, a maioria dos cristãos pensa sobre o Espírito Santo como uma entidade masculina separada. O termo *Paráclito,* utilizado no Evangelho Joanino, significa "Confortador" e possui o gênero masculino. Além disso, a tradição Judaica era no todo extremamente orientada de forma masculina e hostil a todas as definições femininas da Divindade. Consequentemente, em Nicea e Calcedônia, os concílios ecumênicos afirmaram que Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo, eram distintos, contudo, iguais, consubstanciais e todos do mesmo sexo.

Na teologia da Unificação, o ponto principal é que o Espírito Santo não é uma entidade separada, um ser diferente de Deus, o Pai. O Espírito Santo simplesmente se refere à atividade redentora de Deus. Assim, no Gênesis o Espírito é definido como o sopro de Deus: O Senhor Deus soprou Seu Espírito em Adão, fazendo-o uma alma vivente. De forma semelhante, no Quarto Evangelho o Espírito é descrito como um vento que sopra de uma única direção para outra, indo e vindo à vontade. O termo comum do Novo Testamento *pneuma* significa simplesmente "ar" ou "vento," uma energia impessoal derivada a partir de Deus. Assim, a teologia da Unificação pensa sobre o Espírito Santo não como uma pessoa individual, mas ao invés, como um sinal da obra de Deus na história e Sua influência direta sobre a vida espiritual individual.

Entretanto, de acordo com o *Princípio Divino,* sendo que Deus possui polaridade, há um sentido no qual é legítimo se referir à atividade feminina do Espírito Santo. Porque o Espírito exerce funções maternas de consolar, nutrir e motivar indivíduos cristãos, ele serve como um espírito maternal. Como Macquarrie indica, o Espírito Santo introduz mais claramente um elemento feminino na doutrina sobre Deus. Quando o Espírito é descrito como pairando sobre as águas das profundezas (Gen. 1:2), como uma galinha arrumando seu ninho, para que Deus conceda o nascimento do mundo, isto sugere claramente o princípio feminino. [40] Ao mesmo tempo, como energia de Deus em funcionamento, o Espírito Santo manifesta qualidades masculinas. Para concluir, de diferentes maneiras, o Espírito de Deus aparece feminino, masculino e impessoal.

A teologia da Unificação também enfatiza a multiplicidade de espíritos afetando o nosso mundo e influenciando o destino humano. Além do espírito de Deus, o Pai, e o espírito de Jesus, existe uma multidão de espíritos ancestrais benevolentes e anjos que fazem contato com a terra e tentam orientar as vidas dos homens. Especialmente em um ponto crucial do programa providencial de Deus, todo o exército do céu desce para o nosso plano terreno a fim de realizar o plano de Deus. Esse é o motivo pelo qual os cristãos no Pentecostes de repente foram capazes de falar em línguas estrangeiras. Eles foram assistidos por espíritos desencarnados trabalhando para realizar o propósito providencial de Deus. Se então o Espírito Santo se refere ao trabalho do Deus transcendente na história e dentro da alma humana, essa atividade útil e providencial pode ser realizada por inúmeros mensageiros ancestrais ou angélicos, ao invés de estar limitada a um único agente. Como o próprio Deus, o Espírito é invisível e incorpóreo – uma luz brilhante ou um campo de energia magnética, por assim dizer. Portanto, quando o Espírito Santo precisa de uma forma definida, ele utiliza e trabalha por meio de um espírito humano desencarnado ou um anjo. Agora deve estar óbvio que o termo "Espírito Santo" tem sido utilizado de forma bastante solta para transmitir todos os tipos de obras feitas pelos espíritos.

---

39 Cf. antologia de W. Lewis *Witness to the Holy Spirit (1978).*
40 J. Macquaffie, *Principles of Christian Theology (1977), pp. 329-330.*

A Trindade

A formulação clássica do dogma trinitário foi criada pelos concílios ecumênicos do século IV e se tornou normativo para Católicos Romanos, Ortodoxos Orientais, Anglicanos, Luteranos e igrejas Reformadas. Esta afirmação do credo afirma:

Eu creio em um só Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador de céu e terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis; E no único Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Unigênito do Pai diante de todos os mundos, Luz da Luz; Deus de Deus, Gerado, não criado; da essência com o Pai, de quem todas as coisas foram feitas: Aquele que por nós homens e para nossa salvação desceu do céu, e foi encarnado do Espírito Santo e da Virgem Maria, e foi feito homem; E também foi crucificado por nós sob Pôncio Pilatos, sofreu e foi sepultado; E no terceiro dia Ele ressuscitou de acordo com as Escrituras; E ascendeu ao céu, e está sentado à direita do Pai; E Ele deve vir novamente com glória para julgar os vivos e os mortos, cujo reino não terá fim. E eu creio no Espírito Santo, o Senhor, e Doador de Amor que procede do Pai, que com o Pai e o Filho juntos é adorado e glorificado, de Quem falou os Profetas… [41]

Embora ainda amplamente utilizado nos serviços de adoração, este credo ecumênico tem sido repetidamente criticado em vários níveis. Primeiro, ele não é realmente bíblico porque ele vai além da fé do Novo Testamento e distorce os ensinamentos de Jesus centrados no reino. Segundo, ele representa uma amalgamação de crenças Judeo-Cristãs e a filosofia helênica do mundo antigo. Terceiro, ele sempre dividiu os cristãos ao invés de uni-los na devoção ao único Deus, único Senhor e única crença. Como resultado das controvérsias trinitarianas da idade patrística, a Igreja tem sido fragmentada em cristãos Atanasianos e Arianos, Nestorianos e Monofisistas, igrejas calcedonianas e não-caldedonianas.

O credo trinitário é bíblico? Norman Pittenger, um teólogo Anglicano em Cambridge, resume bastante a conclusão dos estudos bíblicos contemporâneos. A palavra "Trindade" (trias) não é encontrada no Novo Testamento e nunca foi utilizada por qualquer cristão até Teófilo de Antioquia (cerca de 180 D. C.). A única fórmula trinitariana nos Evangelhos Sinópticos (Mateus 28:19) não reivindica ser uma afirmação do Jesus histórico e representa um acréscimo feito pela igreja primitiva depois de sua morte. De forma semelhante, as muitas referências ao Pai, o Filho e o Espírito Santo no Quarto Evangelho não foram faladas por Jesus, mas demonstra a teologia pós-apostólica de seu autor. Paulo frequentemente fala sobre Jesus como o Filho de Deus e o enviado do Espírito Santo de Deus, e ao menos duas vezes utiliza fórmulas tríadicas (I Cor. 12:4-6, II Cor. 13:14), contudo, nenhuma destas afirma explicitamente o Trinitarismo desenvolvido dos credos ecumênicos, defende Pittenger. [42]

O que o Novo Testamento ensina em relação ao Pai, o Filho e o Espírito Santo? Ele afirma claramente a existência de um único Deus porque essa crença era central no Judaísmo. A seguir, o Novo Testamento afirma que Deus estava em Cristo, reconciliando o mundo com Ele mesmo. Não encontramos "o mito do Deus encarnado." O que a tradição mais antiga e autêntica do Novo Testamento afirma é que Jesus foi ungido agente de Deus cuja missão era inaugurar a era messiânica. Finalmente, embora Jesus foi crucificado, seus discípulos descobriram que através de contínua lealdade a ele, eles experimentavam a comunhão do Espírito Santo.

À luz das inadequações do credo do trinitarismo, por mais de cem anos os teólogos têm interpretado a doutrina trinitária clássica. O que significa acreditar em um Deus trino? Alguns diriam que Deus revelou Sua natureza e propósito de três maneiras. Ele se fez conhecido na criação e no processo da história. Ele se revela na mensagem, missão e ministério de Jesus Cristo. Ele continua a trabalhar ativamente para realizar Seu reino na terra. Dito de outro modo, se Deus manifestou Sua vontade na carreira messiânica de Jesus, Ele estava ativo antes de Jesus nascer e tem permanecido ativo desde a cruz.

Outra explicação da Trindade também é frequentemente proposta. O dogma da trindade explica a natureza interna da Divindade. Deus é uma tri-unidade na essência. Como Ele é três em um? Permita-me mencionar algumas visões trinitarianas contemporâneas. Barth ensinou que o único Deus possui três "modos de ser": Deus como criador, como reconciliador e como redentor. Macquarrie redefine a Trindade como "movimentos" dentro do mistério dinâmico e estável do Ser. O Pai é o Ser *primordial*, a fonte de tudo que Ele derrama na criação. O filho ou o Logos é Ser *expressivo*, o Deus revelado na multidão de formas e padrões das coisas existentes. E o Espírito Santo significa Ser *unitivo*, a atividade de Deus na manutenção, fortalecimento e restauração da unidade de toda a criação com Ele mesmo. [43] Ou ainda mais simples, como afirma o teólogo Anglicano H. E. W. Turner, a Trindade se refere a Deus sobre nós (o Pai), Deus conosco (o Filho) e Deus em nós (o Espírito Santo). [44]

Como a teologia da Unificação se compara ao trinitarismo antigo e moderno? Como eles, a teologia da Unificação reconhece a natureza trina de Deus como criador, redentor e inspirador. Como nossa exposição do princípio de criação demonstra, os Unificacionistas acreditam no Deus paternal que está acima de nós, conosco e em nós. Em uma seção anterior, o entendimento do *Princípio Divino* da missão messiânica de Jesus foi explicada. Também tratamos da natureza e obra so Espírito Santo.

Assim, concluíremos com um ensinamento distinto Unificacionista. Porque o *Princípio Divino* está especialmente preocupado com a restauração da soberania divina sobre a criação, enfatizamos a forma trinitariana pela qual o reino do céu será estabelecido sobre a terra. Se não houvesse nenhuma Queda, Adão e Eva teriam realizado o propósito de criação fundando uma família centrada em Deus. Então restauração pode ocorrer quando um relacionamento tríade de amor e respeito é estabelecido entre um novo Adão e uma nova Eva baseado em sua centralidade em Deus. No dar e receber com Deus e entre eles mesmos, eles fundarão uma família, se tornando verdadeiros pais e cumprindo as três bênçãos. Então Deus pode fornecer um padrão para as famílias subsequentes em uma base de quatro posições para criar Seu reino na terra.

---

41 Citado a partir de *Syrian Antiochian Orthodox Service Book (1960), p. 110.*
42 N. Pittenger, *The Divine Trinity (1977), pp. 21-22.*
43 J. Macquarrie, *Principles of Christian Theology (1977), pp. 190-210.*
44 H. E. W. Tumer, *Dictionary of Christian Theology (1969), p. 345.*

Escatologia e Teologia Moderna

A Consumação da História

Em 1960, estudiosos bíblicos e teólogos ficaram surpresos pelo pronunciamento do crítico do Novo Testamento Ernst Kdsemann que a apocalíptica era a mãe de toda teologia cristã.[1] Este anúncio produziu uma agitação de entusiasmo porque, se verdadeiro, isto significaria um ponto de mudança principal em nosso entendimento da fé cristã. O choque aumentou quando a teologia de Wolfhart Parmenberg obteve apoiadores, porque insistia que no conceito apocalíptico da história era a base tanto para[2] a fé cristã como o pensamento do homem moderno sobre o futuro. Kdsemann e Pannenberg geraram uma renascença apocalítica positiva entre os teólogos alemães mais jovens.

O que queremos dizer com apocalíptico? Ele vem a partir de uma palavra grega que significa simplesmente "revelação." Assim, o último livro no Novo Testamento é chamado de Livro de Revelação ou Apocalipse. Além disso, em um sentido restrito e técnico, a literatura apocalíptica se refere aos escritos Judeus e Cristãos que se assemelham ao Livro do Apocalipse no Novo Testamento. Um apocalipse contém revelações divinas secretas sobre o fim do mundo e a natureza do estado celestial. Em outras palavras, a literatura apocalítica retrata a consumação da história.

Entretanto, entre a escrita destes dois livros canônicos, judeus piedosos compuseram muitos pergaminhos apocalípticos que eram parte da preciosa literatura religiosa, mas nunca se tornaram parte da Bíblia hebraica. De forma semelhante, embora o movimento cristão também produziu uma grande quantidade de literatura apocalíptica, a maioria dela foi excluída da forma final do cânon do Novo Testamento.

Permita-me simplesmente listar os apocalipses que foram preservados no todo ou em parte:
Livro de Daniel
I Enoque (Etíope)
Livro de Noé
Livro dos Jubileus
Testamentos dos 12 Patriarcas
Oráculos de Sybilline (Judaico)
Salmos de Salomão
Livro de Zadok (Documento Damasceno)
Pergaminhos do Mar Morto
Comentários de Habacuque
Manual de Disciplina
Pergaminho da Batalha
Livro de Mistérios
Assunção de Moisés
II Enoque (eslavo)
Vida de Adão e Eva
IV Esdras (2º Esdras)
Apocalipse de Baruque
Ascensão de Isaías

Apocalipse de Abraão
Testamento de Abraão
Apocalipse Sinóptico (Marcos 13)
Livro de Revelação

Muitos estudiosos por conveniência limitam seu estudo sobre apocalíptico ao período desde os escritos de Daniel até o período da Revelação (século III A. C. 400 D. C.). Entretanto, devemos reconhecer que apocalipses continuam a ser escritos por cristãos na era sub-apostólica e a literatura apocalíptica ainda era amplamente difundida a despeito da forte oposição de bispos poderosos por vários séculos. Entre esses apocalipses cristãos estão:
O Didache (capítulo 16)
Pastor de Hermas
Apocalipse de Pedro
V e VI Esdras
Oráculos de Sybilline (Cristão)
Livro de Elchasai
Apocalipse de Sofonias
Apocalipse de Elias
Apocalipse de Zacarias
Apocalipse de João (3)
Apocalipse de Maria (2)
Apocalipse de Estevão
Apocalipse de Paulo
Apocalipse de Thomas [5]

É geralmente aceito que a literatura apocalíptica Judaica se originou como um protesto contra o programa de Helenização do governante selêucida Antíoco Epífanes (d. 164 A. C.). Como Alexandre o Grande, Antíoco acreditava que o mundo poderia ser unificado e pacificado na base do pensamento e cultura gregos. Muitos judeus de classe alta na Palestina não tinham dificuldade de se adaptar às maneiras gregas. Mesmo os sumo sacerdotes pertenciam ao partido Helenizador. [6]

Entretanto, os planos dos governantes irritaram os religiosos tradicionalistas e seu controle da Palestina foi oposto por fanáticos nacionalistas. Quando um ataque selêucida ao Egito foi frustrado, Antíoco virou sua fúria contra os judeus criadores de problemas. Ele proibiu a observância do sábado e o rito da circuncisão, ordenou que cópias da Torá fossem destruídas e converteu o templo Judeu em um santuário a Zeus. O livro de Daniel então foi escrito para confortar e inspirar a fé em um tempo de perseguição religiosa. Mais tarde, apocalipses judeus e cristãos, se originaram em situações semelhantes de opressão governamental. Como Daniel, estes livros posteriores foram projetados para evocar coragem e confiança no triunfo definitivo de Deus. [7]

A visão do mundo apocalíptica tem várias características principais. [8] Primeiro, Deus tem um propósito definitivo para a humanidade que é descrito no curso da história. Este plano divino pode ser explicado em termos de números sagrados como 4, 7, 12, 40, 70 ou 72. Assim, o curso ordenado da história é paralelo à regularidade da natureza com quatro estações do ano, sete dias da semana, doze signos do zodíaco, e setenta ou setenta e duas semanas de cinco dias no calendário antigo.

Segundo, a história como conhecemos culminará no nascimento de uma nova era completamente de paz, harmonia e proximidade com Deus. Em contraste com o que experimentamos agora, a idade que virá será um retorno ao jardim do Éden ou o advento do reino do céu na terra.

Terceiro, nossa história humana é mais do que um simples registro de mudanças políticas, econômicas e sociais. Somos participantes em uma colossal batalha de Deus e das hostes angélicas contra os exércitos sobrenaturais liderados por Satanás. A teologia apocalíptica tem uma angelologia e demonologia bem desenvolvidas porque a história é vista como interação entre nosso mundo e o mundo espiritual. De acordo com o esquema apocalíptico, a humanidade e toda a terra se tornaram subjugadas por Satanás e clamam a Deus por liberação. Consequentemente, ênfase deve ser colocada sobre a escravidão deste mundo ao pecado.

Quarto, o apocalipticismo proclama um evangelho de esperança. Deus não abandonará a criação. Ele intervirá dramaticamente na história para livrar o homem de Satanás e inaugurar uma era de glória messiânica. Existem várias visões divergentes sobre a natureza do libertador messiânico, mas total concordância que Deus finalmente triunfará sobre Sua oposição satânica. Não importa quão poderoso o mal possa parecer agora e a despeito de todos os desafios dos piedosos, o futuro verá o alvorecer do pleno reinado de Deus sobre a criação.

Quinto, todos os escritores apocalípticos afirmam que a consumação da história seguirá logo após um tempo de terrível perseguição religiosa, decadência moral e turbulência social. Assim, se tudo parece ruim, isso pode ser o prelúdio para o alvorecer da Nova Era. Calamidades políticas, morais e naturais servem como dores de parto da vinda do Messias.

Sexto, em contraste com grande parte do Velho Testamento, o apocalíptico é universal ao invés de nacionalista em sua orientação.[9] O vidente apocalíptico vê Deus manifestando Seu reino sobre todo o globo. A preocupação com Israel, mesmo que nunca ausente, está subordinada à preocupação com o destino da humanidade. O destino não separa Judeus de Gentios, mas os piedosos dos ímpios. O julgamento final será regido pelos padrões de justiça individual ao invés de nacionalidade ou raça.

Além dessas características fundamentais da visão de mundo apocalíptica, permita-me mencionar três aspectos negligenciados do movimento apocalíptico. Primeiro, ele não é pessimista, como é dito frequentemente, mas muito realista em sua estimativa do homem e da história.[10] Porque eles viam o mundo à luz da santidade de Deus, os apocalipticistas reconheciam a natureza decaída do homem, o curso do pecado original e o poder de Satanás. Mas eles acreditavam que o mal profundamente enraizado poderia ser erradicado e estavam confiantes que o melhor ainda estava por vir. Deus varrerá o mal e trará à fruição cada potencialidade para o bem. O apocalíptico é otimista porque está fundamentado no coração justo e amoroso do próprio Deus.

Segundo, a teologia apocalíptica foi grandemente influenciada pelos conceitos Zoroastrianos e imaginários derivados do contato judaico com a Pérsia. O apocalipticismo representa um avanço sobre o Judaísmo pré-exílio porque ele se beneficiou do diálogo criativo com uma fé profética estrangeira.

O estudioso contemporâneo do Novo Testamento Schmithals afirma que uma inconfundível proximidade da antiga teologia persa com o apocalíptico judaico: dualismo, universalismo e individualismo, ressurreição da morte, juízo final ardente e a vitória final escatológica de Deus sobre as forças sobrenaturais do mal. [11] Este processo do sincretismo Israelita-Iraniano demonstra como o Judaísmo se desenvolveu, por causa de sua abertura para a sabedoria religiosa além de suas próprias fronteiras.

Terceiro, a literatura apocalíptica sugere claramente que revelação nunca está limitada ao cânon sagrado, porque Deus pode e continua a revelar Suas formas misteriosas para o profeta e vidente. As revelações de Deus para "Daniel," "Enoque," "Ezdras," "Baruque," e outros videntes apocalípticos representam novas verdades divinas que não podem ser encontradas na Torá de Moisés. De forma semelhante, os profetas e profetizas apocalípticos cristãos reivindicam oferecer a verdade divina anteriormente desconhecida, mas agora revelada. Com efeito, o apocalíptico é um forte protesto contra a noção de um cânon fechado. Deus sempre pode revelar mais do que está depositado nos conteúdos de um precioso livro sagrado. Sem dúvida, este aspecto do apocalíptico explica porque esses escritos eram raramente favorecidos pelos guardiões da religião institucionalizada, tanto judaica como cristã.

Finalmente, é importante compreender que a piedade apocalíptica fornece a ponte necessária entre o Velho e o Novo Testamento. A esperança apocalíptica serviu como o fundamento religioso e ideológico para a pregação de João Batista, Jesus, os primeiros discípulos e as epístolas mais antigas de São Paulo. [12.]

---

1 Os livros apocalíticos mais comumente conhecidos são o livro de Daniel no Velho Testamento e o Apocalipse de São João no Novo Testamento. 1E. Kdsemann, *New Testament Questions of Today (1969), p. 102.*

2 Muito significantemente, o simpósio *Revelation as History* publicado por Parmenberg e seus amigos surgiu de um seminário teológico no outono de *1960.*

3 K. Koch, *The Rediscovery of Apocalyptic (1972), p. 14.*

4 Para os textos, ver R. H. Charles, *Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament. 2* volumes *(1913); G.* Vermes, *Dead Sea Scrolls in English (1962).*

5 U. Hennecke-Schneemelcher, *New Testament Apocrypha (1965), vol. 11.*

6 Cf. M. Hengel, *Judaism and Hellenism (1974).*

7 H. H. Rowley, *The Relevance of Apocalyptic (1963), pp. 13-53.*

8 W. Schmithals, *The Apocalyptic Movement (1975), pp. 13-49; Rowley, ibid., pp. 166-193.*

9 Schmithals, op. *cit., pp. 19-20.*

10 O'Rowley, op. cit., pp. 178-179.

11 Schmithals, op. cit., pp. 113-123.

12 cf. K. Koch, "The Agonized Attempt to Save Jesus from Apocalyptic," *The Rediscovery of Apocalyptic (1972), pp. 57-97.*

Teologia Apocalíptica e Moderna

Sendo que Jesus pregava as boas novas do reino que estava próximo, qual significado sua mensagem tem hoje? Vamos examinar brevemente cinco visões contrastantes do apocalipticismo de Jesus.

1. A mensagem escatológica de Jesus não é uma parte essencial de seus ensinamentos, alguns dizem. Mesmo se a visão de mundo apocalíptica fosse provada falsa, isto de nenhuma forma afeta o núcleo da fé cristã. Por exemplo, Harnack acreditava que a esperança escatológica obsoleta dos primeiros cristãos poderia ser descartada sem afetar a essência do Cristianismo. O que o erro apocalíptico tem a ver com a paternidade de Deus, o valor infinito de cada alma humana e a fraternidade do homem que era a mensagem real de Jesus? [13]

2. Os fundamentalistas sempre insistiram que uma pessoa deve acreditar como Jesus na vinda do Dia do Julgamento de Deus. Mas eles insistem que Jesus estava falando sobre um futuro segundo advento do Filho do Homem nas nuvens. Repetidamente na história da igreja os homens têm revivido este tipo de mensagem apocalíptica. A *Parusia* foi prevista para o ano 1.000, para 1.600, para 1.844 e 1.914, por exemplo. Assim, o que os neo-evangélicos fazem é aceitar as profecias do Novo Testamento dos Últimos Dias enquanto mudam o cronograma. Consequentemente, em anos recentes têm ocorrido inúmeros grupos que advertem sobre a aproximação sobrenatural de Cristo. [14] Entretanto, este reaparecimento do apocalipticismo tem se limitado, em grande parte, a grupos marginais na extremidade do Cristianismo principal.

3. Não obstante, dentro das igrejas estabelecidas desde a Primeira Guerra Mundial vários teólogos importantes têm insistido sobre a relevância da dimensão escatológica da fé bíblica. Karl Barth, por exemplo, no começo de sua carreira declarou que se o Cristianismo não é visto completamente através da escatologia, nossa pregação não tem nenhuma relação com Cristo. [15]

Entretanto, a definição de Barth sobre escatologia não deveria ser confundida com a visão Fundamentalista. A que se refere a escatologia? Ela indica a transcendência absoluta de Deus. Para os primeiros Barthianos, Deus é o Outro Completo: Deus está no céu e o homem está na terra. Há um abismo entre homem e Deus. Ele é completamente transcendente porque existe um abismo separando o Criador da criação, e o homem pecador do Deus Santo. Portanto, Barth interpretou escatologia como um lembrete da distinção infinitamente qualitativa entre o temporal e a eternidade. [16]

Barth utilizou esta definição de escatologia para atacar o liberalismo Protestante. Ele enfatizou a transcendência divina contra a ênfase liberal sobre a imanência de Deus. Sendo que Deus é o Outro Completo, Ele não é identificado com as experiências religiosas do homem ou seus programas de reformas sociais. Ainda mais importante, sendo que Deus é transcendente, não podemos alcançá-Lo utilizando a razão, mas devemos depender da revelação. Insistindo na natureza escatológica do Cristianismo, Barth sente que ele poderia restaurar a autoridade da Bíblia, corrigir o orgulho humano e reafirmar a soberania absoluta de Deus. [17]

4. Bultmanm também reconhecia a importância central da escatologia do Novo Testamento, mas tratou seu significado de forma muito diferente. Ele afirma que os ensinamentos apocalípticos de Jesus devem ser desmistificados pela tradução deles em uma linguagem do existencialismo. O que o Novo Testamento diz para nós como indivíduos? A escatologia aponta para a "auto compreensão" de todos.

Nosso mundo é transitório, por isso nos sentimos inevitavelmente inseguros em face do futuro. Todos somos ameaçados pelo fim do nosso mundo. Não há nenhuma maneira de se agarrar às nossas posses ou mesmo nossas vidas. Além de ser transitório, nosso mundo também está vazio porque os homens o transformaram em um lugar onde o pecado rege. Nos sentimos culpados por causa de nossas ações passadas defeituosas. O que Jesus queria dizer sobre o reino estar próximo? Somos humanos, o que implica que somos criaturas responsáveis. Estamos sobrecarregados com culpa e ansiedade porque somos livres para fazer ou prejudicar nossas vidas. Ao nos advertir sobre a vinda do reino, Jesus enfatizou a importância crucial do futuro. Ele nos chama a agir de forma responsável, para executar a vontade de Deus.

Por que o futuro é tão importante? Ele será o julgamento de Deus sobre nossa vida presente. Não obstante, Deus também defende a possibilidade de um amanhã melhor. O futuro nos oferece liberdade para sermos nós mesmos de uma forma mais autêntica. Assim, devemos olhar para frente com anseio e expectativa. Portanto, como dizia Bultmann, vamos estar prontos para o desconhecido. Vamos estar abertos para o futuro de Deus.

Deus nos chama da nossa vã segurança criada pelo homem. Não podemos preservar o passado. Assim, devemos responder ao desafio da bondade, verdade e amor. Nossa única segurança vem da confiança em Deus. Estaremos livres quando aceitamos nossa responsabilidade pessoal. Então o fiel sempre pergunta o que a palavra de Deus diz para ele em seu presente real. Cada "agora" é um momento de decisão, porque em cada "agora," o reino de Deus está à nossa disposição. [18]

5. Recentes teólogos da esperança têm criticado Bultmann por ser muito individualista. O Cristianismo é mais do que tomar decisão privada, eles defendem. Assim, o teólogo Católico alemão Johannes Baptist Metz realça as implicações sociais ou públicas da esperança escatológica. [19]

Na visão de Metz, quando Jesus proclamou a proximidade do reino de Deus, ele exortou os homens a se concentrarem no futuro. Deus é um Deus de promessa, dizem os estudiosos do Velho Testamento. Consequentemente, ser fiel à tradição bíblica é orientar nossas vidas na direção da futura promessa de Deus.

O apocalíptico é direcionado para o futuro. Ele também enfatiza que a realização do plano de Deus resultará em grandes mudanças históricas. O propósito de Deus para o futuro realizará completamente nossas potencialidades humanas no plano histórico. Portanto, a fé cristã deve ser centrada na esperança ou expectativa criativa. Deus não está simplesmente "acima de nós," mas "à frente de nós."

Uma teologia escatológica deve ser tanto criativa como militante. Ela congratula-se com o novo e não tenta preservar o passado. A fé apocalíptica sempre critica o *status quo* social.

Portanto, ela também é uma fé militante. Estudiosos estão equivocados ao pensar que a literatura apocalíptica hebraica ou cristã recomenda a espera passiva que Deus nos conceda o reino pronto. Somos trabalhadores chamados para construir o futuro. Os cristãos são desafiados a transformar o mundo no reino de Deus.

Finalmente, Metz ensina que o apocalíptico não deveria estar limitado à noção de salvação pessoal. Porque o futuro de Deus é o reino, o apocalíptico tem teologia apolítica. Como uma força liberadora e profética na sociedade, os cristãos devem se tornar engajados nestes esforços mundanos na direção da justiça universal e da paz internacional.

---

13 A. Hamack, *History of Dogma, vol. 1, p. 101* fala do apocalíptico como "uma má herança" que o Cristianismo recebeu dos judeus.

14 Ver, por exemplo, documentos lidos no Sétimo Congresso sobre Profecia em C. L. Feinberg, ed., *Jesus the King is Coming (1973).*

16 K. Barth, *Epistle to the Romans (1922), p. 314.* Ver sua explicação sobre *Church Dogmatics 11, vol. 1 (1958), pp. 631-638.*

17 Cf. K. Barth, *The Word of God and Word of Man (1928).*

18 R. Bultmann, *The Presence of Eternity (1962);* também sua *Theology of the New Testament (1955),* vol. 1, caps. iv e v.

19 J. B. Metz, *Theology of the World (1973* ed.).

Uma Teologia da História

Concordando com a herança judaico-cristã, a teologia da Unificação afirma que a história se move na direção de um objetivo positivo. De acordo com a Bíblia, Deus criou Adão e Eva para serem os Verdadeiros Pais da humanidade. Se eles tivessem continuado em comunhão com Deus e resistido à tentação de Lúcifer, seus descendentes teriam habitado no reino do céu ideal na terra, simbolizado no Gênesis pelo jardim do Éden. Portanto, o propósito de Deus para a humanidade é que cada indivíduo viva uma vida útil e alegre, e que todo o nosso mundo esteja preenchido com justiça, harmonia e paz.

A despeito de toda a tolice, injustiça e busca egoísta do prazer pelo homem, Deus ainda está determinado a realizar Seu propósito original de criação. Independente de nossos pecados, o amor de Deus permanece firme. Assim, Ele tem direcionado o curso da história a fim de restaurar o homem e a natureza ao seu estado original. [20]

A Bíblia registra o trabalho que Deus tem exercido para a redenção da humanidade. No Velho Testamento lemos como Deus escolheu e utilizou os patriarcas e profetas hebreus para estabelecer um fundamento para a era messiânica de justiça, piedade e paz para toda a humanidade. Como temos visto, a literatura apocalíptica judaica representa um grito de esperança que surge a partir de uma situação de desespero generalizado. Nesse espírito Jesus pregava o iminente advento do reino. No entanto, por causa da estreiteza religiosa e arrogância partidária, o Messias foi pregado na cruz. O plano de Deus para a restauração do homem tem sido prolongado até que a obra de Jesus possa ser trazida à conclusão em uma época futura. De acordo com o Novo Testamento, o propósito de Deus para a humanidade somente será realizado plenamente quando este mundo é transformado no reino do céu.

Entretanto, muitos Fundamentalistas insistem que a consumação da [21] história não pode ocorrer até que o mundo existente esteja completamente destruído.

Em outras palavras, eles insistem na interpretação literal das profecias apocalípticas nas Escrituras. Assim, nos Últimos Dias o sol escurecerá, a lua não dará mais claridade, as estrelas cairão do céu, e a terra será inteiramente consumida por fogo (Mateus 24:29, II Pedro 3: 10). De acordo com esta visão, Deus deve destruir nosso mundo para criar espaço para uma nova terra e novo céu onde Sua soberania será respeitada.

Entretanto, os fundamentalistas ignoram a natureza simbólica da literatura apocalíptica. Deveria ser muito óbvio para todos que esses escritos como Daniel e o Apocalipse não devem ser interpretados literalmente. Por exemplo, quando Daniel fala de um cabrito com um chifre proeminente entre seus olhos, ele não está falando sobre um animal, mas está simbolizando o império macedônio de Alexandre, o Grande (8:5, 21). Ou quando o Apocalipse descreve uma mulher vestida com o sol, com a lua sob seus pés e com uma coroa de doze estrelas em sua cabeça, não se espera que pensemos sobre uma pessoa de verdade (12:1). Para compreender a mensagem apocalíptica, deve-se entender que ela foi intencionalmente escrita em uma linguagem simbólica que deve ser decodificada. Assim, as expressões bíblicas sobre os Últimos Dias e o fim do mundo devem ser interpretadas com muito cuidado.

Explicar estes termos literalmente negaria a fé bíblica em um Deus de amor vitorioso. Se o céu e a terra devem ser destruídos, então o ideal de criação de Deus seria totalmente anulado. Se o propósito de Deus para esta terra nunca pode ser cumprido, Ele não pode ser realmente Todo-Poderoso. Para Deus ser forçado a explodir Sua criação significa que Ele foi imprudente ao ter formado este universo em primeiro lugar ou que o homem através de sua desobediência e pecado pode frustrar permanentemente o propósito de Deus. Nenhuma destas alternativas pode ser reconciliada com a doutrina cristã sobre Deus.

Quando Jesus se referiu ao fim do mundo, ele queria dizer o fim da soberania de Satanás. [22] Como o Messias, Jesus era esperado para inaugurar uma nova era para a humanidade, terminando o domínio satânico pelo cumprimento das Escrituras judaicas e trazendo um fim à Era do Velho Testamento. Porque isto não foi cumprido completamente por Jesus e seu ministério terreno, seus discípulos olharam em frente para o Segundo Advento no qual a regência de Deus seria manifestada em poder. Assim, no Novo Testamento, o fim do mundo é identificado com a Segunda Vinda de Cristo. Quando Cristo vem novamente, ele cumprirá tanto o Velho Testamento do Judaísmo como o Novo Testamento do Cristianismo com a nova revelação de Sua Palavra. O novo Cristo também subjugará Satanás e terminará com este mundo destruindo a soberania do mal e restaurando a soberania original de Deus de bondade.

Todos os apocalipses concordam que o Fim dos tempos será anunciado por sinais surpreendentes de deterioração moral, desintegração social e declínio religioso. Isto é, as fontes comuns de iluminação moral e espiritual não brilharão mais tão intensamente. Neste sentido simbólico, o sol escurecerá e a lua estará escondida atrás das nuvens.

Esta não é nossa condição atual? Se lemos corretamente os sinais dos tempos, já não estamos no fim de nossa era? Portanto, não deveríamos estar atentos para o retorno de Cristo e o nascimento da era messiânica há muito adiada?

Profetas apocalípticos sempre têm advertido que o Fim dos tempos incluiria o Juízo Final de Deus. O que eles querem dizer com a ideia do Juízo Final? De acordo com a teologia da Unificação, desde a queda de Adão, o mal esteve se expandindo agressivamente e o bem tem amplamente permanecido na defensiva. A fim de Deus cumprir Seu propósito de criação é necessário inverter este processo. Para inaugurar a Nova Era, o Messias deve assumir a ofensiva. Quando Deus obtém um ponto de apoio nesta terra para Seu reino, as forças da justiça serão capazes de alcançar domínio e o poder do mal começará a declinar.

No esquema apocalíptico, o Juízo Final marca o ponto de cruzamento quando o bem assume a ofensiva e as forças de Satanás começam a recuar. Assim, o Juízo Final representa um tempo quando o pastor separa as ovelhas das cabras e o agricultor separa o trigo do joio. Então, finalmente nesta separação crucial de bem e mal, o lado de Deus começará a travar uma guerra bem sucedida contra o principado satânico deste mundo.

Como o mal pode ser derrotado de forma permanente? Somente erradicando as raízes do mal na natureza humana. Somente pela remoção do pecado original do homem a partir de onde fluem todas as ações de iniquidade. Assim, a obra principal do Messias é destruir o pecado original, porque nesse ponto, Satanás tem firme controle sobre todos os homens.

Enquanto o Juízo Final progride, uma nova era gradualmente tomará o lugar da antiga. A restauração humana ocorrerá em dois estágios.

Primeiro, o coração do homem deve ser restaurado ao seu estado original – Agostinho observou que sob o curso de Adão, os homens decaídos são "incapazes de não pecar." Assim, somente pela erradicação do pecado seremos capazes de ser livres para fazer o bem e restabelecer comunhão amorosa com Deus. Segundo, porque o coração do homem é purificado, seu ambiente também será capaz de ser melhorado.

A teologia da Unificação difere bastante de três visões comuns. Primeiro, ela discorda daqueles cristãos que acreditam que o reino de Deus pode ser realizado na terra através somente de reformas sociais e aprimoramentos tecnológicos. Esta é a fraqueza fatal dos teólogos da libertação e ativistas sociais evangélicos. Não podemos inaugurar o reino simplesmente abolindo os armamentos nucleares, decretando legislações de direitos civis, criando uma economia socialista ou alguma outra reforma política externa. Até que o poder corruptor do pecado original seja superado, o homem não pode realizar o plano de Deus para a criação. Não transformamos um porco em uma pessoa transferindo-o de um chiqueiro para uma mansão. Restauração ou redenção deve se originar de dentro. Em segundo lugar, Unificacionistas discordam dos evangélicos conservadores que reivindicam que o pecado original é erradicado através do sacramento do batismo. Por um lado, não há nenhuma evidência que a Inglaterra em 1830 ou a Alemanha em 1910 ou a Itália em 1960, onde quase todas as crianças foram batizadas, se tornaram nações com uma ordem social justa. Por outro lado, São Paulo, que ostentou uma elevada opinião sobre o batismo, advertiu claramente aos cristãos batizados que eles ainda devem lutar com os poderes da iniquidade e ainda estão sujeitos a tentações mundanas.

Por causa destes fatos, Paulo olhava na direção de uma Segunda Vinda de Cristo quando Deus triunfaria completamente. Terceiro, a teologia da Unificação é contrária ao realismo profético de Niebuhr porque ele nega que a vontade de Deus nunca poderá ser plenamente realizada sob limitações temporais. Para ele, o reino permanece uma "possibilidade impossível," um ideal na direção do qual deveríamos nos esforçar para sempre sem jamais esperar alcançá-lo. Mas essa teoria enfraquece muito o impulso social da esperança cristã. Como Rosemary Ruether indica, o conceito de Niebuhr do reino destrói a esperança social. A maioria dos homens irá parar de se esforçar por um objetivo que eles acreditam estar além do alcance humano. Assim, o realismo de Niebuhr resulta em satisfação complacente com expectativas mínimas e apoia indiretamente o *status quo*. A menos que acreditemos na possibilidade de um reino na terra real, tendemos a perder a confiança em nossa capacidade de mudar nossa sociedade imperfeita. [23] Consequentemente, o pensamento de Unificação afirma a esperança cristã na realização do plano de Deus aqui e agora.

Em relação à consumação da história, é importante observar como o *Princípio Divino* vai além do ideal cristão convencional de perfeição individual. Para a teologia da Unificação, é necessário que o Messias forme uma base de quatro posições no nível familiar. A literatura apocalíptica tradicional mais antiga tem sido tão individualista ou então tão nacionalista. A anterior ignora a dimensão social do propósito definitivo de Deus. A posterior exagera no valor do individual e ainda é muito estreita quando restringe o interesse de Deus a uma única nação.

Os Unificacionistas evitam tais fraquezas ao enfatizar o significado crucial da família centrada de Deus. Além disso, ao estabelecer uma família aperfeiçoada, o Messias assegura a continuidade do reino de Deus. Como o indivíduo centrado em Deus pode perpetuar o estado aperfeiçoado além de seu próprio tempo de vida? A história está cheia de relatos de comunidades utópicas que desapareceram ou declinaram com a passagem de seus fundadores. Para a teologia da Unificação, a reivindicação de ter subjugado Satanás e erradicado o pecado original pode ser demonstrada quando indivíduos centrados em Deus se unem em famílias centradas em Deus para produzir filhos centrados em Deus. Isto é, a prova final da eficácia do Messias pode ser vista quando sua própria dedicação total a Deus é transmitida para futuras gerações. Finalmente, ao contrário da maioria das teologias apocalípticas da história, o *Princípio Divino* enfatiza os aspectos positivos do Fim dos tempos. Muitos apocalipses parecem ter sido projetados para assustar seus leitores. Mesmo intérpretes cristãos do Livro do Apocalipse geralmente tratam a consumação da história em termos de terríveis profecias de tristeza e desgraça. Em contraste, a teologia da Unificação olha para a era vindoura como um tempo de esperança cumprida e alegria intensa. Quais são então os presságios que nosso tempo está testemunhando do alvorecer da era messiânica? Deveríamos ser capazes de ver com nossos próprios olhos alguns sinais claros que Deus está agora realizando Seu propósito de criação.

Primeiro, o nosso é um período de intensa esperança espiritual. Concorrente com o declínio generalizado da religião convencional, grande número de pessoas está buscando uma experiência pessoal de comunhão com Deus e está esperando com mente aberta que Deus revele as novas verdades adequadas para o nosso tempo único.

Segundo, o nosso é um tempo ciente da necessidade desesperada por harmonia e unidade. De muitas formas diferentes, as pessoas modernas estão buscando a *détente* internacional, entendimento inter-religioso, amizade inter-racial, cooperação interdenominacional e partilhar intercultural. A despeito de conflitos maiores dentro e entre muitas nações, quase todos concordam que devemos aprender de alguma forma como resolver nossas diferenças de forma pacífica. [24]

Finalmente, com os surpreendentes avanços científicos e tecnológicos de nosso século, o homem é ao menos capaz de exercer controle efetivo sobre a natureza. A terceira promessa de Deus para Adão está se tornando realidade. O domínio do homem moderno sobre a criação está à vista. Podemos ter esperança em nosso tempo? Claro, desde que olhemos ao nosso redor com os olhos da fé. Tudo sobre nós são sinais indicando que a velha história alcançou sua consumação, e um novo dia está alvorecendo quando o princípio de criação providencial será cumprido. Embora a neve ainda cobre o solo e esteja frio, tudo que há é o sinal de um amarelo em flor para compreender que a primavera está próxima.

---

20 *Princípio Divino, pp. 195-203.*

21 Cf. C. L. Feinberg, ed., *Prophecy and the Seventies (1971); H.* Lindsey, *The Late Great Planet Earth (1970).*

22 *Princípio Divino, pp. 111-112.*

23 R. Ruether, *The Radical Kingdom (1970), p. 202.*

24 Cf. as conferências em 1974 de Terry em Yale dadas pelo educador Católico Theodore Hesburgh: *The Human Imperative.* Aqueles que trabalham por um novo homem e uma nova terra estão criando e redimindo a tempos, ele insiste. Portanto, os cristãos são inspirados a amar a Deus amando os homens e a edificar uma comunidade humana que possa também, pela graça de Deus, ser um reino de Deus (p. 11).

Deus Age na História

Teologia Católica da Reparação

A teologia Católica Romana da reparação de alguma forma se compara com a interpretação da teologia da Unificação da restituição através de indenização. Para os Católicos, a reparação transmite dois significados:

1) o ato de reparar o dano ao relacionamento original entre o homem e Deus e restaurar os homens para a amizade com seu Criador, e
2) compensação por qualquer injúria feita a outro humano ou Deus. Portanto, em teologia a reparação se refere a reparar insultos feitos a Deus por causa dos pecados dos homens.

Anselmo de Canterbury definiu o pecado como uma afronta à honra de Deus pela qual Ele demanda uma desculpa e explicação. Consequentemente, Anselmo interpretou redenção como esclarecimento do homem pelo insulto que Adão fez à autoridade legítima de Deus. Ao pecar, Adão e Eva traíram seu juramento de lealdade ao seu Criador.

A teologia Católica de reparação trata o pecado como uma injúria pessoal ou insulto a Deus. Ao pecar, o primeiro casal negou a seu Criador a lealdade e obediência absoluta que Ele merece. Assim, eles insultaram pessoalmente a majestade de Deus. Além disso, sendo que Adão e Eva representavam toda a humanidade, sua desobediência alienou todos os futuros homens de Deus. Como um descendente de Adão e Eva, todo ser humano está envolvido neste ato traiçoeiro e rebelde contra a soberania divina. No pecado de Adão todos pecamos, declararam os teólogos medievais.

Por causa do pecado, a humanidade está sujeita tanto à culpa como à punição pela injúria feita a Deus. A culpa separa o homem de Deus. A fim de remover a inimizade de Deus e aplacar Sua ira, o homem deve pagar compensação. Pecado é seguido por uma punição. Para obter perdão deve ser feita reparação. No Velho Testamento, descobre-se que uma íntima conexão existe entre pecado e retribuição (Num. 16:25-35, Salm. 78, Jer. 15:1-9). Como pecado é uma ofensa pessoal contra Deus, ele torna o homem Seu inimigo. Pecado pode matar a alma e entregar o pecador à escravidão satânica. Além disso, dizem os teólogos Católicos Romanos, o pecador incorre em dívida com Deus que deve ser paga.

Como o homem cancela sua dívida com Deus? Como ele muda de ser inimigo de Deus para ser Seu amigo? O Judaísmo no período do Velho Testamento indicou vários tipos de atos expiatórios como meio de reconciliação, tais como ofertas de sacrifícios, jejum, esmolas e formas de penitência. Durante o período Helênico, o martírio também era considerado especialmente de grande mérito como um ato expiatório.

Os cristãos assumiram estas ideias judaicas como forma para explicar como a morte de Jesus remove as barreiras entre homens e Deus. Cristo sofreu a ira de Deus no lugar e em nome dos pecadores, era dito. Ou para colocar de uma forma menos censurável, Cristo estava destinado a expiar pela Queda como resultado de seu amor, obediência e humildade ao submeter-se ao sofrimento da crucificação.

Como Cristo tirou os pecados do mundo? Invertendo o curso tomado por Adão. Enquanto Adão estava cheio de orgulho, Cristo se tornou a encarnação da humildade. Enquanto Adão foi desobediente aos comandos de Deus, Cristo permaneceu obediente mesmo na morte na cruz. Assim, Cristo reconciliou os homens a Deus invertendo o curso de Adão e exemplificando as virtudes do Servo Sofredor, nos dizem os Católicos.

O Novo Testamento ensina que todos os cristãos deveriam seguir o caminho de reparação tomado por Jesus. Ele é um exemplo a ser imitado. Ele aponta o caminho para a vida eterna. Isto implica que nós, como ele, somos chamados para remover o fardo de culpa causada pelo pecado, e restaurar todas as coisas à sua bondade original. Reparação por nossa parte, teólogos Católicos insistem, pode ser alcançada através da obediência aos mandamentos da Igreja como também os atos religiosos especiais de auto abnegação e ardente piedade. A interpretação do *Princípio Divino* de restauração através de indenização se torna de alguma forma esclarecido quando visto no contexto da antiga fé e prática cristã, embora existam algumas diferenças importantes. [1]

---

1 Baseado nos artigos "Reparation, duty of" e "Reparation, theology of" na New Catholic Encyclopedia.

Restauração Através de Indenização

Basicamente, a tradição Judeu-cristã é uma religião de redenção como também de revelação. Não somente queremos conhecer sobre a natureza de Deus, mas também devemos redirecionar nossas vidas atuais em conformidade com Sua vontade. "O que eu devo fazer ao ser salvo? Como uma pessoa pode ser renascida? Onde está o caminho que conduz para a vida abundante, aqui e na vida após a morte?" Estas são as questões fundamentais levantadas pelas Escrituras.

Para a teologia da Unificação, a história deve ser interpretada como o esforço persistente de Deus para restaurar o homem decaído para sua natureza original. A providência divina se refere à nossa recriação e restauração. Somos salvos quando, com a ajuda de Deus, somos capazes de nos separarmos de Satanás. Os homens se tornam redimidos através da liberação da escravidão do mal, são limpos do pecado original e crescem para a plena estatura de filhos e filhas de Deus.

Qual é nossa atual condição? Porque fomos criados por Deus, mantemos laços com nosso Criador, que nada é capaz de cortar isto completamente. Ao mesmo tempo, por causa da Queda, todos os homens se tornaram agentes conscientes ou inconscientes de Satanás. Para utilizar a linguagem colorida do *Princípio Divino,* Satanás entrou e se tornou parte de nosso próprio sangue. Assim, cada indivíduo se encontra colocado em uma posição de meio caminho entre Deus e Seu Adversário. Enquanto Deus está tentando constantemente nos puxar para cima, Satanás está também nos puxando vigorosamente para baixo. Portanto, nos encontramos em uma situação limítrofe entre a felicidade do paraíso e a agonia do inferno. Quando agimos moralmente, nos colocamos com Deus, e quando pecamos, sedimentamos nossa aliança com Satanás.

Como este estado desconfortável e insatisfatório pode ser alterado? O homem pode somente transformar esta condição através de indenização, ensina o *Princípio Divino*. [2] O que isto significa? No mundo secular, indenização se refere ao pagamento de uma dívida. Nos tornamos livres quando pagamos o que devemos. Ou para utilizar uma linguagem cristã tradicional, expiamos nossos pecados através de atos específicos de penitência. Portanto, por muitos séculos a Igreja desenvolveu um elaborado sistema penitencial pelo qual os homens decaídos poderiam se separar de Satanás e alcançar total reconciliação com Deus.

Baseado nos entendimentos derivados da Bíblia, o Cristianismo tem ensinado que poderíamos ser indenizados ou liberados do pecado de três maneiras. Primeiro, uma pessoa poderia expiar um pecado compensando por ele com alguma boa ação. O famoso *lex talionis* do Velho Testamento baseava-se neste princípio: para qualquer dano causado a outra pessoa, deve-se expiar olho por olho, dente por dente, ferida por ferida (Ex. 21:23 -25). Por exemplo, na maioria das sociedades antigas, se um homem é considerado culpado por assassinato, ele deveria perder a sua própria vida. Ou se ele vende mercadoria de má qualidade, ele deveria recompensar sua vítima com bens satisfatórios.

Uma segunda forma de indenização consiste no reembolso em um valor menor do que a quantia do débito original. No direito penal atual, um assassino não pode ser sentenciado à morte, mas ao invés é aprisionado por um longo período de tempo.

Ou no caso de endividamento financeiro, uma pessoa que empresta uma grande quantia que não pode pagar, pode ser ordenada pelo tribunal a liquidar seus ativos e pagar seus credores dez centavos por cada dólar que ele deve. Um arranjo semelhante tem frequentemente funcionado na religião. Por exemplo, muitos cristãos acreditam que o pecado original pode ser removido através do batismo e a fé na obra expiatória de Cristo.

Uma terceira exigência às vezes também é demandada. Podemos ter que pagar um preço mais elevado para remover os efeitos de nossos erros. Por exemplo, quando os hebreus enviaram espiões em Canaã por quarenta dias para ver se a entrada na Terra Prometida era possível, os relatos que eles trouxeram foram tão desencorajadores que ninguém se atreveu a seguir em frente como eles tinham originalmente planejado. Como resultado, sua falta de fé os forçou a atrasar a marcha para Canaã por quarenta anos (Num. 13-14). Tendo perdido uma oportunidade, podemos frequentemente pagar uma indenização muito maior, a fim de alcançar futuro sucesso. Pecados são acumulados uns sobre os outros tornando o caminho de restauração muito mais difícil. Como o provérbio nos adverte, "Um ponto no tempo economiza nove."

Como uma pessoa estabelece a condição adequada para uma indenização satisfatória? A única forma de apagar os efeitos secundários do pecado é inverter o curso que o homem tomou que causou a perversão de nosso estado original. Para utilizar a linguagem mística do Quarto Evangelho, devemos nascer de novo. Se o homem causou grande dor ao coração de Deus desobedecendo-o, se rebelando contra Ele, e corrompendo a natureza humana, ele somente pode reparar o dano através de disciplina penitente, obediência consciente à vontade divina e meticulosa restauração de sua natureza original como filho amoroso de Deus. Como Jesus ensinou em sua parábola, uma vez que o filho pródigo reconhece a loucura de seus caminhos, ele deve trabalhar seu caminho de volta para a casa de seu Pai.

Como os primeiros cristãos expiavam pela forma como Jesus foi rejeitado por eles mesmos, oposto por sua família, negado por seu discípulo principal e abandonado por seus companheiros mais próximos? A fim de que o movimento cristão superasse a tragédia da crucificação, era necessário que os membros da comunidade apostólica suportassem o escárnio popular, sofressem perseguição e até mesmo morressem em nome de sua fé. Como Jesus, os primeiros cristãos foram zombados, ridicularizados e odiados. Nada além do sangue de incontáveis mártires era suficiente para superar os obstáculos criados pela contínua lealdade a um Messias condenado e crucificado.

Quem pode erradicar as manchas na criação de Deus causadas pelo pecado? Deus pode simplesmente fechar os olhos para a desobediência, egoísmo e rebelião da humanidade? A honra de Deus pode ser restaurada meramente pela liberação de Sua ira sobre um substituto sofredor e inocente, como alguns teólogos parecem ensinar? Não se alguém acreditar na responsabilidade do homem e na natureza amorosa de Deus. Porque o homem falhou em assumir sua porção de responsabilidade original e caiu sob o domínio de Satanás, o homem deve se restaurar aos olhos de Deus cumprindo as obrigações implícitas de sua posição. Não há nenhuma forma, senão que vocês "trabalhem em sua própria salvação" (Fil. 2:12). O próprio homem deve estabelecer as condições que permitem Deus realizar Seu propósito de criação. Não estamos salvos, de acordo com Jesus, simplesmente dizendo, "Senhor, Senhor," mas fazendo a vontade de nosso Pai que está no céu (Mateus 7:21).

O conceito do *Princípio Divino* sobre indenização está enraizado no ensinamento Judeu-cristão de uma lei ética de causa e efeito. Colhemos o que semeamos. Como Jesus ensinou, uma pessoa não pode esperar colher figos de cactos. Uma pessoa deve edificar sua vida em bases sólidas, pois uma casa edificada na areia será arrastada pelas tempestades. No Hinduísmo e Budismo, um conceito semelhante de lei moral é chamado *karma*. Se alguém faz o mal, não há como escapar das consequências. De algum modo em algum momento ele deve pagar o pesado preço e restaurar seu estado adequado através da compensação de muitas ações boas.

Bonhoeffer logo reconheceu quão facilmente o conceito da Reforma Protestante sobre salvação pela graça pôde distorcer o *kerygma* do Novo Testamento. Consequentemente ele atacou a ampla confiança evangélica na "graça barata," graça sem custo, sem discipulado, sem total obediência à causa do reino. Que tipo de discipulado Jesus exigiu? Ele não exigiu uma confissão de crença nele mesmo, mas obediência à autoridade do reino. Jesus pediu para os homens o seguirem, para serem tão dedicados a Deus como ele era. Como Bonhoeffer formulou, discipulado significa que somente aquele que é obediente realmente acredita, e somente aquele que acredita é realmente obediente. Jesus declara: Primeiro obedecer, renunciar a seus apegos do mundo comum, abandonar os obstáculos separando você da Vontade de Deus. [4] Seguindo Bonhoeffer, teólogos insistiriam que ainda mais crucial do que ortodoxia [5] (doutrina certa) é ortopráxis (fazer certo).

Entretanto, alguns podem perguntar, a ênfase na ortopráxis não está ignorando o primado da graça divina? Se ressaltamos a porção de responsabilidade do homem, negligenciamos o papel supremo de Deus na salvação da humanidade? O *Princípio Divino* não é um novo Pelagianismo, um reavivamento da "justiça das obras"? [6] A teologia da Unificação, como os Puritanos do século XVII, entende a restauração em termos da parceria bíblica de Deus e o homem. Salvação pode ser alcançada somente em um relacionamento de aliança. Deus não pode redimir o homem sem a cooperação do homem, e o homem não pode ser restaurado ao seu estado original sem a ajuda constante de Deus.

Unificacionistas não minimizam o papel de Deus no processo de redenção. Para ver como isto funciona, vamos olhar novamente para o processo de restauração. O homem decaído se encontra sujeito ao domínio satânico. Satanás continuará seu domínio sobre nós até que paguemos total indenização para nossa liberdade. Esse é um lado do problema de salvação. Mas também devemos ser reconciliados com Deus. Neste ponto a situação é muito diferente. Não há realmente nenhuma forma que o homem possa expiar por ele mesmo pela intensa ingratidão que ele tem demonstrado em relação ao seu Criador. Entretanto, Deus espera pela reconciliação tanto quanto o homem, por isso Ele aceita graciosamente um reembolso simbólico por tudo que Ele sofreu. Se doamos a nós mesmos para Deus, embora tudo que temos cubra somente 5% do custo total da redenção, Deus contribui feliz pelos 95% restantes. Embora essas figuras sejam somente simbólicas, elas mostram que a teologia da Unificação reconhece o papel primário de Deus na restauração enquanto insiste na porção de responsabilidade do homem. De modo algum o *Princípio Divino* é um retorno ao Pelagianismo. Ao mesmo tempo, o Unificacionismo difere do Agostinianismo que afirma a salvação somente pela graça. Como a Ortodoxia do Oriente, ela acredita em sinergismo. Deus e o homem cooperam: Deus como o agente primário da redenção, o homem como um instrumento necessário, embora secundário.

2 *Princípio Divino, pp. 223-224.*
3 *Evangélico* na Europa geralmente se refere a Luteranos enquanto na América o termo se aplica a Protestantes da Reforma e Fundamentalistas da Batista ou Pietistas de fundamento Metodista. As críticas de Bonhoeffer estão direcionadas a todos os tipos de Evangélicos.
4 D. Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship (1963), pp. 69, 73.*
5 Por exemplo, J. B. Metz and Harvey Cox.
6 Paulo, Lutero e teólogos neo-ortodoxos têm sido particularmente hostis a qualquer noção de salvação por obras, porque isso implicaria que o homem pode salvar a si mesmo. Bonhoeffer e outros tentaram corrigir o extremo Paulinismo insistindo tanto na graça de Deus como na obediência do homem.

Pistas Bíblicas para a História de Restauração

Se a história tem um caráter intencional e registra os poderosos atos de Deus, existe alguma maneira que podemos entender como Deus exercerá Sua adequada soberania? Uma pessoa pode descobrir o plano de Deus para o futuro?

Muitas pessoas atualmente diriam que não há maneira de prever o que ocorrerá amanhã. Tudo está em fluxo. Nós criamos ou destruímos nosso próprio futuro porque somos dotados com livre arbítrio. Não há um plano definido, nenhuma direção segura para o curso dos eventos humanos.

Até os cristãos às vezes afirmam que o futuro é um mistério cujo segredo nenhum homem descobrirá. A história está nas mãos de Deus cuja providência é inescrutável. Como meros seres humanos podem presumir conhecer os segredos mais íntimos do Deus absolutamente transcendente? “Seus caminhos não são nossos caminhos e nem seus pensamentos são nossos pensamentos,” Barth costumava insistir, para provar a transcendência do Completamente Outro.

No entanto, os cristãos também fizeram duas outras afirmações. Primeiro, a tradição Judeu-cristã afirma que Deus tornou Sua vontade conhecida na história, e que a história é direcionada para um objetivo definido que Deus determinou desde o início. Segundo, tanto Jesus como os cristãos reivindicam que as Escrituras contêm revelações divinas: literalmente, um desvelamento do propósito de Deus para o homem e toda a criação. Se assim, então a Bíblia deve conter importantes dicas para o objetivo da história como também os meios de Deus para trazer sua realização. Sendo que Deus age na história e as Escrituras estão destinadas a revelar Seus planos de longo prazo, os cristãos não podem afirmar de forma lógica a total incompreensibilidade de Deus ou o completo ocultismo de Seu propósito definitivo. Por esta razão, a teologia da Unificação assume que a dica fundamental para a história de salvação pode ser descoberta através de uma interpretação inspirada da literatura bíblica.

Então quais são as regras para uma hermenêutica adequada da Bíblia? Como descobrimos a Palavra de Deus dentro das palavras da Bíblia, para utilizar uma terminologia neo-ortodoxa?

Para a teologia da Unificação, o relato de Adão e Eva é especialmente importante por entender a natureza e o destino humano. Uma vez que os capítulos do Gênesis são corretamente interpretados, pode-se entender a fonte da atual miséria do homem e sua glória futura.

Como Deus esperava que Adão executasse seu papel na criação? De acordo com a Bíblia, *Yahweh* pretendia que o primeiro casal desfrutasse para sempre a bem-aventurança do Éden estabelecendo um fundamento de fé e um fundamento de substância. Através da fé interna em Deus e da concreta obediência externa à vontade divina, Adão e Eva poderiam ter crescido em sabedoria e estatura, em benefício de Deus e um do outro. Sobre este fundamento interno e externo, o primeiro casal humano poderia ter criado uma base de quatro posições, tornando possível uma família centrada em Deus em um mundo centrado em Deus. Com a realização do propósito original de criação, a vontade de Deus então seria realizada na terra e no céu.

No núcleo da teologia messiânica tanto do Velho como do Novo Testamento está a convicção que o objetivo definitivo da criação pode e deve ser alcançado através de uma parceria restaurada entre Deus e o homem. Deus será capaz de inaugurar a Nova Era uma vez que o homem estabeleça os fundamentos de fé e de substância. Estes representam os pré-requisitos fundamentais para o advento da era messiânica em seu pleno esplendor. Assim, a partir do exato momento da queda de Adão, Deus esteve agindo na história para encontrar uma maneira para garantir ao homem as três bênçãos prometidas originalmente para Adão. As Escrituras devem ser estudadas a partir desta perspectiva. Sua mensagem principal se refere aos meios pelos quais o homem decaído pode ser restaurado a fim de que a alegria de Deus possa ser completa.

Depois de contar a história de Adão e Eva, o Gênesis relata o desastroso conflito entre seus dois filhos. Aqui também o *Princípio Divino* vê uma importante lição histórica. Embora a luta mortal entre Caim, o primogênito de Adão, e Abel, seu segundo filho, possa ter vários níveis de significado simbólico – por exemplo, a animosidade natural entre o pastor nômade e o agricultor estabelecido – seu propósito principal é demonstrar como a inimizade entre irmãos pode frustrar o objetivo divino para a criação. Na tradição Judeu-cristã, Caim há muito simboliza a hostilidade do homem decaído em relação a Deus e o ódio destrutivo dos outros. Abel, em contraste, é frequentemente considerado como um ser sofredor de Deus e mártir pela causa da justiça.

A teologia da Unificação segue junto com esta visão comum, contudo, descobre implicações mais profundas para essa história. Se Abel se coloca com Deus, e Caim se torna a ferramenta voluntária de Satanás, como será possível para uma humanidade dividida estabelecer o reino de Deus? Como Abel pode superar a animosidade de seu irmão e se tornar um servo efetivo de Deus? Caim utilizou a violência para obter o que ele queria, somente para descobrir que seu ódio tinha o alienado de Deus e de todos os homens. A tarefa de Abel era conquistar seu irmão com amor. Quanto a Caim, ele se sentiu rejeitado, alienado de Deus e ressentido com seu irmão mais jovem. Por causa do orgulho ferido e inveja, ele explodiu com raiva e matou Abel. O que Caim deveria ter feito? A despeito de seu orgulho ferido, ressentimento e amargura, Caim deveria ter superado isto em serviço devotado ao seu irmão e a Deus. Ao realizar suas porções específicas de responsabilidade, Caim e Abel poderiam ter reparado o dano causado por seus pais decaídos, poderiam ser reconciliados com seu Criador, e fornecido a Deus uma oportunidade para cumprir Seu ideal para a criação.

Ao longo da história, uma luta continua entre Caim e Abel. Esta rivalidade destrutiva ocorre em todo nível – individual, familiar, nacional e global – como uma manifestação da luta cósmica entre Deus e Satanás. Contudo, a única forma de Deus triunfar sobre Sua oposição é encontrar alguém que possa subjugar efetivamente o poder do mal através de serviço, humildade e amor. A tragédia de Abel se reflete na situação humana universal, porque ele falhou em demonstrar o poder triunfante do amor altruísta. Como a vontade de Deus será feita até que alguém possa nos demonstrar a forma para superar a desumanidade do homem com o homem?

Como as Escrituras explicam o método de Deus para restaurar a humanidade? Qual é o plano bíblico de salvação? O primeiro passo de Deus é localizar um personagem central através de quem Ele pode manifestar Sua vontade e exercer Sua soberania. Depois da queda de Adão, Deus busca por alguém na família de Adão. Mas mesmo a morte de Abel não o desencorajou.

Como o Velho Testamento relata, Deus se volta para Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, e finalmente Jesus, para torná-los os agentes de Sua vontade de redenção.

Assim, vemos que Deus opera através de personagens centrais a fim de realizar Sua vontade. Essa é uma das mais importantes lições das Escrituras. A Bíblia registra quão energicamente e persistentemente Deus age na história para encarnar Sua vontade nos níveis individual, familiar, tribal, nacional e global. Desde o tempo de Adão até nosso tempo, Deus esteve trabalhando para trazer harmonia entre terra e céu. Assim, o *Princípio Divino* interpreta o programa de restauração como um retorno ao princípio de criação original de Deus.

Uma segunda regra que governa o método de Deus de salvação é frequentemente esquecida nestes tempos, embora seja claramente reconhecido por alguns dos padres da igreja e muitos comentaristas rabínicos. Se alguém lê a Bíblia cuidadosamente, então notará como determinados números são repetidos várias vezes na história de salvação Judeu-cristã. Alguns destes números místicos são 3, 4, 7, 10, 12, 40, 70, 120 e 400.

Permita-me dar alguns exemplos. Adão teve 3 filhos (Caim, Abel e Set), Noé teve 3 filhos (Sem, Cam e Jafet) e Jesus teve 3 discípulos principais (Pedro, Tiago e João). Jacó teve 12 filhos, Moisés une as 12 tribos e Jesus escolhe 12 apóstolos. A duração do dilúvio no tempo de Noé foi de 40 dias, os hebreus passaram 40 anos no deserto e Jesus é tentado pelo Diabo por 40 dias. Há 70 membros na família de Jacó, Moisés indica 70 anciãos e Jesus envia 70 discípulos para proclamar a vinda do reino. Estes números podem ser apenas acidentais? Ou eles são a forma como Deus opera na restauração da humanidade? O *Princípio Divino* conclui que um estudo detalhado da repetição dos números na Bíblia revela as condições necessárias que devem ser cumpridas para Deus liberar o homem da escravidão satânica.

Se certos números místicos são importantes na descoberta do plano de salvação das Escrituras, eles também sugerem que Deus trabalha em estágios para trazer o Seu reino. Como há três estágios de formação, crescimento e aperfeiçoamento no mundo da natureza, assim a história pode ser dividida de forma semelhante em uma Era do Velho Testamento, uma Era do Novo Testamento e a vinda de uma Era Messiânica, ou seja, a história segue um padrão mais ou menos definido. Esta é a terceira importante lição ensinada pelas Escrituras.

Para os fiéis judeus, o núcleo das Escrituras é a Torá: a Lei revelada por Deus a fim de que os homens encontrem felicidade duradoura através da obediência aos mandamentos divinos. Cristãos geralmente olham para o Velho Testamento de forma muito diferente. Para eles, a história de salvação Judaica é de significado duradouro principalmente porque demonstra como Deus preparou Israel para o advento do Messias. Portanto, os cristãos tradicionalmente têm dado mais atenção para uma interpretação messiânica dos antigos escritos sagrados hebreus. Este também é o método seguido pelo *Princípio Divino.*

Desde meados do século XIX, um terceiro tipo de exegese tem muitas vezes suplantado ambos os métodos mais antigos. Ao invés de olhar para as Escrituras de forma teológica, a maioria dos estudiosos tentou entendê-las de forma histórica. Tão útil como o método histórico – o crítico pode ser ao ver as várias partes da Bíblia no contexto de sua base social, política e intelectual – tende a ignorar o valor dos textos sagrados.

Mesmo depois de se ver uma passagem bíblica à luz de seu ambiente cultural, a questão ainda deve ser levantada: Qual é a Palavra de Deus para o nosso tempo?

A partir do ponto de vista da teologia da Unificação, o propósito principal do Velho Testamento é demonstrar como Deus e o homem cooperam para restaurar o mundo decaído através do pagamento de indenização. Depois de Adão, cinco heróis do Velho Testamento provaram ser os personagens centrais no curso providencial de restauração: Noé, Abraão, Isaque, Jacó e Moisés. Por causa da intensa fé e determinação destes homens, Deus foi capaz de começar a reparar o dano causado pela Queda.

Qual foi a contribuição específica feita para a restauração por cada um destes personagens centrais? O *Princípio Divino* trata sobre a forma como eles serviram como [7] instrumentos de Deus em detalhe considerável. Para nossos propósitos, é somente necessário resumir suas realizações. Por causa de sua fé em Deus e sua determinação em obedecer o mandamento de edificar a arca, a despeito de dificuldades insuperáveis, Noé foi capaz de estabelecer um fundamento de fé no nível individual. Seguindo o mesmo curso de indenização, Abraão, Isaque e Jacó tiveram sucesso no estabelecimento de um fundamento de restauração no nível familiar. Finalmente, com o mesmo tipo de zelo em arrancar as tribos hebraicas da escravidão satânica, Moisés foi capaz de estender a base para a restauração ao nível nacional. De acordo com a teologia da Unificação, estas realizações são as características mais importantes da vida e pensamento religioso do Velho Testamento, para estes cinco personagens centrais prepararem o caminho para a missão de Jesus restaurar o homem no nível mundial.

Além das realizações de Noé, dos três patriarcas hebreus e Moisés, pode-se reconhecer várias leis básicas que operam no processo de redenção: 1) Deus está determinado a restaurar Sua soberania sobre a criação e completar Seu propósito original. 2) Ao homem é dado sua própria porção de responsabilidade que ele deve conduzir. 3) Quanto Deus é capaz de cumprir depende da extensão a qual o homem faz a sua parte. 4) Quanto maior a missão dada para uma figura central, mais difíceis as tentações que ela deve suportar. 5) Quando uma figura central fracassa, seu sucessor deve indenizar todo o curso anteriormente assumido antes de seguir em frente para continuar o processo de restauração. 6) A fim de realizar o propósito de criação, o homem deve estar preparado para resistir às ciladas de Satanás.

Como muitos estudiosos bíblicos têm indicado, este entendimento judaico sobre a história assume que o curso de eventos humanos corresponde a um padrão definido. Aprendendo as lições do passado, podemos ter alguma ideia do que ocorrerá no futuro. As ações de Deus nunca são irracionais ou arbitrárias, mas ao invés, revelam um plano, declaram as Escrituras.

Isto significa que o padrão geral de restauração na Era do Velho Testamento será repetido até um grau definido na Era do Novo Testamento inaugurada pelo advento de Jesus Cristo. Se estudamos detalhadamente a forma que Deus e o homem trabalham juntos para tornar o mundo pronto para a chegada de Jesus, podemos ver como Deus tem continuado a preparar para a Era Messiânica até o tempo presente.

Quais são os méritos especiais desta visão do *Princípio Divino*? Primeiro de tudo, ela reafirma de uma forma impressionante o valor e autoridade da revelação bíblica.

Em segundo lugar, a teologia da Unificação utiliza a fé bíblica que Deus age na história como uma dica para o caráter redentor de toda a história. Terceiro, ao fazer isso, ela corrige as inadequações da noção padrão Protestante que de alguma forma Deus cessou de falar e agir logo que as Escrituras foram escritas. Enquanto reconhece a autoridade revelatória das Escrituras, a teologia da Unificação aplica a mensagem bíblica para explicar a continuidade da atividade de redenção de Deus no mundo contemporâneo.

Qual foi o curso de restauração através de indenização que preparou o fundamento necessário para a missão de Jesus?
1. Quatro séculos de escravidão egípcia
2. Idade dos Juízes Hebreus
3. A monarquia hebraica unida
4. Os reinos divididos de Israel e Judá
5. O cativeiro babilônico e o retorno do exílio
6. Quatro séculos de preparação para o aparecimento do Messias.

De acordo com o *Princípio Divino,* a atividade redentora de Deus, e o homem trabalhando junto desde a morte de Jesus na cruz assumiu um curso paralelo de restauração através de indenização. Se isto é verdadeiro, então nosso próprio tempo é um momento se promessa sem precedentes.

---

7 *Divine Principle, pp. 239-342.*

Uma Visão Bíblica da História Cristã

De acordo com a visão mundial profética do Velho Testamento, Deus formata os eventos históricos em conformidade com Seu plano pré-determinado. Porque o povo escolhido de Israel acreditava que *Yahweh* afirma Sua majestade na história, eles foram impulsionados adiante por um senso de destino. Os hebreus consideravam suas ações como uma resposta à aliança de Deus, por isso eles estavam confiantes que algum dia o reino de Deus se tornaria uma realidade viva. [8]

O que a teologia da Unificação faz é utilizar esta estrutura bíblica de história de salvação para explicar o padrão de avanço do Cristianismo. Embora esse método pareça bastante natural à luz da fé bíblica, o *Princípio Divino* realmente representa uma abordagem bastante inovadora. Onde antes se fez um esforço tão consistente para comparar o padrão de história de salvação do Velho Testamento com os eventos da era cristã posterior?

Os teólogos da libertação enfatizam a importância do fato que Moisés libertou as tribos hebraicas dos quatro séculos de escravidão egípcia. A fé do Velho Testamento está baseada em duas experiências: escravidão e liberdade. No tempo do Novo Testamento, o Evangelho de Mateus compara Jesus a Moisés: a missão de Jesus era libertar o homem do cativeiro satânico e seus ensinamentos forneciam uma nova Torá para o segundo Israel. Portanto, deveríamos olhar para algum tipo de paralelo entre os quatro séculos no Egito e o primeiro período da história cristã.

Que evidência existe para demonstrar que o Cristianismo antigo se assemelha ao período de escravidão no Egito? Em ambos os casos, os fiéis enfrentaram oposição de um poder secular dominante. Como os hebreus foram subjugados por um Faraó cruel, os cristãos foram severamente perseguidos por alguns Césares romanos. Somente quando Constantino se tornou imperador no século IV, a fé em Jesus Cristo foi tolerada como uma das religiões legítimas do mundo romano. Assim, os dois períodos ilustram a lei bíblica de restauração através do pagamento de indenização.

Os primeiros quatro séculos do Cristianismo fizeram uma marca permanente em seu futuro. Dentro desse período, o então movimento cristão fluído assumiu uma forma estrutural sólida. Como a Igreja triunfou sobre seus inimigos? Enfatizando a importância da unidade. Somente um Cristianismo unido poderia sobreviver em um mundo hostil. Assim, a Igreja gradualmente criou um cânon do Novo Testamento, um credo básico e um clero com autoridade.

Talvez igualmente importante a longo prazo fosse a primeira filosofia cristã sobre história elaborada pelo bispo norte-africano Agostinho. Por que sua Cidade de Deus foi tão influente? Primeiro, porque era baseada na condição decaída do homem e na determinação de Deus de restaurar Sua criação. Segundo, porque considerava a história como uma luta entre a cidade dominada pelo mal deste mundo e a Cidade ideal de Deus. Terceiro, porque Agostinho ressuscitou as esperanças dos homens em um tempo de desastre político e desespero espiritual causados pelas conquistas bárbaras da cidade de Roma. E quarto, porque a Cidade de Deus lembrava os cristãos de suas responsabilidades práticas na realização do projeto original de Deus para a criação.

Uma vez que as tribos hebraicas entraram na Terra Prometida, teve início uma longa era dos Juízes que terminou com Samuel. O Velho Testamento descreve este segundo período como um tempo de turbulência. Um momento semelhante de problemas ocorreu aos cristãos por volta de 400 a 800 D. C.

A nova Roma cristã estabelecida em Constantinopla estava cercada por inúmeros inimigos. Externamente ela foi enfraquecida onda após onda de invasores bárbaros. Pior, os muçulmanos varreram o Oriente Médio e o Norte da África, ocuparam a Espanha e penetraram na França. Durante algum tempo, deve ter parecido improvável que o Cristianismo pudesse sobreviver. [9] Como o povo de Israel tinha sido duramente pressionado pelos filisteus no período dos Juízes, o novo Israel sofreu terrivelmente com o desmembramento do Império Romano.

Tanto internamente quanto externamente a Igreja enfrentou sérios problemas. Logo depois que Constantino favoreceu o Cristianismo, era natural que algumas cidades imperiais chaves se tornassem os centros principais do poder eclesiástico.

Os bispos de Constantinopla, Alexandria, Antioquia, Jerusalém e Roma, chamados patriarcas, sentiram inveja uns dos outros e muitas vezes se envolviam em lutas constantes pela primazia. "Cada homem fez o que era certo aos seus próprios olhos" para citar o livro de Juízes (21:25). Esta trágica falta de unidade assumiu três formas destrutivas: disputas entre os cinco patriarcas, antagonismo entre os imperadores cristãos e clérigos proeminentes, e cismas causados pelas tentativas de reforçar a uniformidade teológica. Repetidamente a comunidade cristã foi dividida, como os arianos discutindo com os defensores do credo de Niceia, semi-Nestorianos brigando com semi-Monofisistas, e bispos de Roma tirando vantagem de toda oportunidade de enfraquecer os patriarcados rivais de Constantinopla e Alexandria.

A partir das condições caóticas na Idade dos Juízes de Israel, a monarquia hebraica nasceu. De uma maneira um tanto semelhante, quando a maior parte do mundo cristão estava controlada por muçulmanos ou bárbaros, Carlos Magno apareceu na Europa Ocidental como o campeão da ortodoxia e unidade política.

O *Princípio Divino* afirma que Carlos Magno desempenhou um papel fundamental no curso de restauração de Deus. Por que sua obra foi tão importante? Seu avô, Carlos Martel, parou os invasores muçulmanos da França e os forçou a recuarem para a Espanha. Em 771 D. C. Carlos Magno se tornou o único governante do reino Franco. No dia de natal de 800 ele foi coroado na basílica de São Pedro pelo Papa Leão III como o Sacro Imperador Romano. Durante um longo reinado, Carlos Magno regeu sobre uma vasta área cobrindo a França, Bélgica, Países Baixos, a maior parte da Alemanha Oriental, Áustria e Tchecoslováquia, Suíça e Itália nordeste e central, como também partes da Hungria e Iugoslávia. Portanto, Carlos Magno criou o ideal de uma Europa unida. [10]

Seu reino também marca uma mudança importante na história cristã. Antes do seu reinado, o centro da vida e pensamento da igreja estava localizado no Império Romano oriental. A partir de então até 1914 a maioria dos eventos mais importantes na história cristã ocorreria na Europa Ocidental.

Carlos Magno assumiu conscientemente sobre si mesmo as responsabilidades de um monarca cristão e defensor da fé. Ele pensava sobre si mesmo como um segundo Rei Davi, e é desta forma que ele é visto pelo *Princípio Divino.* Para este objetivo, ele protegeu o papa, assumiu um interesse ativo em assuntos teológicos, apoiou os melhores clérigos de seu tempo e estimulou uma renascença cultural na Europa cristã.

Infelizmente, assim como a monarquia unida hebraica começou a desmoronar logo após a morte de Davi, as realizações de Carlos Magno não foram preservadas por seus sucessores. A despeito dos valentes esforços de Carlos Magno, o Sacro Império Romano não pôde fornecer um fundamento seguro para o ideal da Cidade de Deus de Agostinho.

Depois do reinado de Salomão, as dez tribos no norte se rebelaram contra Jerusalém e estabeleceram um reino rival. Esta divisão enfraqueceu gravemente os hebreus tanto religiosamente quanto politicamente. Comparável aos quatrocentos anos de conflito entre os reinos de Israel e Judá, a Europa cristã sofreu cerca de quatro séculos de turbulências políticas e brigas religiosas.

Quais eram as principais características do período a partir do ano 1000 até 1500? Primeiro, em 1054 o papa Romano excomungou o patriarca ecumênico em Constantinopla, causando uma separação entre a Ortodoxia Oriental e o Catolicismo que tem persistido até hoje. Em segundo lugar, houve repetidas lutas entre os poderosos papas e ambiciosos monarcas europeus. Terceiro, a igreja ocidental se tornou infectada com avareza, orgulho e mundanismo a despeito dos monges e místicos da Idade Média cuja piedade e devoção eram tão exemplares. Finalmente, um espírito nacionalista se espalhou por toda a Europa, o que ameaçou destruir a unidade que a Cristandade uma vez tinha fornecido.

Os profetas do Velho Testamento advertiam que se o povo de Israel não se reformasse, a nação estava condenada. Suas profecias foram cumpridas quando o reino do norte foi destruído pelos assírios e o reino do sul mais tarde foi levado para o exílio babilônico. Desastres comparáveis atravessaram a corrupta Igreja Católica e o povo cristão da Europa. Por um lado, o papado falhou miseravelmente em suas grandes cruzadas para recuperar a Terra Santa. A despeito de algumas derrotas iniciais, os muçulmanos foram capazes de solidificar sua posição sobre o Oriente Médio e ampliaram seu caminho para a Europa Oriental até que eles sitiaram a cidade de Viena. Quando Constantinopla caiu para os turcos Otomanos em 1453, todos os quatro antigos patriarcas da Ortodoxia Oriental se tornaram sujeitos a governos não cristãos.

Em segundo lugar, a estrutura eclesiástica do período medieval tinha se tornado obsoleta. O poderoso papado criado por Gregório VII (1073 até 1085) e Inocente III (1198 até 1216) precisava de grandes reparos. Sendo que a igreja tinha frequentemente e de forma tola se envolvido em política, no início do século XIV a corte papal se mudou de Roma para Avignon a fim de ser protegida pelo Rei Francês. Um século mais tarde os próprios Católicos se encontravam com três papas ao mesmo tempo: um papa em Roma, outro em Avignon e um terceiro eleito por cardeais reformistas em Pisa. Que tragédia de erros! Provavelmente ainda mais perigoso do que o avanço dos exércitos islâmicos e a escandalosa desunião entre os líderes da igreja, a nova era estava permeada com o espírito do secularismo.

Vivemos neste mundo e nosso principal objetivo é desfrutar de suas satisfações, dizem os homens. Embora a Renascença não fosse abertamente anticristã, ela assinalou a passagem do ideal medieval. A vida não era mais vista como uma peregrinação para o céu. Os homens da Renascença acreditavam que um Deus bom criou a terra para ser desfrutada ao máximo. A partir do ponto de vista da Igreja, o declínio da Idade Média deve ter sido tão traumático quanto o exílio babilônico tinha sido para os antigos hebreus.

---

8 Cf. o estudo de J. L. Crenshaw do estudioso do Velho Testamento *Gerhard von Rad (1978), p. 158.*
9 Cf. K. S. Latourette, *Thousand Years of Uncertainty (1970), pp. 286-288.*
10 Cf. H. Fichtenau, *The Carolingian Empire (1964);* Einhard, *Life of Charlemagne (1960); A.* Cabaniss, *Charlemagne (1972).*

Idade da Ideologia

Sendo que a era cristã repete o padrão essencial da história de salvação do Velho Testamento, deve haver algum significado especial para estes últimos quatro séculos da era moderna. Nosso tempo apenas retrata o esgotamento espiritual da civilização ocidental, sua ruptura moral e o eclipse de sua consciência, como pensa o rabino Berkovits? [11] Ou é possível que todo o mundo esteja se movendo na direção de uma nova era de esperança, como predisse Moltmann? De acordo com o *Princípio Divino,* devemos examinar as implicações messiânicas de nosso tempo. Se parece que o homem contemporâneo habita no deserto, isso pode estar no caminho da terra da promessa, como os hebreus descobriram.

Anteriormente mencionamos como a história produz regularmente movimentos gêmeos de alguma forma comparáveis com os filhos de Adão, Caim e Abel. Isso significa que a história opera em termos de uma lei básica de polaridade. Portanto, a época moderna dá nascimento a uma série de várias tendências relacionadas, contudo, contrastantes:
a) A Renascença e a Reforma Religiosa
b) O Iluminismo e o Pietismo
c) As Revoluções Anglo-Americana e Francesa
d) Industrialismo e Idealismo Social
e) Nacionalismo e Imperialismo

Ao comparar estes movimentos paralelos aos aspectos bíblicos, devemos ser muito cuidadosos ao não contrastá-los tão bruscamente. Como Deus pretendia utilizar ambos os filhos de Adão e queria que eles trabalhassem juntos como irmãos para o benefício do reino, nunca deveríamos pensar sobre movimentos Caim e movimentos Abel como inevitavelmente antitéticos. A Renascença, por exemplo, não era inteiramente satânica ou a Reforma Religiosa completamente divina. Nem o Iluminismo era totalmente ruim e o Pietismo somente bom. Como Caim e Abel, cada um tinha um papel positivo a desempenhar na história providencial. A tragédia era que frequentemente eles falharam em agir em harmonia em benefício de um objetivo mais elevado.

Quais eram os aspectos positivos da Renascença? A Renascença tentou curar as doenças da Idade Média pela recuperação da sabedoria clássica da Grécia e Roma. Ao invés de tentar escapar do mundo, ela indicava como Deus criou o mundo como um lugar a ser utilizado para o melhoramento do homem. Os porta-vozes da Renascença enfatizavam a dignidade do homem, o poder da sua razão, amor e natureza, e a necessidade de investigação científica. [12] Em todas destas maneiras, eles buscavam reafirmar a natureza original do homem, afirma o *Princípio Divino*. A Reforma Religiosa não pretendia se opor à Renascença, mas ao invés aprofundar e fortalecer seus valores lembrando os homens de sua herança bíblica. A Renascença do Helenismo e a Reforma do Hebraísmo trabalhando em conjunto ao invés de em rivalidade, teria elevado a humanidade para um novo nível na providência de restauração.

Na opinião dos Reformadores Protestantes, a única forma para os homens melhorarem sua situação é aceitar e praticar uma filosofia teocêntrica da vida. Enquanto a Renascença preconizava um renascimento do espírito greco-romano, os Protestantes exortavam os homens ao retorno para o Cristianismo original dos apóstolos. Quais eram seus ensinamentos fundamentais?

1) Salvação depende da fé pessoal.
2) A autoridade da Bíblia é maior do que do papa, de um concílio ecumênico, de um bispo ou sacerdote local.
3) Não é preciso se tornar um monge ou freira a fim de conduzir uma vida cristã.
4) Deus fala diretamente à consciência de cada homem, de forma que o direito a julgamento privado na religião não deva ser negado. [13]

O próximo passo no entendimento do homem sobre si mesmo e o mundo veio por volta do século XVIII no Iluminismo. Quais foram os benefícios desta Era da Razão? Como a excessiva ênfase sobre corrigir a doutrina na Reforma Religiosa e a Contra-Reforma Católica levou a desastrosas Guerras da Religião, muitos intelectuais começaram a se concentrar nos ensinamentos éticos de Jesus, ao invés das sutilezas metafísicas do dogma da igreja. Além disso, como resultado das invenções e descobertas científicas, eles aprenderam como Deus governa a criação através de leis naturais. [15] E também, pela primeira vez os cristãos se tornaram cientes da existência de grandes religiões asiáticas. Missionários Jesuítas enviaram de volta a palavra da civilização chinesa, por isso os ensinamentos de Confúcio se tornaram populares entre os Europeus educados. Finalmente, cansados das controvérsias teológicas, escritores ocidentais insistiam no valor da tolerância. Em todas estas formas, o Iluminismo ajudou o progresso humano.

Mas não era suficiente reduzir o Cristianismo a uma "religião dentro dos limites da razão," para utilizar o termo de Kant. Mais importante é a religião do coração. [17] Consequentemente, para remediar as fraquezas do racionalismo e naturalismo do Iluminismo, surgiu o movimento Pietista. O Pietismo assume três formas: um reavivamento do Cristianismo no centro Europeu baseado na experiência religiosa pessoal, o Metodismo dos irmãos Wesley e o Grande Despertar na América. [18] Como Caim e Abel, o Iluminismo e o Pietismo teriam ajudado a profundar a consciência do homem sobre o propósito de criação de Deus se eles tivessem trabalhado em conjunto ao invés de se oporem um ao outro.

O nascimento da democracia pode ser traçado de volta até a antiga Atenas. Não obstante, a democracia começou a assumir sua forma atual como resultado do ataque britânico à monarquia absoluta no século XVII. Esta luta pelos direitos do Parlamento em oposição aos reis Stuart foi apoiada pelo movimento Puritano, porque prometia mais liberdade religiosa. Enquanto os britânicos estavam geralmente satisfeitos em limitar os poderes reais, em outros lugares o seu ideal de governo representativo pavimentou o caminho para mais mudanças sociais fundamentais.

A Guerra dos 30 anos na Alemanha terminou em 1648, a guerra holandesa de independência da Espanha, a Guerra Civil Britânica que conduziu ao Protetorado de Cromwell e a antiga rebelião Hussite na Tchecoslováquia (Boemia).

Politicamente, a Idade da Razão criou as revoluções americana e francesa. Embora possuíssem muitas características em comum, estas revoltas contra a monarquia absoluta levaram a conceitos muito diferentes de democracia. Na América a luta pelo autogoverno estava geralmente conectada com a doutrina cristã da dignidade inata de cada homem como um filho de Deus. [19] Porque Deus nos criou, temos certos direitos inalienáveis e responsabilidades definidas, insistiam os pioneiros fundadores. Esta fé, que era derivada a partir da Bíblia, permitiu que os Estados Unidos fundassem um governo representativo estável.

Em contraste, a Revolução Francesa era principalmente anticristã na origem, levando ao tumulto social, ódio de classes, e finalmente a ditadura. [20] Enquanto os americanos definiam o homem em termos de liberdade individual, os revolucionários franceses [21] consideravam o homem com o um rebelde perpétuo. Portanto, pode-se descrever com exatidão os eventos de 1789 como uma imitação satânica dos eventos [22] de 1776.

O século XIX testemunhou a industrialização generalizada da Europa ocidental e os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, de forma intelectual e moral, este período manifestou intenso idealismo social. Novamente pode-se ver uma situação Caim-Abel. E nem estas duas tendências eram completamente antagônicas entre si. Por um lado, os profetas do progresso social pregavam que a humanidade seria capaz de criar um céu na terra através da industrialização, pesquisa científica e urbanização. Por outro lado, pelo menos alguns profetas da justiça social advertiram que a revolução teológica minaria os padrões morais, desumanizaria os homens e causaria inúmeras desordens sociais.

Frequentemente, hoje em dia, Karl Marx é elogiado por dizer que, no passado, a filosofia demonstrou aos homens como interpretar o mundo, enquanto no presente [23] ela deve dizer a eles como mudar o mundo. Não havia nada muito original nessa declaração. O século XIX estava cheio de reformadores sociais que reconheciam os defeitos de sua época e fizeram algo sobre isto. Os neomarxistas aboliram a servidão e proibiram o tráfico de escravos, estenderam o direito de voto, promulgaram leis contra o trabalho infantil nas fábricas e lutaram pelos direitos dos trabalhadores. A diferença entre estes reformadores e os comunistas era que os primeiros eram muito sábios para assumir que a utopia seria criada quando o direito da propriedade privada fosse suprimido e um Estado todo-poderoso fosse estabelecido sob o controle ditatorial [24] de uma elite Marxista.

A era moderna criou um último par de ideologias conflitantes: nacionalismo e imperialismo. Os nacionalistas afirmam os valores únicos que podem ser encontrados em sua linguagem particular, sua história, sua cultura [25] e seu gênio racial. No século XIX, húngaros, tchecos, sérvios, gregos, árabes, mexicanos e outros reivindicaram seus direitos nacionais contra seus respectivos governantes imperialistas. Como Woodrow Wilson anunciou na conferência de paz em Versalhes, toda minoria nacional tem direito à autodeterminação.

Ao mesmo tempo, as grandes potências se tornaram agressivamente imperialistas na época moderna. Primeiro os portugueses e espanhóis criaram vastos impérios ultramarinos. Seguindo esse exemplo, os britânicos e franceses estabeleceram impérios coloniais ainda mais imensos. Como era de se esperar, os conflitos entre os nacionalistas e os imperialistas inevitavelmente levaram à Primeira Guerra Mundial. [26]

Quais lições podem ser aprendidas com essas ideologias rivais: o humanismo renascentista, o Protestantismo, o racionalismo, o pietismo, o demo moderno, a tecnocracia, o nacionalismo e o imperialismo? De acordo com o *Princípio Divino,* Deus as utilizou para preparar a humanidade externamente e interiormente para o alvorecer da Nova Era. Cada uma era um passo na direção da restauração e conclusão do propósito divino. Ciência e indústria criaram as ferramentas para o progresso material. O Imperialismo promoveu indiretamente a atividade missionária cristã e tendeu a ampliar a visão dos homens para abraçar o globo inteiro.

A Renascença e o Iluminismo lembram os homens da boa terra que Deus criou para eles e os encoraja a desfrutar seus benefícios. A Revolução Americana reafirmou o valor de cada pessoa e os revolucionários franceses revelaram claramente a necessidade de maiores reformas sociais. Assim, cada uma das tendências do tempo moderno demonstra a importância da porção de responsabilidade do homem no estabelecimento do reino de Deus.

Os conquistadores espanhóis sempre plantaram uma cruz como um símbolo de seu domínio sobre suas terras no Novo Mundo. De forma semelhante, os missionários cristãos na África e Ásia esperavam a proteção de seus próprios governos.

---

11 E. Berkovits, Crise *and Faith (1976),* Prefácio.

12 Para uma interpretação clássica, cf. J. H. Randall, *The Making of the Modern Mind* (1976), pp. 111-248.

13 Como sustenta o psicoterapeuta Victor Frankl, o homem verdadeiramente religioso respeita a liberdade de escolha do seu próximo porque ele acredita que Deus nos criou livres, o que implica na possibilidade de dizer não para nossa fé *(The Unconscious God,* 1975, p. 56).

15 Sir Isaac Newton era a figura científica dominante do Iluminismo.

16 O filósofo britânico John Locke (d. 1704) ilustra como a crença na razoabilidade do Cristianismo foi combinada com os pedidos por tolerância religiosa.

17 "Piedade, acima de tudo, deve repousar no coração." Prof. Joachim Feller, U. of Leipzig (1689).

18 Para uma defesa contemporânea do Pietismo, ver D. Brown, *Understanding Pietism* (1978), pp. 9-28 ou E. H. Littell, "Radical Pietism in American History" em EE. Stoeffler, ed., *Continental Pietism and Early American Christianity* (1976), pp. 164-182.

19 É certo que vários arquitetos da república americana eram deístas (Jefferson, Franklin). No entanto, não devemos ignorar as raízes Puritanas da Guerra da Independência (Samuel Adams, John Adams, Roger Sherman). John Adams, por exemplo, traçou a rebelião colonial à luta dos Congressistas contra a imposição do bispo Anglicano em New England. Em sua opinião, a prática das igrejas locais autogovernadas levaria muito naturalmente a uma demanda de liberdades políticas.

20 C. Dawson, *The Gods of Revolution (1972)* demonstra as tendências anticristãs do Iluminismo Francês.

21 Cf. A. Camus, *The Rebel (1956)* para uma análise perspicaz da tradição revolucionária francesa e seus problemas.

22 A opinião de pensadores conservadores como Edmund Burke e Joseph de Maistre, por exemplo.

23 Cf. E. Voegelin, *From Enlightenment to Revolution* (1975) para uma crítica perspicaz de Marx.

24 Para um ataque brilhante ao Marxismo contemporâneo, ver Bernard-Henri Levy, *The Human Face of Barbarism* (1979).

25 Cf. L. Snyder, *The New Nationalism* (1968).

26 A I Guerra Mundial estourou nos Balcãs onde o choque entre nacionalistas e imperialistas era a característica dominante da política do final do século XIX. Por essa razão, os Balcãs foram chamados de barril de pólvora da Europa.

Desastres e Reconstrução Globais

Para aqueles que cresceram antes de 1914, a Primeira Guerra Mundial significou o colapso de tudo o que eles mais queriam. Tillich relatou uma vez que a guerra significava o fim da era Protestante. Barth declarou que ele perdeu toda a fé no Cristianismo liberal de seus professores quando leu nos jornais que os mais proeminentes teólogos Protestantes na Alemanha deram entusiástico apoio às políticas militares do Kaiser Wilhelm II. O Papa Pio X, dizia-se, morreu de infarto do coração quando compreendeu que a Europa tinha mergulhado na guerra.

O Arquiduque Ferdinando, herdeiro do trono de Hasburgo, foi assassinado em 28 de junho de 1914. Quando a Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia, a Sérvia chamou a Rússia Czarista para ajudar. A Rússia, França, Grã-Bretanha e Itália se mobilizaram para combater os Poderes Centrais: Áustria, Alemanha e o Império Otomano encabeçado pelo sultão da Turquia. Sendo que a maioria dos grandes poderes tinham colônias ultramarinas na Ásia e África, a luta estourou em escala mundial. Então, quando parecia que os Aliados poderiam perder a Guerra, os Estados Unidos interviram.

A Primeira Guerra Mundial durou somente quatro anos, mas seus efeitos foram desastrosos para todos os envolvidos. As dinastias Hohenzollern, Hasburgo, Otomano e Romanov foram derrubadas e seus enormes impérios foram quebrados. A França perdeu muitos de seus jovens que ficou permanentemente aleijada. As fronteiras políticas ao redor do mundo mudaram drasticamente. Quando o poeta francês Paul Valery, ganhador do Prêmio Nobel, foi questionado sobre o que a guerra ensinava, ele respondeu que os homens aprendiam que civilizações inteiras podiam morrer. Se a civilização europeia não foi exatamente morta pela Primeira Guerra Mundial, as batalhas a feriram tão intensamente que ela não pôde recuperar sua hegemonia em assuntos mundiais.

De acordo com o *Princípio Divino,* o Kaiser voluntariamente ou inconscientemente se tornou um instrumento de Satanás. Ao menos ele desencadeou forças demoníacas que devastaram o mundo, e finalmente destruíram seu trono, como também seus sonhos de um império mundial. Por imprudência e vaidade, Wilhelm II destruiu a ordem mundial europeia.

Pior, a Primeira Guerra Mundial proporcionou aos Marxistas uma oportunidade para tomar o controle da Rússia desmoralizada. Com razão, como se verificou, os britânicos e franceses compararam o Kaiser com Átila, o Huno, o flagelo de Deus. O totalitarismo pôde aparecer e florescer por causa da destruição, derrotismo e desilusão causados pela Primeira Guerra Mundial. Entretanto, porque tantos milhões sofreram gravemente, lutaram bravamente e morreram pelo que acreditavam sinceramente ser "a guerra para acabar com toda guerra," eles pagaram indenização suficiente para estabelecer o estágio de formação para a providência final de Deus, nos diz o *Princípio Divino*. [28]

O Tratado de Versalhes simplesmente plantou as sementes para a Segunda Guerra Mundial. Quando se tornou óbvio que a Liga das Nações não tinha meios de conter a agressão, militaristas japoneses tomaram a Manchúria da República da China (1931) e a Itália fascista enviou tropas para ocupar a Abissínia (1936). Enquanto isso os Nazistas tomaram a Áustria, parte da Tchecoslováquia e lançaram olhar na Polônia. Começando no outono de 1939, a Segunda Guerra Mundial durou até o final do verão de 1945.

Inúmeros estudos políticos, econômicos, sociológicos e psicológicos foram feitos sobre o surgimento de Hitler e do Nacional Socialismo. No entanto, qual papel ele desempenhou na oposição ao programa de Deus de restauração universal? De acordo com o *Princípio Divino,* o Kaiser Wilhelm ofereceu ao mundo uma imitação satânica da missão de Adão para se aperfeiçoar em todos os sentidos e para exercer domínio sobre a criação. Como o imperador alemão, Hitler estava determinado a governar o mundo. Mas havia algo muito mais monstruoso sobre o plano Nazista para o poder global. Hitler não prometeu o estabelecimento de algo como a era messiânica? Ele falou sobre os alemães como o povo eleito, utilizando deliberadamente os conceitos do Velho Testamento. Seu Terceiro Reich duraria um milênio, como era o esperado milênio. Além disso, ele pensava claramente sobre si mesmo como o messias que era capaz de criar uma Nova Ordem, um paraíso terrestre para seus seguidores. Por estas razões, o *Princípio Divino* chama Hitler de uma imitação satânica de Jesus, oferecendo para a humanidade um substituto demoníaco para o reino de Deus.

Como dissemos, a Primeira Guerra Mundial deu aos Marxistas sua primeira base política a partir da qual eles puderam promover a causa do materialismo, do determinismo econômico e do governo totalitário. Por causa da Segunda Guerra Mundial, Stalin pôde estender amplamente as fronteiras do regime comunista. A União Soviética rapidamente se tornou a única grande potência no continente euroasiático; e em poucos anos deu apoio suficiente para a China estabelecer um governo comunista. Os Marxistas sempre acreditaram que o mundo inteiro cedo ou tarde seria dominado pelo comunismo e agiria em conformidade. Se isto acontecesse, Deus mais uma vez seria impedido de realizar Seu propósito, defende a teologia da Unificação.

Qual é a obrigação dos cristãos nesse tempo de julgamento apocalíptico ou promessa escatológica? Primeiro de tudo, os cristãos devem trabalhar juntos como também cooperar com todos os homens de fé. Somente uma Igreja unida pode curar e salvar um mundo dividido. Mas essa unidade não significa inventar uma maneira uniforme de adorar ou reforçar a aceitação de alguma crença única. Os cristãos devem se unir para trazer o reino de Deus sobre a terra. Tudo mais é secundário.

Em seguida, todos os cristãos devem abrir suas mentes e corações para a mensagem original de Deus para o nosso tempo. No tempo de Jesus, a pior oposição não veio de homens maus, mas dos guardiões da "antiga religião." Como os Evangelhos indicam, Jesus foi constantemente criticado pelos líderes religiosos profissionais e leigos piedosos. Portanto, que não seja dito sobre nós como foi sobre eles, que eles tinham ouvidos, mas não puderam ouvir, e olhos, mas não puderam ver. Que Deus possa iluminar cada um de nós com Sua verdade para o nosso tempo.

---

28 *Princípio Divino, p. 482*

O Segundo Advento

O Apocalíptico Fundamentalista

Em nosso tempo, dois grupos de cristãos afirmam que podemos estar (e provavelmente estamos) vivendo nos Últimos Dias. Por um lado, há um grupo considerável de Fundamentalistas Protestantes que proclamam em voz alta o retorno iminente do Jesus físico. Em outro lado estão os cristãos Unificacionistas que também ensinam que a consumação da história pode ocorre em nosso tempo. No entanto, porque há significativas diferenças entre a mensagem Fundamentalista e os ensinamentos do *Princípio Divino,* é importante não confundi-los.

Protestantes Fundamentalistas, como Hal Lindsey, defendem uma interpretação pré-milenar da Bíblia. [1] Quais são as características essenciais desta teologia apocalíptica? Primeiro, quando Jesus retorna, ele estabelecerá um reino terreno. Ao reinar como o rei messiânico, ele estabelecerá uma ordem social ideal na qual haverá completa paz, retidão e justiça.

Segundo, o reaparecimento de Jesus em forma corporal ocorrerá de forma repentina e dramática. Por causa de uma série de estupendos eventos sobrenaturais que anunciarão a Parusia, o retorno de Cristo será prontamente observável por todos. Os incrédulos reconhecerão imediatamente que o milênio chegou como resultado de seus acontecimentos miraculosos.

Terceiro, o recém-estabelecido reino de Cristo não será simplesmente uma extensão e perfeição das tendências terrenas existentes. Muito pelo contrário, pois a Parusia ocorrerá inesperadamente em um momento de degradação moral generalizada e indiferença religiosa.

Quarto, o segundo advento de Cristo será precedido por uma "grande tribulação." Pouco antes de seu retorno físico, a humanidade e o mundo natural sofrerão catástrofes surpreendentes. Jesus aparecerá em um tempo de tribulação cósmica como também tumulto social e intenso sofrimento. Alguns milenaristas acreditam que os cristãos serão milagrosamente transportados deste mundo antes da grande tribulação, enquanto os outros sentirão que a Igreja [2] permanecerá na terra durante estas perturbações sobrenaturais.

Quinto, a segunda vinda resultará na subjugação de todo mal e no aprisionamento de Satanás por mil anos. Contudo, perto do fim deste milênio de paz e justiça, Satanás ficará livre e lançará um desesperado assalto final. Então ele e seus aliados demoníacos serão derrotados e lançados no lago de fogo que Deus tem preparado para seu castigo eterno.

Sexto, milenaristas afirmam que esta descrição dos Últimos Dias é claramente ensinada nas Escrituras. Eles também afirmam que através de estudo detalhado das profecias de Daniel e Ezequiel, como também as passagens apocalípticas no Novo Testamento, é possível encontrar os eventos políticos concretos que indicarão a iminência do retorno de Jesus.

Este quadro do Fim dos tempos se torna moderno por uma exegese providencial das Escrituras através de muitos leigos e ministros Fundamentalistas que pertencem a igrejas fora do eixo principal do Protestantismo contemporâneo. Portanto, devemos considerar brevemente sua interpretação da fé bíblica. O dispensacionalismo moderno se originou na pregação do Reverendo John Nelson Darby (1800-1882), um sacerdote Anglicano que se tornou um líder da seita dos irmãos Plymouth, e um clérigo Congregacionalista do Texas, C. I. Scofield (1843-1921) que publicou um notadamente muito popular *Reference Bible* que se tornou uma autoridade Fundamentalista. [3]

O que estes cristãos da Bíblia Scofield ensinam? [4] A primeira e mais importante afirmação que eles fizeram é que as Escrituras devem ser interpretadas literalmente. Portanto, todas as profecias na Bíblia serão cumpridas literalmente. Se as Escrituras dizem que o retorno de Cristo estará sobre o Monte das Oliveiras e que ele se dividirá, então Cristo estará naquela montanha que então se dividirá literalmente (Zacarias 14:4).

O segundo princípio principal dos cristãos da Bíblia Scofield é distinguir enfaticamente entre Israel e a Igreja. Deus fez uma aliança incondicional com os Judeus que nunca pode ser rompida. Deus definitivamente confiou a eles todas as bênçãos que Ele prometeu para Abraão e sua semente. A Igreja não assume o lugar do povo escolhido judeu. A Igreja não era prevista no tempo do Velho Testamento, não começou até o Pentecostes e somente se tornou necessária porque os Judeus [5] rejeitaram o reino terreno que Jesus ofereceu.

Em terceiro lugar, os cristãos da Bíblia Scofield diferenciam entre o reino do céu e o reino de Deus. O primeiro é Judeu, Davídico e messiânico. Quando os Judeus no tempo de Jesus o rejeitaram, este reino vindouro foi postergado até o milênio. Em contraste, o reino de Deus é universal, se referindo ao regime todo inclusivo de Deus sobre a humanidade.

Em quarto lugar, a Bíblia Scofield divide a história da atividade salvadora de Deus em "dispensações" separadas. Passo a passo, Ele cumpre Seu propósito. O relacionamento de Deus com os homens difere no estágio Abraâmico, no estágio Mosaico, no tempo de Jesus e, o período da Igreja cristã. Não obstante, há somente uma forma para se unir com Deus, qualquer que seja a dispensação. Salvação sempre é somente pela fé. Além disso, a validade básica da lei moral permanece a mesma através de séries de dispensações. Mas em muitos casos o que é obrigatório em uma etapa da dispensação de Deus não é mais válido em etapas subsequentes. Por exemplo, a lei cerimonial judaica foi ordenada por Deus para o período do Velho Testamento, mas não era exigida dos cristãos em uma dispensação posterior.

A última característica da exegese da Bíblia de Scofield é sua afeição pela interpretação tipológica do Velho Testamento. Grande ingenuidade é empregada para indicar quantas vezes "tipos de Cristo" ou previsões definidas da vinda de Jesus, estão escondidos nos textos judaicos. Por exemplo, Isaque, José, Moisés, e até mesmo Mardoqueu no livro de Ester apontam especificamente para Cristo. Isaque é um tipo de Cristo porque ele, como Jesus, foi ofertado como um sacrifício; e Moisés é como Cristo porque ambas as crianças escaparam de serem mortas por governantes perversos. Em outras palavras, embora as profecias das Escrituras devam ser cumpridas literalmente, a maioria do Velho Testamento contém significados secretos bem mais profundos do que o texto literal.

Agora devemos avaliar a teologia Fundamentalista da história. Por que ela é desconsiderada por quase todos os maiores teólogos e suas promulgações limitadas à "faculdades bíblicas" à margem do Protestantismo contemporâneo? [6] Primeiro, porque os dispensacionalistas não são realmente intérpretes dedicados das Escrituras, a despeito de suas reivindicações. Por exemplo, o Novo Testamento não emprega uma exegese literal das profecias do Velho Testamento. Permita-me dar três exemplos. A previsão que Elias retornaria antes da chegada do Messias não foi cumprida literalmente porque João Batista serviu como o substituto espiritual do profeta. Atos 4:21-28 interpreta o aprisionamento de Pedro e João como o cumprimento de Salmos 2, mas isto não é uma realização literal da previsão que reis se oporiam ao Messias a quem Deus tinha colocado no trono no Monte Sião. Finalmente, o apóstolo Tiago identifica a profecia de Amós da restauração do tabernáculo decaído de Davi com a conversão dos Gentios ao Cristianismo e o estabelecimento do reino espiritual de Deus (Atos 15:13-18). [7] A partir desta evidência, pode-se concluir que mesmo a partir do tempo do Novo Testamento, os cristãos têm negado explicitamente a reivindicação Fundamentalista que todas as profecias do Velho Testamento sobre os judeus como um grupo étnico devem ser literalmente cumpridas.

Os cristãos da Bíblia Scofield também apresentam um caso fraco quando tentam encontrar confirmação das predições bíblicas nas manchetes de jornais. Permita-me citar aqui a identificação questionável de Hal Lindsey dos textos apocalípticos com eventos políticos atuais. [8] Ele reivindica que a Bíblia prediz como sinais do aparecimento iminente do Messias a criação do Mercado Comum Europeu, a hostilidade árabe com Israel, os interesses dos Comunistas russos no Oriente Médio e as conquistas militares dos chineses. Cada um destes eventos políticos confirma exatamente uma específica profecia bíblica.

Lindsey está certo? Uma pessoa tem razão ao ser cética porque Lutero, um exegeta das Escrituras muito mais hábil, utilizou exatamente os mesmos textos para provar que o século XVI era os Últimos Dias. Para ele, estas profecias se referiam ao papado, a aliança do príncipe da Alemanha territorial contra o Protestantismo e o avanço dos exércitos dos Turcos Otomanos. Então, durante a Segunda Guerra Mundial, pregadores Fundamentalistas utilizaram os mesmos textos prevendo confiantemente que Hitler era o anticristo, os Nazistas seriam aliados de Satanás na vindoura batalha do Armagedon e a misteriosa horda do leste era o exército japonês. Quando dispensacionalistas como Lindsey estavam tão frequentemente errados, não é de admirar que a maioria dos cristãos rejeitasse essas especulações fantásticas.

Por que o cenário Fundamentalista para os Últimos Dias é ausente dos livros modernos dos mais eminentes teólogos do século XX como Barth, Bultmann e Tillich, ou seus sucessores, Moltmann, Pannenberg, Cobb, Ogden e Rahner? Emil Brunner explica a razão pela qual o retorno físico de Jesus nas nuvens tem sido ignorado nos tempos modernos. O apocalíptico bíblico é baseado em uma cosmologia obsoleta muito diferente das visões do mundo científico. É ridículo conectar a imagem do mundo nas escrituras com nossos conceitos modernos. Não podemos acreditar que nos Últimos Dias as estrelas literalmente cairão do céu ou que os cristãos serão ressuscitados para encontrar o retorno de Jesus nas nuvens. Não obstante, pode-se valorizar o imaginário escatológico do Novo Testamento como símbolos para o valor da história de vida de cada indivíduo e também o significado histórico do curso de toda a humanidade. [9]

Uma Nota sobre Dispensacionalismo

A. Origens

Como uma interpretação distinta e detalhada do plano bíblico de salvação, o dispensacionalismo é amplamente o trabalho de três homens. John Nelson Darby (1800-82) deixou o sacerdócio Anglicano para se tornar um líder da seita Irmãos Plymouth em 1827. Em seus livros e sermões como um evangelista internacional, ele sistematizou e popularizou visões dispensacionalistas. C. R. Scofield (1843-1921), um pastor da Primeira Igreja Congregacional de Dallas, utilizou o esquema dispensacionalista em seu texto amplamente circulado *Reference Bible.* Lewis S. Chafer (1871-1952) fundou o Seminário Teológico de Dallas em 1924 e ensinou teologia dispensacionalista lá, embora suas visões fossem condenadas pela Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana (Southern). O mesmo dispensacionalismo teve continuidade por seu sucessor John E Walvoord (b. 1910).

B. As Ideias Básicas

Dispensacionalismo interpreta a Bíblia como uma série de períodos históricos separados, cada um dos quais recebe uma revelação divina para obedecer a Deus de uma forma específica. A palavra "dispensação" vem de uma tradução do Latim de uma palavra grega do Novo Testamento significando "servir como um *zelador* da propriedade em nome de seu dono." Teologicamente, uma dispensação é um estágio na revelação progressiva de Deus constituindo uma administração distinta ou regra de vida (L. S. Chafer). Na *Reference Bible* de Scofield*,* uma dispensação é um período de tempo durante o qual o homem é testado em respeito à obediência de alguma revelação específica da vontade de Deus (nota de rodapé ao Gen. 1:28). Ou simplesmente, em cada época da história das Escrituras, Deus testa o homem por mandamentos especiais, e o julga se ele é desobediente.

De acordo com os dispensacionalistas, há sete idades do homem:
(1) a dispensação Adâmica,
(2) aquela de Noé,
(3) a Abraâmica,
(4) Mosaica,
(5) a aliança Palestina,
(6) a Davídica e
(7) a nova dispensação da graça.

Esta é a divisão de Scofield. Esta é de alguma forma diferente de Chafer:
(1) a dispensação Edênica da inocência,
(2) a dispensação Adâmica da consciência,
(3) a dispensação de Noé do governo humano,
(4) a dispensação Abraâmica da promessa,
(5) a dispensação de Moisés da Lei,
(6) a dispensação do Novo Testamento da graça, e
(7) a dispensação final do reino de Deus.

Utilizando a interpretação de Scofield, vamos ver o que cada dispensação contém. Primeiro, o homem, criado inocente, estava sujeito a um teste simples. Quando Adão e Eva desobedeceram ao mandamento divino, eles foram expulsos do Éden. Segundo, o homem decaído foi ordenado a obedecer sua consciência, fazer o bem, se abster do mal, e se aproximar de Deus através de ritos sacrificais. Quando os homens falharam em conduzir estes mandamentos divinos, Deus os puniu com um dilúvio.

Em terceiro lugar, durante a aliança de Noé, o homem pela primeira vez estava sujeito ao governo humano. Esta dispensação contém sete elementos:
1) Deus reconfirma o relacionamento positivo do homem com a terra (Gen. 8:21).
2) Deus confirma o ritmo ordenado da natureza (vs. 22).
3) O governo humano é estabelecido (9:1-6).
4) A Terra nunca será novamente destruída por água.
5) É profetizado que os filhos de Cam serão uma raça inferior (9:24-25).
6) os descendentes de Sem estarão especialmente relacionados com Deus (9:26-27).
7) Finalmente, é predito que os descendentes de Jafé serão famosos por suas habilidades de governo, arte e ciência (9:27).

A quarta ou aliança Abraâmica também tem sete elementos: Os descendentes de Abraão se tornarão uma grande nação. Deus os abençoará temporalmente e espiritualmente. O nome de Abraão se tornará famoso em âmbito mundial. Deus abençoará todos que abençoarem Abraão, e amaldiçoará aqueles que o amaldiçoarem. Em Abraão todas as famílias da terra devem ser abençoadas porque Jesus Cristo virá a partir da semente de Abraão.

A dispensação da Lei começa com Moisés e termina com a crucificação de Jesus ou a experiência do Pentecostes. Deus dá Seus mandamentos (Ex. 19:3-4). A responsabilidade dos homens é indicada (19:5-6). Eles falham e são julgados. A Lei Mosaica contém três partes: os dez mandamentos, as regras governando a vida social de Israel e as exigências religiosas.

A próxima dispensação, Scofield chama de aliança Palestina que dá as condições sob as quais os hebreus entram na terra prometida. Ela também tem sete partes: Israel será dispersa se desobedecer a Deus (Deut. 28:63-68). Uma vez que eles são dispersos, os hebreus se arrependerão. Cristo virá para ajudá-los contra seus inimigos. Os judeus serão capazes de retornar para sua pátria. Todos eles serão convertidos (Rom. 11:26-27) pelo Messias e ele executará o julgamento sobre seus opressores. Finalmente, Israel se tornará maravilhosamente próspera (Deut. 30:9).

A sétima ou dispensação Davídica (II Sam. 7:8-17) fornece o fundamento para o reino glorioso de Cristo que nasceu da semente de Davi. Deus abençoa a família do Rei Davi. Ele promete a eles um trono, autoridade real e um reino para sempre. Se os filhos reais de Davi desobedecem a Deus, eles serão punidos, mas seu reino está garantido por Deus para sempre. Neste ponto, os dispensacionalistas discordam da maioria dos cristãos. A maioria dos cristãos acredita que a promessa de Deus para os judeus foi cancelada quando eles rejeitaram Jesus, e por isso não há nenhuma base escritural para a crença que uma dinastia judaica Davídica será restabelecida em Jerusalém como parte da era messiânica, eles diriam.

A dispensação final do reino começa com a morte surpreendente de Jesus na cruz ou a vinda do Espírito Santo no Pentecostes. Esta Nova Aliança de graça e o reino repousam no sacrifício de Cristo e assegura a bem-aventurança eterna para todos que acreditam *(Scofield Bible,* nota de rodapé para Heb. 8:8).

De acordo com Chafer, a graça falhou em produzir a aceitação em âmbito mundial de Cristo ou a igreja triunfante. Assim, é necessário que Cristo venha novamente, começando a dispensação final do reino. Após um período de grande tribulação e a "ruptura" da igreja, Cristo aprisionará Satanás por mil anos, e então estabelecerá um reino teocrático – um reino de Deus terreno com um renovado sistema de sacrifício e um sacerdócio (Is. 60:21-23, Eze. 40-48). Após o milênio, Satanás será libertado para fazer um assalto final ao homem (Apoc. 20:7-9). Deus punirá os rebeldes pelo fogo (Apoc. 20:9) e a velha terra e o velho céu serão destruídos por fogo (II Pedro 3:7, 10-12).

C. Avaliação

Quais são as vantagens da interpretação dispensacional das Escrituras e quais são suas fraquezas? Há várias características positivas do dispensacionalismo. Por um lado, ele tenta dar um plano racional para os propósitos de Deus na história. Em segundo lugar, ele ensina a revelação progressiva. Deus trata com os homens em cada dispensação de uma forma distinta. Cada época histórica tem suas responsabilidades especiais e revelação única da vontade de Deus para seu próprio tempo. Em terceiro lugar, dispensacionalistas oferecem uma interpretação milenar da Bíblia. A história culminará na criação de um novo céu e uma nova terra.

Quais são as críticas usuais do dispensacionalismo? Um, ele não é o que a Bíblia ensina, mas é um sistema artificial imposto sobre as Escrituras. Dois, o dispensacionalismo não era ensinado pela antiga igreja ou os reformadores Protestantes. Os ensinamentos de Jesus não são dispensacionais. Nem é esta a forma que Paulo, Agostinho, Lutero ou Calvino explicaram as Escrituras. Dispensacionalismo é uma inovação muito recente, um sistema inventado no final do século XIX pelos sectários como John Nelson Darby dos irmãos Plymouth. Três, o dispensacionalismo não é defendido nas denominações principais – Ortodoxa do Oriente, Católica Romana, Anglicana, Luterana ou Calvinista – mas é somente promulgada pelos revivalistas independentes e igrejas Fundamentalistas. Quatro, dispensacionalistas não concordam sobre o número e natureza dos vários períodos da revelação divina. Finalmente, os dispensacionalistas são pregadores de mente estreita e leigos divididos cuja obra principal é semear as sementes da dissenção entre os cristãos. Por esta razão, mesmo os evangélicos Protestantes como Billy Graham ou os editores de *Christianity Today* são muito cuidadosos para não identificar sua obra com o dispensacionalismo.

Como a teologia dispensacionalista se compara com o *Princípio Divino?* Ambos dividem o curso da história providencial em períodos separados. Ambos enfatizam o fato que somos testados por nossa responsabilidade e Deus pune uma época que falha em sua tarefa com Deus. Ambos enfatizam o propósito messiânico e objetivo da história. Finalmente, ambos ensinam que o propósito essencial de Deus não pode ser limitado à pregação e adoração de uma igreja, mas deve incluir o estabelecimento de um reino do céu terreno.

Entretanto, as diferenças entre o dispensacionalismo Protestante e o *Princípio Divino* são tão grandes como as similaridades. Por causa da crença Fundamentalista em uma interpretação exclusivamente literal das Escrituras, os dispensacionalistas insistem no nascimento virginal, ressurreição física, ascensão corporal e o retorno de Jesus sobre as nuvens. Pela mesma razão, eles discordam do *Princípio Divino* sobre a natureza da queda, a total suficiência da morte expiatória de Jesus na cruz, a "ruptura" dos santos, a total destruição da terra nos Últimos Dias, e a punição duradoura dos condenados. Dispensacionalistas não entendem a restauração através de indenização. Eles falham em ver como a idade do Novo Testamento é paralela com a idade do Velho Testamento. Eles acreditam que os judeus permanecem o povo escolhido, a despeito de sua rejeição de Jesus. Eles acham que Israel será o lugar onde o segundo advento ocorrerá. E eles definem os Últimos Dias e a chegada da era messiânica com inúmeras maravilhas sobrenaturais e catástrofes naturais. Além disso, eles nem estão interessados em reconciliar ciência e religião ou unir as crenças. Para concluir, nestes assuntos fundamentais, o *Princípio Divino* e os pontos de vistas dispensacionalistas são tão apartados como óleo e água.

---

1 Cf. H. Lindsey, *The Late Great Planet Earth (1970).* Um notado evangélico, Samuel Escobar, condenou este best-seller por seu intensamente conservador nacionalismo americano como também sua hostilidade com a Europa e os países árabes, C. R. Padilla, ed., *The New Face of Evangelicalism (1976), p.259.*

2 Cf. C. L. Feinberg, "The Rapture of the Church: How and When?" em *Jesus the King Is Coming (1975), pp. 27-35.*

3 *Scofield Reference Bible (1909),* principal revisão *(1967).*

4 Para excelentes estudos acadêmicos, cf. M. J. Erickson, *Contemporary Options in Eschatology (1977)* e C. B. Bass, *Backgrounds to Dispensationalism (1960).*

5 Cf. C. L. Feinberg, "Israel and the Prophetic Scriptures," *Prophecy and the Seventies* (1971), pp. 163-198.

6 Por exemplo, Moody Bible Institute, Bob Jones University, Dallas Theological Seminary. Fundamentalistas não devem ser confundidos com os Evangélicos representados pelo jornal *Christianity Today*

7 M. J. Erickson, *op. cit., pp. 105-106. Cf. L.* Berkhof, *The Kingdom of God: The Development of the Idea of the Kingdom, Especially Since the Eighteenth Century (1951), p.165.*

8 Lindsey encontra o Mercado Comum Europeu previsto no capítulo 7 de Daniel; os comunistas russos no capítulo 38 de Ezequiel e os Chineses Vermelhos no Apocalipse *16:12, 9:16-18.* Inadvertidamente, ele minou seu caso concordando com uma autoridade que identificou a referência de Ezequiel com o rei do norte (caps. *38-39)* como o Czar da Rússia, uma pessoa muito diferente do ditador Comunista *(The Late Great Planet Earth, p. 63).*

9 E. Brunner, *Eternal Hope* (1954), um livro preparado sobre o tema da reunião do Conselho Mundial das Igrejas em Evanston: "Cristo, a esperança do mundo."

Sinais dos Tempos

Ajuda do Alto

A vasta maioria dos cristãos – com exceção dos Protestantes da Reforma [10] – sempre tem acreditado que existe comunicação regular entre os habitantes do mundo espiritual e as pessoas na terra. Na medida em que os antropólogos podem determinar, esta crença na interação regular destas duas dimensões da existência tem sido um dos mais antigos itens da fé dos homens. Essa crença pode ser encontrada na antiga Pérsia, Índia, China, América do Sul, Egito e Europa. [11] Como resultado de estudos modernos da experiência paranormal e pesquisa física, um número crescente de cristãos liberais também tem aceitado a verdade básica desta antiga fé. [12]

Mas por que ocorre essa comunicação entre estas duas realidades? Católicos e Ortodoxos do Oriente diriam que oram a Santo Antônio, São Francisco ou a mãe de Jesus por inspiração, orientação e auxílio prático em sua peregrinação de fé. De acordo com o *Princípio Divino* isto também é verdade: nós na terra podemos ser grandemente assistidos pela ajuda pessoal a partir do mundo espiritual. Contudo, o *Princípio Divino* dá outra explicação geralmente negligenciada no pensamento cristão tradicional. O princípio de criação afirma que uma alma humana somente pode crescer até a perfeição em conjunção com seu próprio corpo físico nesta vida, ou mais tarde através de cooperação com pessoas na terra. Deste modo, homens espirituais que não alcançaram a perfeição devem descer para trabalhar com pessoas de missão semelhante a fim de concluir seu processo de restauração. [13]Consequentemente, em pontos cruciais na história da salvação ocorre uma proliferação de fenômenos físicos. Isto explica porque o Evangelho de Mateus relata que após a morte de Jesus, muitos [14] "fantasmas" foram vistos na cidade de Jerusalém (27:52-53). Por uma razão semelhante, as antigas congregações cristãs estavam cheias com os dons espirituais de falar em línguas, profecia, milagres de cura, transes e visões de êxtase. Em um momento de grande significado na obra providencial de Deus, espíritos desencarnados descem para a terra para cooperar na realização do propósito divino. Ao fazer isso, eles são capazes de fazer rápidos avanços em seu próprio crescimento. [15]

Quase todo observador do cenário religioso contemporâneo observa que nosso tempo está testemunhando uma efusão muito considerável de poder psíquico. O "Grande Despertar" do século XX é bem mais significante do que o constante declínio das antigas denominações estabelecidas. A busca religiosa de experiências pessoais da presença de Deus é amplamente difundida a despeito de bancos vazios, a secularização de muitos clérigos, o fechamento de inúmeras escolas paroquiais e a crescente falta de interesse nas igrejas convencionais por parte da afluente classe média e maioria das pessoas jovens.

O teólogo sueco Wingren pode estar certo ao concluir que a linha principal de cristãos é hoje uma minoria atualmente, como seus predecessores foram no Império Romano pagão. [16] Mas isso não significa que devemos nos tornar homens seculares. Somos como Deus sempre buscando. O que difere do período pré-1960 é que um grande número de pessoas já não olha mais para as igrejas tradicionais e sinagogas para o nutrimento espiritual.

Nosso tempo também parece estar ameaçado por uma horda de maus espíritos. De que outra forma pode-se explicar as modernidades psíquicas de nossa época? A sociedade contemporânea parece estar literalmente atormentada por violência, instabilidade emocional e desespero social. Psiquiatras como Karen Homey falaram de *The Neurotic Personality of Our Time* e frequentemente concordavam com os teólogos que o homem moderno parece estar sofrendo de ansiedade ontológica *(Angst)*. Assim, Tillich pôde reviver o conceito do Demoníaco [17] para explicar as irracionalidades destrutivas que possuem a alma contemporânea.

Para o *Princípio Divino* a atividade psíquica incomum desta geração é um sinal claro que a humanidade está entrando em um novo *Aeon*. Agora mesmo estamos experimentando as dores de parto da Idade Messiânica. A neve está derretendo, o gelo está quebrando e escorrendo pelas encostas enquanto nos aproximamos da chegada da primavera cósmica.

Ecumenismo Moderno

Uma segunda prova para o advento da Nova Era é encontrada no nascimento do espírito religioso ecumênico. Um Jesuíta francês escreveu que ao menos após concílios alegadamente ecumênicos dos séculos XIX e XXI, os cristãos agora reconhecem que não cristãos têm encontros válidos com Deus. [18] Em nosso tipo de mundo, os guetos eclesiásticos e o fanatismo religioso são tão antiquados como o racismo e o chauvinismo.

Como um fenômeno cristão, o movimento ecumênico moderno pode ser traçado até a coalescência de quatro tendências um tanto díspares nas primeiras décadas deste século: a cooperação de vários organismos missionários Protestantes a fim de facilitar a evangelização do mundo, o crescimento do liberalismo Protestante que reconhecia os valores do pluralismo teológico e denominacional, os esforços Anglicanos para servir como uma ponte entre Católicos e Protestantes, e não menos importante, o desejo do patriarca ecumênico em Constantinopla de promover cooperação entre todos os cristãos em questões de interesse prático. Como resultado, o Conselho Mundial de Igrejas nasceu e gradualmente a cooperação com o Vaticano foi obtida. Desde a Assembleia de Amsterdã em 1948, a maioria das principais denominações decidiu que é necessário unificar seu testemunho sempre que possível. Provavelmente o Arcebispo Temple exagerou apenas ligeiramente quando chamou o movimento ecumênico de o novo grande evento de nosso tempo.

Mais importante é a experiência cada vez maior de fraternidade entre cristãos e todos os homens de boa vontade em outras crenças. [19] Que mudanças surpreendentes ocorreram, por exemplo, nas relações entre cristãos e judeus desde a Segunda Guerra Mundial. [20] Alguns teólogos e líderes denominacionais agora reivindicarão publicamente que os judeus devem se tornar cristãos a fim de serem salvos. Em uma escala muito menor, parece haver um movimento semelhante em direção à amizade com muçulmanos, budistas e outros não cristãos. Não se deve ignorar os obstáculos quase insuperáveis no caminho de uma nova fé para toda a humanidade. Ao mesmo tempo, não devemos ignorar a necessidade urgente de unidade religiosa.

Protestantes Fundamentalistas como também Católicos e Ortodoxos ultraconservadores têm frequentemente denunciado a ecumenicidade como uma traição de sua "única e verdadeira fé." O *Princípio Divino* concordaria com aqueles que anunciam a amplitude religiosa como vontade de Deus para o nosso tempo. De fato, para a teologia da Unificação, o movimento na direção da unidade religiosa é um sinal claro do alvorecer da era vindoura.

O Curso de Eventos Humanos

Deus manifesta Seu propósito através de Seus atos poderosos na história sagrada, nos foi dito pelos teólogos bíblicos do passado recente. [21] Esse era o mérito principal de sua interpretação das Escrituras em termos de história de salvação. Sua fraqueza, como Pannenberg indica, é a forma como eles circunscreviam os "atos de Deus" aos tempos bíblicos e ao povo bíblico. Devemos considerar toda a história como o palco da atividade e revelação divina. [22] Por esta razão, a teologia da Unificação utiliza o padrão da história escritural para encontrar significado em tempos pós-bíblicos e eventos mundiais.

Ao descobrir os paralelos entre nossa época e a experiência bíblica, pode-se ver como estamos no limiar do cumprimento messiânico da história. Não estamos no processo de colher os resultados de todas as sementes plantadas desde a Reforma? [23] Se sim, devemos estar repetindo os longos quatro séculos de preparação para a vinda de Jesus. Se o tempo desde o Exílio até o nascimento do Nazareno ostenta uma semelhança inconfundível com o curso dos eventos humanos desde Lutero, então estamos nos aproximando de outro momento dramático na dispensação de Deus. Assim, como um intelectual perspicaz, Koestler observa que o homem alcançou um ponto de decisão importante. Ele deve se refazer de forma bastante radical e instituir uma nova ordem social muito superior a qualquer coisa anteriormente experimentada – ou ele provavelmente se destruirá. [24]

De acordo com o *Princípio Divino,* a Primeira Guerra Mundial estabeleceu o estágio para a nova e decisiva entrada de Deus na história. Spengler pensava que isto assinalava o inevitável *Decline of the West.* De forma muito significante, no prazo de um ano após a assinatura do tratado de Versalhes, o escritor místico ganhador do Prêmio Nobel W. B. Yeats publicou um poema intitulado "A Segunda Vinda" [25] (1920). Na esteira da Primeira Guerra Mundial, quatro grandes impérios ficaram em ruínas e mais dois ficaram muito aleijados. Enquanto os comunistas de Lênin tomavam o controle da Rússia, pessoas como Yeats sentiam que as coisas estavam caindo aos pedaços, o espírito de anarquia estava solto e a escuridão estava se estabelecendo no mundo.

Para a teologia da Unificação, a luta entre comunismo e democracia marca o ataque final de Satanás contra Deus. Mas fazer essa afirmação nos deixa abertos ao ridículo e ao desprezo. A maioria dos intelectuais prefere tratar o comunismo como um fenômeno puramente econômico e político. Eles diriam, 'Por que confundir o problema envolvendo fatores estranhos como Deus?' Por esta razão, a atitude do *Princípio Divino* em relação ao comunismo deve ser explicada com especial cuidado. Acima de tudo isso, a teologia da Unificação deve ser distinguida das formas de anti-Marxismo baseadas em compromisso com políticas reacionárias, economia capitalista *laissez-faire* ou padrões sociais burgueses.

Como Caim e Abel, democracia e o coletivismo Marxista lutam um com o outro em busca de supremacia. A luta tem sérias implicações espirituais. Até recentemente, a maioria dos cristãos concorda que o Marxismo é totalmente antiético com a fé bíblica. Por exemplo, quando o Vaticano ainda era resoluto o suficiente para falar por si próprio, o Papa Pio XI declarou que o comunismo está intrinsicamente errado e que ninguém que quer salvar a civilização cristã deveria colaborar de nenhuma forma com os Marxistas. [26] De forma quase igual, fortes indicações do sistema Soviético e sua ideologia vieram a partir dos encontros do Conselho Mundial de Igrejas em Amsterdã e Evanston.

A partir da perspectiva cristã, quais são os defeitos fundamentais da filosofia e prática Marxista-Leninista? Permita-me citar os principais pontos concordantes pelos teólogos ecumênicos:
a) Marxistas negam Deus e Sua soberania sobre toda a história humana.
b) O Marxismo assume tolamente que uma classe – o proletariado – é livre do pecado.
c) O materialismo e determinismo Marxista são incompatíveis com o conceito cristão do homem como uma pessoa livre e responsável, criado à imagem divina.
d) Marx estava errado quando ele afirmou que uma sociedade perfeita pode ser estabelecida simplesmente pela mudança de nosso sistema econômico.
e) A insistência totalitária Marxista que todos os homens demonstrassem lealdade incondicional [27] ao partido comunista nega a autoridade suprema de Deus.

Como outros cristãos, os Unificacionistas aceitariam estas descobertas do Conselho Mundial de Igrejas. Além disso, a teologia da Unificação vai além para apontar outros defeitos básicos do argumento Marxista:

Primeiro, uma ontologia realista deve estar baseada não no princípio dialético de contradição inevitável, mas ao invés o princípio de polaridade criativa. Segundo, a figura central iniciando o próximo salto em direção ao progresso do homem não será um revolucionário político ou reformador econômico, mas um líder centrado em Deus que estabelece uma família realmente centrada em Deus como a base para a criação de um mundo melhor. (Ver S. H. Lee, *Comunismo: Uma Crítica e Contraproposta, 1973*).

---

10 De acordo com os números de 1978, há dois ou mais Católicos Romanos e Ortodoxos do Oriente para cada Protestante no mundo de hoje.
11 Cf. M. Eliade, *Shamanism* (1970) e outras obras.
12 Ver, por exemplo, a situação na igreja Anglicana que é especialmente significante por causa de sua respeitabilidade institucional, estrutura social e perspicácia teológica. A aceitação da realidade dos fenômenos psíquicos entre teólogos Episcopais pode ser vista dramaticamente nas vidas do Bispo James L. Pike e Canon J. B. Phillips como também nos escritos do Rev. Morton Kelsey: A Spraggett, *The Bishop Pike Story* (1970), autobiografia de Phillips *Ring of Truth* (1967), Kelsey's *Encounter with God* (1972) e *The Christian and the Supernatural* (1976).
13 Note que o *Princípio Divino* não ensina reencarnação, como os críticos às vezes defendem.
14 Mesmo se este texto pode ter ligeiro apoio histórico por causa de sua ausência a partir de outros Evangelhos, ele demonstra que Mateus esperava que um momento crucial no trato de Deus com o homem seria acompanhado por fenômenos sobrenaturais.
15 Note que o *Princípio Divino* define três tipos de ressurreição: 1) ressurreição de Jesus, 2) progresso do espírito para estágios mais elevados pela cooperação com homens vivos e 3) aqueles que alcançam ressurreição para a perfeição enquanto na terra através da participação na dispensação final de Deus de restauração (Rev. 20:6).
16 G. Wingren, *Creation and Gospel* (1979), pp. 153-155.
17 Liberais mais velhos abandonaram toda referência sobre Satanás e os demônios. Tillich retornou á velha palavra "demoníaco" e pensava que era uma de suas principais contribuições para a teologia. Isto é

discutido em *The Religious Situation,* seu primeiro livro em inglês. Ele não queria dizer a crença em maus espíritos pessoais, mas poderes destrutivos irracionais que controlam indivíduos e às vezes nações inteiras (i.e., Nazismo).

18 G. Deleury, "A Hindu God for Technopolis" em J. B. Metz, ed., *New Questions on God* (1972), p. 135.

19 Cf. W. E. Hocking's Living *Religions and* a World Faith (1940); S. J. Samartha, ed., *Dialogue between Men of* Living *Faiths* (1971) e seu Living *Faiths* and Ultimate Goals (1974).

20 Cf. J. M. Cuddihy, *No Offense: Civil Religion and* Protestant Taste (1978) ver como intelectuais Protestantes, Católicos e Judeus têm sido exigidos para superar as tendências restritas de suas tradições religiosas.

21 cf. G. E. Wright, *The Challenge of* Israel's Faith (1944); B. W. Anderson, *Rediscovering the Bible* (1951); E. V. Filson, *The New Testament Against Its Environment* (1950); 0. Cullman, Christ and Time (1951). Para um estudo crítico, ver B. S. Childs, *Biblical Theology* in Crisis (1974).

22 D. H. Olive, *Wolfhart Pannenberg (1973), pp. 44-45.*

23 Para estimular estudos sobre os efeitos de Lutero no pensamento subsequente, comparar J. Maritain, *Three Reformers (1929)* e G. Santayana, *Egotism in German Philosophy (1940)* com W. Pauck, *Heritage of the Reformation (1950).*

24 A. Koestler, *Janus: A Summing Up (1978).*

25 M. L. Rosenthal, *Selected Poems and Two Plays of Yeats (1962), p. 91.*

26 Encyclical *Divini Redemptoris (1937).*

27 *Man's Disorder and God's Design (1948), p. 194; The Christian Hope and the Task of the Church (1954), p. 35. Cf. Y. O. Kim, Unification Theology and Christian Thought (1975), pp. 191-195.*

A Necessidade de Liderança

De acordo com o *Princípio Divino,* aquele que irá conduzir o ministério do segundo advento será um homem como Jesus. Como ele afirma, "é absolutamente incompreensível ao intelecto de homens modernos que o Senhor viria sobre as nuvens." [28] A maioria dos teólogos, muitos pensadores cristãos nas maiores denominações e dezenas de milhões de pessoas atualmente que estão alienadas do Cristianismo tradicional no ocidente acham incrível a noção Fundamentalista que Jesus ascendeu de forma corpórea para um céu físico onde viveu por 2.000 anos, e a partir do qual descerá flutuando até a terra nas nuvens. [29] Esse tipo de crença não tem sido pregada em muitas denominações há pelo menos um século. Poucos teólogos se preocupam em mencionar essa noção tão pitoresca, e menos ainda perderiam tempo tentando defendê-la. Consequentemente, os Católicos Romanos têm sido aconselhados pelos teólogos do Vaticano que a crença no [30] retorno físico de Jesus não é exigida dos fiéis.

Entretanto, a maioria dos cristãos que desiste da noção obsoleta que Jesus está voltando está inclinada a ignorar o valor duradouro da esperança do milênio. Liberais, por exemplo, substituem a esperança na vinda de Cristo com fé no espírito sempre presente. Cristo está sempre conosco, nos guiando e inspirando os homens de boa vontade. Ele opera através de seu novo Corpo, a Igreja. Cristo está especialmente presente quando a Eucaristia é celebrada, declaram religiosos sacramentalistas. No caso de Protestantes evangélicos, eles insistem que Cristo está para sempre batendo na porta do coração humano porque ele quer residir para sempre na alma nascida duas vezes do indivíduo.

Enquanto a teologia moderna removeu um grande obstáculo para a aceitação da visão Unificacionista, parece ter colocado dois em seu lugar. Primeiro, há a afirmação comum que o reino de Deus nunca será realizado na história. Reinhold Niebuhr, por exemplo, argumentou persuasivamente que o reino representa um objetivo transcendente além da realização terrena. [31] É certo que a teologia de Niebuhr foi construída sobre a desilusão com os inúmeros esquemas utópicos dos séculos XIX e XX.

Contudo, ele justificou seu "cinismo domesticado" em termos de doutrina Luterana. Lutero ensinava que não há nenhuma maneira de uma sociedade ou um indivíduo ser aperfeiçoado sob as condições terrenas. Mesmo cristãos devem reconhecer que sua justificação é por pura fé. Eles permanecem simultaneamente justificados e pecadores. Somente através da graça, Deus ignora o pecado do homem e através de Sua misericórdia garante Seu perdão. Este ensinamento, acreditava Niebuhr, é uma avaliação muito realista da natureza humana e do destino.

Lutero estava certo? Devemos entender que sua doutrina cresceu a partir das condições da cristandade no século XVI. O que ele se rebelou contra era a doutrina oficial de que a Igreja medieval representava o reino terreno de Cristo e que o papado era a encarnação visível da vontade de Deus. Essa ideia era muito difícil de acreditar, por isso ele a combateu com o ensinamento de salvação somente pela fé.

Mas quais têm sido as consequências sociais desta tese Luterana? Tem havido ao menos três:
1) fé está limitada ao relacionamento pessoal de uma pessoa com Deus;

2) a sociedade não tem nenhum valor positivo, pois no máximo o que a família, o estado e a lei podem fazer é servir como uma represa que retém as águas furiosas da depravação universal;
3) portanto, os cristãos devem aceitar passivamente as instituições sociais existentes ao invés de estarem envolvidos nas tarefas sem esperança de melhorá-las. [32]

Felizmente, os Calvinistas têm instintivamente se rebelado contra esse conservadorismo social. Em Genebra, Calvino estava determinado a fundar uma comunidade cristã. Seus discípulos posteriores, os Puritanos, estavam igualmente convencidos que o reino de Cristo poderia ser estabelecido na Grã-Bretanha ou na Nova Inglaterra. [33] No século XX, a mesma fé foi reafirmada, primeiro pelos cristãos do Evangelho Social antes da Primeira Guerra Mundial, e então pelos teólogos da esperança depois da Segunda Guerra Mundial. Assim, existe um fundamento já preparado até certa extensão para o anúncio do *Princípio Divino* de que o reino de Deus pode ser realizado aqui e agora.

Esta moderna "teologia do mundo," para utilizar a expressão católica, no entanto, coloca um segundo obstáculo no caminho da aceitação do *Princípio Divino.* Por quê? Assumindo que a realização do reino pode ser cumprida em nosso tempo sem um messias, tudo que devemos fazer é aplicar os ensinamentos de Jesus à vida política e econômica de nosso tempo.

Teólogos liberalistas especialmente compreendem quão frutífero pode ser o diálogo dos cristãos com os marxistas, porque ambos estão comprometidos com a vinda da utopia. O que os cristãos chamam de reino, os marxistas descrevem como a sociedade sem classes que garantirá paz, justiça, dignidade e segurança para todos os homens. Esses teólogos veem com razão que tantos os cristãos como os marxistas são expoentes dedicados do *Princípio da Esperança.* Eles também avaliam corretamente as implicações deste mundo de uma fé apocalíptica. [34]

Contudo, os comunistas muito mais do que os cristãos revolucionários reconhecem o significado crucial de uma figura central na inauguração de uma Nova Era. [35] Não podemos criar uma era messiânica sem a inspiração, direção e empurrão de um Messias. Nosso mundo contemporâneo já tem a habilidade tecnológica, recursos financeiros e mão-de-obra treinada para edificar uma nova sociedade baseada nos ideias de "coexistência, co-prosperidade e causa comum." Tudo o que nos falta é um Deus inspirando e ungindo a pessoa que nos fornecerá liderança.

---

28 *Divine Principle, p. 500.*
29 O sacerdote Anglicano e teólogo Paul Badham demonstram quão incríveis as provas Patrísticas comuns para a ressurreição física de Jesus e o retorno se tornaram em nosso tempo. *(Christian Beliefs about Life after Death, 1976, pp. 47-64).*
30 Mencionado por Cullmann em *Christ and Time (1964), p. 147* e G. C. Berkouwer, *The Return of Christ (1972), p. 146.*
31 R. Niebuhr, *Nature and Destiny of Man (1964* ed.), vol. 11, *pp. 86-87.*
32 Isto não nega a mensagem inovadora e liberadora do jovem Lutero. Entretanto, depois de o reformador se aliar com o príncipe alemão, ele tendeu a se tornar apoiador do nacionalismo ultraconservador. Os comentários de Barth sobre o modo do Luteranismo do século XX ajudaram o Kaiser e Hitler não devem ser ignorados.
33 Cf. H.R. Niebuhr, *The Kingdom of God in America (1937)* and J. H. Nichols, *Democracy and the Churches (1961).*
34 A. Fierro, *The Militant Gospel (1977).*
35 Onde o Marxismo hoje estaria sem sua dependência da liderança de Lênin, Stalin e Mao?

Onde Ele Virá?

Até agora, temos indicado como convergem a teologia da Unificação e outras tendências do pensamento cristão contemporâneo. O próximo passo parece bastante surpreendente. O *Princípio Divino* sugere que o instrumento humano escolhido por Deus para a criação da era vindoura aparecerá na Coreia. Esta afirmação pode ser difícil de aceitar no primeiro momento, e tem sido repetidamente ridicularizada. O *Princípio Divino* não é simplesmente um produto do nacionalismo coreano, como os críticos têm alegado?

Para entender esta parte da teologia da Unificação, pode ser útil recordar alguns ensinamentos bíblicos básicos. Primeiro, Deus é criador de todos os homens, assim, nenhuma nação é automaticamente indigna de ser Seu agente escolhido. Segundo, desde a época de São Paulo, os cristãos geralmente se recusavam a restringir o povo escolhido aos judeus. Terceiro, se Deus é soberano, então Ele é livre para fazer o que bem entender, a fim de realizar Sua vontade. Barth especialmente nos lembrou desta liberdade divina. Todas estas afirmações Judeu-Cristãs fundamentais devem provar que não é intrinsicamente impossível para Deus escolher um coreano.

Agora, se Deus tem liberdade para selecionar quem Ele desejar como a figura central na era vindoura, podemos encontrar algumas dicas para Sua possível escolha? Por muitos séculos a civilização esteve se movendo na direção do ocidente: Os antigos impérios do Oriente Médio foram substituídos pelo Império Romano. Por sua vez, isto foi sucedido pelos grandes poderes da Europa ocidental que, com o tempo, se moveu para a posição dominante, agora ostentada pelos Estados Unidos. Se este fluxo da civilização continua, o próximo ponto focal deveria estar em algum lugar na Ásia oriental. Essa conclusão não parece irracional. Consequentemente, estudiosos de tendências políticas atualmente predizem com frequência que no futuro próximo Japão ou China poderia dominar muitos assuntos mundiais como os Estados Unidos têm feito desde 1917. Mas a teologia da Unificação indica que nem a China e nem o Japão tem o fundamento espiritual necessário para se tornar o novo Israel. Se Deus precisa de uma base cristã forte para um novo povo escolhido, essa qualificação entre os asiáticos pode ser encontrada somente na Coreia. [36]

Quais são as características especiais da Coreia que a tornam uma candidata principal para a eleição divina? O *Princípio Divino* defende esse caso principalmente sobre argumentos racionais. Historicamente, muitas nações têm reivindicado ser o povo eleito de Deus. Os japoneses acreditam que são descendentes da deusa sol. Os chineses dizem que sua nação está localizada no centro do universo. Os russos afirmam que Moscou está destinada a ser a Terceira Roma. Os alemães na Primeira Guerra Mundial costumavam cantar "Alemanha sobre todos," porque o povo nórdico loiro de olhos azuis estava destinado a ser a raça mestre.

O mesmo é verdadeiro sobre os egípcios, assírios, indianos, gregos, ingleses, franceses, americanos e outros. Assim, os coreanos não são diferentes dos muitos povos quando reivindicam que Deus os escolheu para serem Seus instrumentos especiais. Então, como a Coreia se assemelha ao antigo Israel que serviu Deus de uma forma única?

Como os hebreus bíblicos, a Coreia estabeleceu um fundamento em âmbito nacional para restauração através de indenização, ou seja, a Coreia tem conduzido o papel do servo sofredor de Deus. Porque ambos os países estão localizados em pontos de cruzamento geográfico, eles têm sofrido igualmente de agressores estrangeiros. Assim, o caráter coreano tem sido frequentemente testado e refinado no fogo de conquistas e perseguições estrangeiras. Como resultado, os coreanos se assemelham grandemente aos judeus bíblicos na profundidade de sua piedade nacional e sua vontade insuperável de sobreviver. Sem uma fé invencível em si mesmos e firme confiança nos apoios religiosos, os coreanos teriam se tornado um dos inúmeros povos "perdidos" da história. Quão frequentemente eles conheceram o que significa carregar uma cruz!

Na verdade, há inúmeras similaridades entre o espírito da nação coreana retratado na história clássica preparada pelo Abade Ilyon [37] e as interpretações da história hebraica fornecidas pelos cronistas reais e escritores bíblicos. Como os historiadores bíblicos, Ilyon compila os antigos contos populares de seu país e acrescenta a eles histórias memoráveis de seus reis, homens santos e heróis. Como eles, Ilyon interpreta o passado de sua nação a partir de uma perspectiva religiosa, enfatizando as maravilhas sobrenaturais de épocas anteriores. Para ele, como para os historiadores Yahwistas e Deuteronômicos, a piedade da nação é considerada a característica mais importante de sua vida. Na opinião de Ilyon, a história da Coreia deveria ser lembrada porque revela a constante interação da "história de salvação" sagrada e secular se assemelhando àquela encontrada nas Escrituras.

Além disso, exegetas escriturais como Filo, Orígenes e Agostinho notaram o significado místico de determinados números na teologia bíblica da história. [38] De especial destaque é o número 40, como o *Princípio Divino* indica: as chuvas que causaram o dilúvio no tempo de Noé duraram 40 dias; os hebreus passaram 40 anos no deserto; o cativeiro babilônico cobriu 40 anos; Jesus ficou 40 dias no deserto superando as tentações de Satanás. Então, o quarenta tem algo a ver com o plano bíblico da história de salvação. Para o *Princípio Divino* isto significa um período de indenização que é preparação para alguma grande missão ou bênção divina. Então é mera coincidência que a Coreia sofreu cerca de 40 anos de opressão japonesa como preparação espiritual para seu papel nos tempos modernos? Se os cristãos realmente acreditam que a Bíblia lança luz sobre a atividade redentora de Deus, então este estranho paralelo entre o antigo Israel e a moderna Coreia deve nos fazer ponderar. Não há uma possibilidade real que a Coreia pudesse fornecer "luz para os Gentios" em nosso tempo?

Em 1905 Ito Hirobumi do Japão e Wan-yong Lee, o Ministro da Educação coreano pró-japonês assinaram o Tratado Eul-sa que roubou da Coreia sua soberania e a tornou num protetorado nipônico. Em 1910 os japoneses anexaram a Coreia pela força. A rainha Min foi assassinada e todos os patriotas proeminentes foram presos ou assassinados; contudo, os coreanos nunca se submeteram à perda de suas tradicionais liberdades políticas. Em março de 1919 no Pagoda Park em Seul um grupo de coreanos distintos convocou publicamente a independência do Japão, mas o movimento de liberdade nacional foi brutalmente esmagado pelas autoridades militares de ocupação. Muitos combatentes coreanos pela liberdade fugiram para a Manchúria onde continuaram a agitar pela independência. Para contrariar este movimento popular clandestino dentro do país e a influência dos refugiados no exterior, os japoneses instituíram um sangrento reinado de terror e uma política colonial repressiva que continuou até a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial. [39]

Embora os notáveis líderes budistas e os porta-vozes da religião nativa Chondogyo [40] apoiassem o movimento de independência de 1919, os cristãos frequentemente suportaram o peso da perseguição japonesa porque os missionários conseguiram divulgar a causa coreana na América e Grã-Bretanha. Portanto, não é exagero comparar os 40 anos de perseguição cristã (1905-45) aos 400 anos que os hebreus sofreram na escravidão egípcia ou os 400 anos que os cristãos foram esporadicamente perseguidos pela Roma pagã. A este respeito, seguramente a Coreia poderia ser chamada de "terceiro Israel."

De acordo com o *Princípio Divino,* o agente especial de Deus conduzindo Sua providência de redenção em nosso tempo deve estar na linha de frente [41] entre as forças de Deus e o poder armado de Seus adversários satânicos.

Repetidamente, o primeiro Israel enfrentou inimigos de Deus: Egito, Assíria, Babilônia e o mundo pagão Greco-Romano. Desde a Segunda Guerra Mundial, a Coreia da mesma forma foi tragicamente dividida pelas forças rivais da tirania comunista e os defensores da democracia. Consequentemente, o *Princípio Divino* se refere à Coreia como uma vítima sacrifical oferecida no altar de Deus da restauração universal.

Essa ideia pode ser extremamente difícil de aceitar para uma pessoa não coreana. Por que tão arbitrariamente localizar a ação redentora de Deus? O que torna a Coreia mais valiosa aos olhos de Deus do que outras vítimas da tirania Marxista como China, Tibete, Alemanha, Hungria, Vietnã ou Camboja?

Dois comentários devem ser feitos em relação a essas questões. Primeiro, o *Princípio Divino* não promulga a ideia de uma nação superior ou uma raça principal. Todos os homens são iguais aos olhos de Deus porque todos são criados para serem Seus filhos. Assim, a Coreia atualmente e o antigo Israel não ostentam uma posição intrinsicamente mais elevada. Israel no passado e a Coreia em nosso tempo são simplesmente eleitas de forma funcional. Elas são exaltadas ou colocadas separadas das outras a fim de servir toda a humanidade.

Segundo, o conceito do *Princípio Divino* da nação escolhida é muito diferente das variedades comuns de nacionalismo. Comumente, os nacionalistas concedem suprema e inquestionável lealdade a seus países, certo ou errado. Mas todas as nações, mesmo o povo escolhido, devem estar sujeitas à soberania mais elevada de Deus. Em nenhum lugar a Coreia tem o direito divino para governar o mundo em um sentido político, econômico ou cultural.

A fim de realizar uma missão especial na providência de Deus de restauração universal, uma nação deve trilhar um caminho de sacrifício marcado com sangue, suor e lágrimas, isto é, um povo escolhido deve descobrir o coração triste de Deus como fez Israel. Deus tem sofrido profundamente, com o coração partido pela obstinação de Seus filhos, de modo que qualquer nação que pretenda servir a Ele, deve compreender que a luta contra Satanás resulta inevitavelmente em um curso histórico de miséria incalculável. Somente trilhando o caminho de aflição, como o próprio Deus faz, um povo pode compreender o coração de Deus, e assim, estar preparado para servir como Seu instrumento especial.

Como pergunta o *Princípio Divino,* podemos esperar ser sempre favorecidos com boa fortuna se nosso propósito é manifestar o coração doloroso de Deus?

Como uma nação afluente, confortável e complacente pode estar ciente do que significa ser o Criador de um mundo ingrato e rebelde?

Não obstante, o sacrifício por si mesmo não é necessariamente virtuoso. Muitas vezes a derrota somente pode derrubar a vontade de uma nação e levar ao desespero. Como os hebreus bíblicos, os coreanos foram invadidos por muitos agressores, mas eles sobreviveram por causa de sua indomável fé religiosa. No espírito de Jó, eles confiaram na justiça e bondade essencial de Deus a despeito de desgraças quase intoleráveis.

As características fundamentais da piedade durante os 4500 anos da Coreia também poderiam ser de valor inestimável se Deus decidisse escolher a Coreia para uma missão dispensacional. Os coreanos nunca se contentaram em restringir sua fé a uma crença animista na divindade manifestada na natureza. Desde o início, os coreanos têm enfatizado a preocupação sobre o mundo espiritual para o bem-estar prático do homem. Portanto, era fácil para os coreanos apreciarem os ensinamentos éticos do Confucionismo porque eles já valorizavam as nobres qualidades humanas como lealdade, piedade filial e retidão. Ao mesmo tempo, os antigos coreanos estavam conscientes de suas obrigações espirituais com o Deus transcendente. Assim, os missionários budistas foram ansiosamente recebidos quando ensinaram o valor da meditação, tranquilidade e serenidade. O teísmo xamânico, a ética social confucionista e a espiritualidade budista em conjunto forneceram solo fértil para o plantio do Evangelho no século passado. Consequentemente, muitos missionários Protestantes e Católicos têm elogiado os coreanos por seu caloroso e fervoroso Cristianismo.

Além destas virtudes bem conhecidas do caráter coreano, o *Princípio Divino* nos lembra que coreanos espiritualmente dotados têm repetidamente recebido mensagens do alto que sua nação teria um papel único na realização do plano de Deus para a humanidade. Durante todas as suas amargas dificuldades políticas, o povo comum coreano era consolado pelas esperanças messiânicas. Quão natural foi então para o movimento de Unificação surgir na nação tão cuidadosamente preparada para seus ensinamentos.

---

36 As Filipinas é a única outra nação cristã na Ásia oriental. Entretanto, a religião desse país aparentemente é em grande parte uma importação espanhola (e americana).
37 *The Samguk Yusa* (E.1 1972).
38 Cf. V. E. Hopper, *Medieval Number Symbolism (1969), pp. 69-88.*
39 Cf. EA. McKenzie, *Korea's Fight for Freedom (1920).*
40 B. Weems, *Reform, Rebellion and the Heavenly Way (1966).*
41 *Divine Principle, pp. 523-525.*

O Regresso Final

Em uma de suas cartas, Agostinho descreveu os fiéis como cidadãos de outra comunidade onde o rei é a verdade, a lei é amor e sua duração é eterna. [42] O que acontecerá quando essa cidade celeste for firmemente estabelecida? Muitos cristãos acreditam que uma vez que a soberania de Deus esteja efetivamente assegurada sobre a criação, os santos desfrutarão da felicidade eterna do céu, e os pecadores sofrerão punição eterna no fogo do inferno. Outros cristãos têm uma visão muito diferente do final. Para eles, a visão de um inferno eterno é imoral e inacreditável. Como Berdyaev indica, acreditar em um inferno duradouro é conceder a vitória final para Satanás e confessar que Deus descobrirá [43] que é impossível obter o amor de todos os Seus filhos errantes.

Mas qual é a alternativa do céu para o bem e a condenação dos ímpios? Um número crescente de teólogos diz que a esperança cristã logicamente necessita de uma doutrina de salvação universal. [44] Se acreditamos que o amor de Deus é onipotente, então devemos afirmar a necessidade de reconciliação universal entre Deus e a humanidade. Cedo ou tarde todos os homens retornarão para a casa de seu Pai eterno com suas muitas moradias. Deus nunca pode ser plenamente feliz até que Ele se regozije na restauração de tudo que agora está rompido com orgulho e marcado com luxúria. Afirmar a definitiva soberania do Deus de coração implica o triunfo irresistível de Seu ágape sobre todos os obstáculos que os homens colocaram em seu caminho. Esta crença desde o tempo de Orígenes de Alexandria tem sido [45] tecnicamente chamada de doutrina de Apocatástase.

Que argumentos foram apresentados para a esperança cristã na salvação universal? Por que teólogos como Schleiermacher descartaram a antiga crença em um inferno eterno em favor da visão que através do poder redentor de Deus, haverá um dia de restauração universal de todas as almas? [46]

Primeiro, os universalistas apelam para o amor irresistível de Deus. Se Deus é amor, então para Ele que conduz Seu plano para Seus filhos, o amor divino deve ser inconquistável. Por que minimizar a misericórdia de Deus? O amor divino não é ilimitado e inesgotável? De acordo com o teólogo do Novo Testamento Ethelbert Stauffer, a graça e a vontade irresistíveis de Deus [47] estarão destinadas a superar a oposição mais obstinada.

A exposição de Berdyaev da reconciliação universal com Deus é derivada a partir de sua crença na vitória final de Deus. Muitos cristãos acreditam mais no poder do Diabo do que no poder de Deus. Se somos realmente cristãos, devemos acreditar que o inferno será vencido por Cristo. A palavra final pertencerá a Deus ao invés de Satanás. O inferno desaparecerá [48] na profundidade insondável e inexprimível da Divindade.

O Bispo Robinson utilizou o mesmo tipo de prova para a apocatástase. Amor é uma necessidade da natureza divina. Deus não pode estar satisfeito com nada menos do que a vitória total. Sua vontade de soberania é inesgotável, e assim, todo pecador deve desejar Seu amor. Portanto, um inferno eterno seria uma zombaria à natureza essencial de Deus. Naturalmente, os homens são livres, mas isso não significa que eles rejeitarão para sempre o apelo do amor. [49] Todo filho pródigo algum dia retornará para casa.

Uma segunda prova da reconciliação universal está alicerçada na dignidade essencial de cada homem. Como alguns universalistas baseiam sua fé na bondade de Deus, outros acreditam na salvação universal por causa da bondade fundamental do homem. Se Deus é tão bom para lançar alguém no inferno, então o homem também é tão bom para ser condenado para sempre. O poeta Tennyson, por exemplo, escreveu que Deus não jogaria no lixo alguém que Ele tinha criado quando Sua obra estivesse terminada. [50]

Quase todos os cristãos liberais do século XIX eram dessa opinião. Eles negavam a doutrina bíblica tradicional da condenação eterna porque estavam convencidos do valor infinito de cada alma humana. Tanto os Unitarianos como os Universalistas ganharam dezenas de milhares de ex-calvinistas para suas igrejas porque eles proclamavam o Cristianismo razoável que afirmava a perfeição de Deus e o potencial de perfeição do homem. O homem é criado basicamente bom; se ele falha em realizar sua verdadeira natureza, com que frequência esses defeitos de caráter são devidos às forças físicas, biológicas, sociais e históricas [51] além de seu controle.

Um corolário disto seria reconhecer a solidariedade da humanidade. [52] Somos todos membros de um único corpo, para citar São Paulo. O olho pode se dar bem sem a mão? O cérebro pode sobreviver sem o coração? Sendo que todos os seres humanos são diferentes, mas membros independentes de um único corpo social, então nossos destinos estão inextricavelmente relacionados. Como alguém, pergunta Berdyaev, pode estar feliz se ele sabe que a maioria de seus companheiros humanos está condenada à tortura eterna? Como piedosos teólogos cristãos podem tão facilmente aceitar a condenação de Aristóteles simplesmente porque ele passou a ser um pagão, quando muito de sua própria teologia depende da sabedoria de Aristóteles? Como qualquer cristão decente pode sentar confortavelmente ao lado de alguém que ele sabe que vai permanecer para sempre no inferno? [53]

Duas das maiores figuras bíblicas perceberam a importância da solidariedade humana. Moisés disse para Deus que se Ele não perdoasse os pecados de Israel, ele mesmo queria ter seu próprio nome apagado do livro da vida (Ex. 32:31-32). De forma semelhante, São Paulo expressou o ardente desejo de se tornar maldito aos olhos de Deus se sua condenação levasse à salvação do povo judeu. [54]

Assim, há uma crença implícita, senão explícita, na apocatástase na soteriologia paulina; pois se em Adão todos morremos, em Cristo todos somos revivificados (I Cor. 15:22). Sendo que vivemos como membros de um único corpo, não podemos realmente ser salvos, exceto como uma comunidade inclusiva. Se desejamos a alegria suprema da união com Deus, então devemos compreender que nossa felicidade será incompleta a menos que nossos semelhantes compartilhem de nossa felicidade.

Quais são as principais objeções à maior esperança na reconciliação universal? Primeiro, o Novo Testamento parece ensinar que a era messiânica trará felicidade duradoura para alguns e a condenação eterna para outros. No juízo final, o joio será peneirado dos grãos e será lançado no fogo. Na parábola de Lázaro e do homem rico, Jesus descreve um grande abismo entre o salvo e o perdido (Lucas 16:19-31). Ele também adverte sobre um pecado imperdoável contra o Espírito Santo. Estes e outros textos indicam que Jesus concordava com os fariseus sobre a condenação eterna.

No entanto, Schleiermacher e outros indicam que o Novo Testamento contém sugestões da salvação universal. Estudiosos católicos recentes (i.e. Hans Urs von Balthasar e Karl Rahner) insistem que temos o direito de escolher entre a ideia de punição eterna e reconciliação universal porque ambas têm apoio nas Escrituras. [55] Barth também insiste que a Igreja não tem nenhuma justificativa bíblica para dizer que todos os homens devem ser salvos ou que a maldade humana é muito forte para a graça de Deus superá-la. [56] Schleiermacher vai um passo além. Embora reconheça ambos os elementos do Novo Testamento, ele prefere a esperança apocatastásica. Embora Jesus utilizou a linguagem convencional de um inferno ardente, ele não tornou isto parte de seu ensinamento. Tudo que ele fez foi empregar essa linguagem simbólica a fim de elevar e purificar as ideias de seus ouvintes, ou seja, ele ensinou uma parábola para enfatizar a necessidade de ações de caridade nesta vida. [57]

Mas a crença na restauração universal não enfraqueceria terrivelmente a moralidade? Por que se preocupar em se esforçar para ser bom quando Deus nos salvará de qualquer maneira? Esta é a segunda e mais comum objeção para a salvação universal. Mas esta queixa contraria a mensagem principal do Evangelho.

Protestantes Ortodoxos negam que somos salvos porque somos bons. Cristo vem para salvar não os justos, mas os pecadores. Somos salvos a despeito de nossos pecados. Por isso, cristãos ortodoxos não utilizam um padrão moral para decidir quem deve ser salvo. Nisto, ambos ortodoxos e universalistas não se apoiam em definições legalistas ou moralistas de piedade. Cristo vem para expiar os pecados do mundo todo (I João 2:2), porque Deus quer que todos os homens sejam salvos (I Tim. 2:4), não desejando que ninguém pereça (II Pedro 3:9).

Além disso, esta questão negligencia a motivação mais elevada para o bem. Salvação é meramente uma recompensa por ser bom. Ao invés a bondade é a expressão natural do amor de uma pessoa por Deus e nossos semelhantes. De fato, a crença na salvação universal estimula a vida moral por causa de nossa fé em um Deus amoroso e nossa crença na dignidade infinita de cada pessoa. Esta não é uma motivação mais forte para fazer o bem do que acreditar que a maioria das pessoas sejam indignas de serem salvas?

Uma visão comum Judaica transferida para o Cristianismo retrata Deus como um juiz rígido que examina todos os atos da vida de um homem, somando as boas ações e subtraindo as más para ver se essa pessoa merece céu ou inferno. No entanto, nenhuma das principais formas de ortodoxia cristã concordaria totalmente com esse julgamento decidido somente sobre as ações. Começando com Paulo, essa dependência sobre as "justificações pelas obras" foi denunciada. Os católicos deram uma saída oferecendo para os fiéis a ajuda adicional a partir dos tesouros transbordantes dos méritos acumulados pelos santos. Luteranos ensinavam que salvação vem como um dom não merecido. O Calvinismo chegou mesmo a negar que a forma como se vive tenha qualquer coisa a ver com seu destino final, sendo que os decretos de Deus sobre o destino dos homens estavam decididos antes da criação do mundo. Tão fácil como ridicularizar a "graça gratuita," os teólogos ortodoxos tinham razão ao evitarem serem simplistas em seu moralismo.

Ao mesmo tempo, os críticos da apocatástase enfatizam corretamente a necessidade de combinar a misericórdia de Deus com Sua justiça.

O Novo Testamento sempre adverte que alguém é chamado a decidir em favor de Cristo ou enfrenta as terríveis consequências. Se um homem rejeita a luz, ele residirá na escuridão. Deus não tem que julgá-lo, pois ele sentencia a si mesmo quando despreza a mão estendida de Deus. Portanto, Brunner insiste que levar a sério a responsabilidade humana significa com seriedade compreender que devemos responder [58] por nossas vidas diante da Juiz divino.

Além disso, Orígenes reconheceu este fato. Ele concebeu nossa vida como uma escola na qual todos os homens são ensinados a realizar suas potencialidades como filhos de Deus. Se eles falham em se treinarem adequadamente antes da morte, eles deverão continuar sua educação no além. Até mesmo Satanás cedo ou tarde perceberá a loucura de seu comportamento rebelde e será reconciliado com Deus. [59] Ecoando o ensinamento do Evangelho de Lucas, Orígenes sentiu: Quanta alegria isto dará a Deus quando cada ovelha perdida é devolvida ao rebanho!

Assim, para Orígenes, a salvação universal é um processo que não está restrito somente a esta vida. Tanto quanto possível, devemos deixar de lado nesta vida tudo que dificulta a reunião com nosso Pai. Não obstante, a oportunidade para o desenvolvimento posterior existe na vida após a morte.

Muitas doutrinas do juízo final estão edificadas sobre um conceito punitivo de justiça. Os homens são lançados no inferno para sofrer por sua maldade. A visão de Orígenes repousa na noção purificatória ou redentora da punição. Se os homens são enviados para a prisão, isto é a fim de endireitá-los. Assim, para Orígenes, as dores temporárias da vida após a morte são destinadas por Deus para purificá-los para que estejam aptos para a glória que virá. Sua crença na reconciliação universal combina a advertência do Novo Testamento sobre o julgamento com a fé na vitória total e definitiva de Deus. [60]

A seguir, vamos ver como a salvação universal deve ser conduzida, de acordo com o pensamento de Unificação. O *Princípio Divino* emprega um esquema tripartite de história de salvação, como muitas intepretações cristãs do programa de Deus da restauração mundial. Primeiro, há a Era do Velho Testamento que começa com a queda de Adão e conclui com o nascimento de Jesus Cristo. A seguir há a Era do Novo Testamento durante a qual os cristãos têm servido como agentes centrais de Deus para o cumprimento da dispensação divina. Reconhecendo este fato, Paulo falou sobre a comunidade cristã como a "nova" ou "espiritual" Israel. Como a Era do Velho Testamento era para preparar para o advento do Messias, a Era do Novo Testamento era destinada a estabelecer o estágio para a plena realização da providência de Deus. Até agora não há nada que separe a visão Unificacionista das opiniões comuns de Protestantes conservadores. A teologia da Unificação está firmemente enraizada em uma visão do mundo centrada nas Escrituras. Ao mesmo tempo, o *Princípio Divino* vai muito além do Protestantismo Bíbliocêntrico.

O que descobrimos nestes três períodos da história sagrada? Com cada nova era há um grande salto adiante no entendimento, experiência e observância religiosa. Portanto, o *Princípio Divino* fala destes três períodos como estágios da evolução psíquica, que são explicados como o processo de ressurreição espiritual, se desenvolvendo por toda a história.

Por causa da Queda, se tornou necessário que Deus e o homem cooperem na restauração da natureza humana. Portanto, começando com a família de Adão, Deus trabalhou para estabelecer o fundamento para a dispensação de ressurreição. Abraão foi uma figura particularmente significante na história de salvação, porque com ele, Deus foi capaz de assegurar de forma duradoura uma base substancial para a ressurreição ao estágio de formação. Quando Moisés concedeu os Dez Mandamentos para o povo escolhido, eles foram capazes de progredir em seu entendimento da religião e experimentaram um relacionamento muito mais próximo com Deus. Esta fé centrada na Torá posteriormente se tornou grandemente aprofundada e refinada por causa da pregação dos profetas. Portanto, por toda a Idade do Velho Testamento, Deus exigiu dos hebreus respeito e obediência às Leis atribuídas para Moisés.

Contudo, quando olhamos para trás sobre a fé e a ética do período do Velho Testamento, é fácil ver suas deficiências. Com algumas exceções notáveis, a antiga religião hebraica consistia de sacrifícios de animais no templo em Jerusalém, [61] estrita obediência aos numerosos regulamentos minuciosos prescritos pela Torá Mosaica e o orgulho na escolha dos judeus. Como os profetas declararam repetidamente, essa crença popular sofria de inúmeras fraquezas.

Havia outra importante deficiência na religião do Velho Testamento. Em muitos casos, Deus era entendido como um monarca incrível, quase inacessível que se sentava em um trono localizado nos céus distantes. As pessoas olhavam para Ele com medo e tremor enquanto Ele conduzia seus negócios com as pessoas através de anjos intermediários.

Assim, estes servos leais de Deus puderam evoluir somente para o topo do estágio de formação. O *Princípio Divino* ensina, como fazia Swedenborg, que existe uma correspondência fundamental entre o tipo de consciência espiritual que alcançamos na terra e o nível que chegamos na vida após a morte. Consequentemente, os patriarcas, juízes, profetas, sábios e reis piedosos do Velho Testamento se tornaram "espíritos de forma" que foram capazes de estabelecer o estágio de formação do mundo espiritual.

Entretanto, o período do Velho Testamento também viu o florescer da esperança messiânica. Como resultado da pregação de Isaías, Jeremias e outros profetas canônicos, o povo escolhido começou a esperar por um relacionamento mais próximo com Deus, uma nova aliança, e o alvorecer de uma era ideal de justiça e paz. Portanto, mesmo no mundo espiritual, almas devotas da Era do Velho Testamento estavam ansiosas para cooperar no próximo passo na direção do programa de Deus de restauração universal.

A missão de Jesus era ressuscitar o homem a partir do estágio de formação até o estágio de perfeição. Como o Messias designado por Deus, ele buscou remover a distância entre os homens e seu Criador pela revelação do coração paternal do Todo-poderoso. No lugar da terrível reverência prestada a Deus cujo nome era proibido falar, Jesus se referiu a Deus como nosso Pai amoroso, *Abba,* literalmente, "Papai." De forma semelhante em suas parábolas, ele apelava para o amor quebrantado do Pai por Seus filhos perdidos. Desta forma, Jesus avançou muito além da fé dominada pelo templo e circunscrita à Torá de seu tempo. Ao fazer isso, aqueles que o seguiram se tornaram mais próximos a Deus e foram elevados a partir da posição de Seus servos para aquela de Seus filhos adotivos. Não obstante, como sabemos, Jesus provocou intensa oposição. Sendo que seu ministério foi abreviado antes que pudesse ser levado à conclusão, Jesus alcançou a ressurreição na história somente ao estágio de crescimento.

Assim, ele com seus seguidores habitam na realidade onde "espíritos de vida" residem, o qual o Evangelho chama de Paraíso, como Jesus prometeu ao ladrão que foi crucificado ao seu lado, "Ainda hoje estarás comigo no Paraíso" (Lucas 23:43). Os santos do Velho Testamento no estágio de formação do mundo espiritual esperam com ansiedade a chegada de Jesus para descerem à terra para cooperar com ele. Da mesma forma, os santos cristãos e pessoas devotas no Paraíso têm aguardado com êxtase a total realização do reino. Se a era messiânica está surgindo, isto significa que estamos em uma posição única de sermos capazes de ressuscitar para o estágio de perfeição – tanto espiritualmente quanto fisicamente – pela cooperação no estabelecimento do reino. Por fim, os indivíduos serão privilegiados por se unirem completamente com Deus e serem inteiramente transformados em "espíritos divinos," compartilhando a alegria e glória do Senhor para sempre.

Alguns teólogos como Barth afirmam que todos os homens em todos os tempos estão equidistantes de Deus: Deus não estava mais longe de Abraão do que de Paulo porque Ele é igualmente transcendente, qualquer que seja o século. A partir do ponto de vista do *Princípio Divino,* essa noção é enganosa. Se Deus age na história, como a Bíblia insiste, então Ele Se revela mais plenamente enquanto o tempo passa. No tempo de Abraão, Deus parecia tão distante dos homens, mas em nosso tempo Ele parece muito mais próximo. Em épocas antigas os homens viajavam a cavalo e agora os voos espaciais são realizados. De forma semelhante, de acordo com os Unificacionistas, Deus tem trabalhado o suficiente na história para que o nosso tempo seja incomparável de proximidade divina.

O avanço espiritual sem precedentes feito em nosso tempo é o resultado de realizações tanto de Deus como do homem, ou seja, Jesus e todos os santos no Paraíso têm cooperado energicamente com as pessoas na terra na dispensação final de Deus. A teologia da Unificação aplica a profecia de Joel para este tempo do Segundo Advento: "E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões" (2:28). Esta efusão do Espírito se refere aos frequentes fenômenos psíquicos causados pela descida dos espíritos cooperadores.

A teologia da Unificação concorda com Orígenes e expoentes mais recentes da apocatástase. Se Deus deve trinufar completamente, então isto envolve necessariamente restauração universal e salvação ilimitada. Mesmo Satanás e suas hostes de apoiadores não devem somente serem desarmados, mas também reunidos com Deus. Não obstante, ao contrário de Orígenes e a maioria dos universalistas, o *Princípio Divino* prediz que a transformação deste mundo no reino de Deus não precisa ser um processo lento cobrindo muitos séculos.

Como pode ocorrer esse surpreendente renascimento espiritual, intelectual, moral e material? Primeiro, naturalmente, nosso mundo precisa da inspiração, orientação e poder de um novo Líder. O apocalíptico bíblico e extra-canônico reconhecia que a Nova Era teria que ser inaugurada por uma figura carismática orientada por Deus que pudesse neutralizar a preguiça, ceticismo e inércia da humanidade. Um líder dinâmico é sempre necessário para reverter as máres contrárias da história. Consequentemente, o papel indispensável de um Messias é em parte para gerar a energia exigida para espalhar a mudança espiritual, moral e cultural.

Segundo, a história também nos lembra que qualquer figura messiânica terá sucesso somente se ela atrai um núcleo comprometido de seguidores enérgicos e talentosos. Isto não explica quão difícil foi para Jesus alcançar seu objetivo? Quem sobrou para ele confiar? Os Evangelhos registram que os discípulos proveram Jesus com escassos recursos humanos. Uma vez que ele enfrentou poderosa oposição, Pedro negou seu mestre, Judas o traiu por um punhado de moedas de prata, e o resto dos discípulos fugiram em busca de segurança. Quão diferente poderia ter sido se João Batista tivesse dado apoio qualificado para Jesus, ou se alguém tão capaz quanto Paulo tivesse ficado ao seu lado antes do Domingo de Ramos! Assim, para o Líder cumprir sua tarefa designada por Deus, ele tinha que estar cercado por seguidores ardentes.

Terceiro, a longamente esperada Nova Era também pode ser grandemente acelerada se o Líder é capaz de trabalhar em um ambiente favorável ao invés de hostil. Deve existir um clima de opinião favorável a fim de que Deus seja efetivo ao realizar Seu propósito de redenção. Isso significa que qualquer programa para a restauração precisa obter a simpatia daqueles em posições de responsabilidade e grande influência. No caso de Jesus, quão diferente sua carreira poderia ter sido se tivesse o apoio de uma minoria poderosa no Sinédrio, e/ou alguns amigos que eram conselheiros do governo Romano. Observe, por exemplo, quão rapidamente o Cristianismo se espalhou no império logo que Constantino saiu em seu favor. Assim, pode-se concluir racionalmente que a restauração messiânica do nosso mundo poderia ser cumprida com grande rapidez logo que uma pequena minoria de formadores de opinião compreendesse que essas mudanças seriam benéficas para todos os interessados.

Quarto e finalmente, um movimento centrado em Deus será reforçado pelo imenso poder do mundo espiritual. Nunca se deve subestimar a influência transformadora do que as Escrituras chamam de “as hostes do céu.” Quando nós, que estamos na terra, demonstramos nosso compromisso com a edificação do reino de Deus, o mundo espiritual se derramará sobre nós e até mesmo o deserto desabrochará em rosas, como predisse Isaías. Se Deus está ao nosso lado, quem pode prevalecer contra nós?

Uma vez que a efusão do Espírito acelera, a atmosfera psíquica de nosso mundo se tornará muito diferente. As pessoas serão capazes de perceber mais facilmente o poder e presença de Deus. Os dois mundos não parecerão mais separados, pois as pessoas verão visões, ouvirão vozes e receberão sonhos. Assim, o mundo espiritual se tornará uma experiência cotidiana. Então será fácil falar sobre Deus e persuadir as pessoas sobre a nova dispensação de Deus. Suponha que você tenta explicar o calor da primavera para alguém que nunca o experimentou. É difícil para ele acreditar que não precisará de um pesado casaco. Mas quando a primavera realmente chega, ele naturalmente tirará suas roupas extras. Em grande medida, este fenômeno psíquico já está ocorrendo, como vemos nos livros, jornais e outras mídias de massa. Entretanto, lembre-se que nossas atividades humanas também crescerão ainda mais intensas.

Você alguma vez imaginou como é possível a salvação universal ou o reino de Deus na terra? Como tudo pode mudar tão radicalmente? Para mim parece que estes vastos melhoramentos serão possíveis uma vez que o milênio espiritual tenha mudado. Se nossa forma de vida tem sido transformada tão drasticamente por aviões, TV, e viagens espaciais, quão maiores serão as mudanças quanto tudo é permeado por uma atmosfera espiritual dinâmica e positiva!

42 *Epistle 138,* para Marcellinus.
43 Cf. N. Berdyaev, *The Beginning and the End* (1952), pp. 235-239.
44 Quando o teólogo Jesuíta alemão contemporâneo Karl Rahner foi perguntado, no seu 75º aniversário, que livro ele ainda gostaria de escrever, ele respondeu que queria trabalhar em uma doutrina não herética de apocatástase. *(America,* 10 de março de 1979, p. 179).
45 Cf. J. Danielou, *Origen (1955), pp. 276-289.*
46 F. Schleierrnacher, *The Christian Faith (1960), pp. 547-548.*
47 E. Stauffer, *New Testament Theology (1955), p.222.*
48 N. Berdyaev, *The Destiny of Man (1960), pp. 273-283.*
49 A. Robinson, *In the End God (1968), pp. 132-133.*
50 A. Tennyson, *"In Memoriam," LIV*
51 Cf. J. E. Odgers "Universalism" em *Hastings Encyclopedia of Religion and Ethics* (1922).
52 Efésios 4:25.
53 Berdyaev, *Destiny, p.* 276
54 Romanos 9:3.
55 Balthasar, *Word and Redemption,* p. 163; Rahner, *Theological Investigations* (1974), IV, pp. 339-340.
56 Barth, *Church Dogmatics,* 11/2 (1957), p. 477.
57 Cf. H. Schwarz, *On the Way to the Future* (1972), pp. 146-147.
58 E. Brunner, *Dogmatics (1962), vol. III, p. 419.*
59 A redenção de Satanás é defendida por G. Papini, *The Devil (1954).*
60 Sendo que muitos estudiosos reivindicam que o apocalíptico bíblico é de origem Zoroastriana, vale a pena notar que os Parsees afirmam a natureza temporária do inferno. (Ver H. Schwarz, op. cit., p. 144).
61 O *Princípio Divino* interpreta o sistema sacrifical no período do Velho Testamento como uma representação simbólica da necessidade do homem de um mediador.
62 Por exemplo, John Hick em *Evil and the Love of God (1966), p. 373-385.*

Tradução: Marcos Alonso
www.unificacionista.com
2017